Rudolf Steiner

A Ciência Oculta

Esboço de uma cosmovisão supra-sensorial

4ª edição

Tradução:
Rudolf Lanz
Jacira Cardoso
Nota à quarta edição brasileira

Decorridos quinze anos da primeira edição deste livro em português, pareceu-nos oportuno proceder a uma detalhada reelaboração da tradução, remanescente dos primeiros esforços para propiciar ao público leitor brasileiro o contato com a vasta e significativa obra de Rudolf Steiner. Tendo sido este o título inaugural de nossas publicações, coube-lhe também refletir a primeira e difícil tentativa de verter para o nosso idioma a linguagem reveladora da Antroposofia, que também em seu idioma original — o alemão — decorre em inusitadas e complexas construções lingüísticas. Após os incontáveis títulos subseqüentes que hoje integram nossa já razoável produção editorial, cremos ser boa hora para conferir à quarta edição deste texto o cunho de uma longa experiência adquirida no trabalho com as sucessivas traduções das obras do Autor. Uma formulação mais fluente, uma terminologia já unificada para certas expressões exclusivas da conceituação antroposófica, notas explicativas de fatos ou nomes estranhos à nossa época ou universo cultural, são resultados que buscamos oferecer nesta nova versão ora apresentada.

Três outros procedimentos vêm acrescentar-se ao já exposto: o primeiro é a substituição de palavras ou expressões de acordo com a trigésima edição revista do original em alemão (1989), cujas modificações relativas a edições anteriores consignamos, para efeito informativo, em notas de rodapé; o segundo é a subdivisão de certos parágrafos excessivamente longos, bem como dos dois maiores capítulos do livro — assim estruturados pelo Autor — nos pontos onde nos pareceu aceitável fazê-lo para facilitar e balizar a leitura; e o terceiro é o acréscimo, no final do livro, de um quadro sinóptico das hierarquias espirituais mencionadas no capítulo 'A evolução do Universo e o homem.

E assim uma vez mais, cônscios de nossa grande responsabilidade, e conforme expressou o tradutor em nossa primeira edição, "colocamos *A Ciência Oculta* nas mãos dos que, por seu destino, serão seus leitores".

A editora

Observações preliminares à primeira edição [*do original*]

Quem publica um livro como este deve ser capaz de imaginar com serenidade toda espécie de crítica possível, na atualidade, às suas exposições. Poderia acontecer, por exemplo, de alguém começar a ler a presente explicação deste ou daquele assunto, já tendo sobre ele idéias concebidas segundo os resultados da investigação científica, e chegar à seguinte conclusão: "É surpreendente como tais afirmações são possíveis em nossa época. A forma como o autor maneja os conceitos mais simples das Ciências Naturais revela um ignorância inconcebível, mesmo das noções mais elementares. Ele emprega conceitos, como por exemplo o de 'calor', de um modo típico de quem não teve contato algum com as concepções da Física contemporânea. Bastaria alguém conhecer rudimentos dessa ciência para demonstrar-lhe que suas teorias nem ao menos merecem a qualificação de dilentatismo, mas somente a de ignorância absoluta." Muitos outros julgamentos desse tipo poderiam ser citados. Mas também se poderia chegar, segundo as declarações acima, a uma conclusão como a seguinte: "Quem leu algumas páginas deste livro poderá, conforme seu temperamento, colocá-lo de lado com um sorriso ou indignação e dizer: 'É realmente estranho a que aberrações pode conduzir, hoje em dia, um modo equivocado de pensar. O melhor será arquivar estas considerações entre muitas outras curiosidades com que nos deparamos hoje em dia'."

Ora, o que dirá o autor deste livro diante da possibilidade de realmente sofre tal cítica? Não deverá simplesmente, a partir de *seu* ponto de vista, considerar o crítico um leitor incompetente ou desprovido de boa vontade para chegar a um juízo compreensivo? A isso cabe a seguinte resposta: — Não, absolutamente — o autor nem sempre faz isso. Ele pode muito bem imaginar que seu crítico seja uma personalidade muito inteligente, até mesmo um cientista capaz, que forme seus juízos de maneira bastante conscienciosa — pois ele próprio, o autor, está em condições de colocar-se mentalmente no

lugar desse crítico e compreender os motivos que o levariam a tal julgamento.

Para tornar realmente compreensível o que desejamos comunicar, julgamos necessário algo que a nós mesmos parece descabido no geral, mas que justamente neste livro encontra motivo imperioso: falar sobre um assunto pessoal. Em verdade, nesse sentido nada será exposto que não se relacione com a decisão de escrever esta obra. O que aqui se diz não teria, certamente, qualquer razão de ser se contivesse apenas um caráter pessoal. Este livro *deve* conter exposições a que *todo* ser humano possa ter acesso, e de uma forma a ser evitado, na medida do possível, qualquer matiz pessoal. Portanto, nesse sentido o elemento pessoal não deve ser considerado; só cabe relacioná-lo com a intenção de esclarecer como o autor pode achar compreensível a mencionada crítica às suas exposições e, mesmo assim, escrever esta obra. Na verdade, haveria uma possibilidade de tornar supérflua a exposição de tal aspecto pessoal: ressaltar todos os pormenores que evidenciassem como, na realidade, a exposição contida neste livro coincide com todos os progressos da ciência contemporânea. Para isso, no entanto, seriam necessários muitos volumes introdutórios; e como essa é uma tarefa inexeqüível no momento, parece-nos necessário dizer por quais circunstâncias pessoais nos sentimos autorizados a considerar, de maneira satisfatória, tal coincidência como possível.

Certamente nunca nos teríamos proposto publicar o que, por exemplo, expomos neste livro acerca dos processos caloricos, caso não pudéssemos afirmar o seguinte: há mais de trinta anos, tivemos condições de dedicar-nos a um estudo da Física em seus diversos âmbitos. No domínio dos fenômenos caloricos, nessa época ocupavam o ponto central as explicações relativas à chamada 'teoria mecânica do calor'. E essa 'teoria mecânica do calor' nos interessou de modo especial. A evolução histórica das interpretações pertinentes ao assunto, ligada então a nomes como Julius Robert Mayer, Helmholtz, Joule, Clausius, etc.[1], fez parte de nossos contínuos estudos. Com isso criamos, nessa época, a base e a possibilidade suficientes para continuar acompanhando de perto, até hoje, todos os efetivos progressos no domínio da teoria do calor, sem encontrar quaisquer dificuldades ao tentar penetrar em tudo o que a ciência realiza nesse campo. Se tivéssemos de constatar nossa incapacidade para fazê-lo, isso seria uma razão para nos abstermos de dizer ou escrever os assuntos expostos no livro. Nós nos impusemos realmente o lema de dizer ou escrever, no âmbito da Ciência Espiritual, somente aquilo a cujo respeito também soubéssemos falar satisfatoriamente no sentido da ciência atual.

Com isso não desejamos, em absoluto, exprimir algo que seja uma exigência genérica para todos os homens. Toda pessoa pode, com razão, sentir-se impelida a comunicar e publicar aquilo que esteja afeito ao seu próprio discernimento, seu sadio sentido da verdade e seu sentimento, mesmo ignorando o ponto de vista da ciência contemporânea sobre o assunto. Só que o autor deste livro prefere manter-se na atitude referida acima. Ele poderia, por exemplo, não ter escrito as poucas linhas relativas ao sistema glandular ou ao sistema nervoso humano, aqui contidas, se não estivesse em condições de procurar dissertar sobre esses temas da mesma forma como o faria um naturalista contemporâneo, do ponto de vista científico.

Portanto, embora seja possível julgar que quem fala de 'calor', do modo como ocorre aqui, ignore os princípios da Física atual, é certo que este autor se considera plenamente autorizado a proceder como fez *porque* realmente se esforçou em conhecer a pesquisa contemporânea, e porque teria desistido de seu intento se esta lhe fosse estranha. Ele sabe o quanto o motivo de seu mencionado lema pode facilmente ser confundido com imodéstia. No entanto, com referência a este livro é necessário dizer tais coisas, para que nossos verdadeiros motivos não se confundam com outros motivos inteiramente diversos — sendo que *essa* confusão poderia ser muito pior do que a da imodéstia.

[1] Julius Robert von Mayer (1814—1878), médico e físico, descobridor da lei da conservação da energia; Hermann von Helmholz (1821—1894) teórico pioneiro da medicina, anatomista, fisiólogo e fisico; James Prescott Joule (1818—1889), fisico inglês que determinou, entre outras coisas, a quantidade de calor produzido pelo trabalho mecânico; Rudolf Emanuel Clausius (1822—1910), físico, fundador da teoria mecânica do calor. (N.E. orig.)

Ora, também de um ponto de vista filosófico seria possível um julgamento, formulado da seguinte maneira: "Quem ler este livro como filósofo perguntará a si próprio: 'Será que o autor ignorou todo o trabalho gnosiológico de nossa época? Não terá percebido que existiu um Kant[2] e que, segundo este, é filosoficamente inadmissível dizer tal tipo de coisas?' "E assim se poderia prosseguir nessa direção. Porém a crítica também poderia concluir deste modo: "Para um filósofo, tais disparates sem sentido crítico, ingênuos e leigos são insuportáveis, e aprofundar-se neles seria perda de tempo."

Pelo mesmo motivo citado acima, apesar de todos os mal-entendidos que possamos acarretar, também aqui preferimos apresentar algo pessoal. Nosso estudo de Kant teve início aos dezesseis anos; e hoje realmente acreditamos poder julgar bem objetivamente, do ponto de vista de Kant, todo o conteúdo do presente livro. Ainda sob esse aspecto, teríamos tido motivo para deixar de escrevê-lo caso ignorássemos o que impele um filósofo a considerá-lo ingênuo ao aplicar o critério da atualidade. Contudo, sabemos muito bem como, no sentido de Kant, aqui se transcendem todos os limites de um conhecimento possível; podemos imaginar como Herbart[3] consideraria isto um 'realismo ingênuo' que não chegou à 'elaboração dos conceitos', etc., etc.; é possível até sabermos como o pragmatismo moderno de um James[4], de um Schiller[5], etc. teria considerado ultrapassada [aqui] a medida das "verdadeiras representações mentais que podemos tornar próprias, valorizar, pôr em vigor e verificar".[6] Alguém *pode* saber tudo isso e, mesmo assim, ou justamente *por causa disso,* pode considerar-se autorizado a escrever as presentes explanações. O autor deste livro se ocupou com as correntes do pensamento filosófico em seus livros *Erkenntnistheorie der Goetheschen Weltanschauung* [Gnosiologia da cosmovisão goethiana] [7], *Verdade e ciência* [8] , *A filosofia da liberdade* [9], *Goethes Weltanschauung* [A cosmovisão goethiana][10], *Welt-und Lebensanschauungen im neunzehnten Jahrhundert* [Concepções do mundo e da vida no século XIX][11] e *Die Rätsel der Philosophie* [Os enigmas da Filosofia].[12]

Muitos tipos de críticas possíveis ainda poderiam ser citados. Pode também existir alguém que, tendo lido uma de nossas primeiras obras — por exemplo, *Welt- und Lebensanschauungen im neunzehnten Jahrhundert* ou nosso pequeno livro *Haeckel und seine Gegner* [Haeckel e seus oponentes][13]—, diga a si mesmo: "É verdadeiramente inconcebível que a mesma pessoa tenha escrito *esses* livros e também, além da já publicada obra *Teosofia*[14]*,* agora esta. Como é possível, de um lado, tomar a defesa de Haeckel[15] e, de outro, dar uma bofetada no 'monismo' sadio decorrente de suas pesquisas? Seria compreensível que o autor desta *Ciência Oculta* arremetesse contra Haeckel 'a ferro e a fogo'; mas que o tenha defendido e até lhe dedicado sua obra *Welt- und Lebensanschauungen im neunzehnten Jahrhundert* é, seguramente, a coisa mais monstruosa que alguém possa imaginar.

---

[2] Immanuel Kant (1724—1804), filósofo. (N.E.)
[3] Johann Friedrich Herbart (1776—1841), filósofo e influente pedagogo. (N.E. orig.)
[4] William James (1842—1910), americano; psicólogo, filósofo e psicólogo da religião, fundador do pragmatismo. (N.E. orig.)
[5] Ferdinand Canning Scott Schiller (.1864—1937), filósofo inglês, ligou o pragmatismo ao humanismo. (N.E. orig.)
[6] Alguém pode até mesmo ter-se dedicado seriamente ao estudo da filosofia do 'Como se' *[Als ob,* de Hans Vaihinger (1852—1933)], ao bergsonisnio [escola filosófica de Henri Bergson (1859—1941)] e à 'Crítica da linguagem *[Kritik der Sprache,* de Fritz Mauthner (1849—1923)]. (N.A. —4. ed. orig., 1913.)
[7] Ed. bras. sob o título Linhas básicas para uma teoria do conhecimento na cosmovisão de Göethe, trad. Bruno Callegaro (São Paulo: Antroposófica, 1986). (N.E.)
[8] Ed. bras. trad. Rudolf Lanz (São Paulo: Antroposófica, 1985). (N.E.)
[9] Ed. bras. trad. Alcides Grandisoli (2. ed. São Paulo: Antroposófica, 1988). (N.E.)
[10] 1. ed. 1897. Atualmente GA-Nr. 6 [8. ed. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1990].(N.E. orig.)
[11] 1. ed. 2 vol. (1900—1901). Ed. ampliada sob o título Die *Rätsel der Philosophie in ihrer Geschichte als Umriss dargestellt,* 2 vols. (1914). Atualmente GA-Nr. 18 [9. ed. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1985]. (N.E. orig.)
[12] Obra mencionada a partir da 7. ed. orig., 1920. [V. n. 11.] (N.E. orig.)
[13] 1. ed. 1900. Atualmente *em Methodische Grundlagen der Anthroposophie 1884— 1901,* GA-Nr. 30 [3. ed. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1989]. (N.E. orig.)
[14] Ed. brasileira trad. Daniel Brilhante de Brito (5. ed. São Paulo: Antroposófica, 1996). (N.E.)
[15] Ernst Haeckel (1834—1919), cientista natural continuador da teoria evolucionista de Darwin. (N.E.)

Haeckel teria declinado dessa dedicatória com inconfundível aversão se soubesse que um dia o oferente escreveria um disparate como o que contém esta *Ciência Oculta,* com seu dualismo mais do que grosseiro."

Ora, nós opinamos que é possível compreender muito bem Haeckel sem precisar acreditar que sua compreensão só seja viável quando se qualifica como absurdo tudo o que não decorra de suas concepções e hipóteses. Além disso, somos da opinião de que não se chega à compreensão de Haeckel combatendo-o 'a ferro e a fogo', e sim estudando o que ele proporcionou à ciência. E acreditamos ainda menos na razão daqueles contra os quais defendemos o grande naturalista em seu livro *Haeckel und seine Gegner*. Realmente, quando transcendemos as premissas de Haeckel e estabelecemos uma concepção espiritual do Universo ao lado da concepção meramente naturalista de Haeckel, isto não significa que compartilhemos da opinião de seus oponentes. Quem se esforçar em ver o assunto corretamente já poderá perceber a concordância entre nossos escritos anteriores e os atuais.

Também nos parece totalmente compreensível que algum crítico considere, sem mais nem menos, o conteúdo deste livro como efusões de uma fantasia exaltada ou como um jogo visionário de conceitos. No entanto, o que cabe dizer a esse respeito está contido no próprio livro. Nele se evidencia como o pensamento racional pode e *deve* ser, em total medida, a pedra-de-toque do que foi exposto. Somente quem examinar este conteúdo racionalmente, do mesmo modo como costuma analisar objetivamente os fatos da Ciência Natural, poderá decidir o que diz a razão em tal análise.

Após tantos comentários sobre as pessoas que à primeira vista poderiam repudiar este livro, seja-nos permitido dizer algumas palavras acerca das que têm motivos para aprová-lo. Para elas, o essencial está contido no primeiro capítulo, 'O caráter da Ciência Oculta'; porém aqui devemos acrescentar algo mais. Embora o livro se ocupe com pesquisas não verificáveis pelo intelecto ligado ao mundo sensório, nada se expõe que não possa ser comprovado pela razão imparcial e pelo sentido sadio da verdade de qualquer pessoa disposta a fazer uso de tais faculdades. Este autor afirma sem rodeios: ele prefere sobretudo leitores que não aceitem o presente conteúdo com uma fé cega, e sim que se esforcem para comprová-lo valendo-se dos conhecimentos da própria alma e das experiências da própria vida.[16] Ele gostaria de ter principalmente leitores *precavidos,* que só reconheçam argumentos com justificação lógica. Sabe que seu livro não teria *qualquer* valor se contasse apenas com a fé cega, sendo útil somente na medida em que possa justificar-se ante um critério imparcial. A fé cega pode confundir muito facilmente a insensatez e a superstição com a verdade. Algumas pessoas que de bom grado se satisfazem com a simples crença no 'supra-sensível' acharão que neste livro se exige demais da atividade pensante. Contudo, as comunicações feitas aqui não pretendem apenas comunicar algo; a exposição *foi elaborada* de um modo adequado a uma observação conscienciosa desse domínio específico da vida; pois trata-se do domínio onde as coisas mais elevadas e o charlatanismo leviano, bem como o conhecimento e a superstição, tocam-se muito facilmente na vida real, e onde, principalmente, podem também ser muito facilmente confundidos.

Quem está familiarizado com a pesquisa supra-sensível notará muito bem, ao ler este livro, que se procurou manter com precisão os limites entre o que se pode e deve comunicar atualmente, do âmbito dos conhecimentos supra-sensíveis, e o que só se deverá expor mais tarde, ou ao menos de outra forma.

Dezembro de 1909
Rudolf Steiner

Observações preliminares à quarta edição [do original]

[16] Referimo-nos não *apenas* à comprovação científico-espiritual pelos métodos de investigação supra-sensível, mas principalmente à comprovação *inteiramente possível* por meio do pensamento e do senso comum sadios e imparciais. [NA. — 4.ed.orig., 1913.]

Quem decide expor resultados científico-espirituais da forma como estes são descritos neste livro deve, antes de mais nada, contar com o fato de tal forma ser considerada inviável em círculos mais amplos. Com efeito, as exposições seguintes relatam fatos dos quais o pensamento supostamente exato de nossa época afirma que 'provavelmente permanecem indetermináveis para a inteligência humana'. Quem conhece e sabe avaliar as razões que induzem muitas pessoas sérias a afirmar tal impossibilidade gostaria de fazer, sempre de novo, a tentativa de mostrar em quais mal-entendidos se baseia a crença de que o conhecimento humano seja incapaz de penetrar nos mundos supra-sensíveis.

Ora, nisso se subentendem dois aspectos. Em primeiro lugar, nenhuma alma humana, após madura reflexão, poderá negar incessantemente que suas mais importantes indagações sobre o sentido e o significado da vida deveriam permanecer sem resposta caso não houvesse um acesso a mundos superiores. Teoricamente, alguém pode enganar a si próprio sobre esse assunto; porém a profundeza da vida anímica não acompanha essa ilusão. Quem não quiser dar ouvidos a essas profundezas da alma rejeitará, naturalmente, explicações sobre os mundos supra-sensíveis. Não obstante, existem pessoas — cujo número realmente não é pequeno — para as quais é impossível fazer-se de surdas diante das exigências dessas profundezas. Elas sentem-se impelidas a bater sem cessar nas portas onde se encerra algo que, na opinião dos demais, é 'inconcebível'.

Em segundo lugar, não se deve em absoluto menosprezar as explicações do 'pensamento exato'. Quem se ocupa delas saberá distinguir quando levá-las a sério. O autor deste livro não gostaria de ser considerado alguém que passa ao largo do imenso trabalho intelectual dedicado a determinar os limites do intelecto humano. Esse trabalho intelectual não pode ser simplesmente descartado com algumas frases sobre 'sabedoria acadêmica' e semelhantes. Em muitos casos, ele tem sua fonte num verdadeiro esforço do conhecimento e em autêntica perspicácia.

Bem, muita coisa ainda deve ser admitida: têm sido apresentadas razões pelas quais o conhecimento atualmente válido como científico não pode penetrar nos mundos supra-sensíveis, e essas razões *são, em certo sentido, irrefutáveis.*

Pelo fato de isso ser reconhecido sem delongas pelo próprio escritor deste livro, a muitos *pode* parecer estranho que, apesar disso, ele decida dar explicações relativas aos mundos superiores. De fato, parece quase contraditório alguém admitir *em certo sentido* as razões para a incognoscibilidade desses mundos e, não obstante, falar sobre eles.

E no entanto tal procedimento é possível, podendo-se ao mesmo tempo compreender que pareça uma contradição. De fato, nem todos estão dispostos a admitir as experiências que alguém faz ao se aproximar com o intelecto humano da região supra-sensorial. Então fica evidente que as provas desse intelecto podem muito bem ser *irrefutáveis;* e que, *apesar de sua irrefutabilidade,* elas não precisam ser decisivas para a realidade. Em lugar de todas as explicações teóricas, tentemos aqui proporcionar um entendimento por meio de uma comparação. O fato de as comparações não serem comprobatórias em si é algo que tem de ser admitido sem demora; porém isso não impede de elas tornarem muitas vezes compreensível o que se deseja expressar.

A atividade cognitiva humana, tal como atua na vida cotidiana e na ciência comum, é realmente constituída de forma a não poder penetrar nos mundos superiores. Isto pode ser provado de maneira irrefutável; só que para certa modalidade da vida anímica essa prova não possui mais valor do que aquela que alguém quisesse fazer para mostrar que o olho natural do homem, com sua capacidade visual, não pode alcançar as pequenas células de um ser vivo ou a constituição de longínquos corpos celestes. No entanto, a prova de que a capacidade visual comum tem de deter-se diante das células nada decide contra a pesquisa das células. Por que então a prova de que a capacidade cognitiva comum tem de deter-se diante dos mundos supra-sensíveis deveria decidir contra a possibilidade de pesquisa desses mundos?

Pode-se imaginar a sensação que essa comparação deve provocar em algumas pessoas. Pode-se até compreender que se duvide da possibilidade de alguém ter a mínima idéia de toda a seriedade do mencionado trabalho intelectual defrontando-o munido apenas de tal comparação. No entanto, o autor

destas linhas não só está compenetrado dessa seriedade como também opina que esse trabalho intelectual figura entre as mais nobres realizações da humanidade. Demonstrar que a capacidade visual humana não pode alcançar as células sem instrumentos adequados seria, certamente, uma tentativa supérflua; tornar-se, em atividade pensante rigorosa, consciente da natureza do pensar, esse sim é um trabalho espiritual necessário, O fato de quem se dedica a tal trabalho não perceber que a realidade pode contradizê-lo é totalmente compreensível. Do mesmo modo como as observações preliminares a este livro não podem ser o local para detalhar as muitas 'objeções' às primeiras edições — advindas de pessoas destituídas de qualquer compreensão do nosso objetivo, ou que nos dirigem ataques pessoais inverídicos —, também cumpre ressaltar que só pode atribuir a este livro um menosprezo pelo sério trabalho intelectual científico quem deseje fechar-se ao *caráter* das explanações.

A atividade cognitiva humana pode ser fortalecida, revigorada, do mesmo modo como se pode fortalecer a capacidade visual do olho. Só que os meios para o fortalecimento do conhecer são de natureza inteiramente espiritual; trata-se de procedimentos interiores, puramente anímicos. Eles consistem naquilo que neste livro é descrito como meditação, concentração (contemplação). A vida anímica comum está ligada aos instrumentos do corpo; a vida anímica fortalecida se liberta deles. Existem mentalidades contemporâneas para as quais tal afirmativa deve parecer totalmente absurda, não passando de ilusão. De seu ponto de vista, elas acharão fácil comprovar como 'toda a vida anímica' está ligada ao sistema nervoso. Quem compartilha do ponto de vista da elaboração deste livro compreende inteiramente tais comprovações; e compreende as pessoas que afirmam ser mera superficialidade afirmar a existência de uma vida anímica independente do corpo — aquelas que estão perfeitamente convencidas de que para essas experiências anímicas existe uma conexão com a vida dos nervos, conexão que o 'diletantismo científicoespiritual' é incapaz de descobrir.

Aqui se contrapõem tão asperamente, ao conteúdo deste livro, certos — aliás, totalmente compreensíveis — hábitos de pensarnento, que com muitos deles uma conciliação fica atualmente inviável. Diante disso, cabe expressar o desejo de que na atualidade as pessoas não atribuam mais, na vida espiritual, a característica de fantástica e visionária a toda orientação de pesquisa que se afaste terminantemente da sua própria. De outro lado, porém, existe atualmente o fato de o tipo de pesquisa supra-sensível exposto neste livro ser compreendido por um certo número de pessoas; essas pessoas se dão conta de que o sentido da vida não se revela em palavreados genéricos sobre a alma, o *self,* etc., só podendo resultar da verdadeira compreensão dos resultados da pesquisa supra-sensível. Não é por imodéstia, mas por grata satisfação, que sentimos a necessidade de publicar esta quarta edição após um lapso de tempo relativamente curto.

Para confirmar que não se trata de imodéstia, declaramos sentir plenamente o quanto esta nova edição também carece de corresponder ao que realmente deveria ser um 'esboço de uma cosmovisão supra-sensorial'. Mais uma vez se reelaborou todo o conteúdo para a nova edição; foram introduzidas muitas complementações em passagens importantes, e houve um esforço por novos esclarecimentos. Contudo, em numerosas passagens sentimos quão rudimentares se mostram os meios de expressão disponíveis frente ao que a pesquisa espiritual revela. Assim, mal pôde ser mostrado um caminho para se chegar às representações mentais do que, neste livro, corresponde à evolução de Saturno, do Sol, da Lua. Um importante ponto de vista, também nesse domínio, foi sucintamente reelaborado. Contudo, as vivências com relação a essas coisas divergem tanto de todas as vivências do mundo sensível que a exposição gera uma luta constante em busca de uma expressão razoavelmente satisfatória. Quem quiser aprofundar-se na tentativa feita nesta exposição talvez note que, na impossibilidade de dizer certas coisas face à aridez das palavras, fez-se um esforço quanto à *maneira* de explanar. Esta difere, por exemplo, no caso da evolução saturnina, da evolução solar, etc.

Muitos complementos e ampliações que consideramos importantes foram feitos, na nova edição, para a segunda parte do livro, referente ao 'conhecimentos dos mundos superiores'. Foi nossa intenção descrever claramente a natureza dos processos anímicos interiores, por cujo intermédio o

conhecimento se liberta de seus limites existentes no mundo sensorial e se torna apto a vivenciar o mundo supra-sensível. Procuramos mostrar que essa experiência, embora seja adquirida por meios e vias inteiramente interiores, não tem um significado meramente subjetivo para quem a adquire. Da exposição deveria evidenciar-se que *dentro* da alma é abandonada a individualidade e a peculiaridade pessoal, alcançando-se uma experiência igual para *todo* ser humano que conduza corretamente seu desenvolvimento a partir de suas vivências subjetivas. Somente concebendo o 'conhecimento dos mundos superiores' com tal caráter é que se pode distingui-lo de todas as vivências de uma mística meramente subjetiva. Desta se pode muito bem dizer que se trata mais ou menos de um assunto pessoal do místico. No entanto, a disciplina científico-espiritual da alma, no sentido aqui exposto, esforça-se em direção a tais vivências objetivas, cuja verdade é reconhecida num âmbito bem interior e, justamente por isso, é compreendida em sua validade genérica. Eis aqui também um ponto onde a conciliação com certos hábitos mentais de nossa época fica bem difícil.

Finalizando, gostaríamos de solicitar que também de parte dos bem-intencionados estas exposições possam ser consideradas pelo que são, de acordo com seu próprio conteúdo. Hoje em dia, é freqüente a tendência a dar a esta ou aquela direção espiritual este ou aquele nome antigo. Só assim elas parecem válidas para algumas pessoas. Contudo, cabe perguntar: o que ganhariam as explicações deste livro se as classificassem de 'rosacrucianas' ou algo semelhante? O importante é procurarmos ter uma visão dos mundos supra-sensíveis com os meios possíveis e adequados à alma na presente época evolutiva, e que, desse ponto de vista, sejam observados os enigmas do destino e da existência humana além dos limites do nascimento e da morte. Não se deve tratar de uma aspiração portadora deste ou daquele nome antigo, mas de uma aspiração rumo à verdade.

De outro lado, designações hostis também foram utilizadas para a cosmovísão exposta neste livro. Abstraindo-se do fato de aquelas destinadas a ferir e desacreditar mais gravemente o autor são absurdas e objetivamente mentirosas, tais designações, em sua indignidade, caracterizam-se por denegrír um esforço totalmente *independente* em direção à verdade, à medida que tais pessoas não o julgam por si — querem apresentar a outros, como juízo, a subordinação a esta ou aquela direção, inventada por elas ou aceita de modo infundado e depois levada adiante.

Embora tais palavras sejam necessárias em vista de algumas agressões à nossa pessoa, repugna-nos alongar o assunto *neste contexto.*

Junho de 1913
Rudolf Steiner

Prefácio à sétima edição [do original]

Para esta nova edição de minha *Ciência Oculta,* eu reformulei quase totalmente o primeiro capítulo, 'O caráter da Ciência Oculta'. Acredito que com isto haja menos ensejo para os mal-entendidos que vi surgir a partir de sua redação anterior. De muitos lados eu pude ouvir: "Outras ciências demonstram; o que aqui se apresenta como ciência diz simplesmente: a Ciência Oculta constata isto ou aquilo." Tal preconceito se estabelece, naturalmente, pelo fato de o comprovante do conhecimento supra-sensível não poder impor-se pela exposição tal qual se expõem relações da realidade sensorial. Contudo, o fato de tratar-se apenas de um preconceito eu quis deixar mais claro, pela reelaboração do primeiro capítulo deste livro, do que me parece ter conseguido em edições anteriores.

Nas outras partes do livro procurei, mediante complementações do conteúdo, salientar mais certos argumentos. Por todo o texto me empenhei, em inúmeras passagens, em modificar a redação do conteúdo, o que me tornou necessário repassar a leitura do que já havia exposto.

Berlim, maio de 1920

Prefácio à décima sexta edição [do original]

Agora, transcorridos quinze anos da primeira edição deste livro, parece-me oportuno dizer publicamente algo a respeito da disposição anímica que o motivou.

Originalmente, era minha intenção colocar o conteúdo essencial desta obra como capítulo final de meu livro *Teosofia*. Isto não ocorreu. Esse conteúdo ainda não assumira sua forma definitiva em mim como o da *Teosofia,* quando esta foi publicada. Em minhas imaginações, eu tinha diante da minha alma o ente espiritual do ser humano isolado, e era capaz de descrevê-lo; contudo, naquela época eu ainda não visualizava da mesma forma as relações cósmicas que deveriam ser expostas em *A Ciência Oculta.* Elas estavam presentes em detalhes, mas não como visão de conjunto.

Resolvi, portanto, publicar a *Teosofia* com o conteúdo que eu vislumbrara como a essência na vida de um ser humano individual, deixando a elaboração de *A Ciência Oculta* para um futuro próximo, com toda a calma.

De acordo com minha disposição anímica daquela época, o conteúdo do livro deveria ser dado em pensamentos que, para a apresentação do âmbito espiritual, fossem aperfeiçoamentos adequados dos pensamentos aplicados nas Ciências Naturais. Pelas 'Observações preliminares à primeira edição' aqui reproduzidas, pode-se constatar o quanto, em tudo o que então escrevi sobre conhecimento espiritual, eu me sentia responsável perante as Ciências Naturais.

Contudo, somente com tais pensamentos não se pode expor o que se revela à visão supra-sensível como mundo do espírito — pois essa revelação não cabe num mero conteúdo intelectual. Quem conheceu, por experiência própria, a essência de tais revelações sabe que os pensamentos da consciência habitual são apropriados apenas para comunicar as percepções sensoriais, e não para revelar o que se observa espiritualmente.

O conteúdo da visão espiritual só pode expressar-se por meio de imagens (imaginações), através das quais falam inspirações provenientes da entidade espiritual vivenciada de modo intuitivo. (Sobre a essência da imaginação, da inspiração e da intuição, o necessário encontra-se neste *A Ciência Oculta* e em meu livro *O conhecimento dos mundos superiores.*

No entanto, quem descreve imaginações do mundo espiritual não pode, atualmente, limitar-se apenas a apresentar essas imaginações. Com isto colocaria ao lado do conteúdo cognitivo de nossa época algo com um conteúdo de consciência sem qualquer ligação com aquele. Ele deve preencher a consciência atual com aquilo que uma outra consciência, ao contemplar o mundo espiritual, é capaz de conhecer. Então seu relato terá por conteúdo esse mundo espiritual; porém tal conteúdo se apresenta sob forma de pensamentos aos quais ele tem acesso. Com isso tal conteúdo se tornará plenamente compreensível à consciência comum, que pensa conforme a atualidade mas ainda não tem visão do mundo espiritual. Essa compreensão só faltará se a própria pessoa lhe antepuser obstáculos — identificando-se com os modernos preconceitos relativos aos 'limites do conhecimento', criados por uma concepção errônea da natureza.

No conhecimento espiritual, tudo está imerso em íntima vivência anímica — não apenas a contemplação espiritual em si, mas também o entendimento das comunicações do vidente pela consciência normal não-vidente. Não faz a menor idéia *dessa* intimidade quem afirma, por diletantismo, que o suposto entendimento não passa de auto-sugestão. Ocorre, porém, que aquilo que dentro da compreensão do mundo físico se esgota apenas em conceitos, como verdade ou erro, torna-se vivência frente ao mundo espiritual.

Quando alguém deixa seu juízo ser invadido — mesmo só como leve sensação — pela afirmativa de que a visão espiritual não pode ser compreendida pela consciência comum, ainda não-vidente — por causa de seus limites —, *esse* juízo baseado em sensação se antepõe ao entendimento como uma nuvem escurecedora; e a pessoa realmente nada pode entender. Contudo, para a

consciência imparcial não-vidente a visão será plenamente compreensível se o vidente a introduzir sob forma de pensamentos; ela será compreensível como é, para um leigo, a tela pronta de um pintor. Na verdade, seu entendimento do mundo espiritual não ocorrerá por sentimento artístico, como diante de uma obra de arte; será absolutamente racional como diante do conhecimento da natureza. Para, no entanto, realmente possibilitar tal entendimento, quem expõe visões espirituais deve vertê-las corretamente em pensamentos, sem que elas percam seu caráter imaginativo.

Tudo isso estava diante de minha alma quando elaborei minha *Ciência Oculta.*

Em 1909, senti que com tais premissas eu estava em condições de redigir um livro que, em primeiro lugar, trouxesse vertido em pensamentos o conteúdo de minha visão espiritual até certo grau, porém inicialmente satisfatório; e, em segundo lugar, pudesse ser compreendido por qualquer pessoa pensante que não opusesse *quaisquer obstáculos à* compreensao.

Digo isso hoje revelando, ao mesmo tempo, que naquela época (1909) a publicação do livro me pareceu uma façanha, pois eu sabia que não *podiam* ter isenção de ânimo justamente aqueles que se dedicavam proflssionalmente à Ciência Natural, nem tampouco as inúmeras personalidades que, em seus juízos, dependiam deles. No entanto, estava presente diante de minha alma o fato de, na época em que a consciência da humanidade se havia afastado ao máximo do mundo espiritual, as comunicações desse mundo espiritual serem uma necessidade imperiosa. Eu contava com a existência de pessoas que sentissem ora mais, ora menos o afastamento da espiritualidade como um impedimento tão grave em suas vidas que assimilassem com íntima ansiedade as comunicações do mundo espiritual.

Os anos seguintes confirmaram tudo isso. Tanto *Teosofia* como *A Ciência Oculta,* que pressupõem leitores com boa vontade para enfrentar um estilo difícil, tiveram ampla divulgação como livros.

Eu me esforcei bem conscientemente para não fazer uma exposição 'popular', e sim uma que exigisse um autêntico esforço mental para se penetrar no conteúdo. Com isso imprimi a meus livros um caráter tal que sua leitura já constitui, por si, o início de uma disciplina espiritual; pois o tranqüilo e sereno esforço mental exigido por essa leitura revigora as forças anímicas e capacita-as a aproximar-se do mundo espiritual.

O fato de eu ter dado ao livro o título *A Ciência Oculta* suscitou imediatamente mal-entendidos. Segundo a objeção de alguns, o que pretende ser 'ciência' não pode ser 'oculto'. O quanto essa objeção foi pouco ponderada! Como se quem *pública* um conteúdo quisesse fazê-lo mantendo-o 'oculto'...! O livro todo demonstra que nada é designado como 'oculto' — ao contrário, teve de ser apresentado de forma a tornar-se tão compreensível quanto qualquer 'ciência'. Ou será que, ao se usar a expressão 'Ciência Natural', não se quer indicar que se trata de um saber sobre a natureza? A Ciência Oculta é a ciência daquilo que ocorre 'secretamente' na medida em que não é percebido lá fora, na natureza, e sim na região para onde a alma se orienta ao dirigir seu íntimo ao espírito.

'Ciência Oculta' é a antítese da 'Ciência Natural'.

Às minhas visões do mundo espiritual tem sido repetidamente objetado que se trata apenas de reproduções modificadas de imagens que, nos tempos antigos, as pessoas faziam desse mundo espiritual. Argumentou-se que eu teria lido muitas coisas; que estas teriam sido assimiladas por meu subconsciente e que, acreditando serem produtos de minha própria visão, eu teria passado a expô-las. Minhas descrições teriam sido extraídas de doutrinas gnósticas, de textos da sabedoria oriental, etc.

Ao afirmar isso, certas pessoas têm mantido seus pensamentos totalmente na superfície.

Meus conhecimentos do âmbito espiritual — disso tenho plena consciência — são o resultado de visão própria. Durante todo o tempo eu me controlei rigorosamente, tanto em todos os pormenores como nas grandes visões panorâmicas, para que a mais lúcida consciência acompanhasse cada passo de meu avanço clarividente. Tal como o matemático progride de pensamento em pensamento, sem que a inconsciência, a auto-sugestão, etc. desempenhe qualquer papel, assim também — disse eu a mim mesmo — a visão espiritual deve avançar de uma imaginação objetiva para outra, sem que nada

viva na alma a não ser o conteúdo espiritual de uma consciência claramente lúcida.

O conhecimento de que uma imaginação não é uma imagem meramente subjetiva, e sim a reprodução pictórica de um conteúdo espiritual objetivo, é obtido mediante uma vivência interior sadia. No plano anímico-espiritual, isto se consegue do mesmo modo como, no domínio da observação sensorial — em se tratando de um organismo saudável —, distinguem-se corretamente imagens ilusórias de percepções objetivas.

Assim, pois, eu tinha diante de mim os resultados de minha visão. Inicialmente, tratava-se de 'contemplações' sem nome. Para transmiti-las eu necessitava de designações verbais. Assim, *só mais tarde* eu as procurei em descrições mais antigas do mundo espiritual, para poder expressar em palavras o que ainda não fora verbalizado. Usei essas designações verbais livremente, de modo que só ocasionalmente *alguma* delas coincide, em minha terminologia, com seu sentido no contexto onde a encontrei. De qualquer modo, eu busquei a possibilidade de *sempre* expressar-me *somente* depois de o conteúdo ter despontado em mim por visão própria.

Quanto às *leituras anteriores,* eu sempre soube eliminá-las durante minha própria pesquisa vidente, graças à disposição de consciência recém-descrita. Pois bem, em minhas *expressões* foram encontrados ecos de antigas idéias. Sem aprofundar-se no conteúdo, as pessoas se ativeram a tais expressões. Se eu falei em 'flores de loto' no corpo astral humano, isso seria uma prova de que eu estaria reproduzindo doutrinas indianas, onde se encontra essa expressão. Já ao falar em 'corpo astral', isso seria o resultado da leitura de escritos medievais. Por ter usado as expressões 'Anjos', 'Arcanjos', etc., eu estaria apenas restaurando as idéias da gnose cristã.

Foi esse modo de pensar totalmente superficial que eu encontrei, repetidas vezes, fazendo-me oposição.

Eu gostaria de apontar também, por ocasião desta nova edição de A *Ciência Oculta,* o seguinte fato: o livro contém o esboço da Antroposofia como um todo; portanto, será especialmente atingido pelos mal-entendidos a que esta se expõe.

Desde a época em que, em minha alma, as imaginações reproduzidas nesta obra convergiram para um quadro global, eu continuei ininterruptamente a desenvolver a visão investigativa dos homens, da evolução histórica da humanidade, do Cosmo, etc.; em pormenores, cheguei sempre a novos resultados. No entanto, o que apresentei há quinze anos como um esboço em *A Ciência Oculta* não sofreu, para mim, qualquer abalo. Tudo o que me foi possível dizer desde então aparece, ao ser inserido no lugar adequado deste livro, como uma ampliação do esboço feito naquela época.

Goetheanum [Dornach], 10 de janeiro de 1925
Rudolf Steiner

O caráter da Ciência Oculta

Uma antiga expressão — 'Ciência Oculta' — é atribuída ao conteúdo deste livro. A denominação pode provocar, nas pessoas de nossa época, as mais contraditórias sensações. Para muitas, possui algo de repulsivo; suscita comentários irônicos, sorriso de compaixão, talvez desprezo. Tais pessoas imaginam que um modo de pensar assim designado só possa consistir em sonhos ociosos, em visões fantásticas; que por detrás dessa 'pretensa' ciência só possa ocultar-se a compulsão de reativar toda espécie de superstições — repudiadas, e com razão, por quem conheceu o 'verdadeiro espírito científico' e o 'genuíno anseio por conhecimento'. Sobre outras pessoas, a expressão atua como se o sentido implícito lhes devesse proporcionar algo impossível de ser alcançado por qualquer outro caminho, onde elas se sentem atraídas, segundo sua predisposição, por um profundo anseio interior de conhecimento ou pela curiosidade sublimada da alma. Entre tais opiniões tão diametralmente opostas, existem todos os matizes possíveis de estados intermediários de repúdio

condicional ou aceitação daquilo que esta ou aquela pessoa imagina ao ouvir a designação 'Ciência Oculta'.

É inegável que, para alguns, o termo 'Ciência Oculta' possui uma sonoridade mágica por parecer satisfazer sua fatal nostalgia em relação a um saber 'ignoto', misterioso — enfim, obscuro —, impossível de adquirir por um caminho natural. Isso porque muitas pessoas não desejam satisfazer as aspirações mais profundas de sua alma por meio de algo que possa ser claramente conhecido. Sua convicção é a seguinte: além do que se pode conhecer no mundo, deve existir algo mais que se subtraia à cognição. De forma estranhamente paradoxal, da qual não se dão conta, elas recusam, em seus mais profundos anseios de saber, o que é 'conhecido', desejando apenas a validade de algo considerado incognoscível por meio da pesquisa aplicada à natureza. Quem fala de 'Ciência Oculta' faz bem em considerar as interpretações errôneas causadas por tais defensores de uma ciência desse gênero — defensores que não aspiram a um saber, mas ao seu oposto.

Estas explanações destinam-se a leitores que não se deixam despojar de sua imparcialidade pelo fato de, sob diversas circunstâncias, um a expressão provocar preconceitos. Não se trata aqui de um saber que em qualquer sentido se possa considerar 'secreto', acessível apenas a alguns por circunstâncias especiais do destino. Faremos jus ao uso aqui proposto da expressão se considerarmos o que Göethe tem em mente ao referir-se aos 'mistérios manifestos' nos fenômenos do Universo.[17] O que permanece 'oculto', não-manifesto nesses fenômenos, ao serem eles compreendidos apenas pelos sentidos e pelo intelecto a estes ligado, é considerado como o conteúdo de uma forma supra-sensível de conhecimento.[18] Para quem considera 'ciência' apenas o que se revela por meio dos sentidos e do intelecto a serviço destes, naturalmente o que se subentende aqui como 'Ciência Oculta' não é ciência alguma. Contudo, se quisesse compreender a si própria, tal pessoa deveria reconhecer estar recusando uma 'Ciência Oculta' não por um discernimento fundamentado, mas por um julgamento arbitrário oriundo de uma sensibilidade puramente pessoal.

Para se enxergar isso, basta considerar como a ciência surge e que significado tem ela na vida humana. O surgimento da ciência, segundo sua natureza, não é reconhecido nos objetos captados por ela; é reconhecido no tipo de atividade anímica humana que surge no esforço científico. O modo como a alma se comporta ao elaborar a ciência, eis o que se deve ver. Quando se adquire o hábito de só colocar em ação esse tipo de atividade ao considerar as manifestações dos sentidos, facilmente se forma a opinião de que essa manifestação sensória é o essencial. Então se deixa de ver que um certo comportamento da alma humana foi empregado apenas para a manifestação dos sentidos. No entanto, pode-se transcender essa autolimitação arbitrária e, abstraindo da aplicação específica, considerar as características da atividade científica. É isto o que se subentende aqui ao se dizer que o conhecimento de um conteúdo não-sensório do mundo é 'científico'. A inteligência humana quer estar tão ativa junto a *esse* conteúdo do mundo quanto o é no caso dos conteúdos científico-naturais desse mesmo mundo.

A Ciência Oculta deseja emancipar o método e a atitude investigativa das Ciências Naturais — os quais, em sua esfera, se atêm ao contexto e ao decorrer dos fatos sensórios — dessa aplicação especial, porém conservando-os em sua característica pensamental e outras. Ela quer falar sobre o

---

[17] "Existem tantos mistérios manifestos porque o sentimento dos mesmos surge na consciência de poucos, e estes, por temerem prejudicar a si próprios e a outros, não deixam um esclarecimento interior verbalizar-se." Göethe a Ch. L. F. Schultz (28.11.1821) em *Goethes Werke* (Weimar, 1906), t. IV, vol. 35, p. 192. (N.E. orig.)

[18] Parece que a expressão 'Ciência Oculta' — tal como foi empregada por nós em edições anteriores — foi impugnada justamente por se alegar que uma ciência não pode ser algo 'oculto' para quem quer que seja. Haveria razão nisso se o assunto implicasse tal intenção, o que não é o caso. Assim como a ciência da natureza não pode ser chamada de Ciência 'Natural' no sentido de pertencer 'pela própria natureza' a cada um, tampouco este autor subentende por 'Ciência Oculta uma ciência escondida', e sim uma ciência relacionada com o que, para a forma comum de conhecimento, permanece *irrevelado* nos fenômenos do mundo — uma ciência do oculto', do 'mistério manifesto'. Contudo, essa ciência não deve constituir mistério para ninguém que busque seus conhecimentos pelos caminhos adequados. (N.A.)

não-sensível do mesmo modo como as Ciências Naturais falam do sensível. Enquanto a Ciência Natural permanece no âmbito sensível com esse método de investigação e essa maneira de pensar, a Ciência Oculta deseja considerar o trabalho anímico junto à natureza como uma espécie de auto-educação da alma, aplicando os frutos dessa educação ao âmbito não-sensível. Ela deseja proceder de modo a falar não sobre os fenômenos sensíveis como tais, e sim sobre os conteúdos não-sensíveis do mundo *tal qual* o pesquisador da natureza fala sobre os sensíveis. Do procedimento científico-natural ela conserva a disposição anímica inerente a ele, ou seja, justamente o que faz do conhecimento da natureza uma ciência. Por isso lhe cabe designar-se como ciência.

Quem considerar o significado da Ciência Natural na vida humana perceberá que esse significado não pode esgotar-se com a aquisição de conhecimentos sobre a natureza, pois jamais tais conhecimentos podem conduzir a algo além da vivência do que a própria alma humana *não* é. O elemento anímico não vive naquilo que o homem conhece junto à natureza, mas no processo cognitivo. E em sua atividade junto à natureza que a alma vivencia a si própria. O que ela adquire *de modo vivaz* é algo diverso do próprio saber sobre a natureza; trata-se do autodesenvolvimento experimentado no conhecimento da natureza. A aquisição desse autodesenvolvimento é o que a Ciência Oculta quer aplicar em domínios que transcendem a simples natureza. O ocultista não quer negar o valor da Ciência Natural, e sim reconhecê-lo até melhor do que o próprio cientista natural. Ele sabe que sem a exatidão de raciocínio que vigora na Ciência Natural não lhe seria possível fundamentar qualquer ciência; mas sabe também que, uma vez adquirida mediante um autêntico aprofundamento no espírito do raciocínio científico-natural, essa exatidão pode ser conservada, pela força da alma, para outros domínios.

Sem dúvida, aqui surge algo preocupante. Na observação da natureza, a alma é guiada pelo objeto observado em medida muito maior do que no caso dos conteúdos não-sensíveis do mundo. Neste último caso, ela deve possuir em grau mais elevado, a partir de impulsos puramente interiores, a capacidade de conservar a essência do raciocínio científico. Como muitas pessoas acreditam — inconscientemente — que essa essência só possa manter-se pelos métodos dos fenômenos naturais, sentem-se inclinadas a decidir, mediante uma declaração dogmática, que tão logo esse método seja abandonado a alma tateará no vácuo com seus procedimentos científicos. Tais pessoas não se conscientizaram da peculiaridade desse procedimento; em geral elas formam seus juízos a partir dos erros que necessariamente surgem quando a atitude científica junto aos fenômenos da natureza não está suficientemente consolidada e, apesar disso, a alma humana quer entregar-se à consideração das esferas não-sensíveis do mundo. Obviamente, disso decorre muita declaração não-científica sobre os conteúdos não-sensíveis do mundo. Isso não porque tal manifestação não possa, por sua natureza, ser científica, mas porque nesse caso especial houve falha na auto-educação científica ao se observar a natureza.

Quem deseja falar de Ciência Oculta deve, na verdade, em relação ao que acaba de ser dito, ter um sentido atento para todo tipo de fogo fátuo que surge ao se estipular sem convicção científica algo sobre os mistérios manifestos do mundo. Contudo, não seria de proveito algum referir-nos precisamente aqui, no início de exposições ligadas à Ciência Oculta, a todos os possíveis erros que levam pessoas preconceituosas a desdenhar qualquer pesquisa nesse sentido simplesmente por concluírem, ante existência de tantos erros efetivos, que não se justifica todo o esforço. Como, no entanto, a recusa da Ciência Oculta por parte de cientistas ou críticos de mentalidade científica se baseia, em geral, no julgamento arbitrário referido acima, e a referência a erros é — muitas vezes inconscientemente — apenas um pretexto, por ora uma discussão com tais opositores é pouco frutífera. Na verdade nada os impede de levantar a objeção, certamente justificada, de que a priori é impossível determinar se quem considera o outro equivocado realmente possui o sólido fundamento descrito acima. Por isso o estudioso da Ciência Oculta só pode apresentar o que acredita estar autorizado a dizer. O julgamento sobre seu direito de fazê-lo só pode ser feito por outras pessoas, porém somente aquelas que, evitando qualquer manifestação arbitrária, sejam capazes de

compreender sua maneira de comunicar os mistérios manifestos do suceder cósmico. Na verdade, cabe-lhe mostrar como o que ele comunica se relaciona com outras conquistas do saber e da vida, quais são as objeções possíveis e em que medida a realidade sensorial imediata confirma suas observações. Todavia, ele nunca deveria aspirar a fazer sua exposição atuar mais pela arte de persuadir do que por seu conteúdo.

Pode-se ouvir freqüentemente, a respeito de explicações científico-esotéricas, a objeção de que estas não provam o que apresentam simplesmente afirmando isto ou aquilo e dizendo tratar-se de constatações da Ciência Oculta. Interpretará mal as explanações a seguir quem acreditar que nelas se apresente algo nesse sentido. O que se almeja aqui é fazer desenvolver, na medida de suas possibilidades, o que desabrochou na alma durante o conhecimento da natureza, chamando depois a atenção para o fato de, nesse desenvolvimento, a alma ir ao encontro de fatos supra-sensíveis. Nisso se pressupõe que todo leitor capaz de aceitar o conteúdo deste livro vá necessariamente ao encontro de tais fatos. É certo que existe uma diferença em relação à observação puramente científico-natural no momento em que se penetra no âmbito científico-espiritual. Na Ciência Natural, os fatos se apresentam no campo do mundo sensório; o cientista natural considera a atividade anímica como algo que se reporta ao contexto e ao curso dos fatos sensoriais. Já o cientista do espírito deve colocar essa atividade anímica em primeiro plano, pois o leitor só alcança os fatos quando se apropria corretamente dessa atividade anímica. Esses fatos — mesmo sendo incompreendidos — não se apresentam, como nas Ciências Naturais, à percepção humana até sem a atividade anímica; eles se manifestam a ela muito mais por meio da atividade anímica. O apresentador da Ciência Espiritual pressupõe, portanto, que o leitor procure os fatos junto com ele. Sua apresentação será de modo a relatar sobre o encontro desses fatos, não prevalecendo arbítrio pessoal em seu modo de fazê—lo, em sim um sentido científico educado conforme a Ciência Natural. Ele também terá, pois, necessidade de falar dos meios pelos quais se chega a uma observação do não-sensorial, do supra-sensível.

Quem se dispuser a aceitar uma exposição da Ciência Oculta logo perceberá que por seu intermédio são adquiridas representações mentais e idéias nunca obtidas antes. Assim, chega-se também a um novo pensamento a respeito do que anteriormente se entendia como a natureza da ‘comprovação’. Aprende-se que para a apresentação científico-natural a ‘comprovação’ é algo que, por assim dizer, lhe é trazida de fora. No pensar científico-espiritual, porém, a atividade que na Ciência Natural a alma dedica à prova reside na busca dos fatos. Não se pode descobri-los quando o caminho para eles já não é *comprobatório.* Quem realmente percorre esse caminho também já vivenciou o comprobatório, não sendo possível realizar coisa alguma por meio de uma prova acrescentada de fora. O fato de isso ser ignorado no caráter da Ciência Oculta provoca muitos mal-entendidos.

Toda Ciência Oculta deve brotar de dois pensamentos possíveis de arraigar-se em qualquer ser humano. Para o ocultista tal como entendido aqui, esses dois pensamentos expressam fatos possíveis de serem vivenciados quando para isso se utilizam os meios corretos. Para muitas pessoas esses pensamentos já constituem afirmações altamente discutíveis, sujeitas a muita contenda, quando não representam até mesmo algo cuja impossibilidade se pode ‘comprovar.

Esses dois pensamentos são os seguintes: primeiro, que além do mundo visível existe outro invisível, *inicialmente oculto* aos sentidos e ao intelecto ligado a estes; segundo, que é possível ao homem, mediante o desenvolvimento de faculdades nele latentes, penetrar nesse mundo oculto.

“Tal mundo oculto não existe”, diz um. “O mundo percebido pelos sentidos humanos é o único; seus enigmas poderiam ser solucionados a partir dele próprio. Embora atualmente o homem ainda esteja longe de poder responder a todas as questões da existência, logo chegará a época em que a experiência dos sentidos e a ciência nela apoiada poderão dar as respostas.”

“Não se pode negar a existência de um mundo oculto atrás do visível”, dizem outros; “porém as forças cognitivas do homem não são capazes de penetrar nesse mundo. Elas possuem limites que lhes são intransponíveis. Por mais que a necessidade da ‘fé’ recorra a tal mundo, uma verdadeira ciência,

apoiada em fatos seguros, não poderia ocupar-se com um mundo desses

Um terceiro grupo considera uma espécie de audácia o homem querer, mediante seu trabalho cognitivo, penetrar num domínio em relação ao qual deve renunciar ao 'saber' e contentar-se com a 'fé'. Os partidários dessa opinião sentem que é injusto o frágil ser humano querer penetrar num mundo que só pode pertencer unicamente à vida religiosa.

Também se argumenta que seria possível a todos os homens um mesmo conhecimento dos fatos do mundo sensível, ao passo que sobre as coisas supra-sensíveis só poderia entrar em questão a opinião pessoal de cada um, não se podendo falar de uma certeza universal nesse sentido.

Outros afirmam muitas coisas mais.

Pode-se ter certeza: a observação do mundo visível propõe ao homem enigmas que jamais podem ser solucionados a partir dos fatos desse mesmo mundo. Desse modo, por mais que a ciência desses fatos tenha progredido, eles permanecerão insolúveis. É que, por sua natureza intrínseca, os fatos visíveis apontam claramente para um mundo oculto. Quem não admite isso se fecha aos enigmas que, por toda parte, emanam nitidamente dos fatos do mundo sensório; nem mesmo *quer* admitir certas questões e enigmas, acreditando, portanto, que todas as questões possam ser respondidas pelos fatos manifestos aos sentidos.[19] As perguntas que ele *quer* formular poderão, *todas elas,* ser respondidas por fatos que, segundo ele afirma, serão descobertos no decorrer do futuro. Isso é perfeitamente admissível; mas por que deveria esperar respostas, em certos assuntos, quem não faz pergunta alguma? Quem aspira à Ciência Oculta diz simplesmente que tais questões lhe são óbvias por si, devendo ser reconhecidas como uma expressão plenamente justificada da alma humana. Ora, a ciência não pode ser comprimida dentro de limites pelo fato de se proibir ao homem o questionamento imparcial.

À opinião de que o homem possui, em seu conhecimento, limites intransponíveis que o obrigam a deter-se diante de um mundo invisível, cabe responder: sem dúvida, pela forma de conhecimento aí subentendida, *não* se pode penetrar num mundo invisível. Quem admite apenas *esse* tipo de conhecimento não pode chegar senão à opinião de que é vedada ao homem a entrada num mundo superior porventura existente. Contudo, cabe também dizer o seguinte: sendo possível desenvolver *outro* tipo de conhecimento, este poderá perfeitamente conduzir ao mundo supra-sensível. Ao se considerar essa forma de conhecimento como impossível, chega-se a um ponto de vista a partir do qual toda alusão ao mundo supra-sensível parece pura insensatez. Para um juízo imparcial, contudo, tal opinião não possui outro fundamento senão o fato de seus defensores ignorarem aquela outra espécie de conhecimento. Como, no entanto, se pode julgar a respeito de algo que se afirma não conhecer? Um pensar imparcial deve admitir que só se pode falar *sobre o que se conhece,* evitando qualquer pronunciamento sobre o que *não* se conhece. Tal raciocínio só pode reconhecer o direito de alguém a comunicar o que tenha experimentado, negando-se porém a admitir que alguém declare impossível o que não conhece ou não quer conhecer. A ninguém pode ser negado o direito de não se interessar pelo mundo supra-sensível; mas jamais poderá haver qualquer fundamento para o fato de alguém se julgar apto a emitir juízos não apenas sobre o que *ele* é capaz de saber, mas também sobre tudo o que 'um ser humano' *não* é capaz de saber.

Aos que julgam uma temeridade penetrar no âmbito supra-sensorial, uma observação segundo a Ciência Oculta pondera que isso é possível, e que seria pecar contra as faculdades outorgadas ao homem deixá-las fenecer ao invés de desenvolvê-las e utilizá-las.

No entanto, quem acredita qúe os pareceres sobre o mundo supra-sensível devam pertencer inteiramente ao âmbito pessoal das opiniões e emoções, nega algo que é comum a todos os seres humanos. É certo que a compreensão dessas coisas deveria ser encontrada por cada um, mas também é fato que *todos* os seres humanos que atingem um ponto suficientemente avançado chegam não a compreensões diferentes sobre essas coisas, mas à mesma compreensão. A diversidade só existe quando os homens não querem aproximar-se das supremas verdades por um caminho cientificamente

[19] Al. *sinnenfälligen Tatsachen* (corr. de *sinnfälligen Tatsachen).* Cf. ed. orig. cit. (N.T.)

seguro, mas pelo caminho da arbitrariedade pessoal. Contudo, temos de admitir novamente que só poderá reconhecer a exatidão do caminho científico-espiritual quem se dispuser a familiarizar-se com suas particularidades.

O caminho para a Ciência Oculta pode ser encontrado, no momento oportuno, por qualquer pessoa que reconheça — ou apenas imagine, ou adivinhe —, a partir do mundo visível, a existência de uma realidade oculta, e que, consciente da prontidão das forças cognitivas para o desenvolvimento, seja compelida à sensação de que essa realidade oculta poderia revelar-se a ela. A uma pessoa conduzida à Ciência Oculta por essas vivências da alma, abre-se não só a perspectiva de encontrar resposta a certas indagações de seu impulso cognitivo, como também aquela, totalmente diversa, de vencer tudo o que lhe dificulte e debilite a vida. E, em certo sentido superior, significa um enfraquecimento da vida ou uma espécie de morte anímica o fato de um homem se ver obrigado a afastar-se do âmbito supra-sensível ou negá-lo. Sim — sob certas condições, uma pessoa poderá chegar ao desespero se perder toda a esperança de ter uma revelação do oculto. Essa morte e esse desespero, em suas múltiplas formas, são ao mesmo tempo adversários anímicos, interiores, do esforço científico-espiritual, e surgem quando desvanece a força interior do homem. Nesse caso, toda força vital lhe deve ser administrada de fora, se é que realmente ele deve recebê-la. Então ele passa a perceber os objetos, seres e ocorrências que lhe afetam os sentidos analisando-os com o intelecto. Estes lhe causam prazer e sofrimento; impulsionam-no para as ações de que ele é capaz. Mesmo continuando nesse processo por algum tempo, ele alcançará o ponto em que morrerá interiormente, pois aquilo que se pode extrair do mundo para o homem se esgota. Esta não é uma afirmação oriunda da experiência pessoal de um individuo, e sim o resultado de uma observação imparcial de *toda* a vida humana. O que preserva desse esgotamento é o elemento oculto que repousa na profundidade das coisas. Caso se acabe no homem a energia para descer a essas profundidades, a fim de sempre extrair nova força vital, no final nem mesmo o exterior das coisas se mostrará mais capaz de fomentar a vida.

De maneira alguma esse assunto diz respeito apenas ao ser humano individual, com suas alegrias e dores pessoais. Justamente por meio de considerações científico-espirituais verídicas o homem chega à certeza de que, de um ponto de vista superior, as alegrias e as dores do indivíduo se relacionam intimamente com o bem-estar e o infortúnio de todo o Universo. Existe aí um caminho pelo qual o homem chega à convicção de que estará prejudicando o mundo inteiro e todos os seres nele existentes caso não desenvolva adequadamente *suas* próprias forças. Tornando sua vida estéril pela perda de contato com o supra-sensível, o homem não só destrói em seu íntimo algo cuja extinção pode levá-lo ao desespero, como também cria, por sua fraqueza, um obstáculo à evolução de todo o mundo onde vive.

Ora, o ser humano pode equivocar-se. Pode ceder à crença de que não existe um mundo oculto, e de que nas manifestações aos seus sentidos e ao seu intelecto já está contido tudo o que possa existir. Entretanto, essa ilusão só é possível para a superfície da consciência,e não para sua profundeza. O sentimento e o desejo não se encaixam nessa crença enganadora. De alguma maneira, eles voltarão sempre a ansiar por algo oculto — cuja privação os faz lançar o homem na dúvida, na incerteza da vida e até no desespero. Um conhecimento que torne o oculto manifesto é apropriado para vencer toda desesperança, toda insegurança vital, toda aflição — em resumo, tudo o que debilita a vida e a incapacita para o necessário desempenho na totalidade do mundo.

Eis o admirável fruto cognitivo da Ciência Espiritual: proporcionar força e firmeza à vida, e não apenas a satisfação do desejo de saber. A fonte onde esses conhecimentos haurem sua força para o trabalho e a confiança para a vida é inesgotável. Ninguém que *uma vez* se tenha aproximado realmente dessa fonte sairá, ao recorrer repetidamente a ela, sem estar fortalecido.

Há pessoas que nada desejam saber de tais conhecimentos por verem algo malsão já no que acaba de ser dito. Para a superfície e o exterior da vida, tais pessoas têm toda a razão. Elas não querem conhecer de modo atrofiado o que a vida oferece na chamada ‘realidade’; vêem uma fraqueza no fato de o homem se afastar desta e procurar sua salvação num mundo oculto, que lhes parece fantástico e

imaginário. Se, em tal pesquisa científico-espiritual, não se quer cair em fantasia e fraqueza mórbidas, deve-se reconhecer a parcial justificativa de tais objeções; elas se baseiam num critério sadio — só que este, por não penetrar na profundeza das coisas e sim manter-se em sua superfície, não conduz a uma verdade plena, mas apenas a uma meia verdade. Se um esforço pelo conhecimento supra-sensível fosse feito no sentido de debilitar a vida e afastar os homens da verdadeira realidade, certamente tais objeções seriam fortes o suficiente para abalar as bases dessa orientação espiritual.

Contudo, mesmo diante de tais opiniões os esforços da Ciência Oculta não seguiriam o caminho correto se quisessem 'defender-se', no sentido comum da palavra. Mesmo nesse caso, eles só podem impor-se por seu valor reconhecível a todo espírito imparcial, fazendo sentir como a força vital e a energia se intensificam na pessoa que os adota no sentido correto. Esses esforços não podem conduzir à alienação e à fantasia; eles fortalecem o homem a partir das fontes vitais onde, segundo seu elemento anímico-espiritual, este se origina.

Outros obstáculos à compreensão se colocam no caminho de algumas pessoas que se aproximam dos esforços da Ciência Oculta. De fato, é fundamentalmente certo que na exposição da Ciência Oculta o leitor encontra uma descrição de vivências anímicas por cujo seguimento ele poderá acercar-se dos conteúdos supra-sensíveis do Universo. Só que na prática isso tem de representar uma espécie de ideal. Inicialmente o leitor precisa absorver, sob forma de comunicações, uma grande quantidade de experiências supra-sensíveis que ele próprio ainda não vivenciou. Isso não pode ser de outra maneira, e ocorrerá também no caso deste livro. Aqui será descrito o que o Autor acredita saber sobre a natureza do ser humano, sobre suas condições no nascimento e na morte e em seu estado incorpóreo no mundo espiritual; além disso, será narrada a evolução da Terra e da humanidade. Assim sendo, poderia parecer que houvesse a premissa de certos pretensos conhecimentos serem apresentados como dogmas, cuja crença se apoiasse no principio de autoridade. Contudo, não é esse o caso. Na verdade, o que pode ser conhecido dos conteúdos supra-sensíveis do Universo acha-se presente no autor como conteúdo anímico vivo; e quando alguém se familiariza com esse conteúdo anímico, essa familiaridade incandesce na própria alma os impulsos que conduzem aos fatos supra-sensíveis correspondentes. Ao ler conhecimentos científico-espirituais, tem-se uma vivência diferente daquela provocada pela comunicação de fatos sensíveis. Quando se lêem comunicações do mundo manifesto, lê-se algo *sobre* ele; mas quando se lêem comunicações sobre o mundo supra-sensível no sentido correto, penetra-se na corrente da existência espiritual. Ao assimilar os resultados, assimila-se ao mesmo tempo o próprio caminho interior.

É bem verdade que, no início, muitas vezes o leitor não se dá conta do que subentendemos aqui. Costuma-se imaginar a entrada no mundo espiritual demasiadamente similar a uma vivência sensorial, considerando-se por demais intelectual o que é captado da leitura sobre esse mundo. No entanto, pela *verdadeira* acolhida no plano do pensamento a pessoa já está dentro desse mundo, só precisando ter bem claro que, sem o perceber, já vivenciou o que acreditava ter recebido apenas como uma comunicação intelectual. A verdadeira natureza dessa vivência pode ser plenamente esclarecida ao se realizar, na prática, o que descreveremos na segunda e última parte deste livro como 'senda' para os conhecimentos supra-sensíveis. Seria fácil supor que o correto fosse o contrário: que essa senda devesse primeiramente ser descrita. Não é esse, porém, o caso. Para quem só faz 'exercícios' a fim de penetrar no mundo supra-sensível, sem dirigir o olhar anímico a determinados fatos que aí ocorrem, esse mundo continua sendo um caos indefinido e conturbado. A pessoa se familiariza, de certo modo, ingenuamente com esse mundo à medida que aprende certos fatos inerentes a ele, dando-se logo conta de como — abandonando a ingenuidade — ela própria chega, com plena consciência, às vivências das quais havia obtido informações.

Aprofundando-se nas exposições da Ciência Oculta, a pessoa se convencerá de que só esse pode ser um caminho seguro para o conhecimento supra-sensível. Reconhecerá também ser infundada qualquer opinião de que inicíalmente os conhecimentos supra-sensíveis atuariam, de certa forma, como dogmas pelo poder de sugestão. É que o conteúdo desses conhecimentos é adquirido numa vida

anímica que lhes retira qualquer força simplesmente sugestiva, dando à pessoa apenas a possibilidade de falar a outra pela mesma via pela qual lhe falam todas as verdades que apelam ao seu critério sensato. O fato de inicialmente a outra não perceber como ela vive no mundo espiritual não se deve a uma insensata aceitação sugestiva, mas à sutileza e ao caráter incomum do que foi vivencíado na leitura. Assim, pela mera aceitação das informações dadas na primeira parte deste livro, inicialmente o leitor se torna *co-participante* no conhecimento do mundo superior; mediante a realização prática das atividades anímicas, indicadas na segunda parte, ele se torna um conhecedor autônomo nesse mundo.

De acordo com o espírito e o *verdadeiro* sentido, nenhum autêntico cientista poderá encontrar uma contradição entre sua ciência, edificada sobre os fenômenos do mundo sensível, e o modo como se investiga o mundo supra-sensível. Todo cientista se serve de determinados instrumentos e métodos. Os instrumentos, ele os confecciona mediante a elaboração daquilo que a 'natureza' lhe apresenta. O tipo supra-sensível de conhecimento também se serve de um instrumento — só que esse instrumento é o próprio homem. Também tal instrumento deve primeiramente ser ajustado para a pesquisa superior. Nele, as capacidades e forças concedidas pela 'natureza' sem a atuação humana devem ser transformadas em outras, superiores. Com isso o próprio homem pode tornar-se instrumento para a pesquisa do mundo supra-sensível.

A essência da humanidade

Ao se observar o ser humano do ponto de vista de um conhecimento supra-sensível, entra logo em vigor o que caracteriza, de modo geral, esse tipo de conhecimento. Essa observação baseia-se no reconhecimento, pelo observador, do 'mistério manifesto' em sua própria entidade. Os sentidos, bem como o intelecto que neles se apóia, são apenas uma parte acessível do que é compreedido como entidade humana no conhecimento supra-sensível, ou seja, o *corpo físico.* Para esclarecer o conceito desse corpo físico, deve-se inicialmente dirigir a atenção ao fenômeno que se estende como um grande enigma sobre toda observação da vida: a morte, e, relacionada com ela, a chamada natureza inanimada — o reino mineral, que sempre contém em si a morte. Com isso nos referimos a fatos cujo esclarecimento completo só é possível por meio do conhecimento supra-sensível, e aos quais deve ser dedicada uma parte importante deste livro. Por ora, contudo, sugeriremos apenas algumas idéias como orientação.

Dentro do mundo manifesto, o corpo humano físico é aquilo que o iguala ao mundo mineral. Em contrapartida, não pode ser considerado como corpo físico aquilo que diferencia o homem do mineral. Para uma observação imparcial, é sobretudo importante o fato de a morte expor a parte da natureza humana que, uma vez ocorrida a morte, é igualável ao mundo mineral. Cabe apontar no cadáver a parcela do homem que, após a morte, está sujeita a processos encontrados no mundo mineral. Pode-se sublinhar o fato de que nesse membro da entidade humana — no cadáver — estão em atividade as mesmas substâncias e forças atuantes no âmbito mineral; cumpre porém ressaltar, e não menos, que com a morte esse corpo físico fica sujeito à decomposição. Contudo, também é justo dizer o seguinte: sem dúvida, no corpo físico humano atuam as mesmas substâncias e forças que no âmbito mineral; porém sua atuação é colocada, durante a vida, a serviço de algo superior. Elas só atuam como no mundo mineral após a chegada da morte; então entram em cena como devem fazê-lo segundo sua própria natureza, ou seja, como dissolventes da formação corporal física.

Convém, portanto, distinguir claramente, no homem, entre o manifesto e o oculto, pois durante a vida um elemento oculto deve empreender uma luta contínua contra as substâncias e forças do elemento mineral no corpo físico. Ao cessar essa luta, inicia-se a atividade mineral.

Com isso tocamos no ponto em que deve entrar em cena a ciência do supra-sensível. Ela tem de buscar o que conduz à referida luta, e justamente isso se oculta à observação dos sentidos, sendo acessível apenas à observação supra-sensorial. O modo como o homem consegue que esse elemento 'oculto' se torne tão manifesto quanto o são os fenômenos sensoríais aos olhos físicos será abordado

numa parte posterior deste livro. Aqui, porém, será descrito o que se revela à observação supra-sensível.

Já dissemos que as comunicações sobre o caminho que conduz à visão superior só podem ter valor para o homem quando primeiramente este se familiarizou, pela simples narrativa, com as revelações da pesquisa supra-sensorial. É que nesse domínio é justamente possível *compreender* também o que ainda não se *observa.* Aliás, o bom caminho para a contemplação é o que parte da compreensão.

Embora o elemento oculto que, no corpo físico, luta contra a decomposição seja observável apenas pela percepção superior, seus *efeitos* são claramente discerníveis para o julgamento limitado ao manifesto. Tais efeitos exprimem-se na *forma* ou figura onde estão integradas, durante a vida, as substâncias e forças minerais do corpo físico. Ocorrida a morte, essa forma desaparece pouco a pouco e o corpo físico converte-se numa parte do mundo mineral restante. Contudo, a visão supra-sensorial pode observar, como membro independente da entidade humana, aquilo que durante a vida impede as substâncias e forças físicas de seguirem seu próprio caminho, que conduz à dissolução do corpo físiéo. Denominemos esse membro independente como 'corpo etérico' ou 'corpo vital'.

Para que não surjam mal-entendidos logo de início, cumpre considerar aspectos relativos a essas designações de um segundo membro da entidade humana. A palavra 'éter' é empregada aqui num sentido diferente daquele usado pela Física atual. Esta designa, por exemplo, como éter o veículo da luz. Aqui, no entanto, o termo deverá ser limitado ao sentido mencionado acima, sendo empregado para designar o que é acessível à visão superior, dando-se a conhecer à observação sensorial apenas em seus efeitos, ou seja, por sua propriedade de conferir determinada forma ou figura às substâncias e forças minerais existentes no corpo físico. Tampouco a palavra 'corpo' deve ser mal-entendida. Para designar as coisas superiores da existência, temos de usar justamente os vocábulos da linguagem comum — e, para a observação dos sentidos, estes expressam apenas o aspecto sensorial. No sentido sensorial, naturalmente o 'corpo etéríco' nada tem de corporal, por mais sutil que se possa imaginá-lo.[20]

Tendo chegado, na descrição do supra-sensível, à menção do 'corpo etérico' ou 'corpo vital', alcançamos o ponto em que essa descrição encontra a oposição de várias correntes da opinião contemporânea. A evolução do espírito humano levou nossa época a considerar não-científica a referência a tal membro da entidade humana. A concepção materialista chegou ao ponto de não ver no corpo vivo senão uma combinação de substâncias e forças físicas, tal como estas se encontram também no chamado corpo inanimado, mineral. A única diferença é que no ser vivo a combinação é mais complexa do que no inanimado.

Também na ciência comum se professavam, não muito tempo atrás, outros pontos de vista. Quem ler os livros de muitos cientistas sérios da primeira metade do século XIX verá como também 'autênticos naturalistas' estavam cônscios de existir no corpo vivo algo mais do que no mineral inanimado. Falava-se de uma 'energia vital'. Na verdade, essa 'energia vital' não era apresentada tal qual o que acabamos de caracterizar como 'corpo vital'; mas a essa idéia estava subjacente um pressentimento de que algo semelhante existia. Concebia-se essa 'energia vital' como se esta se juntasse, no corpo vivo, às substâncias e forças físicas do mesmo modo como a força magnética do ímã se junta ao ferro. Então veio o tempo em que essa 'energia vital' foi afastada do ideário da ciência. Para todos os âmbitos se consideravam suficientes as causas físicas e químicas.

Atualmente ocorreu, entre muitos pensadores naturalistas, certo recuo a esse respeito. De muitos lados se tem admitido que a aceitação de algo semelhante à 'força vital' não é, afinal, loucura alguma. No entanto, mesmo o 'cientista' que admita isso não quererá comungar do ponto de vista exposto aqui a respeito do 'corpo vital'. Via de regra, entrar em polêmica com tais opiniões, com base no conhecimento supra-sensível, não levaria a lugar algum. O objeto desse conhecimento deveria ser,

[20] O fato de que com a designação 'corpo etérico', 'corpo vital' não se pretende renovar o antigo conceito científico-natural de 'energia vital', há muito superado, já foi explicado por nós no livro *Teosofia*

muito mais, admitir que a mentalidade materialista é uma necessária conseqüência do grande progresso científico de nossa época. Esse progresso consiste num imenso aperfeiçoamento dos meios de observação sensorial. E é inerente ao ser humano o fato de ele, no âmbito da evolução, levar certas capacidades, em detrimento de outras, a um certo grau de aperfeiçoamento. A observação sensorial exata, que de modo tão significativo foi desenvolvida pela Ciência Natural, teve de relegar ao segundo plano o cultivo das capacidades humanas que conduzem aos 'mundos ocultos'. Porém chegou novamente a época em que esse cultivo é necessário. E o oculto não é reconhecido pelo fato de se combaterem julgamentos que, pela negação desse oculto, se apresentam com seqüência lógica, mas pelo fato de se focalizar esse oculto corretamente. Então ele será reconhecido por aqueles 'cuja hora é chegada'.

Foi necessário dizer isto simplesmente para que não se supusesse ignorância dos pontos de vista das Ciências Naturais ao falarmos aqui de um 'corpo etérico', que em certos círculos deve parecer totalmente fantástico.

Esse corpo etérico é, portanto, um segundo membro da entidade humana. O conhecimento supra-sensível lhe atribui um grau de realidade superior ao do corpo físico. Uma descrição de como ele se manifesta à percepção supra-sensível só poderá ser feita nas partes subseqüentes deste livro, quando se frisará em que sentido tais descrições devem ser consideradas. Por hora bastará salientar que o corpo etérico permeia completamente o corpo físico, devendo ser visto como uma espécie de arquiteto deste último. Todos os órgãos são mantidos em sua forma e estrutura pelas correntes e movimentos do corpo etérico.[21] Ao coração físico subjaz um 'coração etérico', ao cérebro físico um 'cérebro etérico', etc. O corpo etérico é estruturado como o corpo físico, sendo porém mais complexo; tudo nele está em vivo interfluxo, enquanto no corpo físico existem partes bem delimitadas.

Pois bem: esse corpo etérico, o homem o possui em comum com o vegetal, assim como possui o corpo físico em comum com o mineral. Tudo o que é vivo possui seu corpo etérico.

Do corpo etérico a observação supra-sensível ascende a outro membro da entidade humana. Para a formação de uma imagem desse membro, ela recorre ao fenômeno do sono, tal como, no caso do corpo etérico, aludiu à morte.

Toda ação humana, no âmbito manifesto, baseia-se na atividade do estado de vigília. Porém essa atividade só é possível quando o homem procura no sono a recuperação das forças esgotadas. A atuação e o pensar desaparecem no sono; toda dor e todo prazer submergem em relação à vida consciente. Como que procedentes de fontes ocultas, misteriosas, as forças conscientes do homem emergem, ao despertar, da inconsciência do sono. E a mesma consciência que, ao adormecermos, submerge em profundidades obscuras e reaparece ao despertarmos. Aquilo que repetidamente desperta a vida, retirando-a do estado de inconsciência, é, no sentido do conhecimento supra-sensível, o terceiro membro da entidade humana. Pode-se denominá-lo 'corpo astral'.

Assim como o corpo físico é incapaz de manter sua forma por meio das substâncias e forças minerais que contém, precisando para isso ser permeado pelo corpo etérico, tampouco as forças do corpo etérico podem, por si próprias, iluminar-se com a luz da consciência. Um corpo etérico abandonado a si próprio teria de permanecer continuamente em estado de sono. Em outras palavras: ele poderia manter, no corpo físico, apenas um grau de existência vegetativa. Um corpo etérico em estado de vigília é iluminado por um corpo astral. Para a observação sensorial, desaparece a atuação desse corpo astral quando o homem mergulha no sono. Para a observação supra-sensível, ele continua existindo; só que aparece separado ou retirado do corpo etérico. A observação sensorial não tem contato com o próprio corpo astral, mas apenas com seus efeitos no âmbito manifesto. Ora, estes não estão imediatamente presentes durante o sono. No mesmo sentido em que o homem tem seu corpo físico em comum com os minerais e seu corpo etérico com as plantas, em seu corpo astral ele é da mesma espécie que os animais.

[21] V., do Autor, A *fisiologia oculta — os órgãos como sistema cósmico interior,* trad. Sonia Setzer, 5. conf. (2. ed. São Paulo: Antroposófica, 1996). (N.E.)

As plantas estão num estado permanente de sono. Quem não julgar com exatidão essas coisas poderá facilmente cometer o erro de atribuir também às plantas uma espécie de consciência, tal como a possuem os animais e o homem quando despertos. Isso só pode acontecer a quem tenha um conceito inexato da consciência. Então essa pessoa afirma que, ao se provocar na planta um estímulo exterior, ela realiza alguns movimentos, como o animal. Fala-se da *sensibilidade* de certas plantas que, por exemplo, contraem suas folhas sob a ação de coisas externas. O demonstrativo da consciência não é o fato de um ser reagir a uma ação com certa reação, e sim o fato de o ser vivenciar em seu interior algo que venha acrescentar-se como elemento novo à simples reação. Do contrário, poderíamos falar de consciência quando um pedaço de ferro se dilatasse sob a ação do calor. Só existe consciência quando o ser experimenta, por exemplo, uma dor sob a influência do calor.

O quarto membro que o conhecimento supra-sensível atribui à entidade humana já não é compartilhado com o mundo manifesto em redor do homem. Trata-se justamente do que o diferencia dos demais seres — algo que o torna ápice de toda a Criação circundante. O conhecimento supra-sensível dá uma idéia desse membro adicional da entidade humana indicando que também no âmbito das vivências de vigília existe mais uma diferença essencial. Essa diferença se evidencia de imediato à observação de que, em estado de vigília, de um lado o homem se encontra continuamente no centro de vivências que *têm necessariamente* de ir e vir e, de outro, também tem vivências em que isso não ocorre. Tal fato ressalta especialmente ao se compararem as experiências do homem com as do animal. O animal experimenta com grande regularidade as influências do mundo exterior e, sob a influência do calor e do frio, adquire consciência da dor e do prazer[22], bem como, sob certos processos regulares que ocorrem em seu corpo, adquire consciência da fome e da sede. A vida do homem não se esgota em tais experiências, pois ele pode desenvolver cobiças e desejos que transcendem tudo isso.

Tratando-se do animal, sempre é possível — desde que se investigue suficientemente — descobrir onde, dentro ou fora do corpo, existe o motivo determinante de uma ação ou sensação. No caso do homem, isso não ocorre de maneira alguma. Ele pode criar desejos e apetites para cuja origem não haja suficientes motivos nem dentro nem fora de seu corpo. A tudo o que incide nesse domínio deve-se atribuir uma fonte especial. Essa fonte pode ser vista, segundo a ciência supra-sensível, no 'eu' do homem. O 'eu' pode, portanto, ser considerado o quarto membro da entidade humana.

Se o corpo astral estivesse abandonado a si mesmo, ocorreriam nele sensações de prazer e dor, fome e sede; o que não ocorreria, porém, é a sensação de existir em tudo isso *algo permanente.* Não é esse algo permanente que aqui é designado como eu, mas aquilo que vivencia essa permanência. Nesse campo é preciso formular os conceitos com toda a nitidez, para que não surjam equívocos. Com a conscientização de que há algo permanente e durável no intercâmbio das vivências interiores, começa a despontar o 'sentimento do eu'. Não é o fato de um ser sentir, por exemplo, fome que se pode conferir-lhe o sentimento do eu. A fome se instala quando os renovados motivos para ela se fazem valer no ser em questão; então ele se precipita sobre o alimento justamente pelo ensejo dos motivos renovados. O sentimento do eu só surge quando não apenas se impõem esses renovados motivos para a busca do alimento, mas quando da prévia satisfação da fome resultou um prazer e a consciência desse prazer permaneceu, de modo que não somente a *presente* vivência da fome, mas a vivência *passada* do prazer suscitam o impulso para o alimento.

Assim como o corpo físico se desintegra quando o corpo etérico não o mantém, e assim como o corpo etérico imerge na inconsciência quando o corpo astral não o ilumina, o corpo astral teria de deixar repetidamente o passado cair no *esquecimento* se este não fosse transportado ao presente pelo eu. O que a morte é para o corpo físico e o sono para o corpo etérico, a mesma coisa é o *esquecimento* para o corpo astral. Pode-se também dizer que ao corpo etérico pertence a *vida,* ao astral a *consciência* e ao eu a *recordação.*

---

[22] Al. "... *und wird sich* [...] *unter dem Einflüsse der Wärme and Kälte des* [corr. de *Kälte, des [*corr. de Kälte, des] *Schmerzes und der Lust* [...] *bewusst."* Cf. ed. orig. cit. (N.T.)

Mais facilmente do que atribuir consciência às plantas, pode-se incidir no erro de falar em recordação no caso do animal. É muito natural pensar em recordação quando *o* cão reconhece seu dono, que ele talvez não veja há longo tempo. Na realidade, porém, esse reconhecimento não depende de recordação, e sim de algo completamente diverso. O cão sente uma certa atração por seu dono, a qual resulta da natureza deste. Essa natureza causa prazer ao cão na presença do dono; e a cada vez que essa presença ocorre, é motivo para uma renovação prazer. A recordação, porém, só existe quando um ser não tem apenas sensações provocadas pelas vivências atuais, mas ainda conserva aquelas do passado. Poderíamos até mesmo admitir isto e, no entanto, cair no erro de afirmar que *o* cão tem recordação, dizendo, por exemplo, que *o* cão entristece quando *o dono o* abandona, e que portanto guarda a lembrança dele. Também esse é um julgamento incorreto. O convívio com *o* dono traz para o cão a necessidade de sua presença, e assim este passa a sentir a ausência da mesma forma como sente a fome. Quem não fizer estas distinções não alcançará clareza sobre as verdadeiras correlações da vida.

Em razão de certos preconceitos será objetado, contra esta exposição, que afinal não se pode saber se no animal existe ou não algo semelhante à recordação humana. Tal objeção, porém, repousa numa observação inexperiente. Quem realmente é capaz de observar, de maneira sensata, como *o* animal se comporta em relação às suas vivências, percebe a diferença entre esse comportamento e *o* do homem. Então terá bem claro que *o* animal se comporta de um modo correspondente à ausência de recordação. Para a observação supra-sensível, isso é absolutamente claro. No entanto, o que dessa observação supra-sensorial vem imediatamente à consciência pode ser reconhecido *em seus efeitos* nesse âmbito também pela percepção sensorial e sua compenetração pelo pensar. Ao se dizer que *o* homem sabe de *sua* recordação pela observação anímica interior, que no entanto ele não pode constatar no caso do animal, tal afirmação está fundada num erro fatídico. O que *o* homem tem a dizer sobre sua capacidade de recordação não pode, em absoluto, ser deduzido de uma observação anímica interior, mas apenas do que ele experimenta consigo mesmo em suas relações com as coisas e processos do mundo exterior. Essas experiências, seja *consigo,* com outra pessoa e também com os animais, ele faz exatamente da mesma maneira. Trata-se apenas de uma ilusão que ofusca o homem quando ele pensa julgar a existência da recordação apenas pela observação interior.

O substrato da recordação pode ser denominado intimamente; já o *juízo* sobre esse substrato é adquirido, inclusive para a própria pessoa, pela visão das relações do mundo exterior. E o homem pode julgar essas relações tanto em si mesmo como nos animais. Com respeito a essas coisas, nossa psicologia comum sofre por suas idéias totalmente deficientes, inexatas e em alto grau ilusórias em conseqüência de erros de observação.

Para o eu, a recordação e o esquecimento significam algo absolutamente semelhante ao que os estados de vigília e sono significam para o corpo astral. Assim como o sono faz as preocupações e atribulações do dia desaparecer no nada, o esquecimento estende um véu sobre as más experiências da vida, apagando assim uma parte do passado. E do mesmo modo como o sono é necessário para que as forças vitais exaustas sejam revigoradas, o homem precisa eliminar da recordação certas partes de seu passado se quiser enfrentar novas experiências de maneira livre e despreconcebida. Contudo, é justamente do esquecimento que lhe advém o fortalecimento para a percepção do novo. Pensemos em fatos como o aprendizado da escrita: todos os detalhes que a criança tem de atravessar para aprender a escrever são esquecidos. O que permanece é a capacidade de escrever. Como poderia o homem escrever se, a cada vez que pegasse a caneta, lhe despontassem na alma, como recordação, todas as vivências pelas quais ele passou ao aprender a escrita?

Ora, a recordação se manifesta em vários graus. Sua forma mais elementar já ocorre quando o homem percebe um objeto e depois, afastando-se dele, é capaz de despertar novamente a *re-presentação mental* desse mesmo objeto. O homem elaborou essa representação mental enquanto percebia o objeto. Então se desenvolveu um processo entre seu corpo astral e seu eu; o corpo astral tornou consciente a impressão exterior do objeto. Contudo, o conhecimento do objeto só duraria

enquanto este estivesse *presente,* caso o eu não o assimilasse e o incorporasse.

Neste ponto, a percepção supra-sensível distingue entre o corporal e o anímico. Fala-se de *corpo astral* ao se considerar a formação do conhecimento de um objeto presente. Porém o que confere duração ao conhecimento é denominado *alma.* Ao mesmo tempo, pelo que foi dito se vê quão estreita, no homem, é a relação do corpo astral com a parte da alma que confere duração ao conhecimento. Ambos são, por assim dizer, unidos num só membro da entidade humana. Por isso se pode designar também essa união como corpo astral. Querendo-se uma nomenclatura exata, pode-se designar o corpo astral do homem como *corpo anímico,* e a alma, na medida em que está unida a ele, como *alma da sensação.*

O eu ascende a um grau superior de sua natureza quando dirige sua atividade àquilo que ele, pelo conhecimento das coisas, tornou sua propriedade. Esta é a atividade pela qual o eu se desliga cada vez mais dos objetos da percepção para atuar no que lhe é próprio. A parte da alma relacionada com isso pode ser chamada de *alma do intelecto ou da índole.* Tanto a alma da sensação como a alma do intelecto têm como característica operar com o que assimilaram graças às impressões dos objetos percebidos pelos sentidos, conservando isso na recordação. Nisso a alma está completamente entregue a algo que, para ela, é exterior. Ora, ela recebeu de fora também aquilo que transforma em sua propriedade por meio da recordação; no entanto pode transcender tudo isso, pois não é apenas alma da sensação ou da índole.

A percepção supra-sensível forma mais facilmente uma idéia dessa transcendência quando focaliza um fato simples, bastando apreciá-lo em seu significado abrangente. Trata-se do fato de em toda a abrangência da linguagem só existir um nome que, por sua natureza, se distingue de todos os demais: é justamente o nome ‘eu’. Qualquer outro nome pode ser dado por *qualquer* pessoa ao objeto ou ser que lhe corresponda. O ‘eu’, como designação para um ser, só tem sentido quando esse ser o aplica a si próprio. Nunca a palavra ‘eu’ pode dirigir-se de fora ao ouvido de um homem como designação para ele; apenas o próprio ser pode aplicá-lo a si mesmo. “Eu sou um eu apenas para mim; para todos os demais eu sou um ‘tu’, e cada outro é um ‘tu’ para mim.” Esse fato é a expressão exterior de uma verdade profundamente significativa. A verdadeira essência do eu é independente de tudo o que seja exterior; *por isso* seu nome tampouco pode ser chamado de parte alguma do exterior. As confissões religiosas que souberam manter conscientemente suas relações com a visão Supra-sensível chamam, portanto, a designação ‘eu’ de ‘o impronunciável nome de Deus’. Ora, é justamente ao indicado acima que se alude ao empregar essa expressão. Nada de exterior tem acesso àparcela da alma humana que aqui focalizamos. Aqui, trata-se do ‘secreto santuário’ da alma. Apenas um ser da mesma natureza da alma tem acesso a ele. “O Deus que habita no homem fala quando a alma se reconhece como eu.” Assim como a alma da sensação e a alma do intelecto vivem no mundo exterior, um terceiro membro da alma imerge no divino quando esta se eleva à percepção de sua própria essência.

A este respeito, poderia facilmente surgir o mal-entendido de que tais concepções estivessem considerando *idênticos* Deus e o eu. No entanto, elas não afirmam em absoluto que o eu seja Deus, mas apenas que é da mesma espécie e natureza do Divino. Porventura se pretende que a gota d’água retirada do mar seja o mar, ao dizer que ela é da mesma essência ou substância que o mar? Querendo-se usar uma comparação, pode-se dizer que o eu se relaciona com o Divino do mesmo modo como a gota d’água com o oceano. O homem pode encontrar em si um elemento divino porque seu ser primordial foi extraído do Divino. Portanto, por meio deste o homem adquire um terceiro membro anímico, um conhecimento interior de si mesmo, do mesmo modo como por meio do corpo astral adquire um conhecimento do mundo exterior. Por conseguinte, a Ciência Oculta pode denominar esse terceiro membro da alma também como *alma da consciência.*

Assim, no sentido Ciência Espiritual a parte anímica do homem compõe-se de três membros: alma da sensação, alma do intelecto e alma da consciência — do mesmo modo como a parte corpórea consiste em três membros: corpo físico, corpo etérico e corpo astral.

Erros psicológicos de observação, semelhantes àqueles já mencionados quanto ao julgamento da capacidade de recordação, também dificultam o correto entendimento da natureza do eu. Muito do que se acredita compreender é tomado como refutação ao argumento apresentado acima, quando na verdade representa uma confirmação. Tal é o caso, por exemplo, das observações que Eduard von Hartmann faz respeito do eu nas págs. 55 e 56 de seu *Grundriss der Psychologie:*[23]

> *A priori,* a autoconsciência é mais antiga do que a palavra 'eu'. Os pronomes pessoais são um produto bastante posterior da evolução lingüística, possuindo para a linguagem apenas o valor de abreviações. A palavra 'eu' é um breve substituto[24] para o nome próprio de quem fala, porém um substituto que cada qual usa por si, seja qual for o nome próprio que os outros lhe atribuam. A autoconsciência pode atingir alto grau de desenvolvimento tanto em animais como em pessoas surdas-mudas incultas, mesmo sem ligação com um nome próprio. A consciência do nome próprio pode substituir totalmente a falta de emprego do eu. Com esta consideração elimina-se o nimbo mágico com o qual, para muitos, se reveste a palavrinha 'eu'; esta não pode fazer o mínimo acréscimo ao conceito de autoconsciência; ao contrário, recebe exclusivamente dela todo o seu conteúdo.

Pode-se concordar inteiramente com tais opiniões; e também com a inconveniência de se conferir à palavra 'eu' a condição de nimbo mágico, o que só pode perturbar a consideração ponderada do assunto. Contudo, para a essência de uma *coisa* não édecisivo o modo como paulatinamente se originou a designação verbal dessa coisa. O importante é justamente que, na autoconsciência, a verdadeira natureza do eu "é mais antiga do que a palavra 'eu' "; e que o homem tenha necessidade de usar *essa* palavrinha ligada às peculiarídades exclusivamente suas para designar aquilo que, no mundo exterior, ele vivencia de modo diferente do animal. Assim como se pode saber pouco da natureza do triângulo pela demonstração de como a palavra 'triângulo' se formou, igualmente tem pouca decisão sobre a natureza do eu o que é possível saber a respeito de como surgiu o emprego do 'eu' na *evolução da linguagem.*

É só na alma da consciência que se revela a verdadeira natureza do eu. Ora, enquanto na sensação e no intelecto a alma se abandona a outra coisa, como alma da consciência ela capta sua própria natureza. Por isso esse eu tampouco pode ser percebido pela alma da consciência, a não ser por meio de certa atividade interior. As representações mentais de objetos exteriores são formadas à medida que esses objetos aparecem e desaparecem; e essas representações mentais continuam a agir no intelecto por sua própria força. No entanto, se quiser perceber a si próprio, o eu não pode simplesmente *entregar-se* a si mesmo; ele precisa primeiro extrair sua essência de suas próprias profundezas para ter consciência dela. É com a percepção do eu — com a auto-reflexão — que se inicia uma atividade interior do eu. Mediante essa atividade, a percepção do eu na alma da consciência significa algo totalmente diverso da observação de tudo o que é transmitido pelos três membros corporais e pelos outros dois membros da alma. A força que revela o eu na alma da consciência é idêntica àquela que se manifesta em todo o resto do Universo. Só que ela não se manifesta no corpo e nos membros inferiores da alma de forma imediata, e sim gradativamente em seus efeitos. A manifestação mais inferior é aquela por intermédio do corpo físico; depois há uma ascensão gradativa até o conteúdo da alma do intelecto. Poderíamos dizer que com a subida a cada grau cai um dos véus que envolvem a realidade oculta. Naquilo que preenche a alma da consciência, essa realidade oculta penetra, sem envoltórios, no mais íntimo templo da alma. Contudo, aí ela se revela apenas como uma gota d'água do mar da espiritualidade que tudo impregna. Porém aqui o homem deve inicialmente captar essa espiritualidade; deve reconhecê-la em si próprio, para então poder descobri-la também em suas manifestações.

Aquilo que penetra na alma da consciência como uma gota é o que a Ciência Oculta chama de

---

[23] Eduard von Hartmann (1842—1906), *System der Philosophie im Grundriss,* vol. III: *Grundriss der Psychologie* (Bad Sachsa, 1908), p. 55 s. (N.E. orig.)

[24] No original de von Hartmann consta"... é um substituto mais breve...". (N.E. orig.)

espírito. Assim, pois, a alma da consciência está unida ao espírito, o elemento *oculto* em tudo o que é manifesto. Ora, se o homem quiser captar o espírito em toda e qualquer manifestação, deve fazê-lo da mesma maneira como capta o eu na alma da consciência; deve dirigir ao mundo manifesto a atividade que o conduziu à percepção desse eu. Porém com isso ele evolui para níveis mais altos de sua entidade, acrescentando algo de novo aos membros corporais e anímicos.

O próximo passo consiste em conquistar, por esforço próprio, o que está oculto nos membros inferiores da alma. Isso ocorre mediante o trabalho exercido pelo eu em sua alma. O envolvimento do homem nesse trabalho fica visível ao se comparar alguém inteiramente entregue aos apetites inferiores e aos chamados prazeres sensuais com um nobre idealista. Este último vem a ser uma transformação do primeiro quando aquele abandona suas inclinações inferiores e se dedica a outras, mais elevadas. Portanto, *a partir do eu* ele atuou sobre sua alma, enobrecendo-a e espiritualizando-a. O eu tornou-se soberano dentro da vida anímica. Esse progresso pode chegar ao ponto de impedir o acesso de qualquer cobiça ou prazer à alma sem permissão do eu. Desse modo a alma inteira se torna uma manifestação do eu, como antes o era apenas a alma da consciência. No fundo, toda a vida cultural e toda a aspiração espiritual da humanidade consistem num trabalho cuja meta é essa soberania do eu. *Todo* ser humano contemporâneo está empenhado nesse trabalho — quer queira ou não, quer tenha ou não consciência desse fato.

Mediante esse trabalho, porém, alcançam-se níveis superiores da entidade humana. Por meio dele o homem desenvolve novos membros de sua entidade, os quais ficam ocultos detrás daquilo que lhe é manifesto. Contudo, o homem pode não só tornar-se senhor de sua alma influenciando-a a partir do eu, para que ela extraia o manifesto do oculto, mas também pode ampliar esse trabalho, estendendo-o ao corpo astral. Assim, o eu se apodera do corpo astral na medida em que se une à sua entidade oculta. Esse corpo astral conquistado e transformado pelo eu pode ser denominado *personalidade espiritual.* (Trata-se do mesmo que, à imitação da sabedoria oriental, é denominado *manas.)* Na personalidade espiritual existe, como que em forma germinal, um membro superior da entidade humana que, no decorrer do trabalho dessa entidade sobre si mesma, vai despontando cada vez mais.

Assim como o homem conquista seu corpo astral avançando até às forças ocultas situadas atrás deste, o mesmo ocorre com relação ao corpo etérico no decorrer da evolução. Todavia, o trabalho junto a esse corpo etérico é mais intenso do que aquele junto ao corpo astral; pois o que se oculta no primeiro está envolto em dois véus, e no caso do corpo astral existe um véu apenas.

Pode-se formar uma idéia da diferença no trabalho junto a cada qual dos corpos tendo em vista certas alterações possíveis de ocorrer com o ser humano no decurso de sua evolução. Imaginemos primeiro como certas qualidades anímicas do homem se desenvolvem quando o eu atua junto à alma — como prazeres e apetites, alegrias e dores podem transformar-se. Aí basta o homem remontar à época de sua infância. O que lhe proporcionava alegria? O que lhe causava sofrimento? O que ele acrescentou aos conhecimentos adquiridos na infância? Tudo isso, porém, é apenas uma expressão do domínio que o eu alcançou sobre o corpo astral, pois este é, de fato, o veículo do prazer e do sofrimento, da alegria e da dor.

Em comparação a isso, considere-se quão pouco certas disposições do homem se transformam no decorrer do tempo — por exemplo, seu temperamento, as particularidades mais profundas de seu caráter, etc. Um ser humano irascível enquanto criança conserva, muitas vezes, certos aspectos de irascibilidade em seu desenvolvimento posterior até à idade madura. Este fato é tão flagrante que certos pensadores negam peremptoriamente a possibilidade de o caráter básico de uma pessoa se transformar. Eles supõem que esse caráter se mantenha por toda a vida, apenas variando a manifestação para este ou aquele lado. Tal juízo, porém, baseia-se numa falha de observação.

A quem possui o sentido para ver tais coisas, fica evidente que também o caráter e o temperamento do homem se modificam sob a influência do eu. Na verdade, tal modificação é lenta em relação à modificação das qualidades acima mencionadas. A título de comparação, pode-se dizer

que a relação entre as duas modificações é como a relação de velocidade entre o ponteiro grande e o ponteiro pequeno de um relógio. Ora, as forças que promovem essa modificação do caráter ou temperamento pertencem à região oculta do corpo etérico. Elas são da mesma espécie que as forças reinantes no domínio da vida, ou seja, as forças de crescimento, de alimentação e aquelas que servem à procriação. Sobre estes assuntos recairá uma luz correta durante as demais explicações desta obra.

Portanto, não é quando o homem simplesmente se abandona ao prazer ou ao sofrimento, à alegria ou à dor que o eu atua sobre o corpo astral, e sim quando as características dessas qualidades anímicas se modificam. Da mesma forma, a ação atinge o corpo etérico quando o eu dirige sua atividade para uma modificação de suas peculiaridades de caráter, de seu temperamento, etc. Também nesta última alteração atua todo ser humano, quer tenha ou não consciência disso. Os mais fortes impulsos que, na vida comum, se empenham nessa transformação são os impulsos religiosos. Quando o eu se deixa influenciar progressivamente pelos impulsos emanados da religião, estes adquirem nele um poder que penetra até no corpo etéríco, transformando-o do mesmo modo como impulsos menores promovem a transformação do corpo astral. Esses impulsos menores da vida, que se aproximam do homem por meio do aprendizado, da reflexão, da sublimação dos sentimentos, etc. estão sujeitos às circunstâncias cambiantes da existência; já os sentimentos religiosos imprimem ao pensar, ao sentir e ao querer um cunho unitário, como que espalhando uma luz genérica e uniforme sobre toda a vida anímica. Hoje o homem pensa e sente isto, amanhã aquilo. A isso conduzem os mais diversos motivos. Quem, no entanto, por seu sentimento religioso — seja lá qual for —, pressentir algo que atravessa todas as mudanças, relacionará tanto os pensamentos e sentimentos de hoje quanto as vivências futuras de sua alma com essa sensação fundamental. Portanto, a crença religiosa possui algo de incisivo na vida anímica; suas influências se intensificam cada vez mais no decorrer do tempo, por atuarem em contínua repetição. Com isso obtêm o poder de atuar sobre o corpo etérico.

É de maneira semelhante que atuam sobre o homem as influências da verdadeira arte. Quando, pela forma exterior, pela cor ou pelo som de uma obra de arte ele penetra com a imaginação e o sentimento nos fundamentos espirituais dessa obra, os impulsos assim recebidos pelo eu atuam, de fato, até no corpo etérico. Quando se pensa nisso em profundidade é que se pode avaliar a imensa importância da arte para todo o desenvolvimento humano.

Com isto indicamos apenas alguns aspectos que levam o eu a atuar sobre o corpo etérico. Existem muitas influências semelhantes na vida humana, não tão evidentes ao olhar observador quanto os mencionados. Já por estes, no entanto, pode-se ver que no homem está oculto outro membro que é progressivamente elaborado pelo eu. Pode-se considerar esse membro como o segundo no plano espiritual, designando-o justamente como *espírito vital* (o mesmo que, à imitação sabedoria oriental, se denomina *buddhi).* A expressão ‘espírito vital’ é adequada por designar algo onde atuam as mesmas forças que atuam no ‘corpo vital’; só que quando essas forças se manifestam como corpo vital o eu humano não está ativo. No entanto, ao se expressarem como espírito vital elas são impregnadas pela atividade do eu.

A evolução intelectual do homem, bem como o refinamento e enobrecimento de seus sentimentos e manifestações volitivas, constituem a medida da metamorfose de seu corpo astral em personalidade espiritual; suas vivências religiosas e muitas outras experiências gravam-se no corpo etérico, transformando-o em espírito vital. No decorrer normal da vida, isso se passa mais ou menos inconscientemente; em contrapartida, a chamada *iniciação* do homem consiste no fato de ele, por meio do conhecimento supra-sensível, obter os meios pelos quais possa tomar nas mãos, muito conscientemente, esse trabalho na personalidade espiritual e no espírito vital. Sobre esses meios falaremos em passagens ulteriores deste livro. Por ora importa mostrar que no homem, além da alma e do corpo, atua também o espírito. Mais tarde também se mostrará como esse espírito, em contraposição ao corpo transitório, pertence à parte *eterna* do homem.

Com o trabalho junto ao corpo astral e ao corpo etérico, porém, a atividade do eu ainda não se esgotou; ela se estende também ao corpo físico. Pode-se ver um indício dessa influência do eu sobre o

corpo físico quando, por força de certas vivências, surgem por exemplo o rubor ou a palidez. Aqui o eu efetivamente origina um processo no corpo físico. Quando, graças à atividade do eu, produzem-se no homem transformações relativas à sua influência no corpo físico, o eu está realmente unido às forças ocultas desse corpo físico — as mesmas forças que provocam seus processos físicos. Cabe então dizer que, por meio dessa atividade, o eu trabalha junto ao corpo físico. Esta expressão não deve ser mal-entendida. Não cabe surgir a opinião de que esse trabalho seja algo rudemente material. O que no corpo físico parece rudemente material é apenas o aspecto manifesto nele. Atrás dessa manifestação se encontram as forças ocultas de seu ser, e estas são de natureza espiritual. Não é de um trabalho sobre o elemento material — sob cujo aspecto o corpo físico *se manifesta* — que se pretende falar aqui, e sim do trabalho espiritual junto às forças invisíveis que o fazem nascer e o levam à destruição. Na vida comum, esse trabalho do eu junto ao corpo físico só pode chegar com mínima clareza à consciência. Essa clareza só advém plenamente quando, sob a influência do conhecimento supra-sensível, o homem toma conscientemente o trabalho nas mãos. Mas então fica bem claro que no homem existe um terceiro membro espiritual. Trata-se daquele que, em contraposição ao homem físico, pode ser chamado de *homem-espírito.* (Na sabedoria oriental, esse 'homem-espírito' é denominado *atma.)*

Com relação ao homem-espírito, pode-se cometer facilmente o engano de ver no corpo físico o membro inferior do homem, ficando difícil aceitar que o trabalho junto a esse corpo físico deva caber ao membro mais elevado da entidade humana. Mas é justamente pelo fato de o corpo físico esconder sob três véus o espírito atuante nele que se requer o mais elevado tipo de trabalho humano para unir o eu àquilo que é seu espírito oculto.

Assim, para a Ciência Oculta o ser humano se apresenta como uma entidade composta de diversos membros. De natureza corporal são o corpo físico, o corpo etérico e o corpo astral; os anímicos são a alma da sensação, a alma do intelecto e a alma da consciência. É na alma que eu difunde sua luz. E os membros espirituais são a personalidade espiritual, o espírito vital e o homem-espírito. Das explicações acima se depreende que a alma da sensação e o corpo astral são intimamente ligados e, em certo sentido, perfazem um todo. De maneira análoga, a alma da consciência e a personalidade espiritual formam um todo, pois na alma da consciência resplandece o espírito, irradiando daí para os demais membros da natureza humana.

Levando tudo isso em consideração, cabe também falar da seguinte composição do ser humano: o corpo astral e a alma da sensação podem ser sintetizados num único membro, o mesmo ocorrendo com a alma da consciência e a personalidade espiritual; a *alma do intelecto,* por participar da natureza do eu e, em certo sentido, já ser um eu — embora ainda não consciente de sua natureza espiritual —, pode ser designada simplesmente por 'eu'. Têm-se então sete partes do ser humano: 1) corpo físico; 2) corpo etérico ou vital; 3) corpo astral; 4) eu; 5) personalidade espiritual; 6) espírito vital; 7) homem-espírito.

Nem para alguém habituado a idéias materialistas essa composição setenária do homem possuiria o 'caráter nebulosamente mágico' que muitas vezes lhe é atribuído, se ele se atívesse exatamente ao sentido das explicações acima e introduzisse de antemão esse 'caráter mágico' no assunto. De nenhuma outra maneira, mas somente do ponto de vista de uma forma superior de observação do mundo, se deveria falar desses 'sete' membros do ser humano tal qual se fala das sete cores da luz ou dos sete tons da escala musical (considerando-se a oitava uma repetição da tônica). Tal como a luz se manifesta em sete cores e o som em sete graus tonais, assim a natureza *unitária* do homem se manifesta nos sete membros descritos. Assim como o número sete não contém algo de 'superstição' no caso do som e da cor, tampouco isso ocorre no caso da composição do homem. (Certa ocasião em que tudo isso foi exposto verbalmente, foi dito que o assunto do número sete no caso das cores não conferia, pois além do 'vermelho' e do 'violeta' existem ainda cores que os olhos não percebem. Mesmo considerando-se isso, a comparação com as cores é correta, pois a entidade humana também se estende para além do corpo físico, de um lado, e para além do homem-espírito, de outro; só que

para os meios da observação espiritual esses prolongamentos são 'espiritualmente invisíveis' como são invisíveis, para o olho físico, as cores para além do vermelho e do violeta. Esta observação se fez necessária pelo fato de surgir facilmente a opinião de que a concepção supra-sensível não assume com exatidão o pensamento das Ciências Naturais, sendo diletante em relação a ele. No entanto, quem considera corretamente o que se disse aqui pode constatar que em trecho algum este conteúdo está em contradição com a autêntica Ciência Natural — nem quando são citados fatos científicos a título de ilustração, nem quando nos referimos, com nossas explanações, a uma relação direta com a pesquisa da natureza.)

Sono e morte

Não se pode compreender a natureza da consciência desperta sem observar o estado que o homem atravessa durante o sono; tampouco se pode abordar o enigma da vida sem considerar a morte. Para a pessoa indiferente ao significado do conhecimento supra-sensível, podem surgir dúvidas a respeito desse conhecimento já a partir do modo como este observa o sono e a morte. Esse conhecimento pode respeitar os motivos de tais dúvidas, pois nada há de incompreensível no fato de alguém dizer que o homem foi criado para a vida atuante e produtiva, sendo suas realizações baseadas na dedicação a isso; e que o aprofundamento em estados como o sono e a morte só poderiam brotar de devaneio ocioso, não conduzindo senão a fantasias. Pode-se facilmente ver na reprovação de tais 'fantasias' a expressão de uma alma saudável, e na dedicação a tal 'devaneio ocioso' algo doentio, típico de pessoas desprovidas de força e alegria de viver, incapazes de um 'autêntico processo criador'. Seria injusto tachar, *a priori,* tal juízo de incorreto, pois este contém certa dose de verdade; trata-se de um quarto de verdade, que deve ser completada pelos restantes três quartos que lhe pertencem. E só provoca desconfiança naqueles que compreendem esse quarto, mas não suspeitam da existência dos outros três, quem combate esse único quarto verdadeiro.

É preciso admitir incondicionalmente que uma observação daquilo que o sono e a morte ocultam é mórbida quando conduz a um enfraquecimento, a uma alienação da verdadeira vida. E não se pode concordar menos que, desde tempos remotos, muito do que se tem chamado de Ciência Oculta, sendo ainda hoje praticado sob essa denominação, traz um cunho doentio e hostil à vida. No entanto, tal aspecto doentio não provém, em absoluto, de um *autêntico* conhecimento supra-sensível. A realidade dos fatos é, muito mais, a seguinte:

Assim como não pode estar sempre desperto, o homem tampouco pode dispensar, no âmbito global das circunstâncias da vida, o que o supra-sensível lhe pode proporcionar. A vida continua no sono, e as forças que trabalham e criam no estado de vigília retiram seu vigor e sua renovação daquilo que o sono lhes dá. O mesmo acontece com o que o homem pode observar no mundo manifesto. O âmbito do mundo é mais amplo do que o campo *dessa* observação. E o que o homem conhece no plano sensível *deve* ser completado e fecundado pelo que ele pode saber sobre os mundos invisíveis. Um ser humano que não buscasse repetidamente no sono o fortalecimento das energias despendidas conduziria sua vida à destruição; do mesmo modo, uma cosmovisão não fecundada pelo conhecimento da realidade oculta conduziria à desolação.

Algo semelhante ocorre com a 'morte'. Os seres vivos sucumbem à morte para que nova vida possa surgir. É justamente o conhecimento do supra-sensível que espalha uma clara luz sobre esta bela sentença de Göethe: "A natureza inventou a morte para ter mais vida." [25]Assim como, no sentido comum, não pode haver vida sem a morte, não pode existir qualquer conhecimento autêntico do mundo visível sem a visão do supra-sensível. Todo conhecimento do visível deve imergir sempre de

[25] Literalmente: "A vida é sua mais bela invenção e a morte é seu artifício para ter mais vida." Goethe, 'A natureza', em *Naturwissenschaftliche Schriften* [Escritos científico-naturais], editados e comentados por Rudolf Steiner na *Deutsche National-Literaturde* Kürschner, 5 vols. (1884—1897). Reed. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1975, GA Ia—e, vol. 2, GA Ib, p. 8. (N.E. orig.)

novo no invisível para poder desenvolver-se. É, portanto, evidente que só a ciência do supra-sensível possibilita a vida do conhecimento do manifesto; ela nunca enfraquece a vida quando desponta em sua forma genuína: fortalece-a e volta a revigorá-la quando esta, entregue a si mesma, se tornou fraca e enferma.

Quando o homem imerge no sono, altera-se a relação entre os membros de sua entidade. A parte do homem adormecido que fica em repouso no leito contém o corpo físico e o corpo etérico, mas não o corpo astral nem o eu. É pelo fato de o corpo etérico permanecer unido ao corpo físico durante o sono que as funções vitais continuam — pois no momento em que fosse abandonado a si próprio, o corpo físico entraria em decomposição. O que, no entanto, está desligado durante o sono são as representações mentais, o sofrimento e o prazer, a alegria e a dor, assim como a capacidade de manifestar uma vontade consciente e outros fatos da existência. O veículo de tudo isso é o corpo astral. Para um critério imparcial não pode, naturalmente, entrar em consideração a opinião de que no sono o corpo astral, com todos os seus prazeres e sofrimentos, com todo o seu mundo representativo e volitivo, está aniquilado. Ele está existindo justamente em outro estado. Para que o eu humano e o corpo astral não apenas sejam preenchidos com prazer, sofrimento e tudo o mais que mencionamos, mas também tenham disso uma percepção consciente, é necessário que o corpo astral esteja ligado ao corpo físico e ao corpo etérico. No estado de vigília isso ocorre, mas não durante o sono, quando o corpo astral se retirou, assumindo uma forma de existência diferente daquela que caracteriza sua união com os corpos físico e etérico. Ora, é a tarefa do conhecimento supra-sensível observar essa outra forma da existência no corpo astral. Para a observação no mundo exterior, o corpo astral desaparece no sono; a percepção supra-sensível, por sua vez, tem de segui-lo em sua vida até que, ao despertar, ele reassuma os corpos físico e etérico.

Como em todos os casos em que se trata do conhecimento das coisas e processos ocultos do mundo, a observação supra-sensorial é necessária para descobrir, em sua forma própria, os verdadeiros fatos do estado de sono; todavia, uma vez declarados os resultados dessa observação, isso pode ser compreendido logo à primeira vista por um pensamento realmente imparcial, pois os processos do mundo oculto revelam-se em seus efeitos no mundo visível. Quando se constata como os resultados da observação supra-sensorial tornam compreensíveis os fenômenos sensoriais, tal constatação por meio da vida constitui a prova que se pode exigir em tais assuntos. Quem não desejar utilizar os meios expostos adiante para se chegar à observação supra-sensorial, poderá fazer a seguinte experiência: poderá admitir provisoriamente as informações do conhecimento supra-sensível e aplicá-las aos fenômenos de sua experiência. Assim poderá descobrir que por esse meio a vida se torna clara e inteligível; e chegará tanto mais a essa convicção quanto mais minuciosa e detalhadamente observar a vida cotidiana.

Embora durante o sono o corpo astral não vivencie qualquer representação mental nem experimente prazer, sofrimento ou algo semelhante, ele não permanece inativo; justamente no estado de sono cabe-lhe uma intensa atividade. Trata-se de uma atividade que ele deve sempre reiniciar em seqüência rítmica, depois de ter estado ativo em conjunto com os corpos físico e etérico. Qual um pêndulo de relógio que, depois de oscilar para a esquerda e voltar à posição central, oscila para a direita sob o impacto da energia acumulada, o corpo astral e o eu contido em seu seio, depois de atuar durante algum tempo dentro dos corpos físico e etéríco, devem, em virtude dos resultados dessa atividade, desenvolver sua mobilidade livres do corpo físico, num ambiente anímico-espiritual.

Na condição humana comum, é nesse estado em que o corpo astral e o eu se encontram livres do corpo físico que penetra a inconsciência, pois esta representa o *oposto* do estado de consciência desenvolvido na vigília pela união com os corpos físico e etérico — do mesmo modo como a oscilação do pêndulo para a direita causa o movimento oposto para a esquerda. A necessidade de entrar nessa inconsciência é sentida pelo elemento anímico-espiritual do homem como *fadiga.* Porém essa fadiga é a expressão de que durante o sono o corpo astral e o eu se preparam para, na vigília subseqüente, fazer retroceder nos corpos físico e etérico o que surgiu neles, enquanto libertos do

elemento anímico-espiritual, por obra de uma atividade formativa simplesmente orgânica, inconsciente. Essa atividade formativa inconsciente, e o que ocorre no ser humano durante e por intermédio da consciência, são opostos. Trata-se de opostos que devem alternar-se em seqüência rítmica.

Somente do corpo etérico o corpo físico pode receber a forma e a estrutura adequadas ao ser humano. Porém essa forma humana do corpo físico só pode ser recebida de um corpo etérico ao qual, por sua vez, sejam dirigidas forças apropriadas pelo corpo astral. O corpo etérico é o plasmador, o arquiteto do corpo físico. Contudo, ele só pode realizar corretamente sua tarefa quando o estímulo para a maneira de fazê-lo é recebido do corpo astral. É neste que estão os *modelos* segundo os quais o corpo etérico confere ao corpo físico sua forma. Durante o estado de vigília, o corpo astral não está preenchido por esses modelos do corpo físico, ou ao menos os contém apenas até certo grau, pois durante esse estado desperto a alma coloca suas próprias imagens no lugar desses modelos. Quando o homem dirige seus sentidos ao mundo exterior, passa a formar em suas representações mentais, justamente por meio da percepção, imagens que são reproduções do mundo circundante. Tais reproduções constituem, de início, perturbações para as imagens que estimulam o corpo etérico à conservação do corpo físico. Só se o homem, por atividade própria, pudesse ministrar ao seu corpo astral as imagens capazes de dar ao corpo etérico o estímulo adequado, é que essa perturbação não existiria. Na existência humana, porém, justamente essa perturbação desempenha um importante papel; ela se exprime fazendo com que no estado de vigília os modelos para o corpo etérico não atuem com todo o seu vigor. O corpo astral realiza seu desempenho de vigília dentro do corpo físico; durante o sono, seu trabalho sobre ele é realizado de fora.[26]

Assim como, por exemplo, para prover-se dos meios alimentares o corpo físico precisa do mundo exterior, de cuja natureza compartilha, algo análogo ocorre com o corpo astral. Imagine-se um corpo físico humano afastado de seu mundo circundante: ele fatalmente pereceria. Isto mostra que sem o conjunto do ambiente físico sua existência não é possível. De fato, a Terra inteira tem de ser exatamente como é para que corpos físicos humanos possam existir sobre ela. Na verdade, esse corpo humano como um todo é apenas uma parte da Terra — aliás, em sentido mais amplo, de todo o Universo físico. Nesse sentido, ele se comporta do mesmo modo como, por exemplo, um dedo da mão em relação ao corpo inteiro. Separe-se o dedo da mão, e este não poderá continuar a ser um dedo — ele apodrecerá. O mesmo sucederia com o corpo humano se este fosse afastado do organismo do qual é um membro — das condições vitais que a Terra lhe oferece. Eleve-se o homem uma quantidade suficiente de milhas acima da superfície terrestre, e ele perecerá tal qual o dedo que é cortado da mão. Se o homem presta menos atenção a esse fato com relação a seu corpo físico do que com relação ao dedo e a resto do corpo, isso reside simplesmente no fato de o dedo não poder locomover-se pelo corpo como o homem sobre a Terra, sendo, portanto, sua dependência mais facilmente visível.

Assim como o corpo físico está entrosado no mundo físico, ao qual pertence, o corpo astral está ligado ao seu próprio mundo. Ora, durante o estado de vigília ele é arrancado desse mundo. O que então ocorre pode ser ilustrado com uma comparação:

Imagine-se um recipiente com água. Dentro de toda essa massa d'água, uma gota em separado nada representa por si. Contudo, tomemos uma esponjinha e com ela absorvamos uma gota de toda essa massa líquida. Algo semelhante ocorre com o corpo astral do homem ao acordar. Durante o sono, ele está num mundo que lhe é igual. De certa maneira, ele é algo pertencente a esse mundo. No momento do acordar, os corpos físico e etérico o absorvem, preenchendo-se com ele. Eles contêm os órgãos mediante os quais o corpo astral percebe o mundo exterior. Contudo, para chegar a essa percepção este deve separar-se de seu mundo; mas é apenas desse seu mundo que ele pode receber os modelos de que necessita para o corpo etérico.

Assim como, por exemplo, os alimentos são fornecidos ao corpo físico por seu meio em redor,

[26] Sobre natureza da fadiga, veja-se o capítulo 'Particularidades do âmbito da Ciência Espiritual', no final do livro. (NA.)

ao corpo astral são fornecidas, durante o estado de sono, as *imagens* de seu mundo circundante. Aí ele vive de fato no Universo, fora dos corpos físico e etérico — no mesmo Universo do qual nasceu o homem inteiro. É nesse Universo que se encontra a fonte das imagens mediante as quais o homem recebe sua forma. Ele está integrado harmoniosamente nesse mundo, e durante a vigília se retira dessa harmonia abrangente para chegar à percepção exterior. Durante o sono, seu corpo astral se volta novamente para essa harmonia universal; e durante o acordar este transmite tanta força dela aos demais corpos que pode prescindir por algum tempo da permanência na harmonia. Durante o sono o corpo astral volta à sua pátria, e durante o despertar traz consigo forças revigoradas para a vida. A expressão exterior das energias que o corpo astral traz ao despertar é o bem-estar que um sono sadio produz. As explicações ulteriores da Ciência Oculta mostrarão que essa pátria do corpo astral é mais abrangente do que, no sentido mais restrito, a parte do ambiente físico pertencente ao corpo físico. Enquanto o homem, como ser físico, é um membro da Terra, seu corpo astral pertence a mundos que incluem outros corpos cósmicos além da Terra. Com isso ele penetra — o que, como já dissemos, só poderá ser esclarecido nas explicações ulteriores —, durante o sono, num Universo ao qual pertencem outros mundos além da Terra.

Deveria ser supérfluo chamar a atenção para um mal-entendido que facilmente se introduz a respeito desses fatos; porém não é desnecessário em nossa época, em que existem certas mentalidades materialistas. Nos círculos onde elas prevalecem pode-se dizer, naturalmente, que pesquisar algo como o sono só é científico segundo suas circunstâncias físicas. Embora os eruditos ainda não tenham chegado a uma conclusão a respeito das causas físicas do sono, uma coisa é certa: que se deveria considerar determinados processos físicos subjacentes a esse fenômeno. Ora, se ao menos reconhecessem que o conhecimento supra-sensível não está, de forma alguma, em contradição com essa afirmativa! Ele está de acordo com tudo o que se diz desse lado, tal como se admite que para a construção física de uma casa deve-se colocar um tijolo sobre o outro e, uma vez pronta a casa, sua forma e estrutura podem ser explicadas por leis puramente mecânicas. Contudo, para que se erga a casa é necessário o pensamento do arquiteto. Esse pensamento não pode ser encontrado pela simples investigação de leis físicas.

Tal como atrás das leis físicas que explicam a construção da casa existem os pensamentos de seu criador, atrás das observações incontestáveis da ciência física existe aquilo a que se refere o conhecimento supra-sensível. É óbvio que essa analogia é freqüentemente apresentada quando se quer justificar um fundo espiritual do Universo; pode-se considerá-la trivial. Porém nessas coisas não se trata da familiarização com certos conceitos, mas de atribuir-lhes o justo peso para a fundamentação de um assunto. Isso pode ser simplesmente impedido pelo fato de idéias contrárias exercerem um excessivo poder sobre o discernimento necessário para a correta avaliação desse peso.

Um estado intermediário entre a vigília e o sono — eis o que é sonho. O que as vivências oníricas oferecem a uma observação sensata é o multifário entretecimento de um mundo de imagens, o qual, no entanto, também abriga algo de normas e leis. Emersão e imersão, muitas vezes em seqüências desordenadas, é o que à primeira vista esse mundo parece revelar. Em sua vida onírica o homem está desligado da lei da consciência de vigília, que o acorrenta à percepção dos sentidos e às normas de seu juízo. Não obstante, o sonho possui algo das misteriosas leis que são estimulantes e atraentes para o pressentimento humano, sendo a causa mais profunda do fato de se gostar de comparar sempre com o ‘sonhar’ aquele admirável jogo de fantasia subjacente à sensibilidade artística. Basta lembrarmos alguns sonhos característicos para ver corroborada esta afirmação.

Uma pessoa sonha, por exemplo, estar rechaçando um cão que investe contra ela. Uma vez desperta, ela verifica que estava ínconscientemente afastando de si uma parte do cobertor que se posicionara de modo não-habitual junto a seu corpo e, portanto, causara seu desconforto. O que, nesse caso, a vida onírica provoca a partir do fato sensorialmente perceptível? O que os sentidos perceberiam no estado de vigília a vida do sono deixa, de início, repousar inteiramente no inconsciente. Contudo esta retém algo essencial, ou seja, o fato de o homem querer *afastar* algo de si.

Em torno disso, tece um processo metafórico. As imagens, como tais, são ecos da vida diurna desperta. A maneira como são extraídas dela possui algo de arbitrário. Cada qual tem a sensação de que o sonho, na mesma circunstância, poderia simular-lhe também outras imagens; porém a sensação de que a pessoa tem de afastar algo seria expressa simbolicamente. O sonho cria símbolos; ele é um simbolizador.

Também processos interiores podem transformar-se em tais sonhos simbólicos. Uma pessoa sonha que um incêndio crepita a seu lado; ela vê as labaredas no sonho. Desperta e sente que se cobriu demais, tendo ficado com calor. A sensação de calor excessivo se expressa simbolicamente na imagem.

Vivências muito dramáticas podem desenrolar-se no sonho. Alguém sonha, por exemplo, que está na beira de um precipício. Vê uma criança aproximar-se correndo. O sonho o faz vivenciar todos os tormentos causados pela idéia de uma possível desatenção da criança, ocasionando sua queda no abismo. Ele a vê cair e ouve o baque surdo do corpo no fundo. Desperta e verifica que um objeto pendurado na parede do quarto se desprendeu, provocando um ruído surdo ao cair. Esse simples incidente é expresso pela vida onírica num processo que se desenrola em imagens emocionantes.

Por ora não é preciso ficar refletindo sobre como, neste último exemplo, o instante do choque de um objeto pode ter-se desdobrado numa série de fatos, parecendo estender-se por um certo lapso de tempo; basta considerar como o sonho transforma em *imagem* o que seria oferecido pela percepção sensorial desperta.

Vê-se, pois, que tão logo se interrompe a atividade dos sentidos, vigora no homem um elemento criador. Trata-se do mesmo elemento criador que também está presente no sono totalmente livre de sonhos, representando o oposto do estado anímico de vigília. Para que se introduza esse sono sem sonhos, o corpo astral precisa ter-se retirado dos corpos físico e etérico. Durante o sonho, ele está separado do corpo físico na medida em que não possui mais ligação com seus órgãos sensoriais, mantendo, porém, ainda certa ligação com o corpo etérico. O fato de os processos do corpo astral poderem ser observados pictoricamente resulta dessa sua ligação com o corpo etérico. No momento em que cessa também essa ligação, as imagens submergem nas trevas da inconsciência, advindo o sono sem sonhos. O caráter arbitrário e freqüentemente absurdo das imagens oníricas deve-se ao fato de o corpo astral, por causa de sua separação dos órgãos sensoriais do corpo físico, não ser capaz de relacionar suas imagens com os corretos objetos e ocorrências do mundo exterior.

Especialmente esclarecedora para esse caso é a observação de um sonho em que o eu, por assim dizer, se desagrega — quando alguém, por exemplo, sonha que é aluno e não sabe responder a uma pergunta do professor, ao passo que imediatamente depois o próprio professor a responde. Não podendo utilizar, durante o sonho, os órgãos perceptivos de seu corpo físico, ele não consegue relacionar ambos os processos consigo próprio, com a mesma pessoa. Portanto, também para reconhecer a si próprio como um eu permanente o homem precisa, de início, estar equipado com órgãos perceptivos exteriores. Só tendo adquirido a faculdade de tornar-se consciente de seu eu, por outros meios que não tais órgãos perceptivos, é que o homem poderia perceber, além de seu corpo físico, também o eu perene. A consciência supra-sensível deve adquirir tais faculdades, e neste livro serão abordados, mais adiante, os meios para isso.

Também a morte ocorre mediante nada mais do que uma alteração na relação entre os membros do ser humano. O que a observação supra-sensível fornece, nesse sentido, também pode ser visto em seus efeitos no mundo manifesto; e o juízo imparcial verá confirmadas também aqui, pela observação da vida extenor, as comunicações do conhecimento supra-sensível. Todavia, neste caso a manifestação do invisível no âmbito visível é menos evidente, tendo-se maiores dificuldades para sentir todo o peso dos fatos que, nos acontecimentos da vida exterior, corroboram as comunicações dos conhecimentos supra-sensíveis nesse âmbito. Mais facilmente ainda do que alguns tópicos anteriores deste livro, as presentes comunicações podem ser consideradas produtos da fantasia por quem queira fechar-se ao conhecimento de *como* está contida no plano sensorial a clara indicação do

supra-sensível.

Enquanto, na transição para o sono, o corpo astral se desvencilha apenas de sua ligação com os corpos etérico e físico, que no entanto permanecem ligados, com o advento da morte estes últimos se separam. O corpo físico fica abandonado às suas próprias forças, devendo, por isso, entrar em decomposição na qualidade de cadáver. Para o corpo etérico, porém, a morte traz uma situação em que ele nunca estivera durante o tempo desde o nascimento — exceto em certas circunstâncias excepcionais, das quais ainda falaremos. É que agora ele se acha unido ao corpo astral sem a presença do corpo físico, pois não é imediatamente após a morte que o corpo etérico e o corpo astral se separam: eles continuam, por algum tempo, ligados por uma força cuja existência é facilmente compreensível, já que sem ela o corpo etérico não poderia separar-se do corpo físico. Sua estreita ligação com este último é demonstrada pelo sono, durante o qual o corpo astral não é capaz de desligar esses dois membros do ser humano. Essa força entra em atividade no momento da morte. Ela desprende o corpo etérico do corpo físico, de modo que o primeiro fica agora unido ao corpo astral.

A observação supra-sensível mostra que essa união após a morte é variável entre as diversas pessoas. A duração limita-se a alguns dias. Sobre esse tempo, por ora cabe aqui falar apenas a título de informação.

Mais tarde o corpo astral se desliga também de seu corpo etérico, prosseguindo caminho sem ele. Durante a união dos dois corpos, o homem se encontra num estado mediante o qual pode perceber as vivências de seu corpo astral. Enquanto o corpo físico está presente, com a separação do corpo astral deve iniciar-se imediatamente, de fora, a tarefa de reanimar os órgãos desgastados. Com o desligamento do corpo físico, cessa esse trabalho. No entanto, a força utilizada nessa tarefa enquanto o homem dormia continua a existir depois da morte, podendo agora aplicar-se a outros fins. Ela passa a ser utilizada para tornar perceptíveis os processos peculiares do corpo astral.

Uma observação limitada aos aspectos exteriores da vida poderia, em todo o caso, dizer que todas essas afirmações são esclarecedoras para os dotados da visão supra-sensível; e que para outras pessoas não existe qualquer possibilidades de aproximar-se de sua verdade. Porém não se trata disso. O que o conhecimento supra-sensível observa, mesmo nesse domínio distanciado da visão comum, *depois de encontrado* pode ser compreendido pelo discernimento comum. Só que esse discernimento precisa considerar devidamente as correlações da vida subjacentes ao plano manifesto. Elaborar representações mentais, sentir e querer guardam entre si, bem como com as vivências do homem no mundo exterior, uma relação tal que permanecem incompreensíveis quando o modo de sua atividade *manifesta* não é considerado expressão de outra, não-manifesta. Essa atividade manifesta só se elucida para o discernimento quando, em seu decorrer na vida humana física, é considerada como resultado daquilo que o conhecimento supra-sensível constata no plano não-físico. Diante dessa atividade e sem o conhecimento supra-sensível, a pessoa se sente como sem luz numa sala escura. Assim como os objetos físicos do ambiente só podem ser vistos na luz, aquilo que se desenrola por meio da vida anímica humana só pode ser elucidado pelo conhecimento supra-sensível.

Durante a ligação do homem com seu corpo fisico, o mundo exterior entra na consciência sob forma de imagens; após a separação desse corpo, torna-se perceptível o que o corpo astral vivencia quando não está ligado ao mundo exterior por qualquer órgão físico. De início ele não tem vivências novas. A ligação com o corpo etérico o impede de vivenciar algo novo. O que, no entanto, ele possui é a *recordação* da vida passada. O corpo etérico, ainda presente, faz essa vida passada parecer um quadro abrangente e cheio de vida. Esta é a primeira vivência do homem após a morte. Ele percebe sua vida decorrida entre o nascimento e a morte como uma seqüência de *imagens* desenrolada à sua frente. Durante essa vida, a recordação só existe no estado de vigília, quando o homem está ligado a seu corpo físico. Ela só existe na medida em que esse corpo o permite. Para a alma, nada se perde daquilo que a impressiona na vida. Se o corpo físico fosse um instrumento perfeito para tal, em cada instante da vida deveria ser possível fazer aparecer magicamente, diante da alma, todo o passado dessa vida. Com a morte, esse impedimento cessa. Enquanto o corpo etérico permanece conservado

para o homem, existe uma certa perfeição recordativa. Esta, no entanto, desaparece gradualmente à medida que o corpo etérico perde a forma que possuía durante sua permanência no corpo físico, ao qual se assemelhava. Aliás, esse é também o motivo por que depois de algum tempo o corpo astral se separa do corpo etérico, ao qual só pode permanecer unido enquanto este mantém a forma correspondente ao corpo físico.

Durante a vida entre o nascimento e a morte, uma separação do corpo etérico só ocorre excepcionalmente e por breve tempo. Quando, por exemplo, o homem pressiona fortemente um de seus membros, uma parte do corpo etérico pode separar-se do corpo físico. Nesse caso, costuma-se dizer que o membro em questão está 'dormente'. A sensação típica que se tem deve-se à separação do corpo etérico. (Naturalmente uma mentalidade materialista pode, também neste caso, negar a manifestação do invisível no visível e dizer que tudo resulta apenas do distúrbio físico provocado pela pressão.) A observação supra-sensorial pode ver, em tal caso, como a parte correspondente do corpo etérico se retira do físico.

Também quando a pessoa leva um grande susto ou algo semelhante, pode ocorrer em grande parte do corpo, por um lapso de tempo muito curto, tal separação do corpo etérico. É esse o caso quando subitamente o homem se vê, por algum motivo, perto da morte — por exemplo, num afogamento ou quando, numa excursão de alpinismo, está na iminência de uma queda. O relato das pessoas que passaram por tais situações aproxima-se de fato da verdade, podendo ser constatado pela observação suprasensível. Elas dizem que nessas ocasiões toda a sua vida apareceu diante de sua alma como num grande panorama recordativo. Dos muitos exemplos que poderiam ser citados, mencionaremos apenas um, procedente de um homem para cuja mentalidade tudo o que é dito aqui a respeito de tais assuntos deve parecer mera fantasia. Realmente, para quem dá alguns passos na observação supra-sensível, é sempre de grande utilidade conhecer os depoimentos dos que consideram esta ciência uma fantasia. A tais depoimentos não se pode tão facilmente atribuir parcialídade do observador. (Que os estudiosos da Ciência Oculta possam aprender o quanto possível daqueles que consideram seus anseios absurdos, sem precisar desconcertar-se pelo fato de não haver reciprocidade a esse respeito. Na verdade, para a observação supra-sensível tais fatos não são necessários para comprovar a *autenticidade* de seus resultados. Com estas indicações ela não quer *provar,* e sim ilustrar.)

O excelente antropólogo criminalista Moritz Benedikt, importante pesquisador em muitos outros domínios da ciência, relata em suas memórias sua experiência pessoal em que certa vez, na iminência de afogamento durante um banho de rio, viu diante de si, na memória, toda a sua vida num único quadro.[27]

Se outras pessoas descrevem de modo diverso as imagens vivenciadas em ocasiões semelhantes, chegando a parecer que as mesmas tenham pouca relação com acontecimentos passados, isso não contradiz o que foi exposto, pois as imagens que surgem na situação totalmente incomum da separação do corpo físico não são, à primeira vista, compreensíveis em sua relação com a vida. No entanto, uma observação correta sempre reconhecerá essa relação. Nada impede tampouco, por exemplo, que alguém tenha estado prestes a se afogar e não tenha tido a citada experiência. Cabe considerar que isso *só* pode ocorrer quando o corpo etérico realmente está separado do corpo físico mas continua unido ao corpo astral. Se, por causa do susto, ocorre uma separação entre o corpo etérico e o corpo astral, a experiência fica excluída, porque então existe a inconsciência total, como no

[27] Moritz Benedikt (1835—1920) descreve em sua autobiografia intitulada *Aus mei nem Leben. Erinnerungen und Erörterungen* (Viena, 1906), p. 35, esse caso da seguinte maneira: "Desde a infância eu adorava a água, onde vivenciei algumas passagens que ainda permanecem em minha memória. Eu me esforçava para ser um nadador em plena natureza, e então me aconteceu que, ao nadar na parte funda do Danúbio, eu submergi. Por sorte fui dar numa estaca que servia de marco para os banhistas. Fazia pouco mais de meio minuto que eu tivera a consciência de estar-me afogando. Então fiz a curiosa constatação de que, nesse ínterim, recordações acumuladas de minha vida passaram diante de mim com rapidez vertiginosa. Essa constatação é conhecida da psicologia; poucos a vivenciaram pessoalmente. Naquela época eu tinha cerca de doze anos...". (N.E. orig.)

sono sem sonhos.

No primeiro período após a morte, o passado aparece condensado num quadro recordativo. Após a separação do corpo etérico, o corpo astral fica sozinho em sua peregrinação posterior. Não é difícil compreender que no corpo astral continua existindo tudo o que ele adquiriu por atividade própria durante sua permanência no corpo físico. O eu elaborou até certo grau a personalidade espiritual, o espírito vital e o homem-espírito. Até o ponto em que estão desenvolvidos, estes não recebem sua existência dos órgãos presentes nos corpos, e sim do eu. Esse eu é justamente aquele ser que não precisa de órgãos exteriores para sua percepção, nem tampouco para manter a posse daquilo que ele uniu a si próprio. Alguém poderia objetar: por que no sono não existe qualquer percepção desses membros desenvolvidos — personalidade espiritual, espírito vital e homem-espírito? Ela não existe porque entre o nascimento e a morte o eu está atado ao corpo físico. Embora durante o sono ele esteja, juntamente com o corpo astral, fora do corpo físico, mesmo assim permanece estreitamente unido a este, pois a atividade de seu corpo astral está dirigida a esse corpo físico. É por isso que o eu tem suas percepções limitadas ao mundo sensível exterior, não podendo receber as manifestações do mundo espiritual em sua forma imediata. Só por meio da morte essa manifestação se aproxima do eu, que então está livre de sua ligação com os corpos físico e etérico. Para a alma pode resplandecer um outro mundo no momento em que ela é arrebatada do mundo físico, que na vida acorrenta a si próprio a atividade anímica.

Ora, existem razões pelas quais tampouco nesse momento cessa, para o homem, toda a ligação com o mundo exterior sensível. Na verdade, continuam existindo certos apetites que conservam essa ligação. Trata-se de apetites que o homem cria justamente pelo fato de estar consciente de seu eu como quarto membro de sua entidade. Também os apetites e desejos que brotam dos três corpos inferiores só podem atuar no âmbito do mundo exterior, cessando quando esses corpos são abandonados. A fome é provocada pelo corpo exterior; ela desaparece assim que esse corpo exterior não está mais ligado ao eu. Se o eu não tivesse mais apetites além daqueles oriundos de sua própria entidade espiritual, poderia obter, do mundo espiritual no qual foi inserido, plena satisfação com o advento da morte. Porém a vida lhe deu outras cobiças. Ela acendeu nele a ânsia por prazeres que só podem ser satisfeitos por órgãos físicos, embora eles mesmos não decorram da própria essência desses órgãos.

Não são apenas os três corpos que procuram a satisfação de seus apetites no mundo físico; o próprio eu encontra nesse mundo prazeres para os quais não existe, no mundo espiritual, qualquer objeto de satisfação. Existem dois tipos de desejos para o eu na vida: os procedentes dos corpos — devendo, portanto, ser satisfeitos dentro deles, mas cessando com sua decomposição — e os que nascem da essência espiritual do eu. Enquanto o eu está presente nos corpos, também estes são satisfeitos por meio dos órgãos corporais, pois nas manifestações dos órgãos do corpo atua o elemento espiritual oculto; e em tudo o que os sentidos percebem eles acolhem, igualmente, um elemento espiritual. Esse elemento espiritual permanece, embora de outra forma, presente também após a morte. Tudo o que o eu busca de espiritual dentro do mundo sensível, ele também o possui quando os sentidos não mais estão presentes. Se a esses dois tipos de desejos não se acrescentasse mais um terceiro, a morte significaria apenas uma transição, dos desejos passíveis de satisfação pelos sentidos, para aqueles que encontram sua satisfação na manifestação do mundo espiritual. Essa terceira espécie de desejos são aqueles que o eu engendra durante sua existência no mundo sensorial, pois ele encontra sua satisfação neles mesmo quando aí não se manifesta o espiritual.

Os prazeres mais inferiores podem ser manifestações do espírito. A satisfação que a ingestão de alimento proporciona a um ser faminto é uma manifestação do espírito — pois pela alimentação realiza-se algo sem o qual, em certo sentido, o espírito não poderia encontrar seu desenvolvimento. Porém o eu pode ultrapassar o prazer necessariamente oferecido por esse fato. Ele pode carregar a cobiça por um alimento saboroso, mesmo independentemente do benefício prestado ao espírito pela alimentação. O mesmo acontece com outros objetos do mundo sensorial. Assim, são produzidas

cobiças que nunca teriam aparecido no mundo sensorial se a este não houvesse sido incorporado o eu humano. Mas tampouco é da natureza espiritual do eu que derivam tais cobiças. O eu *deve* ter prazeres sensuais enquanto vive no corpo, embora seja de natureza espiritual; pois é no sensível que se manifesta o espírito, e nada mais agrada ao eu como o espírito quando, no mundo sensível, ele se entrega a algo iluminado pela luz espiritual. E ele continuará a desfrutar dessa luz mesmo quando a percepção sensorial já não for o meio pelo qual penetram as irradiações do espírito. Contudo, no mundo espiritual não existe qualquer satisfação para *aqueles* desejos que não sejam, também no plano físico, objeto do espírito. Com o advento da morte, cessa para esses desejos qualquer possibilidade de satisfação. O prazer relativo a uma comida saborosa só pode ser proporcionado pelos órgãos físicos utilizados em sua ingestão: língua, palato, etc. Esses o homem não possui mais após o abandono do corpo físico. Se, no entanto, o eu ainda sente necessidade de tal prazer, essa necessidade deve permanecer insatisfeita. Na medida em que corresponde ao espírito, tal gozo só persiste enquanto os órgãos físicos estão presentes. Na medida, porém, em que o eu o tenha produzido sem, com isso, servir ao espírito, esse gozo subsistirá para além da morte como desejo ansioso de satisfação. Do que ocorre então com o homem só se pode uma idéia ao imaginar alguém sofrendo uma ardente sede numa região totalmente desprovida de água. É isso o que acontece ao eu quando, depois da morte, ele conserva desejos insaciados de prazeres do mundo exterior, não possuindo os órgãos necessários para satisfazê-los. Naturalmente essa sede ardente, citada como analogia para a situação do eu após a morte, deve ser imaginada com uma intensificação desmedida, e além disso abrangendo todas as cobiças, ainda existentes, para as quais não haja *qualquer possibilidade* de satisfação.

O próximo estado do eu consiste em libertar-se desse vínculo com o mundo exterior. Nesse sentido, o eu deve realizar em si mesmo úma purificação e uma libertação. Dele devem ser eliminados todos os desejos engendrados por ele próprio dentro do corpo e que não tenham qualquer direito de cidadania no mundo espiritual.

Tal como um objeto é apoderado e consumido pelo fogo, assim o descrito mundo dos apetites é dissolvido e destruído depois da morte. Com isso se abre uma perspectiva daquele mundo que o conhecimento supra-sensível pode designar como ‘fogo devorador’ do espírito. É consumido por esse ‘fogo’ todo apetite de natureza sensual, desde que esse elemento sensual *não* seja uma manifestação do espírito.

Tais imagens que o conhecimento supra-sensível deve fornecer desses processos poderiam parecer desoladoras e espantosas. Pode parecer assustador que, após a morte, uma esperança cuja realização requer órgãos físicos se transforme em desespero; que um desejo, realizável apenas no mundo físico, deva converter-se em privação ardente. Só se pode ter tal opinião quando não se pondera que todos os desejos e cobiças consumidos após a morte pelo ‘fogo devorador’ não representam, num sentido superior, forças benéficas, mas destruidoras na vida. Por meio de tais forças o eu se liga ao mundo sensorial com um laço mais firme do que o necessário para assimilar desse mundo tudo o que lhe seja útil. Esse mundo sensorial é uma revelação do espiritual oculto atrás dele. O eu nunca poderia desfrutar do espírito, em sua forma manifesta apenas por meio dos sentidos físicos, caso recusasse servir-se desses sentidos para fruir do espírito no âmbito físico.

Contudo, o eu se afasta da autêntica realidade espiritual no mundo na medida em que usufrui do mundo sensorial sem que o espírito se manifeste nisso. Se o prazer sensorial como expressao do espírito significa *elevação,* desenvolvimento do eu, aquele que não é tal expressão acarreta seu empobrecimento e desolação. Quando um apetite dessa espécie encontra satisfação no mundo sensível, seu efeito desolador sobre o eu continua, por isso, a existir — só que antes da morte esse efeito perturbador não é perceptível ao eu. Por isso, a satisfação de tais desejos pode engendrar na vida novos desejos semelhantes, e o ser humano nem percebe que se envolve por si mesmo num ‘fogo devorador’. Só após a morte se torna visível o que o envolve já em vida e, por meio dessa visibilidade, manifesta-se ao mesmo tempo em seus efeitos salutares e benfazejos. Quem ama alguém não se sente atraído apenas por seus atributos que sensibilizam os órgãos físicos; deles só se pode dizer que com a

morte são subtraídos à percepção. No entanto, justamente se torna visível, na pessoa amada, aquilo para cuja percepção os órgãos físicos eram apenas o meio. Aliás, a única coisa que impede essa plena visibilidade é a presença daqueles apetites que só podem ser satisfeitos pelos órgãos físicos. Se esses apetites não fossem extirpados, a consciente percepção do ser amado após a morte não poderia ocorrer. Deste ponto de vista, a idéia do aspecto terrível e desolador que os acontecimentos após a morte podem ter para o homem transforma-se, como o conhecimento supra-sensível deve mostrar, em algo profundamente gratificante e consolador.

As vivências imediatamente posteriores à morte diferem fundamentalmente, em mais um aspecto, daquelas experimentadas durante a vida. No decorrer da purificação o homem vive, por assim dizer, em retrocesso. Ele repassa tudo o que experimentou na vida desde o nascimento. Principia dos acontecimentos imediatamente precedentes à morte, vivenciando tudo uma vez mais até à infância, em sentido inverso. Então surge diante de seus olhos tudo o que, de espiritual, não foi engendrado pela natureza espiritual do eu durante a vida. Só que agora ele experimenta também isto em seqüência invertida. Por exemplo, um homem morto aos sessenta anos e que aos quarenta, num impulso de ira, causou a alguém uma dor corporal ou psíquica, vivenciará esse fato novamente quando, em sua caminhada de retrocesso após a morte, tiver alcançado seus quarenta anos. Só que então ele não vívenciará a satisfação que sentiu em vida pela agressão dirigida ao outro, em sim a dor que lhe causou.

Pelo que foi dito acima, fica logo evidente que após a morte só pode ser percebido como penoso, em tal processo, algo decorrente de uma cobiça do eu, oriunda exclusivamente do mundo físico exterior. Na verdade o eu não prejudica apenas o outro pela satisfação de tal cobiça, mas a si próprio; só que durante a vida esse prejuízo lhe permanece invisível. Depois da morte, porém, todo esse mundo pernicioso das cobiças torna-se visível ao eu; e então o eu se sente atraído por todo ser e todo objeto que lhe acendeu tal cobiça, para que esta seja consumida pelo 'fogo devorador' da mesma forma como surgiu. Só quando, em sua caminhada retrocessiva, o ser humano atinge o momento de seu nascimento, é que as cobiças terão atravessado todas o fogo purificador, nada impedindo então o homem de entregar-se inteiramente ao mundo espiritual. Ele ascende a um novo nível de existência. Assim como na morte ele se desprendeu de seu corpo físico e logo em seguida do etérico, agora se desintegra aquela parte do corpo astral que só pode existir na consciência do mundo físico exterior.

Para o conhecimento supra-sensível existem, com isso, três cadáveres: o físico, o etérico e o astral. O momento em que este último é despojado pelo homem se caracteriza pelo fato de o tempo da purificação corresponder mais ou menos a um terço do tempo decorrido entre o nascimento e a morte. Só mais tarde, quando considerarmos o decurso da vida humana com base na Ciência Oculta, é que poderá ficar nítida a causa disso. Para a observação supra-sensível, no ambiente humano existem sempre cadáveres astrais, despojados por seres humanos que passam do estado de purificação para uma existência superior. Isso ocorre da mesma forma como, para a percepção física, surgem cadáveres nos lugares habitados por homens.

Depois da purificação, inicia-se para o eu um estado de consciência inteiramente novo. Enquanto antes da morte as percepções exteriores tinham de afluir para ele, de modo que a luz da consciência pudesse incidir sobre as mesmas, agora é como se de seu interior brotasse um mundo que atinge a consciência. Também entre o nascimento e a morte o eu vivia nesse mundo. Só que este se revestia das manifestações aos sentidos; e somente quando o eu, prescindindo de qualquer percepção sensorial, percebe a si próprio em seu 'mais sagrado íntimo', é que se revela em sua aparência imediata algo que normalmente só aparece sob o véu do sensorial. Assim como a percepção do eu antes da morte se produz no íntimo, também é a partir do íntimo que o mundo espiritual se manifesta, em sua plenitude, após a morte e a purificação. Na verdade, essa manifestação já se realiza logo após o abandono do corpo etérico; porém diante dela se coloca, qual uma nuvem obscurante, o mundo das cobiças ainda orientado para o mundo exterior. E como se a um mundo bem-aventurado de vivências espirituais se misturassem as sombras negras e demoníacas oriundas das cobiças 'que se consomem

no fogo'. Aliás, agora essas cobiças não são meramente sombras, mas entidades reais; isso se evidencia assim que os órgãos físicos estão afastados do eu e este pode, por isso mesmo, perceber o que é de natureza espiritual. É como deformações e caricaturas daquilo que o homem conheceu antes, pela percepção sensorial, que essas entidades aparecem. A observação supra-sensível tem a dizer, sobre esse mundo do fogo purificador, que ele é habitado por seres cujo aspecto pode ser horrendo e doloroso para a visão espiritual; cujo prazer parece ser a destruição e cuja paixão visa a um mal frente ao qual o mal do mundo sensível é insignificante. O que, das referidas cobiças, o homem leva consigo a esse mundo parece a tais entidades um alimento, por cujo intermédio seus poderes sempre recebem novo reforço e vigor.

O quadro assim esboçado, de um mundo imperceptível aos sentidos, poderá parecer menos inacreditável ao homem se este alguma vez observar, sem preconceitos, uma parte do reino animal, O que é, para o olhar espiritual, um lobo cruel vagando a esmo? O que se revela na percepção que os sentidos têm dele? Nada mais senão uma alma que vive em apetites e age por meio destes. Pode-se chamar a figura exterior do lobo de encarnação desses apetites. E se o homem não tivesse órgão algum para perceber essa figura, mesmo assim deveria reconhecer a existência do ser em questão se os apetites deste se manifestassem invisivelmente em seus efeitos, ou seja, se uma força invisível aos olhos andasse rondando e, por seu intermédio, pudesse acontecer o mesmo que acontece por intermédio do lobo visível.

Ora, os seres do fogo purificador não existem para a consciência sensorial, mas somente para a supra-sensorial; todavia, seus efeitos são evidentes: eles consistem na destruição do eu quando este lhes dá alimento. Esses efeitos ficam claramente visíveis quando o prazer justificado se intensifica em descomedimento e licenciosidade; pois o que é perceptível aos sentidos só excitaria também o eu na medida em que o prazer se fundamentasse na natureza do eu. O animal só é impelido ao apetite por aquilo que, no mundo exterior, seus três corpos reclamam. O homem tem prazeres mais elevados, pois a seus três membros corporais se acrescenta um quarto membro, o eu. Porém quando o eu cobiça um prazer que serve ao seu ser não para a conservação e o desenvolvimento, mas para a destruição, tal cobiça não póde ser efeito nem da atuação de seus três corpos nem de sua própria natureza, mas apenas daquelas entidades que, quanto à sua verdadeira forma, permanecem ocultas aos sentidos mas podem, justamente, aproximar-se da natureza superior do eu e despertar-lhe apetites não relacionados como mundo sensório, embora satisfazíveis apenas por meio deste. Existem, de fato, seres que têm por alimento paixões e cobiças piores do que todos os apetites animais, pois não se realizam no mundo sensível, e sim se apoderam do espírito e atraem-no para o campo inferior dos sentidos. As figuras dessas entidades são, portanto, mais feias e horrendas do que as figuras dos animais mais ferozes, nos quais apenas se incorporam instintos fundamentados no sensorial; e as forças destruidoras desses seres ultrapassam em medida incomensurável toda a fúria devastadora que existe no mundo animal sensorialmente perceptível. É dessa forma que o conhecimento supra-sensível deve ampliar a visão do homem para um mundo de seres que, em certo sentido, acha-se em nível inferior ao mundo visível dos animais destruidores.

Tendo atravessado esse mundo após a morte, o homem encontra-se diante de um mundo pleno de espiritualidade, o qual produz nele apenas ânsias que encontram satisfação no âmbito espiritual. Mas também aqui o homem distingue entre o que pertence ao *seu* eu e aquilo que forma o ambiente desse eu — pode-se dizer, também, seu mundo espiritual exterior. Contudo, o que ele percebe desse ambiente lhe aflui da mesma maneira como, durante sua permanência num corpo físico, lhe afluia a percepção de seu próprio eu. Enquanto, pois, na vida entre o nascimento e a morte o mundo ambiente do homem lhe fala por intermédio dos órgãos de seu corpo, após o abandono de todos os corpos a voz do novo ambiente penetra diretamente no 'mais íntimo santuário' do eu. Todo o meio ambiente do homem está agora repleto de entidades da mesma espécie de seu eu, pois só um eu tem acesso a outro. Assim como minerais, vegetais e animais circundam o homem no mundo sensorial, compondo esse mundo, depois da morte o homem se acha envolto por um mundo composto por seres de natureza

espiritual.

Contudo o homem leva consigo, para esse mundo, algo que não é seu ambiente; trata-se daquilo que o eu vivenciou no mundo sensível. De início, imediatamente depois da morte, enquanto o corpo etérico ainda está ligado ao eu, a totalidade dessas vivências se apresenta como um abrangente panorama recordativo. O próprio corpo etérico é então despojado, mas algo desse panorama permanece como propriedade imperecível do eu. É como se fosse produzido um extrato, uma síntese de todas as vivências e experiências ensejadas ao homem entre o nascimento e a morte; e é esse algo restante que é tomado. Trata-se do produto espiritual da vida, de seu fruto. Esse produto é de natureza espiritual; ele contém tudo o que de espiritual se manifesta por meio dos sentidos, mas não teria podido existir sem a vida no mundo sensorial. Esse fruto espiritual do mundo sensório é vivenciado pelo eu, após a morte, como aquilo que agora é seu mundo interior próprio e com o qual ele penetra no mundo constituído de seres que se manifestam da mesma forma como somente o próprio eu pode manifestar-se no mais profundo íntimo. Tal como uma semente vegetal — que é um extrato da planta inteira — só germina quando plantada num outro mundo — ou seja, na terra —, aquilo que o eu traz consigo do mundo sensorial desabrocha agora como um germe sobre o qual atua todo o ambiente espiritual que o acolhe.

A ciência do supra-sensível só pode, na verdade, fornecer imagens se quiser descrever o que ocorre nesse 'reino dos espíritos'; porém essas imagens podem apresentar-se como uma autêntica realidade para a consciência supra-sensível quando esta investiga os fatos correspondentes, invisíveis aos olhos físicos. O que aí se pretende descrever pode ser ilustrado mediante analogias com o mundo dos sentidos — pois embora sua natureza seja inteiramente espiritual, em certo aspecto essa realidade tem semelhança com o mundo sensorial. Tal como, por exemplo, neste último uma cor se manifesta quando determinado objeto atua sobre o olho, do mesmo modo, no 'reino dos espíritos', uma vivência se apresenta diante do eu como algo cromático quando um ser exerce uma ação sobre ela. Só que essa vivência se realiza de um modo apenas igualável à percepção do eu no íntimo, propiciada na vida entre o nascimento e a morte. Não é como se a luz atingisse o homem do exterior, mas como se outro ser atuasse diretamente sobre o eu e o induzisse a representar essa atuação como uma imagem colorida. Dessa maneira, todos os seres do âmbito espiritual do eu encontram sua expressão num mundo colorido irradiante. Por causa de sua origem diferente, essas experiências cromáticas no mundo espiritual têm, obviamente, caráter diverso em relação às cores sensíveis.

Também de outras impressões que o homem recebe do mundo sensorial deve-se dizer algo semelhante. A maior semelhança com as impressões do mundo sensível são os sons do mundo espiritual. E quanto mais o homem se familiariza com esse mundo, tanto mais este se torna para ele uma vida movimentada, comparável aos sons e suas harmonias na realidade física. Só que ele não sente os sons como algo que chega de fora para um órgão, mas como uma potência que se derrama no Universo por intermédio de seu eu. Ele sente o som tal como, no mundo sensível, sentia sua própria fala ou canto; só que, no mundo espiritual, sabe que esses sons emanados dele são ao mesmo tempo revelações de outras entidades que se derramam no Universo por seu intermédio.

Uma revelação ainda mais elevada ocorre no 'reino dos espíritos' quando o som se converte em 'verbo espiritual'. Então não apenas flui através do eu a *vida móbil* de outro ser espiritual, mas esse mesmo ser comunica seu íntimo a esse eu. Sem as barreiras que toda convivência acarreta no mundo sensorial, quando o eu é impregnado pelo 'verbo espiritual' dois seres vivem interpenetrados. E é realmente dessa natureza a convivência do eu com outros seres espirituais após a morte.

Diante da consciência supra-sensível surgem três regiões do mundo espiritual comparáveis a três partes do mundo físico-sensório. A primeira região é, por assim dizer, a 'terra firme' do mundo espiritual; a segunda é a 'região dos mares e rios", e a terceira é a 'atmosfera'.

Aquilo que na Terra possui formas físicas, podendo ser percebido por órgãos físicos, é percebido na primeira região do 'reino dos espíritos' segundo sua natureza espiritual. De um cristal, por exemplo, pode-se perceber aí a força que modela sua forma. Contudo, o que então se revela

aparece como o oposto do que se apresenta no mundo sensorial. O espaço que neste último é preenchido pela massa rochosa manifesta-se, ao olhar espiritual, como uma espécie de cavidade; porém em redor dessa cavidade é vista a força que modela a forma da pedra. Uma cor que a pedra tenha no mundo físico aparece, no mundo espiritual, como a vivência da cor complementar; portanto, uma pedra vermelha vista do mundo espiritual é vista como esverdeada, uma pedra verde como avermelhada, etc. Também as demais propriedades se manifestam em seus opostos. Assim como as rochas, massas de terra, etc. constituem a terra firme — a região continental — no mundo sensível, as mencionadas formações constituem a 'terra firme' do mundo espiritual.

Tudo o que é vida no mundo sensível constitui a região marítima no plano espiritual. Ao olhar sensorial, a vida se manifesta em seus efeitos nas plantas, nos animais e nos homens; ao olhar espiritual, a vida é um ser fluido que impregna o reino dos espíritos como mares e rios. Melhor ainda é a analogia com a circulação do sangue no corpo — pois enquanto no mundo sensível os mares e rios se apresentam distribuídos de modo irregular, na distribuição da vida fluida no mundo espiritual reina certa regularidade, tal qual na circulação do sangue no corpo. Mesmo essa 'vida fluida' é percebida simultaneamente como um ressoar espiritual.

A terceira região do plano espiritual é sua 'atmosfera'. O que se manifesta no mundo sensível como sensação existe, na região espiritual, impregnando tudo do mesmo modo como o ar na Terra. Um mar de sensação fluente, eis o que se deve imaginar nesse âmbito. Sofrimento e dor, alegria e deleite fluem, nessa região, como vento e tempestade na atmosfera do mundo sensorial. Imagine-se uma batalha travada na Terra; pois bem — aí não se entrechocam simplesmente figuras humanas, visíveis aos olhos físicos: sentimentos se chocam contra sentimentos, paixões contra paixões; sofrimentos preenchem o campo de batalha tanto quanto formas humanas. Tudo o que aí vive de paixão, dor, alegria da vitória, não existe apenas enquanto se manifesta em efeitos fisicamente perceptíveis; vem à consciência do sentido espiritual como processo da atmosfera no mundo espiritual. Tal acontecimento corresponde, no domínio espiritual, a uma tormenta no mundo físico; e a percepção desses acontecimentos é comparável à audição das palavras no mundo físico. Por isso se diz o seguinte: assim como o ar envolve e permeia os seres terrestres, os 'verbos espirituais flutuantes' o fazem com os seres e acontecimentos do plano espiritual.

E ainda outras percepções são possíveis neste mundo espiritual. Aqui existe também algo comparável ao calor e à luz do plano físico. Aquilo que, como o calor, impregna tudo no reino dos espíritos, é o próprio mundo dos pensamentos; só que então os pensamentos devem ser imaginados como seres vivos e autônomos. O que o homem concebe no mundo manifesto como pensamento é como uma sombra do que existe como entidade pensamental no reino dos espíritos. Imaginemos o pensamento, tal como existe no homem, tendo sido destacado dele e, como entidade ativa, dotado de vida interior própria — então teremos uma pálida ilustração do que preenche a quarta região do plano espiritual. O que o homem percebe como pensamento em seu mundo físico, entre o nascimento e a morte, é apenas a revelação do mundo dos pensamentos, do modo como este pode afigurar-se por intermédio dos órgãos corporais. Porém tudo o que o homem cogita em seus pensamentos, promovendo um *enriquecimento* no mundo físico, tem sua origem naquela região. Entre tais pensamentos não basta contar apenas as idéias dos grandes inventores, das pessoas geniais; pode-se ver como a qualquer pessoa 'ocorrem' idéias que ela não simplesmente deve ao mundo exterior mas por meio das quais ela modifica esse mundo exterior.

Os sentimentos e paixões, na medida em que são ocasionados pelo mundo exterior, devem ser localizadas na terceira região do reino dos espíritos; tudo, porém, que possa viver na alma humana tornando o homem um ser criador, que atua sobre seu ambiente transformando-o e fecundando-o, manifesta sua forma primordial e essencial no quarto domínio do mundo espiritual.

O que existe na quinta região é *comparável à luz* física. Em sua forma primordial, é *sabedoria* manifesta. Seres que vertem sabedoria ao seu redor, tal qual o Sol derrama luz para os seres físicos, pertencem a essa região. O que é irradiado dessa sabedoria se revela em seu verdadeiro sentido e

significado, para o mundo espiritual, do mesmo modo como um ser físico mostra sua cor quando iluminado pela luz.

Existem ainda regiões mais elevadas do reino dos espíritos; elas serão descritas num trecho posterior deste livro.

É nesse mundo que, depois da morte, o eu é imerso com o resultado que traz consigo da vida física. Esse resultado ainda está unido à parte do corpo astral não despojada no final da purificação. Aliás, só é despojada aquela parte que, depois da morte, nutria afinidade com as cobiças e desejos da vida física. A imersão do eu no mundo espiritual, juntamente com suas aquisições do mundo sensível, pode ser comparada ao plantio de uma semente em terra fértil. Assim como essa semente extrai as substâncias e forças de seu meio ambiente para transformar-se numa nova planta, o desenvolvimento e o crescimento são a essência do eu imerso no mundo espiritual.

Naquilo que um órgão percebe se oculta também a força pela qual esse próprio órgão é formado. O olho percebe a luz, mas sem a luz não existiria olho algum. Seres que vivem na escuridão não desenvolvem qualquer órgão visual. Assim sendo, o homem físico inteiro é criado e plasmado a partir das forças ocultas inerentes ao que é percebido pelos membros do corpo. O corpo físico é construído pelas forças do mundo físico, o corpo etérico pelas do mundo vital e o corpo astral é modelado a partir do mundo astral. Ora, quando o eu é colocado no reino dos espíritos, vêm ao seu encontro justamente aquelas forças que permanecem ocultas àpercepção física. O que se torna visível na primeira região do reino dos espíritos são as entidades espirituais que sempre circundam o homem e que também construíram seu corpo físico. Após a morte, ele se encontra justamente em meio a essas mesmas forças plasmadoras, que agora lhe mostram sua própria forma, antes oculta. Do mesmo modo, na segunda região ele se encontra em meio às forças das quais se originam seu corpo etérico; na terceira região fluem para ele os poderes dos quais se desmembrou seu corpo astral. Também as regiões mais elevadas do reino dos espíritos lhe fazem fluir o elemento do qual ele foi construído na vida entre o nascimento e a morte.

Essas entidades do mundo espiritual cooperam agora com o fruto trazido pelo homem da vida passada, o qual agora se torna germe. E é graças a essa cooperação que, de início, o homem é reconstruído como ser espiritual. Durante o sono, os corpos físico e etérico continuam existindo; é verdade que o corpo astral e o eu estão fora de ambos, mas continuam ligados a eles. O que recebem de influências do mundo espiritual nesse estado serve apenas para regenerar as forças esgotadas durante a vigília.

Uma vez abandonados os corpos físico e etérico e, após o período de purificação, também as partes do corpo astral ainda ligadas ao mundo físico por suas cobiças, tudo o que aflui do mundo espiritual para o eu não será apenas para aperfeiçoar, mas também para conferir nova forma. E após certo tempo, do qual falaremos numa parte ulterior deste livro, agrega-se ao eu um corpo astral capaz de viver novamente num corpo etérico e num corpo físico, conforme o homem os possui entre o nascimento e a morte. O homem pode atravessar novamente um nascimento e reaparecer numa existência terrena renovada, que agora agregou o fruto da vida anterior. Até a nova formação de um corpo astral, o homem é testemunha de sua própria reconstrução. Pelo fato de os poderes do reino dos espíritos não se revelarem por intermédio de órgãos exteriores, e sim a partir do íntimo como o próprio eu na autoconsciência, ele pode perceber essa revelação enquanto seu sentido não se dirige a um mundo perceptivo exterior. A partir do momento em que o corpo astral é novamente formado, esse sentido se dirige, no entanto, para fora. O corpo astral exige novamente um corpo etérico e um corpo físico exteriores, e com isso se afasta das revelações do íntimo.

Por conseguinte, existe agora um estado intermediário em que o homem submerge na inconsciência. A consciência só poderá emergir novamente no mundo físico quando estiverem formados os órgãos necessários à percepção física. Nesse período, em que cessa a consciência iluminada pela percepção interior, o novo corpo etérico começa a agregar-se ao corpo astral, e o homem pode novamente inserir-se num corpo físico. De ambas as agregações só poderia participar, com

consciência, um eu que houvesse produzido por si mesmo as forças criadoras ocultas nos corpos etérico e físico: o espírito vital e o homem-espírito. Enquanto o homem não atingiu esse ponto, entidades mais adiantadas do que ele próprio na evolução devem dirigir essa integração. O corpo astral é conduzido por essas entidades a um casal genitor, para ser dotado dos corpos etérico e físico adequados.

Antes de se realizar a integração do corpo etérico, algo extraordinariamente significativo acontece ao ser humano prestes a entrar em nova existência física. Pois bem: em sua vida anterior, ele engendrou forças perturbadoras que se manifestaram, após a morte, na recapitulação invertida. Voltemos ao exemplo já citado: aos quarenta anos de sua vida anterior, a pessoa ocasionou um sofrimento a alguém por um impulso de cólera. Após a morte, esse sofrimento do outro veio ao seu encontro como uma força perturbadora do desenvolvimento do próprio eu. E o mesmo acontece com todos os acontecimentos semelhantes da vida anterior. Durante o ingresso na vida física, esses obstáculos à evolução se apresentam novamente diante do eu. Assim como à chegada da morte uma espécie de panorama recordativo se apresentou diante do eu, surge-lhe agora uma previsão da vida vindoura. O homem vê novamente um quadro que agora lhe mostra todos os obstáculos a serem removidos se ele quiser prosseguir em sua evolução. E aquilo que é visto desse modo converte-se no ponto de partida para forças que ele deve levar consigo para a nova vida. A imagem da dor causada por ele ao próximo transforma-se numa força da qual o eu, ao adentrar novamente a vida, se vale para reparar esse sofrimento. Assim a vida anterior atua, portanto, decisivamente sobre a nova vida. Os atos dessa nova vida são causados, de certo modo, pelos da anterior. Essa relação causal de uma vida anterior com uma posterior deve ser considerada como a *lei do destino;* existe o hábito de designá-la também com a expressão 'carma', em prestada da sabedoria oriental.

A construção de um novo contexto corpóreo não é, todavia, a única atividade que compete ao homem entre a morte e um novo nascimento. Enquanto essa construção acontece, o homem vive fora do mundo físico. Nesse ínterim, este último segue sua evolução. Em lapsos de tempo relativamente curtos, a Terra muda sua face. Que aspecto apresentavam, há alguns milênios, as regiões atualmente ocupadas pela Alemanha? Quando o homem surge numa nova existência terrestre, via de regra esta não possui mais o mesmo aspecto que na época de sua vida anterior. Durante sua ausência da Terra, houve toda espécie de transformação possível. Ora, nessa transformação da face da Terra atuam também forças ocultas. Elas atuam a partir do mesmo mundo onde o homem se encontra após a morte. E ele mesmo tem de colaborar nessa reformulação da Terra, só que sob a direção de entidades superiores, enquanto não adquiriu, mediante a geração do espírito vital e do homem-espírito, uma clara consciência das relações entre o espiritual e sua expressão no físico; mas mesmo assim contribui para a transformação das condições terrenas.

Cabe dizer que, no período entre a morte e um novo nascimento, os homens transformam a Terra de maneira tal que as condições terrestres correspondem ao que se desenvolveu neles próprios. Quando observamos um lugar qualquer da Terra em determinada época e, depois de longo tempo, em condição totalmente diversa, as forças que levaram a tal mudança residem nos seres humanos mortos. É desta forma que eles também estão em contato com a Terra entre a morte e um novo nascimento. A consciência supra-sensível vê em toda existência física a manifestação de uma realidade espiritual oculta. Para a observação física, as transformações da Terra devem-se à luz solar, às mudanças climáticas, etc. Para a observação supra-sensível, no raio luminoso que o Sol envia à planta palpita a energia dos mortos. Com essa observação vem à consciência como almas humanas planam ao redor das plantas, como mudam o solo e coisas semelhantes. Nem só para si mesmo e para o preparo da sua própria nova existência terrestre é que o homem está voltado após a morte; não, aí ele é convocado para atuar espiritualmente sobre o mundo exterior, tal como foi convocado para atuar fisicamente na vida entre o nascimento e a morte.

Contudo, não apenas a vida humana do mundo espiritual atua sobre as condições terrestres; também a atividade na existência física tem seus efeitos no plano espiritual. Um exemplo pode ilustrar

o que ocorre nesse sentido:

Existe um vínculo de amor entre mãe e filho. É na atração entre ambos, arraigada nas forças do mundo sensível, que esse amor se origina. Porém ele se transforma no decorrer do tempo. O laço sensorial se converte cada vez mais em laço espiritual, que não é urdido apenas para o mundo físico, mas também para o reino dos espíritos. O mesmo ocorre com outros relacionamentos. Aquilo que no plano físico é tecido por seres espirituais continua a existir no plano espiritual. Amigos que durante a vida foram intimamente ligados permanecem unidos também no reino dos espíritos; após o despojamento dos corpos físicos, eles entram numa ligação muito mais íntima do que na vida fisica — pois, como espíritos, relacionam-se entre si do mesmo modo como no caso das já mencionadas manifestações de seres espirituais a outros por meio do íntimo. E um vínculo criado entre duas pessoas leva-as a unir-se também numa nova existência. No mais verdadeiro sentido da palavra, cabe, portanto, falar num reencontro das pessoas depois da morte.

O que ocorreu uma vez ao homem, do nascimento até à morte e daí até um novo nascimento, torna a repetir-se. O homem retorna sempre à Terra quando o fruto adquirido numa existência física atingiu o amadurecimento no plano espiritual. Contudo, não existe uma repetição sem começo e fim; originalmente o homem passou de formas existenciais diferentes para aquelas que transcorrem conforme descrevemos, e passará ainda a outras no futuro. A visão global dessas transições se apresentará quando a seguir descrevermos, no sentido da consciência supra-sensível, a evolução do Universo em sua relação com o homem.

Naturalmente os processos entre a morte e um novo nascimento são, para a observação sensorial exterior, ainda mais ocultos do que a realidade espiritual subjacente à existência manifesta entre o nascimento e a morte. Essa observação sensorial só pode ver os efeitos dessa parte do mundo oculto quando estes se manifestam na existência física. Cabe-lhe indagar se o homem que ingressa na vida, pelo nascimento, traz consigo algo do que o conhecimento supra-sensível descreve dos processos entre uma morte anterior e o nascimento.

Se alguém encontra um caracol sem que nada se note do respectivo animal, nem por isso deixará de reconhecer que essa casca se formou pela atividade de um animal, e não poderá acreditar que a concha tenha sido configurada por forças meramente físicas. Do mesmo modo, quem observar o homem na vida e encontrar algo que não possa provir *dessa* vida, poderá admitir racionalmente a origem de tal fato no âmbito descrito pela ciência do supra-sensível, desde que com isso uma luz esclarecedora incida sobre o que, do contrário, é inexplicável. Assim, também aí a observação sensorial e intelectual poderia admitir as causas invisíveis a partir de seus efeitos visíveis. E a quem contemplar a vida sem preconceitos, a cada nova observação isso também se evidenciará cada vez mais como sendo o correto. Trata-se apenas de encontrar o ponto de vista correto para observar os efeitos na vida. Onde estariam, por exemplo, os efeitos do que o conhecimento supra-sensível descreve como processos do período de purificação? Como se manifesta o efeito das vivências que, segundo a pesquisa espiritual, o homem deve ter no plano espiritual após esse período?

Enigmas se impõem em escala suficiente a toda observacão séria e profunda da existência nesse campo. Vê-se, de um lado, uma pessoa nascida na miséria e penúria, dotada com mínimas capacidades, de modo que as condições de seu nascimento parecem predestiná-la a uma existência paupérrima. Já outra é cuidada, desde o primeiro momento de sua existência, por mãos e coração carinhosos; nela desabrocham brilhantes faculdades, preparando-a para uma vida fecunda e satisfatória. Duas opiniões antagônicas podem vigorar diante de tais questões. Uma delas se apegará ao que os sentidos percebem e ao entendimento intelectual correspondente. No fato de uma pessoa ter nascido na felicidade e outra na infelicidade, essa opinião não vê problema algum; e mesmo não desejando recorrer à palavra ‘acaso’, não cogitará em admitir a existência de uma lei condicionante das causas para tal. Quanto às predisposições e aptidões, essa mentalidade considerará apenas o que se ‘herdou’ dos pais, avós e outros antepassados. Ela se recusará a procurar as causas em processos espirituais que a própria pessoa tenha atravessado antes de seu nascimento — independentemente da

linha hereditária de seus antepassados — e por cujo intermédio tenha modelado suas predisposições e aptidões.

Uma outra mentalidade se sentirá insatisfeita com tal concepção. Ela dirá: "Tampouco no mundo manifesto ocorre, em determinado lugar ou ambiente, algo sem que se devesse pressupor causas para a ocorrência. Mesmo que em muitos casos os homens ainda não as tenham pesquisado, essas causas existem. Uma flor alpina não cresce na planície. Em sua natureza existe algo que a liga à região dos Alpes. Da mesma forma, num ser humano deve haver algo que o faz nascer em determinado ambiente. Motivos que repousam apenas no mundo físico não vêm ao caso. Para o profundo pensador, é como se o fato de alguém golpear um outro devesse ser explicado não pelo sentimento do primeiro, mas pelo mecanismo físico de sua mão." Igualmente insatisfeita deve mostrar-se essa mentalidade com qualquer explicação para dons e aptidões a partir da simples 'hereditariedade'. De seu ponto de vista, alguém pode dizer o seguinte: "Vejam como certos talentos se transmitem em determinadas famílias. Durante dois séculos e meio as disposições musicais se transmitiram entre os membros da família Bach.[28] Da família Bernoulli[29] saíram oito matemáticos, alguns dos quais destinados, em sua infância, a profissões inteiramente diferentes. Porém as aptidões 'herdadas' sempre os impelíram à profissão da família. Seria possível ainda demonstrar, por uma análise dos ascendentes, como o talento de uma personalidade já teria aparecido em alguns antepassados, não passando de uma soma de faculdades legadas por eles."

Um partidário da segunda opinião não deixará, obviamente, tais fatos de lado; no entanto, estes não podem significar para *ele* o mesmo que para quem deseja apoiar suas explicações exclusivamente em fatos sensoriais. O primeiro salientará que as disposições hereditárias são tão incapazes de combinar-se espontaneamente, para formar a personalidade total, quanto as peças metálicas de um relógio são incapazes de juntar-se para formá-lo por si mesmas. E quando lhe for objetado que a cooperação dos pais poderia muito bem produzir a combinação das aptidões, assumindo como que o lugar do relojoeiro, ele replicará: "Reparem com imparcialidade no elemento inteiramente novo em toda personalidade infantil; isso não pode provir dos pais, simplesmente porque não existia neles."

Um pensar obscuro pode criar muita confusão nesse domínio, O pior acontece quando os portadores da primeira opinião são classificados pelos da segunda como inimigos daquilo que se baseia em 'fatos indubitáveis'. Estes últimos, porém, não cogitam em absoluto de negar a veracidade ou validade de tais fatos. Estão absolutamente cônscios, por exemplo, de que determinado dom ou disposição espiritual transmite-se hereditariamente numa família, e de que certas aptidões, quando somadas e combinadas num descendente, resultam numa personalidade marcante. Estão inteiramente dispostos a admitir que o nome mais notável raramente se encontra no início, e sim no final de uma linhagem sangüínea. Contudo, não se deveria levá-los a mal por serem obrigados a tirar disso conclusões muito diferentes daquelas obtidas por quem deseja permanecer no plano sensorial concreto. A este último tipo de pessoas cabe responder o seguinte:

Não há duvida de que uma pessoa apresenta as características de seus antepassados, pois o elemento anímico-espiritual, que penetra na existência física pelo nascimento, extrai sua corporalidade daquilo que a hereditariedade lhe oferece. No entanto, com isso não se diz senão que um ente traz em si as peculiaridades do meio onde mergulhou. A comparação a seguir certamente é estranha e até trivial; mas a pessoa imparcial não negará ser válido dizer que o fato de um ser humano estar revestido das qualidades de seus antepassados atesta tão pouco a origem dessas qualidades quanto a natureza de um homem seria atestada pelo fato de ele estar molhado por ter caído na água. Além disso, cabe dizer também: se o nome mais notável se encontra no final de uma linhagem, isso mostra que o portador desse nome precisou dessa linhagem sangüínea para formar o corpo necessário ao desabrochar de sua personalidade total. Isso, porém, absolutamente nada prova a respeito da

[28] Família musical alemã dos séculosXVII e XVIII, da qual saíram mais de cinqüenta músicos, em parte grandemente dotados. (N.E. orig.)
[29] Destacada família de matemáticos que viveu em Basiléia (Suíça) nos séculos XVII e XVIII. (N.E. orig.)

'hereditariedade' do próprio elemento pessoal; aliás, a uma lógica sadia esse fato prova justamente o contrário. Na verdade, se as aptidões pessoais se transmitissem, deveriam estar no princípio da linha sangüínea e daí transmitir-se aos descendentes. Mas já que se encontram no final, isso é justamente prova de que *não* se transmitem.

Ora, não deve ser posto em dúvida que, ao falarem de uma causa espiritual na vida, certas pessoas contribuem não menos para a confusão. É freqüente elas falarem de modo demasiadamente geral e vago. Sem dúvida, dizer que a soma das características herdadas formam a personalidade de um homem é comparável à afirmação de que as peças metálicas de um relógio juntaram-se por si próprias para formá-lo. Mas também se deve admitir que muitas afirmações sobre o mundo espiritual são como se alguém dissesse que as peças metálicas de um relógio não podem juntar-se sozinhas para provocar o avanço dos ponteiros, e que, portanto, deve existir 'algo de espiritual' promovendo esse avanço. Diante de semelhante afirmação, argumentaria melhor quem dissesse: "Ah, eu não fico cogitando a respeito de tais seres 'místicos' que provocariam o avanço dos ponteiros; eu procuro conhecer as relações mecânicas que causam esse avanço." Não se trata, realmente, apenas de saber que atrás de um mecanismo — por exemplo, o relógio — está algo espiritual (o relojoeiro); só pode ser importante conhecer os pensamentos que, no espírito do relojoeiro, *precederam* a construção do relógio. Pode-se reencontrar esses pensamentos no mecanismo.

Todo simples devaneio e fantasia a respeito do supra-sensível traz apenas confusão, pois é impróprio para contentar os opositores. Aliás, estes têm toda a razão ao dizer que tais alusões a seres supra-sensíveis em nada estimulam a compreensão dos fatos. Sem dúvida, tais opositores podem dizer a mesma coisa contra as informações *precisas* da Ciência Oculta. Mas então podem ser indicados, na vida manifesta, os efeitos das causas espirituais ocultas. Pode ser dito o seguinte: — Suponha-se estar correto o que a pesquisa espiritual pretende ter averiguado pela observação, ou seja, que depois da morte o homem tenha passado por um período de purificação durante o qual tenha *vivenciado* animicamente que espécie de obstáculo representou, para sua evolução progressiva, certa ação praticada por ele numa vida anterior. No decorrer dessa experiência, nasce nele o impulso de reparar as conseqüências dessa ação. Ele traz consigo esse impulso, para sua nova existência. A presença desse impulso imprime em seu ser o traço que lhe possibilita efetuar a reparação. Observando um conjunto de impulsos dessa espécie, tem-se uma causa para o ambiente predestinado onde um ser humano vem a nascer.

O mesmo pode ocorrer com uma outra hipótese:

Suponha-se novamente como correta a afirmação da Ciência Espiritual de que os frutos de uma vida passada se incorporariam ao germe espiritual do homem, sendo o reino dos espíritos — onde este se encontra entre a morte e a nova vida — o âmbito onde esses frutos amadureceriam para, transformados em disposições e aptidões, reaparecer numa nova vida e plasmar a personalidade, de maneira que esta aparecesse como efeito das aquisições de uma vida anterior.

Quem elaborar essas premissas e, com elas, observar a vida sem preconceitos, descobrirá que é possível admitir os fatos sensoriais em sua plena significação e verdade e, ao mesmo tempo, compreender tudo o que, no caso de uma simples argumentação com base em fatos físicos, deve ficar para sempre incompreensível a alguém cuja convicção esteja voltada para o mundo espiritual.[30] E principalmente desaparecerá aquele raciocínio ilógico do tipo anteriormente citado: pelo fato de um nome ilustre estar no fim da linha genealógica, seu portador deve ter 'herdado' sua aptidão. A vida torna-se logicamente compreensível mediante os fatos supra-sensoriais transmitidos pela Ciência Oculta.

[30] Nesta passagem de difícil entendimento, foi muitas vezes sugerida por leitores a inclusão da palavra 'não' depois de 'convicção' [de forma a se ler '...cuja convicção *não* esteja...']. Contudo, desistimos dessa alteração porque tanto no manuscrito de Rudolf Steiner como em todas as edições providenciadas por ele a palavra 'não' inexiste nesse trecho. (N.E. orig.) [Na tradução anterior se subentendeu, de fato, afirmativa contrária por parte do Autor. Não resta dúvida, porém, de que Steiner se refere ao postulante da realidade supra-sensível, a quem não bastaria uma explicação materialista. (N.T.)]

Quem busca escrupulosamente a verdade e, sem experiência própria no mundo supra-sensível, quer orientar-se corretamente nos fatos, poderá ainda levantar uma objeção de peso. Pode ser objetado que seria inadmissível aceitar a existência de um fato qualquer simplesmente por assim se poder explicar algo que, do contrário, é inexplicável. Certamente tal objeção é insignificante para quem conhece os fatos correspondentes por experiência supra-sensível própria. Nas partes posteriores deste livro, indicaremos o caminho a ser trilhado para se conhecer não apenas outros fatos espirituais aqui descritos, mas também a lei da causalidade espiritual como vivência própria. Para quem não quer seguir esse caminho, no entanto, a objeção acima pode ter um significado. E o que possa ser dito contra ele também é válido para quem decidiu seguir o mencionado caminho por si; pois quando alguém o empreende da maneira correta, esse já é o melhor passo inicial a ser feito nesse caminho. Aliás, é absolutamente verdade o seguinte: simplesmente pelo fato de se poder explicar alguma coisa que, de outro modo, permaneceria inexplicável, não se deveria admitir algo cuja existência se desconhece. No caso dos fatos espirituais mencionados, porém, a situação é um pouco diversa. Quando estes são admitidos, isso não tem apenas a conseqüência intelectual de se achar a vida mais compreensível por sua causa; pela admissão dessas premissas no próprio pensamento, vivencia-se algo bem diferente. Imagine-se o seguinte caso:

A uma pessoa sucede algo que lhe provoca emoções bem desagradáveis. Ela pode reagir de duas maneiras a isso: pode vivenciar o incidente como algo que a afeta sentidamente, abandonando-se a essa emoção penosa, ou talvez até entregando-se completamente ao sofrimento, mas também pode reagir de outra maneira, dizendo: “Na realidade fui eu mesmo quem modelou, numa vida passada, a força que ora me coloca diante deste incidente; na realidade, fui eu quem o ocasionou.” Então pode despertar em si todas as emoções que tal pensamento pode originar. Naturalmente o pensamento deve ser vivenciado com a mais perfeita seriedade e toda a energia possível, para ter tal conseqüência para a vida das sensações e dos sentimentos.

Quem conseguir isso terá uma experiência que se faz ilustrar melhor por uma analogia. Suponhamos que duas pessoas recebessem em mãos um bastão de lacre. Uma delas se entregaria a reflexões intelectuais acerca da ‘essência íntima’ do lacre. Essas reflexões poderiam ser muito inteligentes; mas se essa ‘natureza íntima’ não se evidenciasse por via alguma, alguém poderia tranqüilamente objetar: isso não passa de devaneio. A outra pessoa, no entanto, esfrega o bastão com um pano e comprova que este passa a atrair pequenos objetos.

Existe uma enorme diferença entre os pensamentos concebidos pela primeira pessoa e as reflexões da segunda. Os pensamentos da primeira não têm qualquer conseqüência efetiva; os da segunda, porém, fizeram uma força — portanto, algo efetivo — sair de sua obscuridade.

A mesma coisa ocorre com os pensamentos de uma pessoa que imagina ter engendrado em si, no decorrer de uma vida anterior, a força que a põe em presença de um acontecimento. Essa simples idéia estimula nela uma verdadeira energia, permitindo-lhe enfrentar o acontecimento de maneira bem diversa do que se lhe faltasse. Com isso recai uma luz sobre a necessária natureza desse acontecimento, que do contrário ela só poderia reconhecer como uma casualidade. E ela compreenderá imediatamente: “Eu tive o pensamento certo, pois ele teve a força de desvendar-me o fato.” Se alguém repetir tais processos íntimos, eles se transformarão num meio de acréscimo interior de energia, demonstrando assim sua correção por sua fecundidade. E cada vez mais essa correção se mostrará suficientemente vigorosa.

É num sentido espiritual, anímico e físico que tais processos atuam de modo salutar, estimulando a vida em todos os sentidos. O homem percebe que por meio desses processos está-se integrando corretamente no contexto da vida, ao passo que, ao considerar apenas uma vida entre o nascimento e a morte, está se entregando a um delírio. O homem fica animicamente mais forte por meio do referido conhecimento.

Na verdade, tal prova puramente interior da causalidade espiritual só pode ser obtida por cada um em sua vida interior. Porém toda pessoa pode obtê-la. Quem não a experimentou não pode julgar

sua força comprobatória; mas quem o fez não terá mais qualquer dúvida. Não é de admirar que seja assim, pois algo tão absolutamente relacionado com o cerne da entidade, da personalidade humana, só pode, naturalmente, ser suficientemente provado na mais íntima vivência. Por outro lado, não se pode objetar que essa questão, por corresponder a tal vivência íntima, deveria ser de foro pessoal, não podendo ser objeto de uma ciência espiritual. É óbvio que cada um deve passar pessoal-mente por essa vivência, tal como cada um deve compreender pessoalmente a prova de um teorema matemático. No entanto, o caminho que conduz a essa experiência e válido para todos os homens tanto quanto o é o método para comprovar um teorema matemático.

Não cabe negar que — abstraindo-se, naturalmente, das observações supra-sensoriais — a recém-citada prova, obtida pelo poder energético dos respectivos pensamentos, é a única que resiste a qualquer lógica imparcial. Quaisquer outras ponderações são, certamente, importantes; porém sempre conterão algo em que os opositores encontrarão um ponto fraco. Não obstante, quem tiver adotado uma visão suficientemente imparcial já verá na possibilidade e efetividade da educação, no caso do homem, algo que contém uma força comprobatória e lógica para o fato de um ser espiritual lutar pela existência no envoltório corporal. Comparando o animal com o homem, dirá que no primeiro as qualidades e capacidades características aparecem, com o nascimento, como algo determinado em si mesmo, mostrando claramente como está predeterminado pela hereditariedade e desabrocha ao contato com o mundo ambiente. Observe-se como desde o nascimento o pintainho se desempenha em certas situações vitais de modo determinado. Porém no homem, por meio da educação, entra em contato com sua vida interior algo que pode existir sem qualquer conexão com uma herança; e ele pode ser capaz de assimilar os efeitos de tais influências exteriores. O educador sabe que, ao encontro de tais influências do interior do homem, devem ser enviadas forças; se isso não ocorresse, toda escolaridade e toda educação seriam insignificantes. Para o educador imparcial, existe uma delimitação bem definida entre as disposições herdadas e aquelas energias interiores do homem que transparecem através dessas disposições e procedem de vidas anteriores.

Seguramente, para tais coisas não se podem aduzir provas ‘de peso’ como se faz para certos fatos físicos por meio da balança; mas é por isso que essas coisas constituem justamente as intimidades da vida. E para quem possui o senso adequado, essas provas impalpáveis também são comprobatórias — talvez ainda mais comprobatórias do que a realidade tangível. O fato de se poder adestrar animais — que chegam, portanto, a adquirir qualidades e capacidades por meio da educação — não é objeção alguma para quem sabe enxergar o essencial. Ora, abstraindo-se do fato de que em todo lugar do mundo existem estados transitários, os resultados do adestramento de um animal não se integram absolutamente em seu ser individual, como no caso do homem. Chega-se até mesmo a ressaltar que aptidões adquiridas por animais domésticos, pelo convívio com o homem, se transmitem por hereditariedade — ou seja, atuam na espécie, e não no indivíduo. Darwin descreve como certos cães transportam objetos sem nunca ter visto ou aprendido tais atos. Quem desejaria afirmar o mesmo da educação humana?

Ora, existem pensadores que, por suas observações, superam a opinião de que o ser humano teria sido estruturado do exterior por forças puramente hereditárias. Eles se elevam à idéia de que um ser espiritual, uma individualidade, precede a existência corporal e a modela. Muitos deles, porém, não encontram possibilidade de entender que existem vidas terrenas consecutivas e que, na existência intermediária entre as vidas, os frutos das vidas anteriores sejam forças co-plasmadoras. Citemos um desses pensadores. Immanuel Hermann Fichte[31], filho do grande Fichte, apresenta em sua ‘Antropologia’ [32](p. 528) a passagem seguinte, que resume suas considerações:

> Os pais *não* são os progenitores no pleno sentido da palavra: eles proporcionam a matéria

[31] Immanuel Hermann Fichte (1796—1879), filósofo, editor da obra de seu pai, Johann Gottlieb Fichte. (N.E. orig.)
[32] *Anthropologie* (Leipzig, 1860). (N.E. orig.)

> orgânica, e não apenas esta, mas ao mesmo tempo aquele elemento intermediário, sensório-emocional que se manifesta no temperamento, na índole específica, em certas particularidades dos instintos, etc., cuja origem comum se nos manifestou como sendo a 'fantasia', no amplo sentido indicado por nós. Em todos esses elementos da personalidade, são inequívocas a peculiar mistura e combinação das almas dos pais; portanto, é perfeitamente justificado considerá-los como simples produto da procriação, sobretudo se decidíssemos conceber a procriação como um verdadeiro processo anímico. Contudo, justamente aqui falta o verdadeiro centro da personalidade, pois a uma observação mais penetrante se revela que mesmo essas características emocionais não passam de um envoltório ou *instrumental* contendo as verdadeiras faculdades espirituais, ideais do homem, sendo apropriado para favorecer ou obstruir a evolução delas, mas absolutamente incapaz de engendrá-las por si.

Mais adiante, diz (p. 532):

> *Toda pessoa* preexiste segundo seu protótipo espiritual, pois considerado espiritualmente nenhum indivíduo é igual a outro, da mesma forma como não o são as espécies animais.

Esses pensamentos chegam apenas a admitir uma essência espiritual dentro da organização corporal do homem. Mas como as forças formativas aí postuladas não derivam de causas situadas em vidas anteriores, a cada vez que uma personalidade surge deveria emanar uma entidade espiritual de um fundamento divino primordial. Nessa hipótese, porém, não haveria qualquer possibilidade de explicar o parentesco existente entre as aptidões surgidas do íntimo da personalidade e tudo o que, no decorrer da vida, converge do mundo ambiente para esse centro interior. O íntimo do homem, que para cada indivíduo se origina de um fundamento primordial divino, ficaria totalmente alheio a tudo o que lhe adviesse durante a vida terrena. Só não seria o caso — e realmente não é — quando o íntimo humano já tivesse sido ligado ao elemento exterior por não estar vivendo nele pela primeira vez. O educador sem preconceitos pode convencer-se claramente do seguinte: "Dos resultados de vidas terrenas anteriores estou oferecendo a meu aluno algo que, embora seja alheio às suas aptidões herdadas, faz surgir nele a sensação de ter estado presente ao trabalho do qual procedem tais resultados. Só as sucessivas vidas terrenas, em combinação com os fatos do âmbito espiritual entre elas, expostos pela pesquisa do espírito — apenas isso tudo pode dar uma explicação satisfatória da vida da humanidade atual observada sob todos os aspectos." Aqui é dito expressamente 'humanidade atual', pois a pesquisa espiritual mostra que na verdade o ciclo das vidas terrenas teve um início, e que naquela época existiam circunstâncias diferentes das atuais para a entrada do ser espiritual humano em seu envoltório corporal. Nos capítulos seguintes remontaremos a esse estado primordial do ser humano. Depois que com isso, pelos resultados da Ciência Oculta, tiver sido mostrado como esse ser humano recebeu sua forma atual em conexão com a evolução da Terra, será indicado mais exatamente como o núcleo espiritual do homem penetra nos envoltórios corporais, a partir de mundos supra-sensoriais, e como se forma a lei da causalidade, o 'destino humano'.

A evolução do Universo e o homem

As considerações anteriores mostraram que a entidade humana se compõe de quatro membros: o corpo físico, o corpo etérico, o corpo astral e o portador do eu. O eu atua dentro dos três outros membros, transformando-os. Mediante tal transformação nascem, num nível inferior, a alma da sensação, a alma do intelecto e a alma da consciência; num nível mais elevado da existência humana, formam-se a personalidade espiritual, o espírito vital e o homem-espírito. Esses membros da natureza humana se encontram nas mais variadas relações com a totalidade do Universo, a cuja evolução está ligada a deles próprios. É observando essa evolução que se adquire uma compreensão dos mais profundos enigmas da entidade humana.

É claro que, nos mais diversos sentidos, a vida humana se relaciona com o ambiente, com o local onde se desenvolve. Ora, já a ciência exterior se viu compelida a reconhecer, pelos fatos ao seu alcance, que a própria Terra, esse domicílio do homem no sentido mais amplo, passou por uma evolução. Essa ciência aponta estágios, na existência terrestre, dentro dos quais ainda não existia em nosso planeta um ser humano com sua forma atual. Ela mostra como a humanidade, a partir de estados culturais rudimentares, pouco a pouco se desenvolveu para as condições atuais. Portanto, também essa ciência chega à opinião de que existe uma conexão entre a evolução do homem e a de seu corpo celeste, a Terra.

A Ciência Espiritual[33] observa essa conexão por meio daquele conhecimento cujos fatos são percebidos por órgãos espirituais. Ela acompanha o homem retrospectívamente em sua evolução, ficando-lhe evidente que o verdadeiro ser interior do homem percorreu uma série de vidas na Terra. E assim a pesquisa espiritual chega a um ponto, situado num passado muito remoto, em que pela primeira vez esse ser interior do homem surgiu numa vida exterior, no sentido atual. Foi nessa primeira encarnação terrestre que o eu começou a atuar nos três corpos — o físico, o etérico e o astral —, levando consigo, para a vida seguinte, os frutos dessa atuação.

Remontando com a observação retrospectiva até o referido ponto, verificaremos que o eu se encontra diante de um estágio terrestre em que os três corpos — o físico, o etérico e o astral — já estão desenvolvidos e já possuem uma certa correlação. O eu se une pela primeira vez à entidade composta por esses três corpos, passando a participar de seu desenvolvimento posterior. Antes disso, esses três corpos destituídos do eu humano haviam evoluído até o grau em que esse eu os encontrou.

A Ciência Espiritual deve, contudo, retroceder ainda mais com sua pesquisa se quiser responder às seguintes perguntas: — Como os três corpos alcançaram um grau de desenvolvimento que os capacitou a receber um eu? Como esse próprio eu veio a existir, e como adquiriu a capacidade de atuar nesses corpos?

Responder a essas perguntas só é possível quando se acompanha a própria evolução do planeta Terra no sentido científico-espiritual. É graças a tal pesquisa que se chega ao início deste planeta terrestre. O modo de observação baseado apenas nos fatos dos sentidos físicos não pode chegar a conclusões que tenham algo a ver com essa origem da Terra. Certa teoria que se utiliza de tais conclusões postula que toda a substância terrestre se formou a partir de uma nebulosa primordial. Não pode ser tarefa deste livro entrar nos detalhes de tais idéias, pois para a pesquisa espiritual importa considerar não apenas os processos materiais da evolução terrestre, mas principalmente as causas espirituais subjacentes à matéria.

Quando se tem à frente um homem que ergue uma das mãos, esse erguer das mãos pode motivar duas formas de observação: pode-se investigar o mecanismo do braço e do resto do organismo, querendo descrever o processo em seu aspecto puramente físico, mas também se pode concentrar o olhar espiritual naquilo que se passa na alma do homem e enseja o erguer da mão. De modo análogo, o pesquisador exercitado na percepção espiritual vê processos espirituais atrás de todos os processos do mundo físico-sensorial. Para ele, todas as transformações na substância do planeta terrestre são manifestações de forças espirituais, situadas detrás da matéria.

Quando, no entanto, essa observação espiritual remonta cada vez mais longe na vida da Terra, chega a um ponto da evolução em que outrora toda substância material começou a existir. Essa substância material evoluiu do espiritual, até então o único elemento existente. É pela observação espiritual que se percebe o espírito, vendo-se também como, numa seqüência posterior, este como que se condensa parcialmente em matéria. Tem-se um processo que — num plano mais elevado — ocorre como se observássemos um recipiente com água no qual pouco a pouco se formassem, por um resfriamento primorosamente conduzido, pedaços de gelo. Do mesmo modo como aqui se vê o que era somente água condensar-se e transformar-se em gelo, pela observação espiritual pode-se

[33] Como se pode depreender do texto, a expressão 'Ciência Espiritual' é utilizada aqui no mesmo sentido de 'conhecimento supra-sensorial'. (N.A.)

acompanhar como de certo modo, a partir de um elemento antes puramente espiritual, se condensam objetos, processos e seres materiais.

Assim evoluiu o planeta terrestre físico, a partir de uma entidade cósmica espiritual; e tudo o que se relaciona materialmente com o planeta terrestre condensou-se daquilo que antes lhe estava espiritualmente ligado. Contudo, não se deve imaginar que *todo* elemento espiritual se haja convertido em matéria; nesta, têm-se sempre apenas porções transformadas da substância espiritual primordial. Aí o espírito continua sendo, mesmo durante o período evolutivo material, o autêntico princípio diretor e condutor.

Evidentemente, a mentalidade que deseja ater-se apenas aos processos físico-sensoriais — e ao que o intelecto é capaz de concluir desses processos — nada consegue revelar sobre o elemento espiritual em questão. Suponhamos que pudesse existir um ser dotado apenas de sentidos capazes de perceber o gelo, mas não o estado mais sutil da água, da qual o gelo se formou por resfriamento. Para esse ser, a água não existiria; ele só perceberia algo de sua existência se uma parte dela se transformasse em gelo. Do mesmo modo, a realidade espiritual situada atrás dos processos terrestres permanece oculta a quem só considera válidos os fatos existentes para os sentidos físicos. E mesmo que, partindo dos fatos físicos percebidos atualmente, tal pessoa tire conclusões corretas sobre estados anteriores do planeta Terra, ela só chegará ao ponto evolutivo onde o elemento espiritual precedente se condensou parcialmente na substância material. Tal modo de observação percebe tão pouco esse elemento espiritual precedente quanto o elemento espiritual invisível que, também atualmente, vigora por detrás da matéria.

Só nos últimos capítulos deste livro poderão ser abordados os caminhos pelos quais o homem adquire a capacidade de ver retrospectivamente, em percepção espiritual, os estados primordiais da Terra aqui referidos. Por ora será apenas mencionado que, para a pesquisa espiritual, nem mesmo os fatos de um passado remotíssimo estão desaparecidos.

Quando um ser alcança uma existência material, com sua morte corporal essa matéria desaparece. Não ‘desaparecem’ do mesmo modo as forças espirituais que originaram esse elemento corporal. Elas deixam seus vestígios, suas exatas reproduções no fundamento espiritual do mundo. E quem for capaz de, através do mundo visível, elevar sua percepção até o invisível, chegará finalmente a ter diante de si algo comparável a um grandioso panorama espiritual onde estão registrados todos os processos anteriores do mundo. Pode-se denominar esses vestígios indeléveis de todo fato espiritual como ‘Crônica do *Akasha’,* uma vez que se designa por entidade do *Akasha* o substrato espiritual permanente do suceder universal, em contraposição às formas transitórias desse suceder.

Ora, aqui também deve ser dito que as pesquisas nos domínios supra-sensíveis da existência só podem ser realizadas com o auxílio da percepção espiritual — portanto, no domínio aqui considerado, só mediante a leitura da ‘Crônica do *Akasha’*. Contudo, também aqui é válido o que foi dito para caso semelhante em passagem anterior deste livro: os fatos supra-sensíveis só podem ser *pesquisados* por meio da percepção supra-sensível; mas, uma vez investigados e revelados pela ciência do supra-sensível, podem ser *compreendidos* pelo raciocínio comum, desde que realmente imparcial.

A seguir serão comunicados os estados evolutivos da Terra, no sentido do conhecimento supra-sensível. Serão acompanhadas as transformações do nosso planeta até o estado atual da vida. Ora, se alguém observar o que atualmente lhe apresenta a mera percepção sensória, e depois assimilar o que diz o conhecimento supra-sensível sobre a evolução desse estado atual desde o passado remoto, poderá concluir, mediante um pensar realmente imparcial, o seguinte: primeiro, é perfeitamente lógico o que o conhecimento supra-sensível relata; segundo, eu poderei compreender que as coisas tenham evoluído até o estágio em que se me apresentam se considerar verdadeiro o que a pesquisa supra-sensorial comunica. Naturalmente, com o termo ‘lógico’ não se subentende, neste contexto, a impossibilidade de ocorrerem erros de lógica em alguma exposição de pesquisa supra-sensível. Também aqui o ‘lógico’ cabe apenas no sentido em que é empregado na vida comum do mundo físico. Tal como aí a exposição lógica representa uma exigência, embora o narrador individual de um

domínio factual possa incorrer em erros de lógica, o mesmo ocorre na pesquisa supra-sensível. Há mesmo a possibilidade de um pesquisador capaz de ter percepções em domínios supra-sensíveis incorrer em erros na exposição lógica e ser corrigido por outra pessoa, incapaz dessa percepção mas dotada de raciocínio saudável. No fundo, porém, nada se pode objetar contra a lógica empregada na pesquisa supra-sensível; e nem mesmo se deveria ter necessidade de ressaltar que contra os próprios fatos nada se pode argumentar por meras razões lógicas. Assim como no mundo físico jamais se pode comprovar logicamente se uma baleia existe ou não, e sim vê-la com os próprios olhos, também os fatos supra-sensíveis só podem ser conhecidos pela percepção espiritual.

Nunca é demais, porém, salientar que para o observador dos domínios supra-sensíveis existe uma necessidade de, antes de tentar acercar-se desses domínios pela percepção própria, formar primeiramente uma opinião graças à mencionada lógica, e não menos graças ao reconhecimento de como o mundo sensorialmente manifesto parece compreensível sob todos os aspectos quando se pressupõe estarem corretas as informações da Ciência Oculta. Qualquer vivência do mundo superior permanece sendo um inseguro — e até perigoso — tatear quando o descrito caminho preparatório é desprezado. Por isso, neste livro será comunicado primeiro o aspecto factual supra-sensível da evolução terrestre, antes de se falar propriamente no caminho do conhecimento supra-sensível.

Também se deve levar inteiramente em conta que quem se identifica intelectualmente com as comunicações do conhecimento supra-sensorial não está, em absoluto, na mesma situação de alguém que ouve uma descrição de um processo físico sem ser capaz de vê-lo por si. Ora, o puro pensar já constitui uma atividade supra-sensorial em si. Como elemento sensorial, não pode conduzir por si próprio a fenômenos supra-sensíveis. No entanto, quando se dirige esse pensar aos processos supra-sensoriais relatados pela observação superior, ele se introduz *por si próprio* no mundo supra-sensível. Aliás, um dos melhores caminhos para uma percepção pessoal dos domínios supra-sensíveis é integrar-se no mundo superior pela reflexão a respeito das comunicações da Ciência Oculta. Tal ingresso está, na verdade, ligado à maior clareza. Por isso, também certa corrente da pesquisa científico-espiritual considera *esse* tipo de pensar como o mais sólido primeiro degrau de qualquer educação esotérica.

Também deve parecer totalmente compreensível que nesta obra não se indique, com relação a todos os detalhes da evolução terrestre percebida em espírito, como a realidade supra-sensível é confirmada no plano manifesto. Tampouco foi essa a intenção ao dizermos que o oculto pode sempre ser comprovado em seus efeitos manifestos. Tínhamos muito mais em mente mostrar que tudo o que vem ao encontro do homem pode, a cada passo, tornar-se luminoso e compreensível para ele quando sobre os fatos manifestos incide o esclarecimento possibilitado pela Ciência Espiritual. Só em alguns trechos característicos, nas considerações a seguir, fazemos referência a confirmações do oculto por meio do manifesto, a fim de mostrar como na vida prática, bastando querer, é possível fazê-lo *em todos os âmbitos.*

As encarnações planetárias

Pelo acompanhamento retrospectivo da evolução terrestre, no sentido da pesquisa científico-espiritual acima descrita, chega-se a um estado espiritual do nosso planeta. Prosseguindo, porém, até mais longe nesse retrospecto, verifica-se que anteriormente esse estado espiritual já havia passado por uma espécie de incorporação. Encontra-se, portanto, um estado planetário físico anterior, que mais tarde se espiritualizou e depois, em virtude de uma nova materialização, converteu-se em nosso planeta Terra. Com isso a Terra se apresenta como a reencarnação de um planeta antiqüíssimo. Porém a Ciência Espiritual pode retroceder ainda mais, encontrando então todo o processo repetido mais duas vezes. A Terra atravessou, portanto, três estados planetários anteriores, sempre intercalados por estados intermediários de espiritualização. O elemento físico se apresenta, sem dúvida, cada vez mais

sutil à medida que avançamos no acompanhamento retrospectivo da incorporação.

Frente à exposição feita adiante, é de supor a seguinte objeção: como pode um juízo sadio sujeitar-se a admitir a hipótese de estados cósmicos tão incomensuravelmente remotos como aqueles referidos aqui? A isso deve ser respondido que, para quem é capaz de ver o *atual* elemento oculto nos processos sensíveis manifestos, não pode representar qualquer impossibilidade a visualização também de estados evolutivos primordiais, por mais longínquos que sejam. Somente para quem não admite a realidade espiritual oculta no presente é que perde qualquer sentido a referência a uma evolução como a subentendida aqui. Para quem admite essa realidade, o estado anterior está implícito na contemplação do estado atual do mesmo modo como na contemplação de um homem de cinqüenta anos está implícita a criança de um ano. "Sim", pode-se dizer, "mas neste caso vemos homens de cinqüenta anos e crianças de um ano, bem como de todas as idades intermediárias possíveis". Isso está correto, mas também está correto relativamente à evolução do elemento espiritual aqui referido. Quem chega a um juízo análogo nesse campo compreende também que, observando-se a atualidade de modo abrangente — inclusive no plano espiritual —, juntamente com os estágios existenciais que progrediram até a perfeição evolutiva do presente foram realmente conservados também os estados evolutivos do passado, tal qual ao lado de homens de cinqüenta anos existem crianças de um ano. Dentro do suceder terreno do presente é possível contemplar o suceder primordial, bastando a pessoa ter capacidade para distinguir os diferentes estados sucessivos da evolução.

Ora, na forma em que se desenvolve atualmente, o homem surge apenas na quarta das incorporações planetárias caracterizadas, ou seja, na Terra propriamente dita. E o essencial dessa forma humana é o fato de o homem ser composto por quatro membros: o corpo físico, o corpo etérico, o corpo astral e o eu. No entanto, tal forma não teria podido surgir se não houvesse sido preparada pelos fatos evolutivos anteriores. Essa preparação aconteceu porque dentro da incorporação planetária anterior se desenvolveram seres que já possuíam três dos quatro componentes humanos atuais, ou seja, o corpo físico, o corpo etérico e o corpo astral. Esses seres, que em certo sentido poderiam ser chamados de precursores do homem, ainda não possuíam um eu, mas desenvolveram os três outros membros, com suas inter-relações, até ao ponto de estes se tornarem maduros para, mais tarde, acolher o eu. Com isso o precursor do homem alcançou, na incorporação planetária anterior, certo estado de maturidade de seus três membros. Esse estado entrou numa fase de espiritualização. E dessa espiritualização se originou um novo estado planetário físico — o da Terra. Neste estavam contidos, como que em germe, os precursores amadurecidos do homem. Pelo fato de haver atravessado a fase da espiritualização e reaparecido sob nova forma, o planeta todo ofereceu aos germes dotados dos corpos físico, etérico e astral, nele contidos, não apenas a oportunidade de atingir novamente o grau anterior de desenvolvimento, mas também outra faculdade: a de transcender a si próprios —após alcançado esse grau — pelo recebimento do eu.

A evolução terrestre divide-se, pois, em duas partes. Num primeiro período, a própria Terra aparece como reencarnação do estado planetário anterior. No entanto, graças à espiritualização ocorrida entrementes, esse estado repetitivo alcança um nível superior ao da encarnação precedente; e a Terra contém em si os germes dos precursores humanos do planeta anterior, que a princípio se desenvolvem até o nível já alcançado anteriormente. Tendo isso ocorrido, o primeiro período está encerrado. Agora porém a Terra, graças ao seu próprio estado superior de evolução, pode elevar ainda mais os germes, ou seja, capacitá-los ao recebimento do eu. O segundo período da evolução terrestre éaquela do desenvolvimento do eu nos corpos físico, etérico e astral.

Assim como mediante a evolução terrestre o homem é conduzido um grau acima, foi esse também o caso nas encarnações planetárias anteriores, pois já na primeira dessas encarnações existia algo do homem. Por conseguinte, para esclarecer a entidade humana atual devemos remontar, no curso de sua evolução, até o passado mais remoto da primeira das encarnações planetárias mencionadas.

Na pesquisa supra-sensível, pode-se denominar a primeira encarnação planetária como Saturno,

a segunda como Sol, a terceira como Lua e a quarta como Terra. Contudo, atente-se rigorosamente ao fato de que essas denominações não devem, por enquanto, ser relacionadas com as denominações similares empregadas para designar os componentes do nosso atual sistema solar. Saturno, Sol e Lua devem ser apenas nomes designativos de formas evolutivas *passadas* da Terra. A relação que esses mundos remotos têm com os corpos celestes do sistema solar atual se evidenciará no decorrer das considerações a seguir, pois então se evidenciará também por que esses nomes foram escolhidos.

Se as quatro mencionadas encarnações planetárias são descritas agora, isso só pode ser feito de maneira esboçada, pois os processos, entidades e seus destinos em Saturno, no Sol e na Lua são tão diversificados quanto na própria Terra. Portanto, na descrição dessas circunstâncias só podem ser destacados alguns aspectos característicos, apropriados para ilustrar como os estados da Terra se formaram a partir dos anteriores. Nesse caso, também se deve considerar que tais estados se vão tornando cada vez menos similares aos atuais à medida que se retrocede no passado. No entanto, só cabe caracterizá-los utilizando idéias emprestadas das condições terrestres atuais. Assim, por exemplo, ao se falar de luz, calor ou similares com referência a esses estados anteriores, não se deve esquecer que, com isso, não estão exatamente subentendidos os elementos designados hoje como luz e calor. Contudo essa forma de denominação está correta, pois ao observador do supra-sensível se evidencia, justamente nas fases anteriores da evolução, algo de onde se originou o que atualmente veio a ser luz, calor, etc. E quem acompanha as descrições assim elaboradas poderá perfeitamente deduzir, do contexto em que tais coisas foram colocadas, as representações mentais que se podem obter das imagens e metáforas de fatos ocorridos num passado longínquo.

Na verdade, essa dificuldade se torna muito significativa para os estados planetários anteriores à encarnação lunar. Durante esta última reinavam condições que, de certo modo, apresentam alguma semelhança com as da Terra. Quem tenta fazer uma descrição dessas condições encontra, nas analogias com o presente, certos pontos de apoio para expressar em idéias claras as percepções da visão supra-sensível. A situação é diferente quando se trata de descrever a evolução de Saturno e do Sol. O que ali se apresenta à observação clarividente é altamente diverso dos objetos e entidades que, na atualidade, pertencem ao ambiente da vida humana. Essa diversidade torna extremamente difícil fazer penetrar esses fatos, correspondentes a tempos remotos, no domínio da consciência supra-sensível. No entanto, como a entidade humana atual não pode ser compreendida sem que se remonte até o estado de Saturno, essa descrição deve ser fornecida. E obviamente não poderá ser mal entendido um tipo de descrição que considere a existência de tal dificuldade, tendo, portanto, em vista que alguns dos pontos expostos deve ser mais uma indicação, uma alusão aos eventos correspondentes do que uma descrição exata dos mesmos.

Na verdade, poder-se-ia ver uma contradição entre o que é apresentado a seguir e o que foi dito sobre a continuidade do passado no presente. Alguém poderia opinar que em nenhum lugar existe, ao lado do estado terrestre atual, um estado saturnino, solar ou lunar anterior, nem tampouco uma forma humana similar à que é descrita nestas explicações como existente no âmbito desses estados passados. É evidente que ao lado dos homens terrestres não andam homens saturninos, solares ou lunares tal qual crianças de três anos ao lado de homens de cinqüenta. No entanto, *dentro* do homem terrestre são perceptíveis, de modo supra-sensorial, os estados anteriores da humanidade. Para reconhecer isso, basta ter alcançado a capacidade de discernimento estendida a todas as situações da vida. Assim como ao lado do homem de cinqüenta anos existe a criança de três, ao lado do homem terreno vivo e desperto existe o cadáver, o homem adormecido e o homem a sonhar. E embora essas diversas formas de manifestação da entidade humana não se apresentem *de imediato,* do modo como são, como sendo os diversos graus evolutivos, uma observação supra-sensível visualiza nelas tais graus.

A evolução cósmica da entidade humana

Dos quatro membros atuais da entidade humana, o corpo físico é o mais antigo. É também

aquele que, em sua espécie, alcançou a maior perfeição. A pesquisa supra-sensível revela que esse membro do ser humano já existia no decorrer da evolução saturflifla. Nesta exposição se evidenciará que, na verdade, a forma desse corpo físico em Saturno era algo completamente diverso do atual corpo físico humano. Esse corpo físico terrestre só pode conservar sua natureza pelo fato de estar em ligação com o corpo etérico, o corpo astral e o eu, tal qual foi descrito nas partes anteriores deste livro. Uma ligação dessa espécie ainda não existia em Saturno. Naquela época o corpo físico atravessava seu primeiro grau evolutivo, sem que lhe estivessem integrados um corpo etérico, um corpo astral ou um eu. Só no decorrer da evolução saturnína ele amadureceu para acolher um corpo etérico. Para isso foi necessário que Saturno primeiro se espiritualizasse e depois se reincorporasse como Sol.

No âmbito da incorporação solar desabrochou de novo, como que de um germe remanescente, o que em Saturno se tornara o corpo físico; e só então este pôde ser impregnado por um corpo etérico. Em virtude dessa agregação de um corpo etérico, o corpo físico transformou seu feitio e foi elevado a um segundo grau de aperfeiçoamento.

Fenômeno análogo teve lugar durante a evolução lunar: o precursor do homem, tal qual se desenvolvera do Sol para a Lua, integrou a si o corpo astral. Com isso o corpo físico se transformou pela terceira vez, elevando-se, portanto, ao terceiro grau de seu aperfeiçoamento. O corpo etérico foi igualmente transformado, estando agora no segundo grau de seu aperfeiçoamento.

Na Terra, à entidade precursora do homem — constituída de corpo físico, corpo etérico e corpo astral — veio integrar-se o eu. Com isso o corpo físico alcançou seu quarto grau de perfeição, o corpo etérico o terceiro e o corpo astral o segundo; o eu se encontra apenas no primeiro grau de sua existência.

Se observarmos imparcialmente o ser humano, não teremos dificuldade em imaginar corretamente os diversos graus de perfeição de cada um de seus membros. Basta comparar, nesse sentido, o corpo físico com o corpo astral. Na qualidade de corpo anímico, evidentemente o corpo astral ocupa um estágio evolutivo mais elevado do que o físico. E quando, no futuro, o primeiro estiver aperfeiçoado, terá significado muito mais, para a entidade total do homem, do que o corpo físico atual. No entanto, *em sua espécie* o corpo físico alcançou certo grau superior. Consideremos a estrutura do coração, realizada no sentido da mais alta sabedoria, a maravilhosa estrutura do cérebro, etc., e mesmo uma parte qualquer do esqueleto — por exemplo, a extremidade superior do fêmur. Aí se encontra uma armação ou feixe articulado ordenadamente, composto de bastonetes finíssimos. O conjunto se dispõe de tal maneira que, com um mínimo possível de matéria, é obtido o resultado mais favorável sobre as superfícies articulares — por exemplo, a distribuição mais racional da fricção e, com isso, um tipo correto de mobilidade.

Assim, pois, encontram-se sábias disposições nas partes do corpo humano. E quem, além disso, considerar a harmonia na cooperação das partes em relação ao todo, achará correto falar em perfeição desse membro da entidade humana, segundo sua espécie. Não importa, neste caso, que possam aparecer fenômenos inadequados em certas partes ou desajustes na estrutura e nas funções. Pode-se até chegar à conclusão de que, em certo sentido, tais desajustes sejam apenas o necessário lado sombrio da sábia luz derramada sobre todo o organismo físico. Ora, compare-se com ele o corpo astral, portador de prazer e de sofrimento, de apetites e paixões. Que insegurança reina nele quanto a prazer e sofrimento, que apetites e paixões insensatos se manifestam freqüentemente à meta elevada do homem! Acontece que o corpo astral ainda se encontra apenas a caminho de alcançar a harmonia e a homogeneidade interior já encontradas no corpo físico. Do mesmo modo poderíamos mostrar que, em sua espécie, o corpo etérico se mostra mais perfeito do que o corpo astral, sendo porém menos perfeito do que o corpo físico. E uma observação adequada nos revelaria igualmente que o núcleo propriamente dito da entidade humana, o eu, está atualmente apenas no início de seu desenvolvimento. Ora, quanto o eu já realizou, até hoje, de sua tarefa no sentido de transformar os outros membros da entidade humana com o fim de torná-los uma manifestação de sua própria

natureza?

Para o conhecedor da Ciência Espiritual, as conclusões que assim se impõem à observação exterior são aguçadas por outras considerações. Poder-se-ia alegar que o corpo físico é acometido por enfermidades. Ora, a Ciência Espiritual está em condições de demonstrar, a esse respeito, que grande parte das enfermidades procede das perversões e desvios que o corpo astral transmite ao corpo etérico e que, por meio deste, destroem a harmonia, em si perfeita, do corpo físico. A relação mais profunda, que aqui só pode ser sumariamente mencionada, bem como a verdadeira causa de muitos processos patológicos, escapam à observação científica adstrita aos processos físico-sensoriais. Na maioria dos casos, essa relação é tal que os danos do corpo astral não ocasionam, no corpo físico, fenômenos patológicos na mesma vida em que estes se produziram, mas apenas numa vida ulterior. Por isso as leis aqui consideradas só têm significado para quem seja capaz de admitir a repetição das vidas humanas. Mas mesmo que se quisesse ignorar totalmente tais conhecimentos profundos, a simples observação da vida humana demonstra que o homem se entrega demasiadamente a prazeres e apetites que destroem a harmonia do corpo físico. E o gozo, as cobiças e as paixões têm sua sede não no corpo físico, mas no corpo astral. Este último é ainda tão imperfeito, em muitos aspectos, que pode destruir a perfeição do corpo físico.

Também aqui fique patente que não se pretende, com estas explicações, comprovar as afirmações da Ciência Espiritual sobre a evolução dos quatro membros da entidade humana. As provas são obtidas da pesquisa espiritual, e esta mostra que o corpo físico passou por quatro transformações para alcançar graus superiores de perfeição, sendo que os outros membros do homem, conforme descrito, passaram por menos. Aqui só se pretendeu indicar que essas comunicações da pesquisa espiritual se referem a fatos cujos efeitos recaem sobre os graus de aperfeiçoamento — observáveis também exteriormente — dos corpos físico, etérico, etc.

A evolução saturnina

Se quisermos formar uma idéia pictórica, aproximadamente real das condições reinantes durante a evolução de Saturno, deveremos ter em mente que em seu decorrer ainda não existiam, no essencial, quaisquer das coisas e criaturas que atualmente pertencem à Terra e constituem os remos mineral, vegetal e animal. Os seres desses três remos só se formaram em periodos posteriores da evolução. Dos seres terrestres fisicamente perceptíveis hoje só existia o homem, e dele apenas o corpo físico, conforme foi descrito. Ora, à Terra atual pertencem não apenas os seres dos reinos mineral, vegetal, animal e humano, mas também outros seres que não se manifestam numa corporalídade física. Tais entidades estavam presentes também na evolução saturnina, sendo que sua atividade no cenário de Saturno teve por conseqüência a evolução posterior do homem.

Ao se dirigirem os órgãos perceptivos espirituais não para o início ou fim, mas para a fase média do ciclo saturnino, nela se evidencia um estado que, em seu aspecto principal, consiste apenas em ‘calor’. Nada de elementos gasosos, líquidos ou mesmo sólidos são encontráveis aí. Todos esses estados só aparecem em encarnações posteriores. Suponha-se que um ser humano, com os órgãos sensoriais atuais, se aproximasse desse estado de Saturno como observador. Nenhuma das impressões sensoriais que lhe são possíveis se lhe depararia aí, exceto a sensação de calor. Supondo-se, pois, que tal ser se aproximasse de Saturno, ao penetrar no espaço ocupado por este último ele notaria apenas um estado térmico diferente do ambiente espacial restante. Contudo, não acharia essa parte do espaço homogeneamente quente: partes mais frias e mais quentes se alternariam das mais variadas maneiras. Seriam percebidas irradiações calóricas seguindo certas linhas, que nem sempre são apenas retas; em virtude das diferenças térmicas, criam-se formas irregulares. O observador teria diante de si um ser cósmico como que articulado em si mesmo, manifestando-se em estados alternados e consistindo apenas em calor.

Para o homem da atualidade deve ser difícil imaginar algo constituído apenas de calor, pois ele

está habituado a perceber o calor não como algo em si, mas como qualidade térmica dos corpos, sejam eles gasosos, líquidos ou sólidos. Principalmente a quem seja afeito às idéias da Física moderna, a alusão a 'calor' no sentido acima parecerá absurdo. Talvez tal pessoa argumente da seguinte maneira: "Existem corpos sólidos, líquidos e gasosos; o calor, porém, é apenas um estado em que uma dessas três formas se encontra. Quando as menores partículas de um gás estão em movimento, esse movimento é percebido como calor. Não havendo gás, não pode haver movimento nem, portanto, calor."

Para o pesquisador científico-espiritual, o assunto se apresenta de outro modo: para ele o calor é algo de que se fala no mesmo sentido em que se fala de gás, de líquido ou de um corpo sólido; trata-se apenas de uma substância ainda mais sutil do que o gás. E este último não é, para ele, senão calor condensado, no mesmo sentido em que o líquido é vapor condensado e o corpo sólido é líquido condensado. Assim, o ocultista refere-se a corpos calóricos do mesmo modo como fala de corpos gaseiformes ou vaporosos.

Bastará apenas admitir a existência de uma percepção anímica para se acompanhar o pesquisador espiritual nesse campo. No mundo existente para os sentidos físicos, o calor se apresenta totalmente como um estado do elemento sólido, líquido ou gasoso; contudo, esse estado é apenas o lado externo do calor, ou também seu efeito. Os físicos falam somente desse efeito do calor, e não de sua natureza íntima. Tente-se fazer total abstração de qualquer efeito calórico perceptível por meio dos corpos exteriores, focalizando simplesmente a vivência interior que se tem ao dizer "sinto-me quente", "sinto-me frio". Só esta vivência interior possibilita uma idéia do que foi Saturno em seu período evolutivo acima descrito. Por mais que se percorresse toda a extensão do espaço ocupado por ele, não se encontraria um único gás capaz de exercer uma pressão, nenhum corpo sólido ou líquido do qual se pudesse receber qualquer impressão luminosa; mas em cada ponto do espaço se sentiria, sem qualquer impressão do exterior: aqui existe este ou aquele grau de calor.

Num corpo cósmico com tal constituição, não existem quaisquer condições para os seres animais, vegetais e minerais da atualidade. (Por isso, é quase supérfluo mencionar que a suposição acima nunca pôde, efetivamente, acontecer. Um homem atual não pode como tal, na qualidade de observador, defrontar-se com o antigo Saturno. A explicação serviu apenas para ilustrar.) As entidades das quais o conhecimento supra-sensível se torna cônscio, durante a observação de Saturno, estavam num nível evolutivo inteiramente diferente em relação aos seres terrestres atuais, perceptíveis sensorialmente. A esse conhecimento se apresentam, de início, seres que não possuíam um corpo físico como o homem atual. É preciso também evitar pensar na atual corporalidade física do homem quando se alude aqui a 'corpo físico'. Deve-se, muito mais, distinguir criteriosamente entre corpo físico e corpo mineral. Um corpo físico é aquele governado pelas leis físicas que se observam atualmente no reino mineral. O corpo físico humano atual não é simplesmente governado pelas referidas leis físicas; além disso, é impregnado por substância mineral. No caso de Saturno, ainda não se pode cogitar da existência de tal corpo físico-mineral. Ali existe apenas uma corporalidade física, governada por leis físicas; mas essas leis físicas só se manifestam~pormeio de efeitos calóricos. Portanto, o corpo físico é um corpo calórico sutil, tênue, etérico. E é de tais corpos calóricos que se constitui todo o conjunto de Saturno. Esses corpos calóricos são os primeiros rudimentos do atual corpo humano físico-mineral. Este se formou como resultado da integração, ao primeiro, de substâncias gasosas, líquidas e sólidas formadas apenas mais tarde.

Dentre os seres que se apresentam à consciência supra-sensível, no momento em que esta se defronta com o estado de Saturno, e dos quais se pode dizer que sejam habitantes saturninos além do homem, há, por exemplo, os que não necessitavam absolutamente de um corpo físico; o membro inferior de sua entidade era o corpo etérico. Por outro lado, eles possuíam também um membro acima dos membros essenciais[34] humanos. O ser humano possui como membro mais elevado o homem-espírito; esses seres possuem um membro ainda superior, sendo que entre o corpo etérico e o homem-

[34] Componentes do ser *(Wesensglieder)*. (N.T.)

espírito eles possuem todos os membros já descritos nesta obra, encontrados também no homem: o corpo astral, o eu, a personalidade espiritual e o espírito vital.

Assim como a Terra de hoje está envolta por uma atmosfera, assim também o era Saturno; só que essa sua 'atmosfera' era de natureza espiritual[35], consistindo efetivamente nos seres mencionados e ainda em outras entidades. Havia uma interação entre os corpos caloricos de Saturno e os seres caracterizados. Estes imergiam seus membros essenciais nos corpos caloricos físicos de Saturno; e enquanto não havia qualquer vida própria nos corpos caloricos, expressava-se neles a vida de seus vizinhos. Poder-se-ia compará-los a espelhos; só que neles não se refletiam as imagens dos mencionados seres viventes, e sim suas condições vitais. No próprio Saturno não se poderia descobrir qualquer coisa viva; no entanto, ele atuava vivificadoramente sobre o espaço celeste circundante, refletindo para este, como num eco, a vida que lhe era enviada. Saturno inteiro parecia um espelho da vida celeste. Entidades muito elevadas, cuja vida Saturno refletia, podem ser denominadas 'Espíritos da Sabedoria'. (Na ciência espiritual cristã elas levam o *nome Kyriotetes,* ou seja, 'Dominações'.) Sua atividade em Saturno não se inicia apenas com a descrita época mediana da evolução saturnina. De certa maneira, esta já se havia encerrado. Antes de poderem chegar a ter consciência do reflexo de sua própria vida a partir dos corpos caloricos de Saturno, eles deviam primeiro levar esses corpos a produzir esse reflexo. Por isso sua atividade começou logo após o início da evolução saturnina. Quando isso aconteceu, a corporalidade de Saturno era de uma materialidade ainda desordenada, incapaz de refletir qualquer coisa.

Ao contemplarmos essa materialidade desordenada, estamos inseridos, pela observação espiritual, no início da evolução saturnina. O que se pode observar aí não apresenta, de modo algum, o caráter calórico posterior. Querendo-se caracterizar esse estado, só se pode falar de uma qualidade comparável à vontade humana — nada mais do que vontade. Trata-se, portanto, de um estado inteiramente anímico. Ao se explorar a procedência dessa 'vontade', encontra-se sua emanação de seres sublimes, que em sua evolução alcançaram graus quase inconcebíveis, até a altura em que, tendo-se iniciado a evolução de Saturno, puderam fazer a 'vontade' emanar de seu próprio ser. Algum tempo depois dessa emanação, liga-se à vontade a atividade dos Espíritos da Sabedoria, acima caracterizados. Com isso, a vontade, até então completamente desprovida de atributos, adquire paulatinamente a propriedade de espelhar a vida no espaço celeste. Podemos denominar esses seres que se comprazem em irradiar a vontade, no início da evolução saturnina, como 'Espíritos da Vontade'. (Na ciência esotérica cristã eles são denominados 'Tronos').

Tendo a evolução saturnína alcançado um certo nível graças à cooperação entre a vontade e a vida, iniciam sua atividade outros seres que também se encontram nas redondezas de Saturno. Pode-se denominá-los 'Espíritos do Movimento' *(Dynamis,* 'Virtudes' no esoterismo cristão). Eles não possuem nem corpo físico nem corpo etérico; seu componente inferior é o corpo astral. Quando os corpos saturninos alcançaram a faculdade de refletir a vida, essa vida refletida pôde impregnar-se com as qualidades sediadas nos corpos astrais dos Espíritos do Movimento. A conseqüência disso foi parecer que exteriorizações emocionais, sentimentos e outras forças anímicas fossem precipitadas de Saturno no espaço celeste. Saturno inteiro parece um ser anímico manifestando simpatias e antipatias. Contudo, essas exteriorizações anímicas não são absolutamente suas, mas apenas os refletidos efeitos anímicos dos Espíritos do Movimento.

Tendo isso perdurado também por certa época, inicia-se a atividade de outros seres, denominados 'Espíritos da Forma'. Também seu componente inferior é um corpo astral, porém si-

[35] Uma linguagem bem precisa, para expressar com exatidão a vivência interior durante a pesquisa espiritual, em vez de "Saturno era envolto por uma atmosfera" deveria dizer: "Enquanto a consciência supra-sensível se torna consciente de Saturno, apresenta-se também a essa consciência uma atmosfera de Saturno", ou "apresentam-se outros seres, desta ou daquela natureza". No entanto, a transposição para isto ou aquilo está presente" é aceitável, pois no fundo essa mesma transposição ocorre também na formulação da linguagem usual para a real vivência anímica na percepção sensorial, mas diante das exposições a seguir se deverá ter isso em mente. Aliás, isso já e fornecido também pelo contexto da exposição. (N.A.)

tuado num nível evolutivo diferente do que o corpo astral dos Espíritos do Movimento. Enquanto estes comunicam à vida refletida apenas manifestações sensitivas de natureza geral, o corpo astral dos Espíritos da Forma *(Exusiai,* 'Potestades' no esoterismo cristão) atua de maneira que as manifestações sensitivas são como que precipitadas no espaço cósmico por seres isolados. Poder-se-ia dizer que os Espíritos do Movimento fazem Saturno parecer, no todo, um ser dotado de alma; os Espíritos da Forma subdividem essa vida em seres vitais isolados, de modo que agora Saturno parece um aglomerado desses seres anímicos. Para formar uma idéia, imagine-se uma amora ou framboesa, constituída de pequenas bagas isoladas. Do mesmo modo, ao conhecedor supra-sensível Saturno se apresenta, no descrito período evolutivo, composto por seres saturnínos individuais, que no entanto não possuem vida nem alma próprias, refletindo a vida e a alma de seus habitantes.

Nesse estado saturnino interferem então seres cujo componente inferior também é um corpo astral, porém tão desenvolvido por eles que atua como um eu humano atual. Por intermédio desses seres, o eu contempla Saturno da periferia e transmite sua própria essência aos seres vitais individuais saturninos. Assim, de Saturno é enviado para o espaço cósmico algo semelhante ao efeito da personalidade humana no atual âmbito de vida. Sejam chamados 'Espíritos da Personalidade' *(Archai* , 'Arqueus' no esoterismo cristão) os seres que provocam tal fato. Eles transmitem a aparência do caráter de personalidade às partículas corporais de Saturno. Contudo, em Saturno não existe propriamente a personalidade, mas apenas algo como sua imagem reflexa, a casca da personalidade. Uma personalidade efetiva é possuída pelos Espíritos da Personalidade, na periferia de Saturno. Justamente pelo fato de esses Espíritos da Personalidade fazerem sua essência ser refletida pelos corpos saturninos, da maneira descrita, éque a estes é transmitida aquela sutil substancíalidade aqui designada antes como 'calor'. Não existe, em todo o Saturno, qualquer interioridade; mas os Espíritos da Personalidade reconhecem a imagem de sua própria interioridade na medida em que essa imagem aflui para eles de Saturno como calor.

Quando tudo isso acontece, os Espíritos da Personalidade estão no nível em que o homem se encontra atualmente, e então perfazem sua época humana. Caso se queira visualizar esse fato imparcialmente, é preciso imaginar que um ser possa ser 'homem' não simplesmente sob a forma que o homem possui hoje. Os Espíritos da Personalidade são 'homens' em Saturno. Eles possuem como componente inferior não o corpo físico, mas o corpo astral junto com o eu. Por conseguinte, não podem expressar as vivências desse corpo astral num corpo físico e num corpo etérico, como o homem atual; porém não apenasposs*t*tem um eu, mas também *sabem* dele, pois o calor de Saturno lhes transmite reflexivamente a consciência desse eu. Eles são justamente 'homens' em condições diferentes das terrestres.

No decorrer do tempo, seguem-se na evolução de Saturno fatos de natureza diferente daqueles ocorridos até aqui. Enquanto até aqui tudo era reflexo de vida e sensação exteriores, inicia-se agora uma espécie de vida interior. No mundo de Saturno começa, aqui e ali, uma vida luminosa que ora se acende, ora se apaga. Um trêmulo cintilar surge neste e naquele lugar, e em outros algo semelhante a relâmpagos oscilantes. Os corpos calóricos de Saturno começam a cintilar, a resplandecer e até a irradiar. O fato de ter sido atingido esse grau evolutivo possibilita a certas entidades o desenVolvimento de uma atuação. Trata-se daquelas que podem ser designadas como 'Espíritos do Fogo' *(Archangeloi,* 'Arcanjos' no esoterismo cristão). Essas entidades possuem realmente um corpo astral, mas no mencionado nível de sua evolução não podem dar-lhe qualquer impulso; elas não poderiam despertar qualquer sentimento, qualquer sensação se não fossem capazes de atuar sobre os corpos calóricos que alcançaram o descrito grau saturnino. Essa atuação lhes dá a possibilidade de reconhecer sua própria existência no efeito que produzem. Elas não poderiam dizer "eu existo", mas algo como "meu ambiente me permite existir". São capazes de perceber, e na verdade suas percepções consistem nos mencionados efeitos luminosos em Saturno. Estes constituem, de certo modo, seu eu, e isso lhes proporciona uma modalidade especial de consciência que se pode chamar de consciência imagética[36],

[36] Al. *Bilderbewusstsein* — 'consciência de imagens' —, o que, no sentido antropo-sáfico, se diferencia da

comparável à consciência onírica humana; só que se deve pensar num grau de intensidade muito superior ao dos sonhos humanos, não se tratando de imagens oníricas oscílantes e desprovidas de essência, mas daquelas que se encontram numa efetiva relação com os fenômenos luminosos de Saturno.

Nesse intercâmbio entre os Espíritos do Fogo e os corpos caloricos de Saturno, são incorporados à evolução os germes dos órgãos sensoriais humanos. Os órgãos pelos quais atualmente o homem percebe o mundo físico reluzem em seus primeiros e sutis rudimentos etéricos. Fantomas humanos[37], que ainda nada apresentam em si a não ser os arquétipos luminosos dos órgãos sensoriais, são reconhecíveis no âmbito de Saturno pela capacidade perceptiva clarividente. Esses sentidos são, portanto, o fruto da atividade dos Espíritos do Fogo; porém de seu surgimento participam não apenas esses espíritos. Simultaneamente a eles, surgem outros seres no cenário de Saturno — seres tão avançados, em sua evolução, que podem servir-se dos germes sensoriais para contemplar os processos cósmicos na vida saturnina. Trata-se de seres que podem ser chamados de 'Espíritos do Amor' ('Serafins' no esoterismo cristão). Sem sua presença, os Espíritos do Fogo não possuiriam a consciência acima descrita. Eles contemplam os processos de Saturno com uma consciência que lhes possibilita transmiti-los como imagens aos Espíritos do Fogo. Eles próprios renunciam a todas as vantagens que pudessem ter pela contemplação dos processos saturninos — a qualquer gozo, a qualquer alegria; abdicam de tudo isso para que os Espíritos do Fogo possam tê-lo.

A esses acontecimentos segue-se um novo período da existência saturnina. Aos fenômenos luminosos se acrescenta outra coisa. Para muitos, pode parecer desvario declarar o que aí se apresenta à percepção supra-sensível. No interior de Saturno, é como se houvesse sensações gustativas entremeadas. Doce, amargo, azedo, etc. são observados nos mais diversos locais do interior de Saturno; e para fora, penetrando no espaço cósmico, tudo isso é percebido como som, como uma espécie de música.

No âmbito desses processos, certas entidades encontram novamente a possibilidade de desenvolver uma atividade em Saturno. Denominemo-las 'Filhos do Crepúsculo ou da Vida' *(Angeloi,* 'Anjos' no esoterismo cristão). Eles entram num intercâmbio com as forças gustativas oscilantes, existentes no interior de Saturno. Com isso seus corpos etéricos ou vitais se entregam a uma atividade tal que cabe designá-la como uma espécie de metabolismo. Eles introduzem vida no interior de Saturno, provocando processos de nutrição e secreção. Não são eles que produzem *diretamente* esses processos; graças ao que provocam, tais processos surgem *indiretamente.* Essa vida interior torna possível a aparição, no corpo cósmico, de outros seres que podem ser chamados de 'Espíritos das Harmonias' ('Querubins' no esoterismo cristão). Eles transmitem aos Espíritos da Sabedoria uma espécie nebulosa de consciência, mais obscura e apática do que a consciência onírica do homem atual — semelhante à que acomete o homem durante um sono sem sonhos. Trata-se de um grau tão baixo de consciência do homem que, de certa forma, "não lhe vem absolutamente à consciência". Apesar disso ela existe, diferindo da consciência diurna segundo o grau e a natureza. Essa 'consciência dormente sem sonhos' é possuída atualmente também pelas plantas. Embora não transmita quaisquer percepções de um mundo exterior no sentido humano, ela regula os processos vitais e os leva à harmonia com os processos cósmicos exteriores. Nesse nível da evolução saturnina os Espíritos da Sabedoria não podem perceber essa regulação; porém os Espíritos das Harmonias a percebem, sendo, portanto, os verdadeiros reguladores.

Toda essa vida se desenrola nos fantomas humanos descritos. Ao olhar espiritual, portanto, eles parecem vivificados; no entanto, sua vida é apenas aparente. Trata-se da vida dos Espíritos da

---

'consciência imaginativa' referente ao primeiro dos três graus iniciático. (N.T.)

[37] O neologismo 'fantoma' traduz aqui o termo *Phantom,* que na acepção de Steiner se diferencia do usual 'fantasma'. Vide a esse respeito do Autor: De *Jesus a Cristo* trad. Rudolf Lanz e Gerda Hupfeld (São Paulo: Antroposófica, 1996), e *Seres elementares* e *seres espirituais,* trad. Sérgio Corrêa e Christa Glass (2. ed. São Paulo: Antroposófica, 1996). (N.T.)

Sabedoria, os quais, de certo modo, se servem dos fantomas humanos para viver sua própria vida.

Atente-se agora aos fantomas humanos com vida aparente. Durante o descrito período saturnino, eles têm forma totalmente mutável, ora assumindo este, ora aquele aspecto. No curso posterior da evolução suas formas se tornam mais definidas, durando por certo tempo. Isso se deve ao fato de agora eles serem impregnados pela atuação dos espíritos que já eram observáveis no início da evolução saturnina — os Espíritos da Vontade (os Tronos). O resultado disso é que o próprio fantoma humano aparece com uma forma de consciência extremamente rudimentar e nebulosa. Deve-se imaginar essa forma de consciência como sendo ainda mais reduzida do que a do sono sem sonhos. Nas circunstâncias atuais, são os minerais que têm essa consciência. Ela leva o ser interior a uma harmonia com o mundo exterior físico. Em Saturno são os Espíritos da Vontade os reguladores dessa harmonia, e com isso o homem aparece como uma reprodução da própria vida de Saturno. O que a vida saturnina é em grande escala, o homem, nesse grau, é em escala reduzida. Com isso é fornecido o primeiro germe para algo que também no homem de hoje ainda se encontra em estado germinal: o 'homem-espírito' *(atma).* Para dentro (em Saturno), essa vontade humana nebulosa se manifesta à percepção supra-sensível por meio de efeitos comparáveis a 'odores'. Para fora, em direção ao espaço celeste, existe uma manifestação como a de uma personalidade, porém não dirigida por um eu interior, e sim regulada do exterior como uma máquina. Os reguladores são os Espíritos da Vontade.

Ao se relancear a exposição precedente, fica visível que a partir do estado mediano da evolução saturnina as etapas dessa evolução podem ser caracterizadas comparando-se seus efeitos com as impressões sensoriais da atualidade. Dissemos que a evolução de Saturno se manifesta como calor, ao qual se acrescentam fenômenos luminosos, depois fenômenos gustativos e sonoros; finalmente surge algo que para o interior de Saturno se manifesta como sensações olfativas e, para o exterior, como um eu humano atuando maquinalmente. O que se manifesta na evolução saturnina antes do estado calórico? Trata-se de algo que não se pode absolutamente comparar com o que é acessível a uma impressão sensorial exterior. O estado calórico é antecedido por um estado que o homem atual só vivencia em seu ser interior. Ao se entregar a representações mentais que ele próprio forma em sua alma, sem a intervenção de qualquer impressão exterior, ele possuí em si algo que nenhum sentido físico pode perceber — algo que, como percepção, só e acessível à visão superior. Ao estado calórico de Saturno precedem justamente manifestações que só podem existir para a percepção supra-sensível. Podem-se distinguir três desses estados: calor puramente anímico, exteriormente imperceptível; luz puramente espiritual, traduzida em trevas para o exterior; e, finalmente, essência espiritual, que é perfeita em si mesma e não necessita de qualquer ser exterior para tornar-se cônscia de si. O calor puramente interior acompanha a aparição dos Espíritos do Movimento; a luz puramente espiritual, a dos Espíritos da Sabedoria; a pura essência interior está ligada à primeira emanação dos Espíritos da Vontade.

Com a aparição do calor saturnino nossa evolução sai, portanto, da vida interior, da pura espiritualidade, para entrar pela primeira vez numa existência exteriormente manifesta. Torna-se especialmente difícil, para a consciência atual, ainda aceitar a afirmação de que com o estado calórico saturnino aparece também, pela primeira vez, aquilo que denominamos 'tempo'. Os estados precedentes não são, em absoluto, temporais; pertencem àregião que na Ciência Espiritual se pode chamar de 'duração'. Por isso, tudo o que se relata neste livro sobre tais estados na 'região da duração' deve ser compreendido tendo-se em vista que as expressões referentes a condições temporais são empregadas apenas como analogia, em favor da compreensão. Para a linguagem humana, aquilo que de certa forma precede o 'tempo' também só pode ser caracterizado com expressões que contenham a idéia de tempo. Por conseguinte, é preciso ter consciência de que embora o primeiro, o segundo e o terceiro estados saturninos não se tenham desenvolvido 'sucessivamente' no sentido atual, não se pode senão descrevê-los sucessivamente. Outrossim, apesar de sua 'duração' ou simultaneidade, sua interdependência é tal que pode ser comparada a uma sucessão temporal.

Com essa alusão aos primeiros estados evolutivos de Saturno, também é lançada uma luz sobre

qualquer pergunta adicional a respeito da origem desses estados. Naturalmente, do ponto de vista puramente intelectual é inteiramente possível, diante de cada origem, indagar pela 'origem da origem'. Só que, diante dos fatos, isso não é possível. Basta recorrermos uma analogia para compreender isso:

Se alguém encontrar vestígios gravados num caminho, poderá perguntar: de onde provêm eles? — e receber a seguinte resposta: das rodas de um carro. Poderá continuar indagando: de onde vinha o carro, para onde ia? Uma resposta baseada nos fatos é novamente possível. E ele talvez ainda pergunte: quem ia no carro, que intenções tinha a pessoa que o utilizava, o que estava fazendo? Contudo, chegará a um ponto em que as indagações cessarão devido à própria natureza dos fatos. Se continuar indagando, estará se afastando da intenção do questionamento original; de certa forma, estará apenas fazendo perguntas rotineiras.

Em casos semelhantes ao exemplo dado, nota-se facilmente onde os fatos condicionam o término da indagação. Frente às grandes questões cósmicas, esse ponto não e tão fácil de esclarecer. Contudo, num exame apurado se descobrirá que todas as perguntas relativas ao 'de onde?' devem cessar nos estados saturninos descritos acima, pois chegou-se a um âmbito onde os seres e processos já não se justificam pelo que os origina, e sim por si mesmos.

Como resultado da evolução saturnina, fica evidente que o germe humano se desenvolveu até certo grau. Ele alcançou a consciência inferior, nebulosa, mencionada acima. Não se deve imaginar que sua evolução se haja iniciado apenas na última fase de Saturno, pois os Espíritos da Vontade atuam através de todos os estágios. Acontece, porém, que para a percepção supra-sensível o resultado se destaca mais nitidamente no último período. De um modo geral, não há um limite rígido entre as atuações de cada um dos grupos de seres. Ao dizer que primeiro atuam os Espíritos da Vontade, depois os Espíritos da Sabedoria, etc., não pretendemos que eles atuem exclusivamente aí. Eles atuam através de toda a evolução saturnina; só que sua atividade pode ser melhor observada nos períodos citados. É como se cada tipo de seres assumisse, nessa fase, a direção.

Assim, toda a a evolução saturnina aparece como uma reelaboração, pelos Espíritos da Sabedoria, do Movimento, da Forma, etc., daquilo que emanou dos Espíritos da Vontade. Essas entidades espirituais perfazem por sua vez, elas próprias, um desenvolvimento. Os Espíritos da Sabedoria, por exemplo, depois de terem recebido a vida refletida por Saturno, situam-se num nível diferente do anterior. O fruto dessa atividade eleva as faculdades de seu próprio ser. A conseqüência disso é que, terminado esse tipo de atividade, ocorre-lhes um estado análogo ao do homem durante o sono. A seus períodos de atividade em relação a Saturno seguem-se outros em que eles, por assim dizer, vivem em outros mundos. Sua atividade se encontra então desviada de Saturno. Por isso a percepção clarividente observa, na evolução saturnina, um ascender e um descender; o ascender dura até à formação do estado calórico. Então se inicia, com os fenômenos luminosos, já um descender. E tendo os fantomas humanos assumido forma graças aos Espíritos da Vontade, os seres espirituais também vão-se retraindo paulatinamente: a evolução saturnina se extingue em si mesma, desaparecendo como tal.

Uma espécie de período de repouso se inicia. Ao mesmo tempo, o germe humano entra como que num estado de dissolução — porém não de desaparecimento, e sim análogo ao da semente vegetal que repousa na terra a fim de germinar para uma nova planta. Assim descansa o germe humano, no seio cósmico, para um novo despertar. E quando é chegado o momento de seu despertar, também as entidades espirituais acima descritas adquiriram, sob outras condições, as faculdades graças às quais podem continuar a aperfeiçoar o germe humano. Os Espíritos da Sabedoria adquiriram em seu corpo etérico a faculdade de não apenas, como em Saturno, usufruir da irradiação da vida; agora eles conseguem irradiar vida de si próprios e dotar outros seres com ela. Os Espíritos do Movimento estão agora tão evoluídos quanto os Espíritos da Sabedoria em Saturno: o membro inferior de sua entidade era, ali, o corpo astral; agora eles possuem um corpo etérico ou vital. De modo análogo, os demais seres espirituais atingiram um grau evolutivo a mais. Todos esses seres espirituais podem, portanto,

atuar na evolução ulterior do germe humano diferentemente de como atuaram em Saturno.

Contudo, no final da evolução saturnina o germe humano se dissolveu. Para que os espíritos mais evoluídos possam prosseguir do ponto onde haviam parado anteriormente, esse germe humano deve repetir concisamente as etapas percorridas em Saturno. Isso se evidencia à faculdade de percepção supra-sensível. O germe humano sai de sua obscuridade e começa, por iniciativa própria, a desenvolver-se graças às forças que lhe foram infundidas em Saturno. Ele ressurge das trevas como um ser volitivo, expõe-se à aparência da vida, à natureza anímica, etc., até atingir aquela manifestação automática de personalidade que possuía no final da evolução saturnina.

A evolução solar

O segundo dos grandes períodos evolutivos referidos, o 'grau solar', provoca a elevação do ser humano a um estado de consciência superior àquele alcançado em Saturno. Em comparação com a consciência atual do homem, na verdade esse estado solar poderia ser chamado de 'inconsciência', pois equivale aproximadamente ao estado em que se encontra o homem atual durante um sono totalmente sem sonhos. Ou então se poderia compará-lo também ao grau inferior de consciência onde atualmente dormita o nosso mundo vegetal. Para a visão supra-sensível não existe inconsciência' alguma, mas apenas diversos graus de consciência. Tudo no Universo é consciente.

No curso da evolução solar, o ser humano adquire um grau superior de consciência pelo fato de lhe ser integrado o corpo etérico ou vital. Antes de isso acontecer, é necessário que se repitam os estados saturninos da forma acima descrita. Essa repetição tem um sentido muito preciso. Na verdade, terminado o período de repouso referido nas explicações precedentes, o que antes era Saturno emerge do 'sono cósmico' como um novo ser no Universo, como Sol. Com isso, porém, modificaram-se as condições da evolução. Os seres espirituais cuja atividade em Saturno foi descrita progrediram para novos estados. Contudo, no Sol formado recentemente o embrião humano aparece, de início, tal como se tornou no final da evolução saturnina. Ele deve primeiro modificar os diversos graus evolutivos alcançados em Saturno, de forma que estes se adaptem às condições do Sol. A época solar começa, portanto, com uma repetição dos acontecimentos saturninos, embora adaptados às condições modificadas da vida solar.

Quando o ser humano se desenvolve a ponto de seu nível evolutivo alcançado em Saturno se adaptar às condições solares, os já mencionados Espíritos da Sabedoria começam a fazer afluir o corpo etérico ou vital ao seu corpo físico. O elevado grau que o homem alcança no Sol pode ser caracterizado dizendo-se que o corpo físico, já existente em Saturno como rudimento embrionário, é elevado a um segundo grau de perfeição ao tomar-se portador de um corpo etérico ou vital. Esse corpo etérico ou vital alcança por si mesmo, na evolução solar, o primeiro grau de seu aperfeiçoamento. Contudo, para a obtenção desse segundo grau de perfeição para o corpo físico e do primeiro grau para o corpo etérico, é necessária ainda, no decurso posterior da vida solar, a intervenção de outros seres espirituais, tal qual foi descrito em relação ao grau saturnino.

Quando os Espíritos da Sabedoria iniciam a instilação do corpo vital, o ente solar, anteriormente escuro, começa a reluzir. Ao mesmo tempo, surgem no germe humano as primeiras manifestações de atividade interior; a vida se inicia. Aquilo que no caso de Saturno tivemos de caracterizar como vida aparente torna-se, agora, vida real. A instilação dura certo tempo, após o qual se produz no germe humano uma importante transformação. Ele se divide, na verdade, em duas partes. Enquanto anteriormente o corpo físico e o corpo vital formavam um todo intimamente ligado, o corpo físico começa agora a separar-se como uma parte específica, embora continue permeado pelo corpo etérico. Agora, portanto, estamos diante de um ser humano dual. Uma parte é constituída por um corpo físico plasmado por um corpo etérico e a outra é simplesmente corpo etérico. Essa segregação decorre, porém, durante um período de repouso da vida solar, no qual torna a extinguir-se a luminosidade já

manifesta. A cisão ocorre, de certa forma, durante uma 'noite cósmica'. No entanto, esse intervalo de repouso é muito mais curto do que aquele entre as evoluções saturnina e solar, referidas acima.

Decorrido o período de repouso, os Espíritos da Sabedoria continuam laborando algum tempo no ser humano dual, tal como haviam feito no ser humano unitário. Então os Espíritos do Movimento iniciam sua atividade. Eles impregnam com seu próprio corpo astral o corpo vital do ser humano; assim este adquire a faculdade de executar certos movimentos interiores no corpo físico. Trata-se de movimentos comparáveis aos movimentos da seiva numa planta atual.

O corpo saturnino fora constituído de mera substância calórica. Durante a evolução solar, essa substância calórica se condensa até um estado comparável ao atual estado gasoso ou vaporoso. Trata-se do estado que se pode chamar de 'ar'. Os primeiros sinais desse estado aparecem quando os Espíritos do Movimento iniciam sua atividade. A consciência supra-sensível se oferece a seguinte visão: dentro da substância calórica aparece algo como delicadas formações, que são postas em movimentos regulares pelas forças do corpo vital. Essas formações representam o corpo físico do ser humano no nível evolutivo que então lhe corresponde. Elas estão inteiramente impregnadas de calor e como que cercadas por um envoltório calórico. Formações caloricas com formas aéreas agregadas, estando estas últimas em movimento regular — eis como, no sentido físico, pode-se denominar esse ser humano. Querendo-se, portanto, manter a já descrita analogia com a planta atual, deve-se ter na consciência que não se trata de uma formação vegetal compacta, mas de uma forma aérea ou gasosa[38] cujos movimentos se poderiam comparar aos movimentos da seiva da planta atual.

A evolução prossegue desse modo descrito. Após certo tempo inicia-se novamente um intervalo de repouso, após o qual os Espíritos do Movimento continuam atuando até que à sua atividade vem juntar-se a dos Espíritos da Forma. O efeito disso é que as formações gasosas, até então sempre mutantes, assumem formas permanentes. Isso acontece também pelo fato de os Espíritos da Forma fazerem fluir e refluir suas forças para o corpo etérico do ser humano. Anteriormente as formações gasosas, quando apenas os Espíritos do Movimento atuavam sobre elas, moviam-se incessantemente, conservando sua forma apenas por um momento. Agora, porém, elas assumem formas temporariamente distinguíveis.

Novamente ocorre, depois de algum tempo, um novo intervalo de repouso; e novamente, findo esta último, os Espíritos da Forma retomam sua atividade. Logo, porém, surgem circunstâncias completamente novas na evolução solar. Na verdade, é chegado o momento em que a evolução solar atinge seu ponto central. É quando os Espíritos da Personalidade, que em Saturno alcançaram seu estado humano, ascendem a um grau mais elevado de aperfeiçoamento. Eles transcendem esse estado e adquirem uma consciência que o homem terreno atual, dentro do nível normal da evolução, ainda não possui. Este a adquirirá quando a Terra — ou seja, o quarto estado evolutivo planetário — tiver atingido sua meta e entrado no ciclo planetário seguinte. Então o homem não apenas perceberá o que se encontra ao seu redor tal qual o transmitem seus sentidos físicos atuais, mas será capaz de observar em imagens os estados anímicos dos seres que o circundam. Ele terá uma consciência imagética, conservando porém a plena autoconsciência. Nada haverá de onírico ou nebuloso em sua visão figurativa: ele perceberá o anímico sob forma de imagens, mas estas serão a expressão de realidades tal qual o são atualmente as cores e os sons físicos. Atualmente, o homem só pode elevar-se a tal contemplação mediante a disciplina científico-espiritual. Dessa disciplina se tratará em páginas posteriores deste livro.

Os Espíritos da Personalidade adquirem essa faculdade de contemplação, como seu dom evolutivo normal, no meio da etapa solar. E é justamente por isso que se tornam capazes de atuar, durante a evolução solar, sobre o corpo etérico humano recém-formado, da mesma maneira como em Saturno atuaram sobre o corpo físico. Assim como lá o calor lhes refletiu sua própria personalidade, agora as formações gaseiformes lhes refletem com esplendor as imagens do sua consciência

[38] O gás se manifesta à consciência supra-sensível pelo efeito luminoso que produz. Poderíamos, portanto, falar também de formações luminosas que se oferecem à percepção espiritual. (N.A.)

contemplativa. Eles contemplam supra-sensivelmente o que se passa no Sol, e esse contemplar não é absolutamente uma simples observação. É como se nas imagens que emanam do Sol prevalecesse algo da energia que o homem terreno designa como amor. E, observando-se arnmícamente de um modo mais preciso, encontra-se a causa desse fenômeno: na luz irradiada pelo Sol, seres sublimes se mesclam à sua atividade. Trata-se dos já mencionados Espíritos do Amor (no esoterismo cristão, 'Serafins'). A partir daqui, eles atuam sobre o corpo etérico ou vital humano juntamente com os Espíritos da Personalidade. Mediante essa atividade, o próprio corpo etérico progride um grau em seu caminho evolutivo. Ele adquire a faculdade de não só remodelar as formações gasosas contidas nele, mas de reelaborá-las de modo a manifestarem-se nelas os primeiros rudimentos de uma reprodução dos seres humanos vivos. Dos organismos gasosos formados são, de certa forma, produzidas secreções (como exsudatos) que assumem formas semelhantes às suas matrizes.

O novo Saturno

Para caracterizar a continuação da evolução solar, cabe chamar a atenção para um fato sumamente importante da evolução cósmica. É que no decorrer de uma época não são, em absoluto, todos os seres que alcançam sua meta evolutiva. Existem aqueles que permanecem aquém dessa meta. É que durante a evolução saturnína nem todos os Espíritos da Personalidade alcançaram o nível humano almejado ali para eles, conforme foi descrito. Do mesmo modo, nem todos os corpos humanos físicos desenvolvidos em Saturno alcançaram o grau de maturidade que os capacitasse a tornar-se portadores, no Sol, de um corpo etérico autônomo. A conseqüência disso é que no Sol existem seres e formações não adaptados às condições solares. Agora, durante a evolução solar, eles devem recuperar o que negligenciaram em Saturno. É por isso que, durante a etapa solar, pode-se observar espiritualmente o seguinte: quando os Espíritos da Sabedoria começam a fazer afluir o corpo etérico, o corpo solar passa, de certa maneira, a turvar-se, sendo impregnado por formações que efetivamente ainda pertenceriam a Saturno. Trata-se de formações calóricas incapazes de condensar-se adequadamente em ar: são os seres humanos que permaneceram no nível saturnino, não podendo tornar-se portadores de um corpo etérico regularmente desenvolvido.

Esses remanescentes da substância calórica de Saturno articulam-se, no Sol, em duas partes. Uma parte é, de certo modo, absorvida pelos corpos humanos; a partir de então, passa a constituir dentro do ser humano uma espécie de natureza inferior do mesmo. Assim sendo, no Sol o ser humano assume em sua corporalidade algo que efetivamente corresponde ao grau saturnino. Ora, assim como o corpo saturnino do homem possibilitou aos Espíritos da Personalidade elevar-se ao nível humano, agora essa parte saturnina do homem oferece, no Sol, o mesmo aos Espíritos do Fogo. Estes elevam-se ao nível humano fazendo suas forças fluir e refluir nessa parte saturnina do ser humano, tal qual fizeram os Espíritos da Personalidade em Saturno. Isso também ocorre no período mediano da evolução solar. Então a parte saturnina do ser humano se encontra tão amadurecida que, com sua ajuda, os Espíritos do Fogo (Arcanjos) podem percorrer sua etapa humana.

Uma outra parte da substância calórica de Saturno se desmembra e adquire uma existência independente ao lado e no meio dos seres humanos do Sol. Essa parte forma um segundo reino ao lado do reino humano — um reino que desenvolve no Sol um corpo totalmente autônomo, porém apenas físico, como corpo calórico. A conseqüência disso é que os Espíritos da Personalidade plenamente desenvolvidos não podem dirigir sua atividade, da forma descrita, a qualquer corpo etéríco independente. Acontece que também certos Espíritos da Personalidade permaneceram na fase saturnina, não tendo alcançado aí o nível humano. Entre eles e o segundo reino solar tornado independente existe um laço de atração. Agora, no Sol, eles devem relacionar-se com o reino retardatário tal qual seus companheiros adiantados fizeram com relação aos seres humanos em Saturno. Lá, estes também haviam desenvolvido somente o corpo físico. No próprio Sol, porém, não existe possibilidade alguma para tal trabalho dos Espíritos da Personalidade retardatários. Por isso eles se separam do corpo solar e formam, fora dele, um corpo cósmico independente que se destaca,

portanto, do Sol. É a partir deste que os Espíritos da Personalidade retardatários atuam sobre os mencionados seres do segundo reino solar.

Com isso surgiram duas formações cósmicas daquela que anteriormente era Saturno. Doravante o Sol tem em sua proximidade um segundo corpo cósmico que representa uma espécie de renascimento de Saturno, um novo Saturno. É desse Saturno que emana o caráter de personalidade para o segundo reino solar. Portanto, dentro desse reino se apresentam seres que no próprio Sol não possuíam qualquer personalidade; contudo, eles refletem para os Espíritos da Personalidade, no novo Saturno, a própria personalidade destes. A consciência supra-sensível pode observar, entre os seres humanos no Sol, forças calóricas que interferem na evolução solar regular e nas quais se constata a atuação dos já descritos espíritos do novo Saturno.

Durante o período mediano do ciclo solar, cumpre observar no ser humano alguns aspectos. Ele é constituído de um corpo físico e um corpo etérico. Dentro de ambos se desenrola a atividade dos Espíritos da Personalidade evoluídos, em combinação com a dos Espíritos do Amor. Ao corpo físico está mesclada uma parte da natureza saturnína retardatária, na qual se desenrola a atividade dos Espíritos do Fogo. Em todos os efeitos dos Espíritos do Fogo sobre a natureza atrasada de Saturno deve-se ver os precursores dos atuais órgãos sensoriais do homem terreno. Anteriormente foi mostrado como já em Saturno esses Espíritos do Fogo se ocupavam, na substância calórica, da formação dos germes sensoriais. Na ação combinada entre os Espíritos da Personalidade e os Espíritos do Amor (os Serafins) são reconhecíveis os primeiros indícios dos atuais órgãos glandulares humanos.

No entanto, com o que foi dito acima não se esgota a atividade dos Espíritos da Personalidade residentes no novo Saturno. Estes não estendem sua atividade simplesmente ao chamado segundo reino solar, mas estabelecem uma espécie de conexão entre esse reino e os sentidos humanos. As substâncias calóricas desse reino fluem e refluem através dos germes sensoriais humanos, de modo que o ser humano adquire no Sol uma espécie de percepção do reino inferior situado fora dele. Trata-se, naturalmente, apenas de uma percepção confusa, correspondendo inteiramente à consciência saturnina nebulosa referida acima. Ela é essencialmente constituída de diversos efeitos calóricos.

Tudo o que se descreveu sobre a época mediana da evolução solar dura algum tempo. Então advém novamente um intervalo de repouso, após o qual as atividades anteriores prosseguem da mesma forma, até um momento da evolução em que o corpo etérico humano está maduro o suficiente para se iniciar um trabalho conjunto dos Filhos da Vida (Anjos) e dos Espíritos da Harmonia (Querubins). À consciência supra-sensível se apresentam, dentro do ser humano, manifestações comparáveis a percepções gustativas que, para o exterior, se expressam como sons. Algo semelhante já foi mencionado quanto ao ciclo saturnino. Só que aqui, no Sol, tudo isso é mais interiorizado no ser humano, éinteiramente vida autônoma.

Os Filhos da Vida adquirem, desse modo, aquela nebulosa consciência imagética que os Espíritos do Fogo haviam alcançado em Saturno. Nisso, os Espíritos da Harmonia (os Querubins) são seus auxiliares. São eles que, de fato, contemplam espiritualmente o que se desenrola agora dentro da evolução solar; só que renunciam a todos os frutos dessa contemplação, à sensação das imagens plenas de sabedoria que ali surgem, introduzindo-as como grandiosas manifestações mágicas na consciência oníríca dos Filhos da Vida. Estes, por sua vez, introduzem tais figuras de sua visão no corpo etérico do homem, de modo que este alcança graus cada vez mais elevados de evolução.

Novamente surge um intervalo de repouso após o qual tudo emerge do ‘sono cósmico’, e após certo lapso de tempo o ser humano está amadurecido o suficiente para movimentar forças próprias. Trata-se das mesmas que, durante a última época do período saturnino, afluíram para esse ser humano por intermédio dos Tronos. Agora esse ser humano passa a desenvolver-se numa vida interior, cuja manifestação à consciência é comparável a uma percepção olfativa interna. Para o exterior, no entanto, em direção ao espaço cósmico, esse ser humano manifesta-se como uma personalidade, contudo não dirigida por um eu interior. Ela parece muito mais uma planta atuando como personalidade.

Já foi dito que no final da evolução saturnina a personalidade se manifesta como uma máquina. E assim como aí se desenvolveu o primeiro germe de algo que ainda é apenas embrionário mesmo no homem atual, ou seja, o 'homem-espírito' *(atma),* aqui é igualmente elaborado um primeiro germe do 'espírito vital' *(buddhi).*

Decorrido algum tempo nesse processo, inicia-se novamente um intervalo de repouso. Tal qual nos anteriores casos semelhantes, após essa pausa a atividade do ser humano prossegue durante certo período. Surgem então condições que se manifestam como uma nova intervenção dos Espíritos da Sabedoria. Por meio dela o ser humano se torna capaz de experimentar os primeiros indícios de simpatia e antipatia em relação ao seu ambiente. Não se trata, porém, de qualquer sensação real, mas de algo precursor da sensação — pois a atividade vital interior, que em suas manifestações foi caracterizada como percepções olfativas, expressa-se para o exterior como uma espécie de linguagem primitiva. Se interiormente é percebido um odor simpático — ou também um sabor, um cintilar, etc.—, o ser humano o exterioriza por meio de um som. E algo semelhante ocorre no caso de uma percepção interior não-simpática.

É realmente por meio de todos os processos descritos que se chega a alcançar o verdadeiro sentido da evolução solar para o ser humano. Este atingiu um grau superior de consciência frente à consciência saturnina: trata-se da consciência do sono.

Depois de algum tempo, chega também o ponto evolutivo em que os seres superiores relacionados com o grau solar devem passar para outras esferas a fim de elaborar o que adquiriram para si mesmos graças à sua atuação sobre o próprio ser humano. Inicia-se um longo intervalo de repouso, como aquele entre a evolução saturnina e a solar. Tudo o que foi aprimorado no Sol passa a um estado comparável ao da planta, quando suas forças de crescimento repousam na semente. Mas assim como essas forças de crescimento vêm novamente para a luz do dia numa nova planta, após o intervalo de repouso tudo o que era vida no Sol também emerge do seio cósmico e inicia uma nova existência planetária. Para se compreender bem o sentido de tal intervalo de repouso, desse 'sono cósmico', basta dirigir o olhar espiritual para uma das espécies de entidades mencionadas, como por exemplo os Espíritos da Sabedoria. Em Saturno eles não estavam evoluídos o suficiente para poder fazer emanar de si um corpo etérico, tendo sido apenas preparados para isso por meio das experiências vividas em Saturno. Durante a pausa, transformam em faculdade real o que apenas havia sido preparado neles. Assim sendo, no Sol encontram-se suficientemente evoluídos para fazer a vida emanar de si mesmos e dotar o ser humano com um corpo vital próprio.

A evolução lunar

Depois do intervalo de repouso, o que antes era o Sol emerge novamente do 'sono cósmico', ou seja, volta a ser perceptível às forças espirituais videntes, para as quais anteriormente era observável e havia desaparecido durante o intervalo de repouso. Agora, porém, no ser planetário recém-surgido, que deve ser designado como 'Lua' (não devendo ser confundido com seu fragmento, o atual satélite da Terra), mostra-se uma dualidade. Em primeiro lugar, o que se havia separado durante o ciclo solar como 'novo Saturno' está novamente incluído no novo ser planetário, pois durante o intervalo de repouso esse Saturno se uniu novamente ao Sol; tudo o que se encontrava no primeiro Saturno reaparece logo como uma *única* formação cósmica. Em segundo lugar, os corpos etéricos humanos formados no Sol foram absorvidos, durante o intervalo de repouso, por algo como uma espécie de envoltório espiritual do planeta. Nesse momento, portanto, eles não aparecem unidos aos corpos humanos físicos correspondentes, que a princípio se apresentam de modo autônomo. É bem verdade que trazem em si tudo o que fora elaborado neles em Saturno e no Sol, mas carecem de corpo etérico ou vital. Aliás, não podem incorporar esse corpo etérico, pois durante o intervalo de repouso este passou por uma evolução à qual eles ainda não estão adaptados.

O que ocorre no início do ciclo lunar, para possibilitar essa adaptação, é ínicíalmente uma nova

repetição dos fatos saturninos. O ser humano[39] físico recapitula então os níveis da evolução saturnina, só que sob condições completamente diferentes. Em Saturno atuavam nele apenas as forças de um corpo calórico, mas agora estão presentes também aquelas do corpo gaseiforme elaborado mais tarde. Estas últimas, contudo, não aparecem imediatamente no início da evolução lunar. Tudo ocorre como se o ser humano consistisse apenas em substância calórica e, dentro dela, as forças gasosas dormitassem. Chega então um tempo em que estas se manifestam em seus primeiros indícios. E, por último, na fase final da repetição saturnina, o ser humano já se apresenta como durante seu vivo estado solar.

Contudo, toda essa vida ainda se mostra como aparência. Primeiramente ocorre um intervalo de repouso, análogo às breves pausas durante a evolução solar. Logo se inicia novamente a instilação do corpo etérico, para o qual o corpo físico já foi amadurecido. Essa instílação se processa, tal como na recapitulação de Saturno, em três épocas distintas entre si. Durante a segunda dessas épocas, o ser humano se encontra tão adaptado às novas condições lunares que os Espíritos do Movimento podem fazer uso da faculdade adquirida, que consiste em fazer afluir para o ser humano o corpo astral, emanado de sua própria entidade. Eles se prepararam para essa tarefa durante a evolução solar, e mais tarde, no intervalo de repouso entre o Sol e a Lua, transformaram essa preparação na faculdade já citada.

Essa instilação dura também algum tempo, ocorrendo então uma das pequenas pausas; depois disso a instilação prossegue, até que os Espíritos da Forma iniciam sua atividade. Pelo fato de os Espíritos do Movimento fazerem afluir o corpo astral para o ser humano, este adquire as primeiras qualidades anímicas. Os processos que se desenvolvem nele em virtude da posse de um corpo etérico, e que na evolução solar ainda eram processos vegetativos, começam a despertar sensações de prazer ou de desagrado. No entanto, esses processos continuam sendo apenas um fluxo e refluxo interior alternado de prazer e desprazer, até que os Espíritos da Forma intervêm.

Então esses sentimentos cambiantes se transformam de maneira a surgir, no ser humano, o que se pode considerar o primeiro indício do desejo, da cobiça. O ser aspira a uma repetição daquilo que uma vez proporcionou prazer, procurando evitar o que foi sentido como antipático. Como, no entanto, os Espíritos da Forma não entregam sua própria natureza ao ser humano, mas apenas fazem suas energias afluir e refluir, o desejo carece de profundidade e de autonomia. Ele é dirigido pelos Espíritos da Forma, apresentando-se com um caráter instintivo.

Em Saturno o corpo físico do ser humano era um corpo calórico; no Sol ocorreu uma condensação em estado gasoso ou 'ar'. Ora, como durante a evolução lunar aflui o elemento astral, em certo momento o físico adquire um novo grau de condensação, atingindo um estado comparável ao atual estado líquido. Pode-se designar esse estado como 'água'; contudo, não se trata da nossa água atual, mas de qualquer forma líquida de existência. O corpo físico humano adquire então, gradualmente, uma forma composta por três configurações substanciais. A mais densa é um 'corpo aquoso' atravessado por correntes aéreas, sendo tudo permeado por efeitos caloricos.

Ora, também no ciclo solar nem todas as formações atingem a plena maturidade adequada. Por isso, na Lua se encontram tanto formações situadas apenas no nível saturnino quanto outras que só atingiram o nível solar. Assim surgem, ao lado do reino humano normalmente evoluído, outros dois remos. Um deles consiste em seres que se retardaram no nível saturnino, possuindo por isso apenas um corpo físico, sendo esse reino incapaz, também na Lua, de ser portador de um corpo vital independente; esse é o reino lunar mais inferior. Um segundo reino consiste em seres que se retardaram no nível solar, não se tornando por isso maduros para agregar a si, na Lua, um corpo astral independente; eles formam um reino intermediário entre o recém-mencionado e o reino humano normalmente evoluído.

No entanto, ocorre também algo diverso: as substâncias com meras forças caloricas e aquelas com meras forças aéreas impregnam também os seres humanos. É por esse motivo que, na Lua, estes

[39] Al. *Menschenwesen* (corr. de *Menschenleben)*. Cf. ed. orig. cit. (N.T.)

trazem em si uma natureza saturnina e uma solar. Com isso sobreveio à natureza humana uma espécie de cisão, graças à qual, uma vez iniciada a atividade dos Espíritos da Forma, é provocado algo importantíssimo no âmbito da evolução lunar. Inicia-se aí uma divisão no corpo cósmico lunar. Uma parte de suas substâncias e seres se separa dos demais: de um corpo cósmico formam-se dois. Num deles estabelecem sua morada certas entidades superiores, antes mais intimamente unidas ao corpo cósmico unitário; o outro, por sua vez, é ocupado pelo ser humano, pelos dois remos inferiores caracterizados anteriormente e por certas entidades superiores que não se transportaram ao primeiro corpo cósmicos. O primeiro dos dois corpos cósmicos, com os seres superiores, parece um Sol renascido, porém mais sutil; o outro é agora a neoformação propriamente dita, a 'antiga Lua', terceira encarnação planetária da Terra depois das encarnações saturnina e solar.

Das substâncias formadas na Lua o novo Sol renascido leva consigo, ao separar-se, apenas o 'calor' e o 'ar'; no que restou como Lua encontra-se, além dessas duas substâncias, também o estado líquido. Com essa separação se consegue fazer com que as entidades emigradas com o novo Sol não sejam detidas, em sua evolução posterior, pelas entidades lunares mais densas, podendo assim prosseguir desímpedidas em seu próprio desenvolvimento. Com isso elas adquirem uma força bem maior para atuar, a partir de seu Sol, sobre os seres lunares. Também estes adquirem, assim, novas possibilidades evolutivas. A eles ficaram principalmente unidos os Espíritos da Forma, que consolidaram a natureza dos desejos e cobiças; esta se expressa gradualmente numa nova condensação do corpo físico do ser humano. O elemento antes meramente líquido desse corpo assume uma forma viscosa, e de maneira análoga condensam-se também as formações aéreas e calóricas. Processos similares produzem-se igualmente nos dois reinos inferiores.

O fato de o corpo lunar ter-se separado do corpo solar faz com que o primeiro se relacione com o segundo do mesmo modo como outrora o fazia Saturno com toda a evolução cósmica circundante. O corpo saturnino fora formado do corpo dos Espíritos da Vontade (os Tronos). Sua substância refletia no espaço cósmico todas as vivências das mencionadas entidades espirituais ao seu redor; e, em virtude dos processos seguintes, essa reflexão despertou gradualmente para uma vida autônoma. Aliás, toda evolução consiste no seguinte: primeiro, uma essência independente se separa da vida circundante; depois o ambiente se imprime no ente segregado como que por reflexo, e finalmente esse ente segregado prossegue evoluindo independentemente.

Assim, também o corpo lunar se separou do corpo solar, refletindo inicialmente a vida deste. Se nada mais houvesse sucedido, ocorreria o seguinte processo cósmico: haveria um corpo solar onde certas entidades espirituais, a ele adaptadas, teriam suas vivências nos elementos calórico e aéreo; frente a esse corpo solar existiria um corpo lunar, onde outros seres se desenvolveriam conjuntamente com a vida calórica, aérea e aquática. O progresso da incorporação solar para a incorporação lunar consistiria no fato de os seres solares terem diante de si sua própria vida como que refletida pelos processos lunares, podendo desfrutar dela — o que ainda lhes era impossível durante a etapa solar.

Os fatos, porém, não ficaram nesse processo evolutivo. Sucedeu algo que, para toda a evolução ulterior, foi da mais profunda importância. Certas entidades, adaptadas ao corpo lunar, apoderam-se do elemento volitivo à sua disposição (herança dos Tronos) e com isso desenvolveram uma vida própria, que se estrutura independentemente da vida solar. Ao lado das experiências da Lua, submetidas unicamente à influência solar, surgem experiências lunares independentes — algo como estados de sublevação ou rebelião contra os seres solares. E os diversos remos surgidos no Sol e na Lua, principalmente o reino dos antepassados do homem, são afetados por essa situação. Com isso o corpo lunar encerra em si, espiritual e materialmente, duas espécies de vida: uma estreitamente ligada à vida solar e outra que 'divergiu' desta e segue um caminho independente. Essa articulação em dois tipos de vida se expressa em todos os processos seguintes da incorporação lunar.

O que se apresenta à consciência supra-sensível, com relação a esse período evolutivo, pode ser caracterizado com as seguintes imagens:

Todo o conjunto da massa lunar é formado por uma substância semiviva que se encontra num

movimento ora lento, ora rápido. Não se trata ainda de massa mineral, no sentido das rochas e componentes terrestres sobre os quais caminha o homem atual. Caberia falar de um reino mineral-vegetal; só que é preciso imaginar todo o corpo básico da Lua consistindo nessa substância mineral-vegetal, do mesmo modo como atualmente a Terra consiste em rochas, solo cultivável, etc. Assim como atualmente se amontoam massas rochosas, também se depositavam na massa lunar partes mais sólidas, comparáveis a estruturas lenhosas ou a formações córneas. E assim como agora crescem vegetais do solo mineral, o solo lunar era coberto e permeado por um segundo reino, composto por uma espécie de animais-vegetais. Sua substância era mais branda do que a massa básica e mais móvel em si. Qual um mar viscoso,esse reino se estendia sobre o outro.

Quanto ao próprio homem, cabe designá-lo como homem-animal. Ele possuía em sua natureza os componentes dos outros dois reinos. Porém sua entidade estava completamente impregnada por um corpo etéríco e um corpo astral, sobre os quais atuavam forças das entidades superiores, emanadas do Sol segregado. Assim era enobrecida sua estrutura. Enquanto os Espíritos da Forma lhe davam uma estrutura que o adaptava à existência lunar, os espíritos solares faziam dele uma entidade que transcendia essa vida. Com as faculdades presenteadas por esses espíritos, ele possuía a força para aperfeiçoar sua própria natureza, elevando a um nível superior de evolução tudo o que guardava afinidade com os remos inferiores.

Vistos espiritualmente, os processos em questão podem ser descritos da seguinte maneira:

O precursor do homem havia sido enobrecido por entidades dissidentes em relação ao reino solar. Esse enobrecimento se estendia sobretudo ao que era vivenciado no elemento líquido. Sobre este elemento, os seres solares, soberanos nos elementos caloricos e aéreos, haviam exercido influência mínima. Disto resultou, para o precursor do homem, que duas espécies de entidades passaram a atuar em sua natureza: uma parte dessa natureza estava inteiramente permeada pelas atividades dos seres solares, enquanto na outra atuavam os seres lunares dissidentes. Por esse motivo, a última parte era mais independente do que a primeira. Na primeira só podiam surgir estados de consciência em que viviam os seres solares; na última vivia uma espécie de consciência cósmica análoga à do ciclo saturnino, só que agora em nível mais elevado. Desse modo o antepassado do homem via a si próprio como uma ‘imagem do Universo’, enquanto sua ‘parte solar’ se sentia apenas como uma ‘imagem do Sol’.

Então essas duas entidades travaram na natureza humana uma espécie de luta. Por influência das entidades solares, firmou-se para essa luta um acordo pelo qual a natureza material, que possibilitava a consciência cósmica independente, tornou-se frágil, perecível. E assim, de tempos em tempos essa parte da natureza humana teve de ser eliminada. Durante a eliminação e algum tempo depois, o antepassado do homem era um ser meramente dependente da influência solar. Sua consciência não era autônoma; nela o homem vivia inteiramente entregue à vida solar. Depois se renovava a parte lunar independente. Após algum tempo, esse processo sempre se repetia.

Assim, pois, na Lua o antepassado do homem vivia em estados alternados de consciência mais clara e mais obscura, sendo essa alternância acompanhada por uma mudança de seu ser no tocante à substância. De tempos em tempos ele se desfazia de seu corpo lunar, retomando-o mais tarde.

Do ponto de vista físico, os reinos lunares apresentam grande variedade. Os vegetais-minerais, os animais-vegetais e os homens-animais diferem segundo os grupos. Isto será compreensível considerando-se que, devido ao retardamento das formações em cada etapa anterior da evolução, incorporaram-se formas com as mais diversas qualidades. Há formações que ainda exibem as propriedades iniciais de Saturno, outras do período mediano desse corpo cósmico e outras do final. O mesmo ocorre em todas as etapas evolutivas do Sol.

E assim como ficam para trás as formações relacionadas com o corpo cósmico em contínua evolução, o mesmo ocorre com certas entidades relacionadas com essa evolução. Pelo desenvolvimento progressivo até à Lua, já surgiu uma série de graus de tais entidades. Aí existem Espíritos da Personalidade que mesmo no Sol não alcançaram seu nível humano, enquanto outros recuperaram a

perda e ascenderam ao grau da humanidade. Também um certo número dos Espíritos do Fogo, os quais deveriam ter-se tornado homens no Sol, ficou para trás. Tal como na evolução solar certos Espíritos da Personalidade retardatários saíram do corpo solar e fizeram Saturno ressurgir como um novo corpo cósmico específico, ocorre também que no curso da evolução lunar as entidades acima caracterizadas se retiram para corpos cósmicos específicos.

Até agora foi abordada apenas a divisão entre o Sol e a Lua; no entanto, pelos motivos citados, também outras formações cósmicas se separam do corpo lunar surgido após a grande pausa entre o Sol e a Lua. Depois de algum tempo, observa-se um sistema de corpos cósmicos cujo mais avançado participante deve ser chamado, por razões óbvias, de novo Sol. E um laço de atração análogo ao que existiu, na evolução solar, entre o reino saturnino retardatário e os Espíritos da Personalidade no novo Saturno, forma-se entre cada um desses corpos cósmicos e os seres lunares correspondentes. Levaria demasiadamente longe seguir em detalhes todos os corpos cósmicos emergentes. Deve ser suficiente termos indicado por que, da formação cósmica unitária que no início da evolução da humanidade aparece como Saturno, se desprende cada vez mais uma série de corpos cósmicos.

Depois da intervenção dos Espíritos da Forma na Lua, a evolução prossegue durante algum tempo, da forma descrita. Depois disso ocorre novamente uma pausa, durante a da qual os elementos mais grosseiros dos três reinos lunares permanecem numa espécie de estado de repouso; as partes mais sutis, contudo, especialmente os corpos astrais dos seres humanos, separam-se dessas formações mais toscas. Eles atingem um estado em que as forças superiores dos sublimes seres solares podem exercer sobre eles uma ação particularmente intensa.

Depois do intervalo de repouso, eles impregnam novamente aquelas partes do ser humano constituídos das substâncias mais grosseiras. Pelo fato de terem assimilado poderosas forças no intervalo de repouso — no estado livre —, eles podem tornar as substâncias mais grosseiras maduras para o efeito que, após certo tempo, deverá ser exercido sobre elas pelos Espíritos da Personalidade e pelos Espíritos do Fogo normalmente desenvolvidos.

Entrementes, esses Espíritos da Personalidade elevaram-se a um nível que lhes confere a ‘consciência da inspiração’. Aí eles não só podem perceber em imagens — como na consciência imagética anterior — os estados interiores de outros seres, mas também, como numa linguagem sonora espiritual, o próprio interior desses seres. Os Espíritos do Fogo, por sua vez, elevaram-se ao grau de consciência que os Espíritos da Personalidade possuíam no Sol. Ambas as espécie de espíritos podem, com isso, interferir na vida já amadurecida do ser humano. Os Espíritos da Personalidade atuam sobre o corpo astral e os Espíritos do Fogo sobre o corpo etérico. Com isso, o corpo astral adquire o caráter da personalidade; doravante não só vivencia o prazer e a dor, mas também os relaciona consigo próprio. Ele ainda não alcança uma consciência completa do eu que diga a si mesma “estou aqui”, mas sente-se apoiado e protegido por outras entidades em seu redor. Elevando até elas seu olhar, pode dizer a si mesmo: “Este meu ambiente me mantém na existência.”

Os Espíritos do Fogo atuam agora sobre o corpo etérico. Sob sua influência, o movimento das forças nesse corpo se converte cada vez mais numa atividade vital interior. O que aí surge encontra uma expressão física numa movimentação humoral e em fenômenos de crescimento. As substâncias gasosas se condensaram em líquidas; pode-se falar de uma espécie de nutrição, na medida em que o elemento recebido do exterior é transformado e elaborado no interior. Se imaginarmos um processo intermediário entre a nutrição e a respiração no sentido atual, teremos uma idéia do que então acontecia a esse respeito. As substâncias nutritivas eram extraídas pelo ser humano do reino das plantas-animais. Deve-se imaginar essas plantas-animais flutuando, sobrenadando — ou levemente arraigadas — num elemento ao seu redor, tal como os animais inferiores atuais vivem na água ou os animais terrestres no ar. Contudo, esse elemento não é nem água nem ar no sentido atual, e sim algo intermediário, composto de ambos — uma espécie de vapor espesso onde as mais variadas substâncias se movem para lá e para cá, como que à mercê das mais diversas correntes. As plantas-animais parecem apenas formas condensadas regulares desse elemento, muitas vezes diferenciadas,

fisicamente, apenas um pouco de seu ambiente. O processo respiratório existe ao lado do processo de nutrição. Não é como na Terra, e sim como uma sucção e exalação de calor.

Para a observação supra-sensível, é como se durante esses processos se abrissem e novamente se fechassem certos órgãos pelos quais penetrasse e saísse uma corrente calórica, e também como se as substâncias aeriformes e aquosas fossem introduzidas e expulsas. E pelo fato de, nesse estágio de sua evolução, o ser humano já possuir um corpo astral, essa respiração e essa nutrição são acompanhadas de sentimentos, de modo que surge uma espécie de prazer quando são absorvidas, de fora, substâncias proveitosas para a constituição do ser humano. Desprazer é provocado quando substâncias nocivas se introduzem, ou mesmo apenas chegam até as proximidades.

Assim como, da maneira descrita, durante a evolução lunar o processo respiratório estava próximo ao processo de nutrição, o processo ideativo tinha afinidade com a reprodução. Das coisas e seres que circundavam o homem lunar não partia um efeito imediato sobre qualquer dos sentidos. A representação mental consistia muito mais no fato de que, pela presença de tais coisas e seres, movimentavam-se imagens na consciência vaga, crepuscular. Essas imagens estavam numa relação muito mais íntima com a efetiva natureza do ambiente do que as percepções sensoriais atuais — que em cores, sons, odores, parecem só mostrar o aspecto exterior dos seres.

Para termos um conceito mais claro da consciência dos homens lunares, imaginemo-los como que integrados no ambiente vaporoso acima descrito. Nesse elemento vaporoso se desenrolam os mais diversos processos. Matérias e substâncias ora se combinam, ora se dissociam. Partes se condensam, outras se refinam. Tudo isso se passa sem que os seres humanos o vejam ou ouçam de imediato; contudo, provoca imagens na consciência humana. Essas imagens são comparáveis às da atual consciência onírica — tal qual, por exemplo, quando um objeto cai ao solo e uma pessoa adormecida não percebe o processo real, e sim uma imagem qualquer: ela sonha, por exemplo, que foi feito um disparo. Só que as imagens da consciência lunar não são arbitrárias como essas imagens oníricas; na verdade elas são símbolos, e não reproduções exatas, mas correspondem aos processos exteriores. De um fenômeno exterior definido só procede uma imagem, igualmente bem definida. O homem lunar está, por isso, em condições de orientar seus atos segundo essas imagens, tal como o homem de hoje o faz segundo suas percepções. Cumpre apenas considerar que a conduta baseada em percepções está sujeita ao livre-arbítrio, enquanto as ações sob a influência das referidas imagens são executadas como que por um vago impulso.

Essa consciência imagética não é, absolutamente, de molde a viabilizar apenas a percepção de processos físicos exteriores; por meio das imagens são representados também os seres espirituais reinantes por detrás dos fatos físicos, bem como suas atividades. Assim, é nas coisas do reino vegetomineral que os Espíritos da Personalidade se tornam, de certo modo, visíveis; por detrás e dentro dos seres vegetominerais manifestam-se os Espíritos do Fogo; e como seres que o homem consegue idealizar sem estabelecer relação com algo físico — contemplando-os, por assim dizer, como formações anímicas etéricas — manifestam-se os Filhos da Vida.

Embora essas representações mentais da consciência lunar não fossem reproduções, mas apenas símbolos do exterior, sua atuação sobre o interior do ser humano era muito mais significativa do que as atuais representações mentais do homem transmitidas pela percepção. Elas podiam colocar todo o ser interior em movimento e atividade; era de acordo com ela que os processos interiores se modelavam. Elas eram autênticas forças plasmadoras. O ser humano assumia a forma que estas lhe imprimiam, convertendo-se, por assim dizer, numa reprodução de seus próprios processos de consciência.

Quanto mais o progresso da evolução se realiza dessa forma, tanto mais tem por conseqüência o fato de se produzir no ser humano uma transformação profundamente decisiva. O poder que parte das imagens da consciência perde gradualmente a faculdade de estender-se sobre toda a corporalidade humana. Esta se divide em duas partes, em duas naturezas. Formam-se componentes sujeitos à ação plasmadora da consciência imagética e que se tornam, em alto grau, uma reprodução da vida ideativa

no sentido recém-descrito. Outros órgãos, porém, subtraem-se a essa influência. Numa parte de seu ser o homem está, por assim dizer, excessivamente denso e determinado por outras leis para poder orientar-se segundo as imagens da consciência. Estas se subtraem à influência do ser humano, submetendo-se porém a uma outra — à própria influência dos sublimes seres solares. Contudo, a essa etapa da evolução vê-se preceder um intervalo de repouso, durante o qual os espíritos solares adquirem a energia para atuar sobre os seres da Lua sob condições completamente novas.

Após esse intervalo de repouso, o ser humano está claramente dividido em duas naturezas. Uma delas está subtraída àação independente da consciência imagética; assume uma forma mais definida e coloca-se sob a influência de forças que, embora procedentes do corpo lunar, só surgem aí pela influência dos seres solares. Essa parte do ser humano participa cada vez mais da vida estimulada pelo Sol. A outra parte eleva-se da primeira como uma espécie de cabeça; em si é móvel, plástica, modelando-se como expressão e veículo da nebulosa vida consciente do homem. Todavia, ambas as partes estão intimamente ligadas; entre elas há um intercâmbio de seivas; membros se estendem de uma para dentro da outra.

Uma significativa harmonia se estabelece pelo fato de, no decorrer do tempo em que tudo isso sucedeu, ter-se criado entre o Sol e a Lua uma relação coerente com o rumo dessa evolução. Num trecho anterior já foi relatado como, por força de sua evolução, os seres em progresso separam seus corpos celestes de uma massa cósmica geral. É como se eles irradiassem as forças segundo as quais as substâncias se estruturam. O Sol e a Lua se separaram de acordo com a necessidade de estabelecer domicílios adequados para os respectivos seres.

Todavia, essa determinação da matéria e de suas forças pelo espírito vai bem mais adiante. Os próprios seres também condicionam certos movimentos dos corpos cósmicos, determinadas revoluções de uns em redor de outros. Com isso esses corpos modificam sua posição em relação aos demais; e, modificando-se a posição de um corpo cósmico em relação ao outro, modificam-se também os efeitos de seus seres correspondentes entre si. Assim ocorreu com o Sol e a Lua. Pelo movimento da Lua em torno do Sol, os seres humanos ora se encontram sob a influência predominante da atividade do Sol, ora se afastam dessa influência, entregando-se mais a si próprios. O movimento é um resultado da mencionada ‘dissidência’ de certos seres lunares e do acordo selado em torno da luta originada por isso. Esse movimento é apenas a expressão física da relação de forças espirituais criadas pela dissidência. O fato de um corpo mover-se ao redor de outro origina, nos seres que habitam nos corpos cósmicos, os estados alternados de consciência dos quais falamos anteriormente. Pode-se dizer que, alternadamente, a Lua dirige sua vida ao Sol e a afasta dele. Existe um período solar e um período planetário, e no decorrer deste último os seres lunares se desenvolvem na face lunar contrária ao Sol. Contudo, no caso da Lua se acrescenta algo além do movimento dos corpos celestes. A consciência supra-sensível retrospectiva pode ver, na verdade, como os próprios seres lunares se movem, em períodos bem regulares, em torno de seu corpo cósmico. Assim, em certas épocas eles buscam os lugares onde possam abandonar-se à influência do Sol e, em outras, migram para lugares onde não fiquem sujeitos a essa influência e possam, de certo modo, refletir sobre si próprios.

Para completar o quadro representativo desses processos, deve-se também ter presente que nesse período os Filhos da Vida alcançam seu nível humano. Mesmo na Lua, o homem ainda não pode servir-Se de seus sentidos — cujos rudimentos já se haviam formado em Saturno — para sua própria percepção de objetos exteriores. Porém no nível lunar esses sentidos se tornam instrumento dos Filhos da Vida, que se servem deles para ter percepções. Assim esses sentidos, que pertencem ao corpo humano físico, entram numa inter-relação com os Filhos da Vida. Estes últimos não apenas se servem deles, mas também os aperfeiçoam.

Pelas relações mutáveis com o Sol ocorre agora, conforme já descrito, uma transformação nas condições de vida do próprio ser humano. As coisas sucedem de modo tal que, a cada vez que fica sujeito à influência solar, o ser humano se abandona à vida do Sol e a seus fenômenos mais do que a si próprio. Durante esses períodos, ele experimenta a imensidão e majestade do Universo tal qual estas

se expressam no Sol, e é como se as absorvesse. Justamente os seres sublimes que estabeleceram sua morada no Sol atuam então sobre a Lua. Esta, por sua vez, atua sobre o ser humano. Essa atuação, contudo, não se estende à totalidade deste, mas particularmente às suas partes subtraídas à influência das próprias imagens da consciência. Especialmente os corpos físico e vital adquirem certo tamanho e configuração. Para isso, no entanto, os fenômenos da consciência se retraem. Quando, em sua vida, está afastado do Sol, o ser humano se ocupa com sua própria natureza. Inicia-se então uma atividade interior, especialmente no corpo astral. Por outro lado, a forma exterior se torna menos vistosa, menos aperfeiçoada.

Assim, pois, durante a evolução lunar existem os já caracterizados dois estados alternados de consciência, claramente discerníveis: um mais nebuloso, durante o período solar, e outro mais claro, durante a época em que a vida está mais entregue a si própria. O primeiro estado é, sem dúvida, mais obscuro, mas por outro lado é menos egoísta; aí o homem se consagra mais ao mundo exterior, ao Universo refletido no Sol. Trata-se de uma alternância entre os estados de consciência, comparável tanto à alternância entre sono e vigília no homem atual como também à sua vida entre o nascimento e a morte, de um lado, e à existência mais espiritual entre a morte e um novo nascimento, de outro. O despertar na Lua, quando o período solar gradualmente cessa, poderia caracterizar-se como um estado intermediário entre o despertar do homem atual a cada manhã e seu nascimento. Do mesmo modo, o obscurecimento gradual da consciência ao se aproximar o período solar é como um estado intermediário entre o adormecer e o morrer. Ocorre que uma consciência do nascer e do morrer, conforme a possui o homem atual, ainda não existia na antiga Lua. Era numa espécie de vida solar que o homem se entregava ao gozo dessa vida. Ele era, durante esse tempo, subtraído à sua vida própria, vivendo mais espiritualmente.

Só nos cabe tentar uma descrição aproximada e comparativa daquilo que o homem vivenciava nesses períodos. Ele sentia como se as forças do Universo afluíssem para ele, palpitassem através dele. Como que embriagado pelas harmonias do Universo, das quais compartilhava — eis como ele se sentia aí. Em tais épocas seu corpo astral parecia liberto do corpo físico, do qual também uma parte do corpo vital era retirado. E esse conjunto composto de corpo astral e corpo etérico era como um delicado e maravilhoso instrumento musical, em cujas cordas ressoavam os mistérios do Universo. Era de acordo com as harmonias universais que se plasmavam os membros da parte do ser humano sobre a qual a consciência tinha apenas uma influência mínima, pois nessas harmonias atuavam os seres do Sol. Assim, essa parte do homem foi esculpida, em sua forma, pelos sons espirituais do Universo. Nesse contexto, a alternância entre o estado mais claro de consciência e este mais obscuro, durante o período solar, não era tão radical como a que existe, no homem atual, entre a vigília e o sono totalmente sem sonhos. Aliás, a consciência imagética não era tão clara como a atual consciência de vigília; por outro lado, tampouco a outra consciência era tão obscura quanto o sono sem sonhos da atualidade. E assim o ser humano tinha uma espécie de consciência, embora indistinta, do jogo de harmonias cósmicas em seu corpo físico e na parte do corpo etérico que permanecera ligada ao primeiro.

No período em que o Sol, de certa forma, não brilhava para o homem, as representações imagéticas apareciam na consciência em lugar das harmonias. Aí reviviam, nos corpos físico e etérico, especialmente os membros que estavam sob o poder imediato da consciência. Em compensação, as outras partes do ser humano, sobre as quais não atuavam as forças plasmadoras do Sol, passavam por um processo de endurecimento e de ressecamento. E quando se aproximava novamente o período solar, os corpos velhos se desintegravam; eles se desprendiam do ser humano, e como que de um túmulo de sua antiga corporalidade ressurgia o homem regenerado no interior, embora ainda insignificante sob essa forma. Havia ocorrido uma renovação do processo vital. Pela atuação dos seres solares e suas harmonias, o corpo ressuscitado se remodelava em sua perfeição, e o processo descrito acima se repetia. E o homem sentia essa renovação como o vestir de uma nova roupagem. O núcleo de seu ser não havia passado por um nascimento ou uma morte autênticos; havia somente passado de

uma consciência espiritual sonora, na qual ele estava entregue ao mundo exterior, para uma consciência em que ele se consagrava mais ao íntimo. Ele havia trocado de pele. O antigo corpo se tornara inútil, tendo sido despojado e renovado.

Com isto também foi mais exatamente descrito o que, acima, caracterizamos como uma espécie de reprodução e ressaltamos possuir afinidade com a vida ideativa. O ser humano produziu algo semelhante a si mesmo, no que se refere a certas partes dos corpos físico e etérico. Todavia, do ser parental não surge um ser filial inteiramente diferente, e sim o núcleo essencial do primeiro se transpõe ao segundo. Ele não produz um novo ser, mas a si próprio sob nova forma.

É assim que o homem lunar experimenta uma alternância de consciência. Ao aproximar-se o período solar, suas representações imagéticas se desvanecem progressivamente, e um feliz abandono o preenche; em seu plácido interior ressoam as harmonias cósmicas. Perto do final desse período, animam-se as imagens no corpo astral; ele começa a ter mais sentimentos e sensações de si próprio. O homem vivencia algo como um despertar da bem-aventurança e da calma nas quais estava submerso durante a época solar.

Contudo, outra importante vivência ocorre então: com a nova clarificação das imagens da consciência, o homem se vê como que envolto por uma nuvem descida do Universo qual uma entidade sobre ele. Ele sente essa entidade como algo pertencente a ele próprio, como uma complementação de sua própria natureza. Sente-a como aquilo que lhe presenteia sua existência, como seu 'eu'. Essa entidade é um dos Filhos da Vida. Diante dele, o homem sente o seguinte: "Foi nele mesmo que eu também vivi enquanto, na época solar, estava entregue à magnificência do Universo; só que naquela ocasião ele não me era visível, mas agora posso vê-lo." E é também desse Filho da Vida que emana a energia para a atuação que, na época destituída de Sol, o homem exerce sobre sua própria corporalidade. E quando o período solar se aproxima de novo, o homem sente como se ele próprio estivesse uno com o Filho da Vida. Embora tampouco o veja então, sente-se intimamente ligado a ele.

Na relação com os Filhos da Vida, não ocorria de cada ser humano ter para si um deles; todo um grupo de homens sentia como se tal ser lhes pertencesse. Assim, pois, na Lua os homens viviam isolados em tais grupos, sendo que cada grupo vivenciava num Filho da Vida seu 'eu grupal' comum. A distinção entre os grupos se afirmava principalmente pelo fato de os corpos etéricos possuírem uma forma especial em cada grupo. Como, no entanto, os corpos físicos se modelavam segundo os corpos etéricos, também nos primeiros se imprimiam as diferenças dos segundos, e da mesma forma os grupos humanos individuais apareciam como muitas espécies humanas. Ao olhar para os grupos humanos pertencentes a eles, os Filhos da Vida se viam, de certa maneira, multiplicados nos seres humanos individuais, sentindo aí sua própria 'egoidade'.[40] Era como se eles se refletissem nos homens. Era essa também a tarefa dos sentidos humanos naquela época. Já foi mostrado que eles ainda não transmitiam quaisquer percepções de objetos, mas refletiam a essência dos Filhos da Vida. O que os Filhos da Vida percebiam por meio dessa reflexão conferia-lhes a 'consciência do eu'. E o que foi suscitado por esse espelhamento no corpo astral humano são justamente as imagens da vaga e crepuscular consciência lunar.

O efeito dessa atividade realizada pelo homem em reciprocidade com os Filhos da Vida se exerceu, no corpo físico, sobre os rudimentos do sistema nervoso. Os nervos se apresentam como prolongamentos dos sentidos para o interior do corpo humano.

Pelo exposto, fica visível como as três categorias de espíritos — os da Personalidade, os do Fogo e os Filhos da Vida —atuam sobre o homem lunar.

Considerando-se a época principal da evolução lunar — a época central —, pode-se dizer que os Espíritos da Personalidade implantam no corpo astral humano a independência, o caráter de personalidade. A isto deve ser atribuído o fato de o homem poder voltar-se para si mesmo e trabalhar

[40] Al. *Ichheit* — estado ou qualidade de 'eu'. (N.T.)

em sua própria formação nas épocas em que o Sol, por assim dizer, não lhe aparece.

Os Espíritos do Fogo se ativam no corpo etérico na medida em que este imprime em si próprio a configuração independente do ser humano. Por seu intermédio sucede o fato de o ser humano, depois de cada renovação de seu corpo, sentir-se novamente o mesmo ser. Portanto, graças aos Espíritos do Fogo é conferida ao corpo etérico uma espécie de memoria.

Os Filhos da Vida atuam sobre o corpo físico de modo que este possa converter-se na expressão do corpo astral tornado independente. Eles também possibilitam que esse corpo físico se torne uma reprodução fisiognomônica[41] de seu corpo astral.

Em contrapartida, na formação dos corpos físico e etérico — na medida em que, nas épocas solares, estes se desenvolveram independentemente do corpo astral — intervêm entidades espirituais superiores, particularmente os Espíritos da Forma e os Espíritos do Movimento. Sua intervenção se efetua da forma acima descrita, a partir do Sol.

É sob a influência de tais fatos que o ser humano amadurece, para desenvolver gradualmente em si o germe para a 'personalidade espiritual', do mesmo modo como desenvolveu o germe do 'homem-espírito' na segunda metade da evolução saturnina e do 'espírito vital' no Sol. Com isso se modificam todas as condições na Lua. Em virtude das transformações e renovações sucessivas, os seres humanos se tornam cada vez mais aperfeiçoados e sutis, ganhando, contudo, também em forças. Com isso a consciência imagética se afirma cada vez mais nos períodos solares, adquirindo assim influência sobre a formação dos corpos físico e etérico, o que antes se devia apenas à ação dos seres solares. O que ocorreu na Lua, graças aos seres humanos e aos espíritos ligados a eles, tornou-se cada vez mais similar ao que anteriormente fora realizado pelo Sol e suas entidades superiores. Como conseqüência disso, essas entidades solares puderam consagrar cada vez mais suas forças à sua própria evolução. Desse modo, após algum tempo a Lua se tornou madura para estar novamente unida ao Sol.

Nova união entre o Sol e a Lua

Observados espiritualmente, esses processos se apresentam da seguinte maneira: os 'seres lunares dissidentes' foram progressivamente dominados pelos seres solares, tendo então de submeter-se a eles de modo que suas funções se ajustassem às dos seres solares, aos quais se subordinavam. Contudo, isso só aconteceu depois de transcorridas grandes épocas em que os períodos lunares se tornavam cada vez mais curtos e os períodos solares cada vez mais longos. Iniciou-se então um novo ciclo evolutivo, durante o qual o Sol e a Lua são uma única formação cósmica. Aí o corpo físico humano se tornou totalmente etérico.

Ao dizermos que o corpo físico se tornou etérico, não cabe supor que, em relação a tais estados, não se possa falar num corpo físico. O que foi plasmado como corpo físico durante os períodos saturnino, solar e lunar continua existindo. O importante é reconhecer o físico não apenas em sua manifestação física exterior, pois ele também pode assumir, para o exterior, a forma do etérico e até mesmo do astral. Trata-se precisamente de distinguir entre a manifestação exterior e a regularidade[42] interior. Um elemento físico pode eterizar-se e astralizar-se, mantendo contudo a regularidade física. É isso o que ocorre quando o corpo físico do homem já alcançou, na Lua, certo nível de perfeição; ele assume forma etérica. No entanto, quando a consciência supra-sensível, capaz de observar tais fenômenos, se dirige a um desses corpos eteriformes, este não lhe parece impregnado pelas leis do etérico, mas pelas do físico. O físico foi justamente acolhido no etérico, para aí repousar e ser cultivado como num seio materno.

Mais tarde ele reaparece também sob a forma física, porém num nível superior. Se os seres humanos da Lua conservassem seu corpo físico com a forma física grosseira, a Lua nunca poderia

[41] Que traz características físicas reveladoras do caráter. (N.T.)
[42] Al. *Gesetzmätssigkeit* — 'conformidade com a lei'. (N.T.)

unir-se ao Sol. Assumindo a forma etérica, o corpo físico adquire mais afinidade com o corpo etérico, podendo de novo ser mais intimamente impregnado pelas partes dos corpos etérico e astral que, nas épocas solares da evolução lunar, tiveram de afastar-se dele. O homem, que durante a separação do Sol e da Lua aparecia como um ser duplo, torna-se novamente uma criatura unitária. O físico torna-se mais anímico, mas por outro lado o anímico fica mais ligado ao físico.

Sobre esse ser humano unitário os espíritos solares, em cuja esfera imediata ele entrou agora, podem doravante atuar muito diferentemente do que faziam antes, do exterior para a Lua. O homem está agora num ambiente mais anímico-espiritual. Com isso os Espíritos da Sabedoria podem exercer uma atuação muito significativa. Eles lhe incutem a sabedoria, alentando-o com ela. Desse modo ele se converte, em certo sentido, numa alma independente.

À influência dessas entidades vem acrescentar-se a dos Espíritos do Movimento, que exercem sua atuação particularmente sobre o corpo astral, de modo que este desenvolve uma atividade anímica e elabora um corpo etérico pleno de sabedoria sob a influência das mencionadas entidades. Esse corpo etérico pleno de sabedoria é o primeiro rudimento do que descrevemos num capítulo anterior como alma do intelecto no homem de hoje, enquanto o corpo astral, estimulado pelos Espíritos do Movimento, é o germe da alma da sensação. Como tudo isso é provocado no ser humano em seu estado de crescente autonomia, esses germes das almas do intelecto e da sensação se manifestam como expressão da ‘personalidade espiritual’. Diante disso, deve-se evitar o erro de supor que nesse período da evolução a ‘personalidade espiritual’ seja algo específico, paralelamente às almas do intelecto e da sensação. Estas últimas são apenas a expressão da ‘personalidade espiritual’, que significa a superior unidade e harmonja entre elas.

De especial importância é o fato de os Espíritos da Sabedoria terem interferido nessa época, da maneira descrita. Na verdade eles não o fazem somente com relação ao ser humano, mas também aos outros remos que se desenvolveram na Lua. Durante a nova união entre o Sol e a Lua, também esses remos inferiores são absorvidos pela esfera solar. Tudo o que neles era físico vem a ser eterizado. Portanto, doravante se encontram no Sol plantas-minerais e animais-vegetais tanto quanto seres humanos. Contudo esses outros seres continuam submetidos às suas próprias leis, e por isso se sentem como estranhos em seu ambiente. Apresentam-se com uma natureza à qual esse ambiente é pouco adequado; mas pelo fato de estarem eterizados, a atuação dos Espíritos da Sabedoria pode estender-se também a eles. Agora, tudo o que veio da Lua para o Sol está impregnado pelas forças dos Espíritos da Sabedoria. Por isso, o que surge do conjunto Sol-Lua nesse período evolutivo pode ser denominado ‘Cosmo da Sabedoria’.

Quando, depois de um intervalo de repouso, nosso sistema terrestre aparece como sucessor desse ‘Cosmo da Sabedoria’, todos os seres novamente viventes na Terra, brotando de seus germes lunares, manifestam-se plenos de sabedoria. Então se evidencia por que o homem terreno, ao contemplar os objetos ao seu redor, pode descobrir sabedoria na natureza de seu ser. Pode-se admirar a sabedoria em cada folha vegetal, em cada osso animal ou humano, na maravilhosa estrutura do cérebro e do coração. Se o homem necessita de sabedoria para compreender as coisas, ou seja, se extrai sabedoria delas, isso mostra que a sabedoria reside nas coisas; pois se o homem não se esforçasse em compreender as coisas por meio de sábias idéias, não poderia extrair sabedoria alguma delas se aí não estivesse primeiramente depositada essa sabedoria. Quem deseja compreender as coisas pela sabedoria, acreditando que elas não a tenham recebido previa-mente, pode também acreditar que possa tirar água de uma vasilha na qual não se tenha colocado água antes. Como veremos mais adiante, a Terra é a ‘antiga Lua’ ressuscitada, manifestando-se como um organismo cheio de sabedoria porque, na época descrita, foi impregnada com as forças dos Espíritos da Sabedoria.

Parecerá bastante compreensível que nesta descrição das condições lunares só tenham podido ser constatadas certas formas transitórias da evolução. Foi necessário, por assim dizer, deter certas coisas no suceder dos fatos e destacá-los para exposição. Evidentemente este tipo de narração oferece

apenas imagens isoladas, e por isso pode ocorrer de se objetar que a evolução factual não sucedeu por um encadeamento de conceitos precisos. Diante de tal objeção, talvez caiba ressaltar que a descrição foi intencionalmente feita com conceitos menos rigorosos. Ora, aqui não deve importar tanto fornecer conceitos especulativos e construções intelectuais, mas muito mais uma representação mental daquilo que realmente pode apresentar-se ao olhar supra-sensível dirigido a tais fatos. No tocante à evolução lunar, isso não é algo delineado de maneira tão exata e determinada como o mostram as percepções a respeito da Terra. No caso da época lunar se lida com um conjunto de impressões fugazes e mutáveis, com imagens flutuantes e móveis e suas transições. Além disso, cabe levar em conta que se trata de uma evolução através de longos, longos períodos, dos quais apenas imagens momentâneas podem ser retidas durante a exposição.

No momento em que o corpo astral implantado no ser humano o levou a evoluir a ponto de seu corpo físico oferecer aos Filhos da Vida a possibilidade de alcançar o nível humano, foi atingido o ponto propriamente culminante da época lunar. Então também o ser humano alcançou tudo o que, em benefício dele próprio, de sua interioridade, essa época lhe pode oferecer no caminho evolutivo. O que se segue — ou seja, a segunda metade da evolução lunar — poderia, portanto, ser designado como um refluxo. Contudo, fica visível que em relação ao ambiente do homem, como também a ele próprio, isso produz algo sumamente importante justamente nessa época: no corpo solar-lunar éimplantada a sabedoria.

Já mostramos que durante esse refluxo foram depositados os germes das almas do intelecto e da sensação. No entanto, somente no período terrestre ocorrerá o desenvolvimento destas e da alma da consciência, bem como o nascimento do eu, da autoconsciência livre. No grau lunar, as almas do intelecto e da sensação ainda não se manifestam como se o próprio ser humano já se exteriorizasse por seu intermédio, e sim como se elas fossem instrumentos para os Filhos da Vida pertencentes ao homem. Se quiséssemos caracterizar o sentimento experimentado, nesse sentido, pelo homem na Lua, deveríamos dizer que era o seguinte:

"Em mim e através de mim vive o Filho da Vida; através de mim ele contempla o ambiente lunar, em mim reflete sobre as coisas e seres desse mundo lunar." O homem lunar se sente eclipsado pelo Filho da Vida, comportando-se como instrumento desse ser Superior. E durante a separação do Sol e da Lua ele sentiu, com o afastamento do Sol, uma independência maior; mas com isso também sentiu como se o 'eu, que lhe pertencia mas se subtraía à consciência imagética durante as épocas solares, se houvesse tornado visível para ele. Para o homem lunar, isso que se pode caracterizar como uma espécie de alternância entre os estados de consciência lhe despertava o seguinte sentimento: "No período solar meu eu se afasta comigo para regiões superiores, para seres sublimes, e quando o Sol desaparece ele desce comigo para os mundos inferiores."

À evolução lunar propriamente dita precedeu uma preparação. Ocorreu, de certa forma, uma repetição das evoluções saturnina e solar. Após a nova união entre o Sol e a Lua, também na época de refluxo podem-se distinguir dois períodos diferentes. Durante os mesmos se produzem condensações físicas até certo grau, de modo que os estados anímico-espirituais do conjunto Sol-Lua se alternam com estados físicos. Em tais épocas físicas, os seres humanos, e também os seres dos remos inferiores, aparecem como se estivessem pré-formando, em configurações rígidas e não-autônomas, aquilo em que se converteriam mais tarde, com mais autonomia, no período terrestre.

Pode-se, portanto, distinguir duas épocas preparatórias da evolução lunar e outras duas durante o período decrescente. Tais épocas podem ser denominadas 'ciclos'. No período seguinte às duas épocas preparatórias e precedente às do refluxo — portanto, quando da separação da Lua —, pode-se distinguir também três épocas. A mediana é a época da humanização dos Filhos da Vida, precedida por outra em que todas as circunstâncias se dirigem a esse acontecimento capital; segue-se então mais uma, cuja característica consiste na adaptação e desenvolvimento dentro das novas criações. Com isso a evolução lunar mediana se divide, por sua vez, em três épocas, que junto com as preparatórias e as duas decrescentes perfazem sete ciclos lunares.

Cabe, portanto, dizer que o total da evolução lunar decorre om sete ciclos, entre os quais existem intervalos de repouso que se repetem conforme já descrito. No entanto, só poderemos aproximar-nos da idéia da verdade se não pensarmos em transições abruptas entre os períodos de atividade e os de repouso. Por exemplo, os seres solares se retraem cada vez mais de sua atuação na Lua. Para eles começa um período que para fora parece um intervalo de repouso, enquanto na própria Lua ainda reina uma atividade animada e independente. Assim, muitas vezes o período ativo de uma espécie de seres estende-se sobre o intervalo de repouso das outras. Levando em conta essa particularidade, pode-se falar de uma ascensão e um declínio rítmicos das forças em ciclos. Aliás, pode-se reconhecer divisões similares dentro de cada um dos sete ciclos lunares mencionados. Pode-se denominar toda a evolução lunar como um grande ciclo — um ciclo planetário — e as sete divisões dentro dele como 'pequenos' ciclos, e as divisões destes, por sua vez, como ciclos menores. Essa divisão em sete vezes sete ciclos também é observável na evolução solar, estando igualmente indicada na época saturnina. Não obstante, deve-se levar em conta que os limites entre as divisões são indistintos já no Sol, e ainda mais em Saturno. Esses limites ficam cada vez mais claros à medida que a evolução avança em direção à época terrestre.

A evolução terrestre

Terminada a evolução lunar esboçada acima, todas as entidades e forças que dela participaram entram numa forma de existência mais espiritual. Esta se encontra num nível muito diferente, tanto daquele do período lunar como daquele da evolução terrestre subseqüente. Um ser possuidor de faculdades cognitivas tão elevadas que pudesse perceber todas as particularidades das evoluções lunar e terrestre ainda não seria, necessariamente, capaz de ver também o que ocorre entre as duas evoluções. Para tal ser, no final do período lunar os seres e forças desapareceriam como que no nada, para após um intervalo surgir novamente da penumbra do seio cósmico. Apenas um ser dotado de faculdades ainda superiores seria capaz de observar os acontecimentos espirituais ocorridos entrementes.

No final do período intermediário, as entidades que participaram dos processos evolutivos em Saturno, no Sol e na Lua surgem com novas faculdades. Os seres superiores ao homem adquiriram, por seus atos anteriores, a capacidade de fazer o homem evoluir a ponto de, no decorrer do período terrestre subseqüente ao período lunar, poder desenvolver em si uma espécie de consciência imediatamente superior à consciência imagética que lhe era própria no petíodo lunar. No entanto, primeiramente o homem deve ser preparado para receber o que lhe deverá ser concedido. Durante as evoluções saturnina, solar e lunar ele integrou ao seu ser os corpos físico, etérico e astral; mas estes membros de seu ser receberam apenas as faculdades e forças que os capacitam a viver para uma consciência imagética; faltam-lhes ainda os órgãos e a configuração que lhes possibilitem perceber um mundo de objetos exteriores sensoriais, tal como é adequado ao nível terrestre. Assim como a nova planta só desenvolve o que está disposto no germe oriundo da planta anterior, no princípio do novo ciclo evolutivo os três membros da natureza humana surgem com estruturas e órgãos tais que só conseguem desenvolver a consciência imagética. Para o desenvolvimento de um grau superior de consciência, devem primeiramente ser preparados. Isso ocorre em três etapas preliminares:

Durante a primeira etapa, o corpo físico é elevado a um nível que lhe permita assumir a transformação necessária para abrigar uma consciência objetiva. Essa é uma fase preliminar da evolução terrestre, que se pode designar como uma repetição do período saturnino num nível superior. É que, tal como durante a época saturnina, no decorrer desse período entidades superiores trabalham somente no corpo físico. Tendo este último progredido suficientemente em sua evolução, só agora todas as entidades devem passar novamente a uma forma superior de existência, antes que o corpo etérico também possa progredir. O corpo físico tem de ser como que refundido, para em seu novo desabrochar poder receber o corpo vital mais aperfeiçoado. Depois desse período intermediário,

consagrado a uma forma mais elevada de existência, há uma espécie de repetição da evolução solar num nível superior, visando ao aperfeiçoamento do corpo vital. E novamente, após outro intervalo, algo semelhante ocorre com o corpo astral, numa repetição da evolução lunar.

Dirijamos agora a atenção aos fatos evolutivos sucedidos após o término da terceira das repetições descritas. Todas as entidades e forças se espiritualizaram de novo e, durante essa espiritualização, ascenderam a mundos elevados, O mais inferior dos mundos em que ainda é possível perceber algo a seu respeito, durante essa época de espiritualização, é o mesmo em que o homem atual permanece no período entre a morte e um novo nascimento. Trata-se das regiões do mundo dos espíritos. Em *seguida* elas continuam a descer gradualmente para mundos inferiores. Antes de se iniciar a evolução física terrestre, já desceram a ponto de suas manifestações mais baixas serem perceptíveis no mundo astral ou anímico.

Tudo o que existe do homem nesse período ainda possui sua forma astral. Para a compreensão desse estágio da humanidade, deveríamos atentar especialmente ao fato de que, embora o homem já possua então os corpos físico, etérico e astral, tanto o corpo físico como o etéríco não existem sob forma física ou etérica, e sim sob forma astral. O que caracteriza o corpo físico não éa forma física, e sim o fato de ele, apesar de possuir a forma astral, conter em si as leis físicas. Ele é um ser com constituição física sob forma anímica. O mesmo vale para o corpo vital.

Diante da visão espiritual, nesse nível da evolução a Terra aparece como um ser cósmico constituído inteiramente de alma e espírito, no qual, portanto, também as forças físicas e vitais ainda parecem anímicas. Nessa estrutura cósmica está contido, segundo a disposição inicial, tudo o que mais tarde deverá transformar-se nas criaturas da Terra física. Essa estrutura é luminosa; porém sua luz não é do tipo que os olhos físicos pudessem perceber, mesmo que existissem. Ela só resplende na luz anímica para os olhos abertos do vidente.

Nesse ser ocorre então algo que se poderia chamar de condensação. O resultado dessa condensação é que após algum tempo surge uma forma ígnea no meio da estrutura anímica, como aquela de Saturno em seu estado mais denso. Essa forma ígnea é permeada pelas atuações das diversas entidades que participam da evolução. É como um emergir e imergir *do* e *no* globo ígneo terrestre, podendo-se observar isso como interação entre essas entidades e o corpo celeste. O globo ígneo terrestre não é, portanto, algo como uma substância homogênea, mas algo como um organismo impregnado de alma e espírito. Os seres destinados a tornar-se, na Terra, homens com a forma atual ainda se encontram numa condição em que participam em grau mínimo da imersão no corpo ígneo. Eles ainda permanecem quase inteiramente na periferia não-condensada — ainda estão no seio dos seres espirituais superiores. Nessa etapa, entram em contato com a Terra ígnea apenas num ponto de sua forma anímica, e isto faz com que o calor condense uma parte de sua forma astral. Com isso é acendida neles a vida terrestre. Portanto, com a maior parte de seu ser eles ainda pertencem aos mundos anímico-espirituais; só pelo contato com o fogo terrestre é que são tocados pelo calor vital.

Se quiséssemos formar uma imagem ao mesmo tempo sensorial e supra-sensorial desse ser humano no princípio da época terrestre física, deveríamos imaginar uma forma anímica ovular, contida na periferia terrestre e envolta em sua superfície inferior por um cálice, como o fruto do carvalho; só que a substância do cálice consiste puramente em calor ou fogo. O envolvimento pelo calor resulta não só no fato de a vida ser inflamada no homem; simultaneamente, ocorre numa alteração no corpo astral. Neste se integra o primeiro rudimento daquilo que mais tarde será a alma da sensação. Portanto, pode-se dizer que nesse nível de sua existência o homem consiste em alma da sensação, corpo astral, corpo vital e corpo físico tecido de fogo. No corpo astral ondeiam, emergindo e imergindo, as entidades espirituais que participam da existência do homem; por meio da alma da sensação este se sente ligado à Terra. Nessa época ele possui, pois, uma consciência imagética preponderante, na qual se manifestam os seres espirituais em cujo seio ele repousa; e é apenas como um ponto dentro dessa consciência que surge a sensação do próprio corpo. Ele contempla como que do alto do mundo espiritual sua propriedade terrestre, a cujo respeito sente: “Isso te pertence.”

A condensação da Terra progride então sem cessar; com isso a caracterizada composição do homem fica cada vez mais nítida. A partir de certo momento da evolução, a Terra está condensada a ponto de apenas uma de suas partes ainda ser ígnea. Uma outra parte assumiu uma forma substancial que podemos chamar de 'gás' ou 'ar'. Também com o homem sucede uma transformação. Agora ele não é apenas tocado pelo calor terrestre: ao seu corpo ígneo se agrega a substância aérea. E tal como o calor lhe incendiou a vida, o ar que vibra ao seu redor produz nele um efeito que podemos chamar de som (espiritual). Seu corpo vital ressoa. Simultaneamente, separa-se do corpo astral uma parte que constituí o primeiro rudimento daquilo que mais tarde será a alma do intelecto.

Para se ter uma idéia do que ocorre com a alma humana nessa época, é preciso ter presente que no corpo ígneo-aéreo da Terra ondeiam, emergindo e imergindo, seres superiores ao homem. Na Terra ígnea são os Espíritos da Personalidade que, a princípio, têm importância para ele. E à medida que o homem é estimulado para a vida pelo calor terrestre, sua alma da sensação diz a si própria: "Esses são os Espíritos da Personalidade." Do mesmo modo, manifestam-se no corpo aéreo os seres que mais atrás denominamos Arcanjos (no sentido do esoterismo cristão). Seus efeitos são aqueles que o homem percebe como som quando o ar vibra em seu redor. Nesse momento, alma do intelecto diz a si mesma: "Esses são os Arcanjos." Portanto, o que o homem percebe nesse nível, por sua ligação com a Terra, ainda não é um conjunto de objetos físicos — ele vive em sensações calóricas advindas de baixo, como também em sons; contudo pressente, nessas correntes calóricas e nessas vibrações sonoras, os Espíritos da Personalidade e os Arcanjos. Na verdade não pode percebê-los diretamente, mas apenas como que através do véu do calor e do som. Enquanto essas percepções da Terra penetram em sua alma, nela ainda continuam sempre emergindo e imergindo as imagens das entidades superiores, em cujo seio ele se sente.

A separação do Sol

A evolução da Terra prossegue. O progresso se manifesta novamente numa condensação. A substância aquosa se íntegra ao corpo terrestre, de modo que este consiste agora em três elementos: o ígneo, o aéreo e o aquoso. Antes de isso acontecer, desenrola-se um importante processo: da Terra composta de fogo e ar se separa um astro independente, que em sua evolução posterior se converte no Sol atual. Antes, a Terra e o Sol eram um só corpo. Depois da separação do Sol, inicialmente a Terra ainda continua contendo tudo o que constitui a Lua atual. A separação do Sol acontece porque entidades superiores não podem mais suportar, para sua própria evolução e para o que devem fazer pela Terra, a matéria condensada até o estado líquido. Elas extraem da massa terrestre comum as substâncias úteis somente para si e afastam-se dela a fim de estabelecer no Sol uma nova morada. A partir do Sol, atuam então de fora sobre a Terra. Porém o homem necessita, para seu progresso ulterior, de um cenário em que a substância continue a adensar-se.

Com a incorporação da substância líquida na massa terrestre, ocorre também uma transformação do homem. Agora aflui para ele não apenas o fogo, e flutua à sua volta não apenas o ar: a substância líquida se incorpora a seu corpo físico. Ao mesmo tempo, sua parte etérea se modifica; agora o homem a percebe como um sutil corpo luminoso. Anteriormente o homem havia sentido correntes calóricas da Terra subir até ele, havia sentido o ar aproximando-se por meio de sons; agora também impregna seu corpo ígneo-aéreo o elemento líquido, cujo afluxo e refluxo ele vê como aurora e crepúsculo da luz. Mas também em sua alma houve uma transformação. Aos rudimentos das almas da sensação e do intelecto foi acrescentado agora o da alma da consciência. No elemento da água atuam os Anjos; eles são também os verdadeiros agentes da luz. Para o ser humano, é como se eles lhe aparecessem na luz.

Certas entidades superiores, que anteriormente se encontravam no próprio corpo terrestre, atuam agora sobre este a partir do Sol. Com isso se modificam todos os efeitos sobre a Terra. O homem, acorrentado à Terra, não poderia mais perceber em si as influências dos seres solares se sua alma

estivesse sempre voltada para a Terra, da qual foi tomado seu corpo físico. Surge então uma alternância nos estados humanos de consciência. Em certas épocas, os seres solares arrebatam a alma humana do corpo físico, de modo que o homem ora é puramente anímico no seio dos seres solares, ora se encontra num estado de união com o corpo físico e recebe as influências da Terra. Quando está no corpo físico, as correntes calóricas sobem até ele. As massas aéreas ressoam ao seu redor; a água o impregna num movimento de fluxo e refluxo. Quando fora de seu corpo, o homem é perpassado em sua alma pelas imagens dos seres superiores, em cujo seio se encontra.

Nesse estágio de sua evolução, a Terra atravessa duas épocas distintas. Na primeira pode envolver as almas humanas com suas substâncias, revestindo-as de corpos fisicos; na outra as almas se retiram dela, restando apenas os corpos. Juntamente com os seres humanos, ela se encontra num estado dormente. Podese afirmar com inteira propriedade que nessa época de um passado remoto a Terra atravessa um período diurno e um noturno. (Física e espacialmente, isso se expressa no fato de, pela interação entre os seres solares e terrestres, a Terra entrar num movimento em relação com o Sol; com isso é provocada a alternância entre os caracterizados períodos noturno e diurno. O período diurno transcorre quando a superfície terrestre, sobre a qual o homem se desenvolve, está voltada para o Sol; o período noturno, ou seja, aquele em que o homem leva uma existência puramente anímica, transcorre quando essa superfície está do lado contrário ao Sol. Contudo, não se deve supor que naqueles tempos remotos o movimento da Terra em torno do Sol já se assemelhasse ao atual. As condições eram completamente diversas. Mas também é útil pressupor, já aqui, que os movimentos dos astros surgem como conseqüência das inter-relações entre os seres espirituais que os habitam. Os astros são colocados nessas posições e movimentos por motivos anímico-espirituais, para que os estados espirituais possam desenvolver-se no plano físico.)

Se voltássemos o olhar para a Terra durante seu período noturno, veríamos seu corpo num estado semelhante ao cadavérico, pois em grande parte ela é constituída pelos corpos humanos em desagregação, cujas almas se encontram numa outra forma de existência. As articuladas formações aquosas e aéreas, das quais se compunha o homem, desagregam-se e se dissolvem no restante da massa terrestre. Só aquela parte do corpo humano que, mediante a colaboração entre o fogo e a alma humana, formou-se a partir do início da evolução terrestre e continuou a adensar-se, continua a existir como um embrião pouco notável exteriormente Portanto, não se deve supor que os períodos noturnos e diurnos aqui descritos fossem muito semelhantes ao que se subentende com essas designações na Terra atual. Quando, ao iniciar-se o período diurno, a Terra volta a participar da influência solar direta, as almas humanas penetram no domínio da vida física. Elas entram em contato com os referidos embriões e os fazem germinar, de modo que estes assumem uma forma exterior semelhante a uma reprodução do ser anímico humano. É uma espécie de delicada fecundação o que se passa então entre a alma humana e o germe corporal. Então as almas encarnadas desse modo começam novamente a atrair as massas aéreas e líquidas, integrando-as em seus corpos. Pelo corpo assim composto, é expelido e absorvido o ar: é o primeiro rudimento para o posterior processo respiratório. A água também e absorvida e expelida: inicia-se uma forma primitiva do processo de nutrição.

Contudo, esses processos ainda não são percebidos como processos exteriores. Uma espécie de percepção exterior só tem lugar, por meio da alma, no caso do caracterizado tipo de fecundação. Aí a alma sente vagamente seu despertar para a existência física ao entrar em contato com o germe que lhe é oferecido pela Terra. Ela experimenta então algo que pode expressar-se mais ou menos nas seguintes palavras: “Esta é minha configuração.” E tal sentimento, que se poderia denominar também como um emergente sentimento do eu, subsiste na alma durante toda a sua ligação com o corpo físico. Já o processo de assimilação do ar ainda é sentido pela alma como um fenômeno totalmente anímico-espiritual, como algo imaginativo. Manifesta-se sob forma de imagens sonoras emergentes e imergentes, que plasmam o germe em vias de estruturação. A alma sente-se totalmente envolta por sons flutuantes, sentindo também como estrutura seu próprio corpo segundo essas forças sonoras.

Assim, nesse estágio aparecem formas humanas que, para uma consciência atual, não podem ser

percebidas em qualquer mundo exterior. Elas se desenvolvem como formas vegetais e florais substancialmente sutis, mas que interiormente são móveis e, por isso, parecem flores esvoaçantes. E é o agradável sentimento de sua estruturação nessas formas que o homem experimenta durante seu período terreno. A absorção dos elementos aquosos é sentida na alma como acréscimo de forças, como fortalecimento interior. Exteriormente, manifesta-se como um crescimento da figura humana física. Com a diminuição da influência solar direta, a alma humana também perde a faculdade de dominar esses processos, que pouco a pouco são abandonados. Subsistem apenas as partes que fazem amadurecer o germe acima caracterizado. O homem, porém, abandona seu corpo e retorna àforma espiritual de existência. (Visto que nem todas as partes do corpo terrestre são empregadas na construção de corpos humanos, não se deve supor que em seu período noturno a Terra consista apenas nos cadáveres em desintegração e nos germes à espera do despertar. Tudo está depositado em outras estruturas que se formam das substâncias da Terra. O que ocorre com estas será exposto mais adiante.)

Mas o processo de condensação da substância terrestre prossegue. Ao elemento aquoso junta-se o sólido, que se pode chamar de 'terroso'. E com isso o homem começa também, durante sua época terrestre, a integrar em seu corpo o elemento terroso. Tão logo se inicia essa incorporação, as forças que a alma traz consigo de seu período livre do corpo já não possuem a mesma potência de antes. Anteriormente a alma plasmava o corpo com os elementos ígneo, aéreo e aquoso em conformidade com os sons que ressoavam à sua volta e com as imagens luminosas que a circundavam. Diante da forma solidificada, a alma não pode fazer isso. Doravante outras potências interferem na formação. Naquilo que fica do homem, quando a alma se separa do corpo, apresenta-se agora não apenas um germe que, pelo retorno da alma, é reanimado para a vida, mas uma figura que também contém em si a força dessa vivificação. Ao partir, a alma não apenas deixa na Terra sua imagem, mas também implanta uma parte de seu poder vivificante nessa imagem. Ao reaparecer na Terra, ela já não pode despertar por si essa imagem para a vida — a vivificação deve produzir-se na própria imagem.

Os seres espirituais que do Sol atuam sobre a Terra mantêm agora a força vivificante no corpo humano, mesmo quando o próprio homem não está na Terra. Desse modo, ao encarnar-se agora a alma não sente apenas os sons e as imagens luminosas flutuantes à sua volta, nos quais percebe os seres imediatamente acima dela; pela assimilação do elemento terroso, experimenta a influência de seres ainda mais elevados, que estabeleceram seu campo de atividade no Sol. Anteriormente, o homem se sentia pertencente aos seres anímico-espirituais aos quais estava unido quando livre do corpo; era no seio deles que seu eu ainda repousava. Agora esse eu se lhe apresenta, durante a encarnação física, como tudo o mais que o rodeia durante esse tempo.

Imagens autônomas do ser humano anímico-espiritual estiveram na Terra daí em diante. Comparadas ao corpo humano atual, eram figuras de materialidade muito sutil, pois as partículas terrosas só se misturavam a elas no estado mais tênue —mais ou menos como o homem atual absorve, com seu órgão olfativo, as substâncias finamente dispersas de um objeto. Os corpos humanos eram como sombras. No entanto, como se distribuíam por toda a Terra, estavam submetidos às influências desta, as quais eram de espécies diferentes nas diversas partes da superfície terrestre. Enquanto anteriormente as imagens corporais correspondiam ao homem anímico que as vívificava e, por conseguinte, eram essencialmente iguais por toda a Terra, agora surge a diversidade entre as formas humanas. Com isso se preparou o que veio a ser a diversidade das raças.

Com a independência do homem corpóreo, dissolveu-se até certo ponto a estreita ligação anterior entre o homem terreno e o mundo anímico-espiritual. Daí em diante, quando a alma abandonava o corpo, este vivia como uma espécie de continuação da vida.

A separação da Lua

Se a evolução houvesse prosseguido desse modo, necessariamente a Terra se teria endurecido

sob a influência de seu elemento sólido. Ao conhecimento supra-sensível, em sua observação retrospectiva desses acontecimentos, evidencia-se como os corpos humanos, ao serem abandonados por suas almas, endureceram cada vez mais. Depois de algum tempo, as almas humanas que retornassem à Terra não encontrariam qualquer material utilizável, ao qual pudessem unir-se. Todas as substâncias úteis ao homem teriam sido empregadas para saturar a Terra com resíduos fossilizados de encarnações.

Então houve um acontecimento que deu a toda a evolução um outro rumo. Foi eliminado tudo o que, na substância sólida terrestre, pudesse contribuir para um endurecimento permanente. Nossa Lua atual abandonou a Terra naquela época; e o que antes contribuíra, na Terra, diretamente para a criação de formas permanentes, atuava agora de maneira indireta e atenuada a partir da Lua. Os seres superiores, dos quais depende essa criação de formas, haviam decidido exercer sua atuação não mais do interior da Terra, e sim de fora. Com isso surgiu nas estruturas humanas corpóreas uma diferenciação que cabe designar como o início da separação dos sexos masculino e feminino. As formações humanas sutis que anteriormente habitavam a Terra geraram, pela interação mútua das duas forças — o germe e a força vivificadora —, a nova forma humana, seu descendente.

Agora esses descendentes se transformavam. No primeiro grupo de tais descendentes atuava mais a força germinativa do elemento anímico-espiritual, e no outro grupo mais a força germinativa vivificadora. Isso foi provocado pelo fato de, tendo a Lua saído da Terra, o elemento terrestre ter enfraquecido seu poder. A interação entre as duas forças tornou-se doravante mais sutil do que quando ocorria num único corpo. Por esse motivo o descendente também era mais delicado, mais tênue. Ele apareceu na Terra num estado sutil, e só paulatinamente incorporou em si as partes mais sólidas.

Com isso foi dada novamente, à alma humana que retornava à Terra, a possibilidade da união com o corpo. E verdade que ela já não o vivificava de fora, pois essa vivificação ocorria na própria Terra; porém ela se unia a ele e promovia seu crescimento. No entanto, para esse crescimento havia um certo limite. Devido à separação da Lua, o corpo humano se tornara flexível por algum tempo; mas quanto mais continuava a crescer na Terra, mais aumentavam as forças solidificadoras. Por fim, a alma foi ficando cada vez menos capaz de participar da composição do corpo; este decaía, enquanto a alma ascendia a formas anímico-espirituais de existência.

Pode-se acompanhar como as forças progressivamente adquiridas pelo homem nas evoluções saturnina, solar e lunar participam gradualmente do progresso humano durante a descrita estruturação terrestre. Primeiro é o corpo astral — que ainda contém em si, dissolvidos, também os corpos vital e físico —, é o corpo astral que é inflamado pelo fogo terrestre. Depois esse corpo astral se articula numa parte astral mais sutil — a alma da sensação — e outra mais elementar, etérica, que doravante fica em contato com o elemento terrestre. Com isso surge o corpo etérico ou vital, já pré-formado. E enquanto no homem astral se desenvolvem a alma do intelecto e a alma da consciência, organizarn-se no corpo etérico as partes mais elementares, receptivas ao som e à luz. No momento em que o corpo etérico se condensa ainda mais, de modo que de corpo luminoso se torna um corpo Ígneo ou calórico, também é chegada a etapa evolutiva em que, conforme exposto acima, as partes do elemento terrestre sólido se integram ao homem. Por ter-se condensado em fogo, o corpo etérico pode agora, mediante as forças do corpo físico implantadas nele anteriormente, ligar-se às substâncias da Terra física refinadas até o estado ígneo. Contudo, ele não poderia mais, por si só, introduzir também as substâncias aéreas no corpo, que entrementes se tornou mais denso. Então intervêm, conforme indicado acima, os seres superiores sediados no Sol, os quais lhe insuflam o ar.

Enquanto o homem, por seu próprio passado, possui assim a energia para impregnar-se com o fogo terrestre, seres superiores infundem o sopro do ar em seu corpo. Antes da solidificação, o corpo vital do homem, como receptor de sons, era o condutor da corrente aérea. Ele impregnava seu corpo físico com a vida. Agora seu corpo físico recebe uma vida exterior. O resultado disso é que essa vida se torna independente da parte anímica do homem. Então este, ao abandonar a Terra, deixa nela não

apenas o germe de sua forma, mas também uma viva reprodução de si próprio. Os Espíritos da Forma permanecem agora unidos a essa imagem; transmitem a vida que deles emana também aos descendentes, quando a alma está desligada do corpo. Assim é formado o que se pode designar como hereditariedade. E quando a alma humana reaparece na Terra, sente-se num corpo cuja vida foi transmitida pelos antepassados; sente-se justamente atraída para esse corpo em especial. Com isso se forma algo como uma espécie de recordação do antepassado ao qual a alma se sente unida. Ao longo da linha hereditária, essa recordação segue como uma consciência comum. O eu flui descendentemente através das gerações.

Nesse grau da evolução durante sua existência terrena, o homem se sentia como um ser independente. Sentia o fogo interior de seu corpo vital ligado ao fogo exterior da Terra. Podia sentir como sendo seu eu o calor que o percorria. Nessas correntes caloricas entremeadas de vida encontra-se o primeiro rudimento da circulação sangüínea. Já no que lhe afluía como ar, o homem não sentia inteiramente seu próprio ser. Nesse ar estavam ativas as energias dos seres superiores já caracterizados; porém nele havia permanecido, dentro do ar que o permeava, aquela parcela das forças atuantes que já lhe eram próprias em virtude das forças etéricas formadas anteriormente. Ele era senhor numa parte dessas correntes aéreas, e assim atuavam em sua formação não apenas os seres superiores, mas também ele próprio. Era de acordo com as imagens de seu corpo astral que ele plasmava em si mesmo as partes aéreas. Enquanto o ar exterior afluía desse modo para seu corpo — o que constituiu a base de sua respiração —, uma parte do ar no interior se articulava num organismo implantado no homem para tornar-se a base do futuro sistema nervoso. Portanto, era por meio do ar e do calor que o homem estava em ligação com o mundo exterior da Terra.

Por outro lado, ele nada sentia da introdução do elemento terrestre sólido; este cooperava em sua encarnação na Terra, mas ele não podia perceber sua introdução imediatamente, mas apenas com uma consciência obscura, na imagem das entidades superiores que atuavam nesse elemento. Dessa maneira ímagética, como expressão de seres superiores situados acima dele, é que já anteriormente o homem havia percebido a introdução dos elementos terrestres líquidos. Pela condensação da forma humana terrestre, essas imagens experimentaram uma modificação em sua consciência. O elemento sólido se misturou com o líquido, e por isso também essa introdução deve ser sentida como efetuada por seres superiores atuando do exterior. O homem não pode mais possuir em sua alma a energia para dirigir, ele próprio, essa introdução, pois esta deve agora servir ao seu corpo estruturado de fora. Ele prejudicaria a forma desse corpo caso quisesse conduzir por si mesmo a introdução.

Assim, o que ele introduz em si a partir do exterior parece-lhe dirigido pelas ordens emanadas dos seres superiores que atuam junto à sua formação corporal. O ser humano sente-se como um eu; possui em si a alma do intelecto como uma parcela de seu corpo astral, graças à qual experimenta interiormente, sob forma de imagens, o que ocorre no exterior, e por cujo intermédio penetra em seu delicado sistema nervoso. Sente-se como um descendente de antepassados graças à vida fluindo através de gerações. Respira e sente isso como a atuação dos mencionados seres superiores denominados ‘Espíritos da Forma’. Também se submete a eles no que lhe é introduzido de fora (para sua alimentação) por seu impulso. O mais obscuro é, para ele, sua origem corno indivíduo. A esse respeito ele sente apenas ter experimentado uma influência dos Espíritos da Forma, manifestos nas forças terrestres. O homem era dirigido e guiado em seu relacionamento com o mundo exterior, sendo isto expresso no fato de ele ter certa consciência das atividades anímico-espirituais que se desenrolavam por detrás de seu mundo físico. É bem verdade que ele não percebe os seres espirituais sob sua forma própria, mas experimenta sons, cores, etc. em sua alma, sabendo que nesse mundo de representações residem os feitos dos seres espirituais. Ressoa até ele o que esses seres lhe comunicam; suas manifestações lhe aparecem em imagens luminosas. O homem terrestre se sente interiorizado ao máximo, graças às representações que recebe por intermédio do elemento do fogo ou do calor. Ele já distingue entre seu calor interior e as correntes caloricas do ambiente terrestre, nas quais se manifestam os Espíritos da personalidade.

Porém o homem tem apenas urna consciência obscura do que existe atrás das correntes do calor externo. Justamente nessas correntes, sente a influência dos Espíritos da Forma. Quando potentes efeitos caloricos despontam nos arredores do homem, a alma logo sente: "Agora fulguram, através da atmosfera terrestre, seres espirituais dos quais uma centelha se destacou e veio aquecer meu próprio interior." Nos fenômenos luminosos o homem ainda não distingue, do mesmo modo, o exterior do interior. Quando imagens luminosas despontam no ambiente, nem sempre produzem o mesmo sentimento na alma do homem terrestre. Houve épocas em que ele sentia essas imagens luminosas como algo externo. Isso era depois que ele descia de seu estado incorpóreo para a encarnação — era o período de seu crescimento na Terra. Ao aproximar-se a época em que o germe se plasmava em novo homem terreno, essas imagens empalideciam, e o homem conservava delas apenas algo como representações recordativas interiores. Nessas imagens luminosas estavam contidoS os feitos dos Espíritos do Fogo (Arcanjos). Estes se manifestavam ao homem como os servidores dos seres caloricos que infundiram uma centelha em seu interior. Quando suas manifestações exteriores se iam extinguindo, o homem os experimentava em seu interior como representações (recordações), sentindo-se ligado às suas energias. E assim ocorria de fato, pois graças ao que recebera desses seres ele era capaz de atuar sobre a atmosfera circundante. Então, sob sua influência, esta começava a resplandecer. Naquela época, as energias humanas e as da natureza ainda não estavam tão separadas entre si quanto posteriormente. o que ocorria na Terra ainda procedia em alto grau das forças dos homens. Quem, naquele tempo, tivesse observado de fora da Terra os processos naturais que aí se desenvolviam, teria percebido neles não apenas algo independente do homem, mas também as atuações dos seres humanos.

Um aspecto ainda mais diferenciado assumiam, para o homem terrestre, as percepções sonoras. Desde o início da vida terrestre, elas foram percebidas como sons exteriores. Enquanto as imagens luminosas do exterior foram percebidas até a fase mediana da existência humana na Terra, os sons exteriores ainda podiam ser percebidos após esse período. Somente no final da vida o homem terrestre deixava de ser receptivo a eles, restando-lhe as representações recordativas desses sons. Nelas estavam contidas as manifestações dos Filhos da Vida (os Anjos). Quando, no fim da vida, o homem se sentia intimamente ligado a essas forças, conseguia por imitação produzir poderosos efeitos no elemento líquido da Terra. As águas ondeavam dentro e sobre a Terra sob sua influência.

As sensações gustativas só vieram a existir para o homem no primeiro quarto de sua vida terrestre; e, ainda assim, pareciam à alma uma recordação das vivências durante o estado incorpóreo. Enquanto o homem as experimentava, continuava a solidificação de seu corpo pela absorção de substâncias exteriores. No segundo quarto da vida terrestre o crescimento ainda prosseguia, mas a forma já estava completamente desenvolvida. Nessa época, o homem só podia perceber outros seres viventes a seu lado por seus efeitos caloricos, luminosos e sonoros, pois ainda não era capaz de reproduzir, para si mesmo, a imagem do elemento sólido. Somente do elemento líquido ele recebia, no primeiro quarto de sua vida, as descritas sensações gustatívas.

Uma imagem desse estado anímico interior do homem — eis o que representava sua forma corporal exterior. As partes que continham o rudimento da futura forma da cabeça eram as mais perfeitamente desenvolvidas. Os demais órgãos apareciam apenas como apêndices, sendo sombrios e indistintos. No entanto, os homens terrestres eram diversificados em sua configuração. Havia aqueles cujos apêndices eram ora mais, ora menos desenvolvidos, segundo as condições terrestres em que viviam. Isso diferia de acordo com os locais em que o homem habitava na Terra. Nas regiões onde os seres humanos estavam mais engajados no mundo terrestre, os apêndices ficavam mais em primeiro plano. Os homens que, graças ao seu desenvolvimento anterior, estavam mais amadurecidos no início da evolução física da Terra, tendo logo no início — quando a Terra ainda não se havia condensado até o estado aéreo — experimentado o contato com o elemento ígneo, eram agora capazes de desenvolver com a maior perfeição os rudimentos da cabeça. Esses homens eram, em si, os mais harmoniosos. Outros só ficaram preparados para o contato com o elemento ígneo quando a Terra já havia desen-

volvido em si o ar, sendo mais dependentes das condições exteriores do que os primeiros.

Esses primeiros homens percebiam nitidamente os Espíritos da Forma por meio do calor, e em sua vida terrena sentiam-se como que conservando uma lembrança de guardarem relação com esses espíritos e de terem sido ligados a eles no estado incorpóreo.

O segundo tipo de seres humanos experimentava a recordação do estado incorpóreo com pouca intensidade; eles sentiam seu vínculo com o mundo espiritual principalmente pelos efeitos luminosos dos Espíritos do Fogo (Arcanjos).

Um terceiro tipo de homens estava ainda mais engajado na existência terrestre. Tratava-se daqueles que só puderam entrar em contato com o elemento ígneo quando a Terra estava separada do Sol e havia assimilado o elemento líquido. Seu sentimento de ligação com o mundo espiritual era mínimo, especialmente no início da vida terrestre. Só quando as atuações dos Arcanjos e, particularmente, dos Anjos se impuseram na vida representativa interior, é que eles sentiram essa ligação. Por outro lado, no início da época terrestre ficaram repletos de impulsos para atos possíveis de serem executados nas próprias condições terrestres. Neles os órgãos apendiculares estavam particularmente desenvolvidos.

Quando, antes de a Lua separar-se da Terra, as forças lunares estavam conduzindo a uma progressiva solidificação nesta última, aconteceu que, devido a essas forças, entre os descendentes dos germes deixados pelos homens na Terra encontravam-se alguns em que as almas humanas regressadas do estado incorpóreo já não podiam encarnar-se. A configuração desses descendentes estava excessivamente solidificada e, devido às forças lunares, havia-se tornado por demais dessemelhante de uma figura humana para poder abrigar uma delas. Por conseguinte, sob tais condições certas almas humanas já não encontravam a possibilidade de regressar à Terra. Somente as mais maduras, as mais vigorosas das almas podiam sentir-se prontas para transformar o corpo humano terrestre durante seu crescimento, a fim de que este desabrochasse em forma humana. Apenas uma parte dos descendentes corpóreos humanos tornaram-se portadores de homens terrestres. Uma outra parte pôde apenas, devido à figura endurecida, acolher almas de nível inferior ao humano.

No entanto, uma parte das almas humanas foi obrigada a não acompanhar a evolução terrestre de então, sendo com isso conduzidas a outro gênero de existência. Houve almas que já antes de o Sol se separar da Terra não encontraram mais lugar algum nesta última. Para sua ulterior evolução, foram recolhidas a outro planeta que, sob a direção de entidades cósmicas, dissociou-se da substância cósmica geral — substância que estava ligada à Terra no início da evolução física terrestre, e da qual o Sol também se desprendera. Trata-se do planeta cuja expressão física a ciência exterior conhece como ‘Júpiter’. (Falamos aqui em astros, planetas e seus nomes justamente no sentido de uma ciência mais antiga. O modo como se subentendem as coisas ficará evidente pelo contexto. Tal como a Terra física é apenas a expressão física de um organismo anímico-espiritual, o mesmo acontece com todos os demais astros. E assim como sob o nome ‘Terra’ o observador do supra-sensível não designa simplesmente o planeta físico, nem sob o nome ‘Sol’ simplesmente a estrela física, quando se refere a ‘Júpiter’, ‘Marte’, etc. ele subentende correlações espirituais mais amplas. Naturalmente, os astros modificaram substancialmente a forma e a função desde as épocas aqui referidas — em certo sentido, até mesmo seu lugar no firmamento. Só quem retrocede com o olhar do conhecimento supra-sensível até um passado remotíssimo consegue reconhecer a relação entre os planetas atuais e seus predecessores.)

Foi em Júpiter que inicialmente as almas já caracterizadas prosseguiram sua evolução. E mais tarde, enquanto a Terra tendia cada vez mais à solidificação, foi necessário criar uma outra morada para as almas que tiveram a possibilidade de habitar por algum tempo os corpos solidificados sem, no entanto, poder continuar a fazê-lo porque a solidificação progredira demasiadamente. Para elas surgiu em ‘Marte’ um lugar propício à sua evolução ulterior. Já quando a Terra ainda estava ligada ao Sol e integrara em si os elementos aéreos, havia-se evidenciado que as almas se mostravam inadequadas para participar da evolução terrestre. Elas haviam tido um contato muito intenso com a forma

corpórea terrestre. Por isso tiveram, já naquele tempo, de ser afastadas da influência direta das forças solares — estas deveriam atuar sobre elas do exterior. Para essas almas, 'Saturno' tornou-se um lugar de evolução ulterior. Assim, no decorrer da evolução terrestre o número de formas humanas diminuiu; surgiam figuras que não haviam incorporado almas humanas. Elas só podiam acolher em si corpos astrais, tal como os haviam acolhido os corpos físicos e etéricos dos homens na Lua antiga.

Enquanto a Terra se tornava erma de habitantes humanos, esses seres se espalharam nela. Finalmente, todas as almas humanas teriam de abandonar a Terra se, devido à separação da Lua, não houvesse ocorrido, para as formas humanas que naquela época ainda eram humanamente impregnadas por almas, a possibilidade de subtrair, durante sua vida terrestre, o germe humano às forças lunares que emanavam diretamente da Terra e fazê-lo amadurecer em si até poder ser exposto a essas forças. Enquanto se desenvolvia no interior do homem, o germe estava sob a influência dos seres que, sob a direção do mais poderoso dentre eles, haviam separado a Lua da Terra a fim levar a evolução de ambas a superar um ponto crítico.

Quando a Terra já havia desenvolvido em si o elemento aéreo, existiam, no sentido da descrição acima, esses seres astrais como remanescentes da antiga Lua, os quais se atrasaram mais na evolução do que as almas humanas mais inferiores. Eles se tornaram as almas daquelas configurações que, já antes da separação do Sol, tiveram de ser abandonadas pelo homem. Esses seres são os antepassados do reino animal. No decorrer do tempo, esses seres desenvolveram especialmente aqueles órgãos que no homem só existiam como apêndices. Seu corpo astral devia atuar sobre os corpos físico e etérico do mesmo modo como ocorria no homem da antiga Lua. Os animais assim surgidos tinham então almas que não podiam habitar no animal individual. A alma estendia sua natureza também aos descendentes da figura ancestral. Os animais essencialmente derivados de uma única figura possuem uma alma conjunta. Somente quando, por influências especiais, o descendente se afasta da figura dos antepassados, é que uma nova alma animal assume a encarnação. Nesse sentido cabe atribuir aos animais, na Ciência Espiritual, uma alma da espécie (ou raça), ou também de grupo.

Algo semelhante ocorreu na época em que o Sol se separou da Terra. Do elemento líquido surgiram formas que, em sua evolução, não estavam mais adiantadas do que o homem antes da evolução na antiga Lua. Elas só podiam receber uma influência de um elemento astral quando este as influenciava de fora. Isto só pôde acontecer após o Sol se haver retirado da Terra. A cada vez que advinha para a Terra a época solar, o elemento astral do Sol estimulava essas formas, de maneira que estas moldavam seu corpo etérico a partir do elemento etérico da Terra. Quando o Sol se afastava desta, esse corpo etérico voltava a dissolver-se no corpo terrestre comum. E, como conseqüência da colaboração entre o elemento astral do Sol e o elemento etérico da Terra, despontaram do elemento líquido as configurações físicas que formaram os antepassados do atual reino vegetal.

Na Terra, o homem se tornou um ser anímico individualizado. Seu corpo astral, que lhe havia sido infundido na Lua pelos Espíritos do Movimento, articulou-se na Terra em alma da sensação, alma do intelecto e alma da consciência. E quando sua alma da Consciência havia progredido o suficiente para modelar, durante a vida terrestre, um corpo apropriado, os Espíritos da Forma agraciara-no com a centelha de seu fogo. O eu se incandesceu nele. A cada vez que abandonava o corpo físico, o homem encontrava-se no mundo espiritual, onde entrava em contato com os seres que durante as evoluções saturnina, solar e lunar lhe haviam dado seus corpos físico, vital e astral, tendo-os aperfeiçoado até o nível terrestre.

Uma vez acesa a centelha do eu na vida terrena, adveio igualmente uma modificação para a vida incorpórea. Antes desse ponto evolutivo de seu ser, o homem não possuía qualquer independência frente ao mundo espiritual. Dentro desse mundo ele não se sentia como um ser individual, e sim como um membro do sublime organismo integrado pelos seres que lhe eram superiores. Contudo, a 'experiência do eu' na Terra repercute também no mundo espiritual. Até certo ponto, doravante o homem se sente também como uma unidade nesse mundo, mas também possui a sensação de estar ininterruptamente ligado a ele. No estado incorpóreo ele reencontra, numa forma mais elevada, os

Espíritos da Forma, que havia percebido em sua manifestação na Terra graças à centelha de seu eu.

Com a separação entre a Lua e a Terra, também surgiram no mundo espiritual, para a alma livre do corpo, vivências relacionadas com essa separação. Só foi possível continuar a formar, na Terra, figuras humanas capazes de acolher a individualidade da alma pelo fato de uma parte das forças formativas serem transferidas da Terra para a Lua. Com isso a individualidade humana entrou na esfera dos seres lunares. E, no estado incorpóreo, o eco junto à individualidade terrestre só pôde ter efeito porque, também com relação a esse estado, a alma permaneceu no âmbito dos poderosos espíritos que haviam conduzido a separação da Lua. O processo se formou de tal modo que, imediatamente depois de abandonar o corpo terrestre, a alma só podia ver os sublimes seres solares como que num resplendor refletido pelos seres lunares. Só depois de estar suficientemente preparada pela visão desse reflexo é que a alma chegou a contemplar os sublimes seres solares propriamente ditos.

Também o reino mineral da Terra surgiu pela expulsão da evolução geral da humanidade. Suas formações são o que ficou solidificado quando a Lua se separou da Terra. Por essas formações só se sentiu atraída aquela parcela do elemento anímico que ficara atrasada no nível saturnino e que, por conseguinte, só era apropriada para produzir formas físicas.

Todos os acontecimentos narrados agora e a seguir desenvolveram-se no decurso de períodos imensamente longos. Contudo, aqui não podemos entrar em pormenores cronológicos.

Os processos descritos apresentam a evolução da Terra pelo lado exterior; do lado do espírito, ocorreu o seguinte:

As entidades espirituais que haviam extraído a Lua da Terra e ligado sua existência à Lua — tendo-se, portanto, convertido em seres terrílunares —, provocaram, por meio das forças que enviaram à Terra a partir daquele corpo cósmico, certa configuração da entidade humana. Sua atuação se exercia sobre o eu adquirido pelo homem. Era na conjunção entre esse eu e os corpos astral, etérico e físico que essa atuação se fazia valer. Por meio dela nasceu no homem a possibilidade de refletir conscientemente em si a sábia configuração do Universo, reproduzindo-a como num reflexo cognitivo.

Recordemos, conforme foi descrito, que no antigo período lunar o homem, pela separação do Sol naquela época, adquiriu em sua organização uma certa independência, um grau de consciência mais livre do que aquele diretamente oriundo dos seres solares. Essa consciência livre e independente ressurgiu — como herança da antiga evolução lunar — durante a caracterizada época da evolução terrestre. No entanto, justamente essa consciência pôde, por influência dos mencionados seres terrilunares, ser novamente levada à harmonia com o Universo, convertendo-se numa reprodução deste. Assim teria ocorrido se nenhuma outra influência se houvesse imposto. Sem a mesma, o homem se teria tornado um ser com uma consciência cujo conteúdo teria refletido o mundo nas imagens da vida cognitiva como que por necessidade da natureza, e não por sua livre intervenção. Não foi isso o que aconteceu. Na evolução do homem interferiram, justamente na época da separação da Lua, certas entidades espirituais que retiveram de *sua* natureza lunar o bastante para não poderem participar da retirada do Sol em relação à Terra, e também para serem excluídas das influências dos seres que se mostravam ativos a partir da Lua terrenal para a Terra. Essas entidades com a antiga natureza lunar estavam, de certo modo, exiladas na Terra com uma evolução irregular. Em sua natureza lunar residia precisamente o que, durante a antiga evolução lunar, se sublevara contra os espíritos solares e, naquelas circunstâncias, redundara em benefício do homem na medida em que o conduzira a um estado de consciência autônomo e livre.

As conseqüências da peculiar evolução desses seres durante o período terrestre acarretaram sua conversão, durante o referido período, em adversários daqueles seres que, atuando da Lua, queriam fazer da consciência humana um necessário espelho cognitivo do mundo. Aquilo que na antiga Lua ajudara o homem a alcançar um estado superior mostrou-se contraditório diante das possibilidades surgidas na evolução terrestre. As potências hostis haviam trazido consigo, de sua natureza lunar, a

força para atuar sobre o corpo astral humano, especialmente — no sentido das exposições acima — de torná-lo autônomo. Elas exerceram essa força dando ao corpo astral certa independência — de agora em diante também para o período terrestre — em contraposição ao estado de consciência *necessário* (não-livre) provocado pelos seres da Lua terrenal.

É difícil expressar em linguagem corrente como eram os efeitos das caracterizadas entidades espirituais sobre o homem nas referidas eras primordiais. Não devemos imaginá-los como as atuais influências da natureza, nem tampouco como a atuação de um homem sobre outro quando o primeiro, por meio de palavras, desperta no segundo forças interiores de consciência pelas quais o segundo aprende a compreender algo ou é incitado a uma ação moral ou imoral. O citado efeito nessas eras primordiais não era uma atuação da natureza, e sim uma influência espiritual, porém atuando também espiritualmente e, nessa condição, transmitindo-se dos elevados seres espirituais ao homem, de acordo com o estado de consciência humana de então. Ao se imaginar o assunto como um efeito da natureza, não se fará jus à sua verdadeira essência. Se, ao contrário, for dito que as entidades com a antiga natureza lunar se aproximaram do homem a fim de conquistá-lo 'sedutoramente' para suas próprias metas, estará sendo empregada uma expressão simbólica, válida enquanto se mantiver consciência de seu caráter alegórico, tendo presente que detrás do símbolo existe uma realidade espiritual.

A atuação que os seres espirituais estacionados no estado lunar exerciam sobre o homem teve para este uma dupla conseqüência. Sua consciência foi, com isso, despida do caráter de simples espelho do Universo, pois no corpo astral humano foi estimulada a possibilidade de regular e dominar as imagens da consciência. O homem se tornou senhor de seu conhecimento. Por outro lado, o ponto de partida dessa soberania era justamente o corpo astral; e o eu, que lhe era superior, veio a ficar sob sua contínua dependência. Assim o homem ficou, para todo o futuro, exposto à incessante influência de um elemento inferior em sua natureza. Ele pôde, em sua vida, descer a um nível inferior àquele em que os seres terrilunares o haviam colocado, dentro do suceder universal. E para as épocas posteriores subsistiu, sobre sua natureza, a incessante influência dos caracterizados seres lunares irregularmente evoluídos. Pode-se chamar esses seres lunares — ao contrário dos outros que, atuando da Lua terrenal, formavam a consciência como espelho do Universo mas não concediam qualquer livre-arbítrio — de espíritos luciféricos. Estes ofereceram ao homem a possibilidade de desenvolver em sua consciência uma atividade livre, mas com isso também a possibilidade do erro, do mal.

A conseqüência desses processos foi que o homem estabeleceu, com os espíritos solares, uma relação diferente daquela que lhe fora destinada pelos espíritos terrilunares. Estes queriam desenvolver o espelho de sua consciência de tal forma que, em toda a vida anímica humana, a influência dos espíritos solares fosse o elemento predominante. Esses processos foram entrecortados, tendo-se criado no ser humano o contraste entre a influência do Espírito Solar e a influência dos espíritos com evolução lunar irregular. Em decorrência desse contraste, surgiu no homem também a impossibilidade de reconhecer as influências solares físicas como tais; estas permaneceram, para ele, ocultas atrás das impressões terrestres do mundo exterior. O elemento astral do homem, repleto dessas impressões, foi atraído para a esfera do eu. Esse eu, que de outra forma só havia notado a centelha de fogo acendida nele pelos Espíritos da Forma, e em tudo o que concernia ao fogo exterior submetera-se aos mandamentos desses seres, passou desde então a atuar, também graças ao elemento infundido nele próprio, sobre os fenômenos caloricos exteriores. Com isso estabeleceu um laço de atração entre ele e o fogo terrestre, inserindo assim o homem na materialidade terrestre mais profundamente do que lhe fora predestinado. Enquanto anteriormente o homem possuía um corpo físico cujas partes principais eram constituídas de fogo, ar e água, e ao qual se acrescentara algo como uma silhueta de substância terrestre, agora o corpo composto de terra tornou-se mais denso. E enquanto anteriormente o homem, mais do que um ser sutilmente estruturado, encontrava-se sobre o duro solo terrestre numa espécie de movimento flutuante, a partir de então teve de descer da 'periferia terrestre' para as partes da Terra que já estavam mais ou menos solidificadas.

A possibilidade de terem surgído esses efeitos físicos das descritas influências espirituais fica

explicada pela natureza dessas influências, referida acima. Não se tratava de influências naturais nem daquelas que atuam animicamente de pessoa para pessoa. Estas últimas não inserem seu efeito tão profundamente no corpóreo como as forças espirituais em questão.

Pelo fato de o homem se expor a influências do mundo extenor, conforme suas próprias representações mentais sujeitas a erros, e por viver segundo apetites e paixões que ele não deixou regular pelas influências espirituais superiores, surgiu a possibilidade de doenças. No entanto, um efeito especial da influência luciférica foi que de então em diante o homem já não podia sentir sua vida terrestre individual como continuação da existência incorpórea. A partir daí ele recebia impressões terrestres que podiam ser vivencíadas por meio do elemento astral infundido e se ligavam às forças que destruíam o corpo físico. O homem sentia isso como a extinção de sua vida terrestre. E assim surgiu a 'morte', causada pela própria natureza humana. Com isso tocamos num significativo mistério da natureza do homem: a relação do corpo astral humano com as enfermidades e a morte.

Para o corpo vital humano surgiram, então, circunstâncias especiais. Ele foi integrado numa tal relação entre os corpos físico e astral que, em certo sentido, viu-se subtraído às faculdades das quais o homem se havia apropriado pela influência luciférica. Uma parte desse corpo vital permaneceu de tal maneira fora do corpo físico que agora podia ser dominada pelas entidades superiores, e não pelo eu humano. Essas entidades superiores eram aquelas que, quando da separação do Sol, abandonaram a Terra para, sob a direção de uma das mais elevadas entre elas, assumir outro domicílio. Se a referida parte do corpo vital tivesse permanecido unida ao corpo astral, o homem teria colocado a seu próprio serviço as forças supra-sensíveis que anteriormente lhe pertenciam — teria estendido a influência luciférica a essas forças. Com isso se teria afastado gradualmente dos seres solares, e seu eu se teria tornado um eu puramente terrestre. Necessariamente ocorreria que, depois da morte do corpo físico (ou seja, já durante sua decadência), esse eu terrestre teria habitado outro corpo físico, o corpo de um descendente, sem passar por uma ligação com entidades espirituais superiores num estado incorpóreo. O homem teria assim chegado à consciência de seu eu, mas apenas como um 'eu terrestre'. Isso foi evitado graças àquele processo com o corpo vital, provocado pelos seres terrilunares. Com isso o eu individual propriamente dito foi tão separado do simples eu terrestre que, durante sua vida terrena, na verdade o homem só se sentia parcialmente como um eu individual, ao mesmo tempo sentindo como seu eu terrestre era uma continuação do eu terrestre de seus antepassados através de gerações. A alma sentia, na vida terrena, uma espécie de 'eu grupal' estendido até os antepassados remotos, e o homem tinha a sensação de ser membro do grupo. Somente no estado incorpóreo o eu individual podia sentir-se como ser individual. Porém o estado dessa individuação era prejudicado pelo fato de o eu continuar sujeito à recordação da consciência terrestre (eu terrestre). Isso obscurecia a visão do mundo espiritual, que entre a morte e o nascimento começava como que a cobrir-se com um véu, tal qual em relação à visão física na Terra.

A expressão física de todas as transformações que ocorriam no mundo espiritual, enquanto a evolução humana atravessava as condições descritas, era o paulatino equilíbrio das inter-relações entre o Sol, a Lua e a Terra (e, em sentido mais amplo, também entre outros astros). Como *uma* das conseqüências entre essas relações destaca-se a alternância entre o dia e a noite. (Os movimentos dos astros são regulados pelos seres que os habitam. O movimento da Terra, que dá origem ao dia e à noite, foi provocado pelas inter-relações entre os diversos espíritos situados acima do homem. Do mesmo modo, também o movimento da Lua surgiu para que, após sua separação da Terra e mediante sua rotação em torno desta, os Espíritos da Forma pudessem atuar sobre o corpo físico humano da maneira correta e no ritmo adequado.) Durante o dia, o eu e o corpo astral do homem atuavam nos corpos físico e vital. Durante a noite essa atividade cessava; então o eu e o corpo astral saíam dos corpos físico e vital, ficando, nesse período, inteiramente no domínio dos Filhos da Vida (Anjos), dos Espíritos do Fogo (Arcanjos), dos Espíritos da Personalidade e dos Espíritos da Forma. Os corpos físico e vital ficavam compreendidos no campo de atividade não só dos Espíritos da Forma como também dos Espíritos do Movimento, dos Espíritos da Sabedoria e dos Tronos. Assim, os efeitos

nocivos que os erros do corpo astral exerciam sobre o homem durante o dia podiam ser reparados.

À medida que os homens voltavam a multiplicar-se na Terra, já não existia razão alguma para que as almas humanas não se encaminhassem para a encarnação em seus descendentes. Já que agora atuavam forças terrilunares, sob sua influência formavam-se os corpos humanos inteiramente adequados à encarnação de almas humanas. Então as almas que antes haviam emigrado para Marte, Júpiter, etc. foram conduzidas à Terra. Com isso havia uma alma para cada descendente humano nascido na seqüência das gerações. Isso continuou durante longo tempo, de maneira que a afluência das almas à Terra correspondesse à propagação dos homens. As almas que com a morte terrena abandonavam o corpo conservavam, para o estado incorpóreo, o eco da individualidade terrestre como uma recordação. Essa recordação atuava de maneira que, logo ao nascer novamente na Terra um corpo que lhe fosse adequado, ela se reencarnava nele. Dentro da descendência humana havia, por conseqüência, homens com almas oriundas do exterior — as quais apareciam pela primeira vez na Terra após suas épocas primordiais — e outros com almas reencarnadas de forma terrena.

Na seqüência da evolução terrestre, as almas jovens surgidas pela primeira vez foram-se tornando raras, enquanto aumentava o número das almas reencarnadas. Contudo, durante muito tempo o gênero humano consistiu nesses dois tipos dehomens, condicionados por tais fatos. Na Terra, agora o homem se sentia mais unido a seus antepassados por meio do eu grupal comum. A vivência do eu individual era, por isso, mais forte no estado incorpóreo entre a morte e um novo nascimento. As almas que, advindas do espaço celeste, penetravam em corpos humanos, encontravam-se em situação diferente daquelas que já tinham atrás de si uma ou mais vidas terrestres. As primeiras traziam para a vida terrestre física, enquanto almas, somente as condições às quais estavam submetidas pelo mundo espiritual superior e pelas experiências feitas fora do âmbito terrestre. As outras haviam, elas próprias, acrescentado condições em vidas anteriores. O destino daquelas almas era determinado apenas por fatos situados fora das novas condições terrestres. O das almas reencarnadas também é determinado pelo que elas mesmas fizeram em vidas anteriores sob condições terrestres. Com a reencarnação surgiu, ao mesmo tempo, o carma humano individual.

Pelo fato de o corpo vital humano se haver subtraído à influência do corpo astral, da maneira acima descrita, as condições reprodutoras não entraram no âmbito da consciência humana, sendo governadas pelo mundo espiritual. Quando uma alma devia descer ao ambiente terrestre, despertava no homem terreno o impulso para a reprodução. Todo o processo estava, até certo grau, envolto numa penumbra misteriosa para a consciência terrestre.

Mas também durante a vida terrestre se manifestavam as conseqüências dessa separação parcial entre o corpo vital e o corpo físico. As faculdades desse corpo vital podiam ser especialmente aumentadas pela influência espiritual. Na vida anímica, isso se expressava num desenvolvimento especial da memória. Nesse período do homem, o pensamento lógico autônomo estava apenas em seus primórdios, enquanto a capacidade recordativa era quase ilimitada. Em relação ao exterior, o homem parecia possuir um conhecimento diretamente sentimental das forças ativas em tudo o que era vivo. Ele podia colocar a seu serviço as forças da vida e da reprodução animal, e principalmente da natureza vegetal. Sabia, por exemplo, extrair da planta aquilo que a incita ao crescimento e empregá-lo do mesmo modo como atualmente utiliza as forças da natureza inanimada, como a força latente no carvão de pedra que é utilizada para pôr a máquina em movimento. (Mais detalhes a esse respeito podem ser encontrados em meu pequeno livro *Unsere atlantischen Vorfahren* [Nossos antepassados atlânticos].[43])

Também a vida anímica interior do homem se modificou das mais diversas formas devido à influência luciférica. Poderíamos apontar muitos tipos de sentimentos e sensações que daí se

[43] Texto publicado inicialmente como capítulo da série 'Da Crônica do Akasha' *(Aus der Akasha-Chronik)* no periódico Lúcifer-Gnosis, fundado pelo Autor, e como edição independente com o título em questão, sob forma de livro, em 1908 (Berlim). Atualmente *em Aus derAhasha-Chronik (1904—1908),* GA-Nr. 11 [6. ed. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1986], pp. 21—56. (N.E. orig.)
[Capítulo da ed. brasileira *A Crônica do Akasha,* trad. Lavínia Viotti (São Paulo: Antroposófica, 1994. (N.E.)]

originaram, mas citaremos apenas alguns exemplos. Até ocorrer essa influência, a alma humana, em sua atuação e seu trabalho formativo, atuava de acordo com as intenções das entidades espirituais superiores. O plano de tudo o que devia ser realizado estava determinado de antemão, e na medida de seu desenvolvimento a consciência humana podia prever a evolução futura dos acontecimentos segundo esse plano determinado. Essa consciência profética se perdeu quando diante da manifestação das entidades espirituais superiores se estendeu o véu das percepções terrestres, ocultando-se nelas as verdadeiras forças dos seres solares. De então em diante o futuro se tornou incerto, e com isso se implantou na alma a possibilidade do sentimento de temor. O temor é uma conseqüência direta do erro.

Por outro lado também se vê como, sob a influência luciférica, o homem se tornou independente de certas forças às quais, antes, estava involuntariamente entregue. A partir de então ele pôde tomar decisões por si mesmo. A liberdade é o resultado dessa influência, sendo o temor e sentimentos semelhantes apenas conseqüência da evolução do homem para a liberdade.

Do ponto de vista espiritual, o surgimento do temor significa que dentro das forças terrestres, a cuja influência o homem fora submetido pelas potências luciféricas, estavam ativos outros poderes que, no decorrer da evolução, haviam assumido uma irregularidade muito antes dos luciféricos. Com as forças terrestres, o homem acolheu em seu ser as influências dessas potências. A sentimentos que sem elas teriam atuado de modo bem diverso, elas deram o atributo do temor. Pode-se chamar essas entidades de arimânicas; trata-se das mesmas que — no sentido de Göethe — podem ser denominadas mefistofélicas.

Embora inicialmente se haja feito sentir apenas nos homens mais evoluídos, logo a influência luciférica se estendeu também a outros. Os descendentes dos mais adiantados miscigenaram-se com os menos adiantados, caracterizados acima, e com isso a força luciférica se imiscuiu também nestes últimos. No entanto, o corpo vital das almas que regressavam dos planetas não podia ser protegido no mesmo grau em que o corpo vital dos descendentes daqueles que haviam permanecido na Terra. A proteção deste último provinha de um elevado Ser que dirigia o Cosmo quando o Sol se separou da Terra. No domínio aqui considerado, esse Ser aparece como o regente no reino solar. Com ele emigraram para a morada solar os sublimes espíritos que, por sua evolução cósmica, haviam alcançado a maturidade para isso.

Mas também houve seres que, durante a separação do Sol, não haviam ascendido a tal altura. Eles deveriam buscar outro cenário para si. Foi justamente por meio deles que Júpiter e outros planetas se desprenderam da substância cósmica comum que inicialmente se achava no organismo físico terrestre. Júpiter tornou-se a morada desses seres que não haviam amadurecido para o nível solar. O mais evoluído deles tornou-se o dirigente de Júpiter. Assim como o dirigente da evolução solar se tornou o 'Eu Superior' atuante no corpo vital dos descendentes dos homens que haviam ficado na Terra, esse dirigente de Júpiter tornou-se o 'Eu Superior' que atravessou, como uma consciência coletiva, os homens oriundos de uma miscigenação entre os filhos dos que haviam ficado na Terra e os que, da forma acima descrita, haviam aparecido na Terra somente na época do elemento aéreo, emigrando em seguida para Júpiter. No sentido da Ciência Espiritual, podemos chamar esses homens de 'jupiterianos'. Tratava-se de descendentes humanos que, naquela época remota, já haviam acolhido almas humanas — porém almas que, no início do ciclo terrestre, não estavam maduras o bastante para participar do primeiro contato com o fogo. Eram almas situadas entre o reino anímico humano e o reino anímico animal.

Havia ainda outros seres que, sob a direção de um mais elevado, haviam separado Marte da substância cósmica comum, estabelecendo aí sua morada. Sob sua influência adveio uma terceira categoria de homens, surgidos por miscigenação: os 'marcianos'. (A partir destes conhecimentos, uma luz incide sobre as origens da formação dos planetas do nosso sistema solar — pois todos os astros deste sistema se originaram dos diversos graus de maturidade dos seres qüe os habitavam. Contudo não podemos, naturalmente, entrar aqui em todos os pormenores das ramificações cósmicas.)

Os homens que percebiam em seu corpo vital a presença do elevado Ser Solar podem ser denominados ‘homens solares’. O ser que vivia neles como ‘Eu Superior’ — naturalmente apenas nas gerações, e não no indivíduo — é aquele que mais tarde, quando os homens alcançaram um conhecimento consciente a seu respeito, foi designado por diversos nomes, sendo para o homem atual o ponto onde se revela a relação que o Cristo tem com o Cosmo.

Pode-se distinguir ainda os ‘homens saturninos’. Em seu caso, o ‘Eu Superior’ era um ser que, antes da separação do Sol, teve de abandonar a substância cósmica comum com seus companheiros. Esse era um tipo de homens que possuíam não só em seu corpo vital, mas também em seu corpo físico, uma parte que permaneceu subtraída à influência luciférica.

Ora, nos tipos humanos de um nível inferior o corpo vital era muito pouco protegido para poder resistir suficientemente às influências do ser luciférico. Eles conseguiam estender a tal ponto a arbitrariedade da centelha do eu existente neles que provocavam em seu ambiente poderosos efeitos ígneos de tipo pernicioso. A conseqüência foi uma formidável catástrofe terrestre. Devido a tormentas de fogo, grande parte da Terra então habitada foi destruída e, com ela, os homens caídos em erro. Apenas a menor fração, que em parte permanecia intocada pelo erro, pôde salvar-se numa região terrestre até então protegida da perniciosa influência humana. Essa morada especialmente própria para a nova humanidade foi a região da Terra atualmente coberta pelo Oceano Atlântico. Para lá emigrou a parte da humanidade que se havia conservado mais pura de erro. Somente indivíduos dispersos habitavam outras localidades.

A época atlântica

No sentido da Ciência Espiritual, podemos chamar de Atlântida o continente então situado entre os limites atuais da Europa, África e América. (Na literatura pertinente encontram-se, de certa forma, alusões à época da evolução humana anterior à atlântica. Denomina-se época lemúrica da Terra aquela à qual se seguiu a atlântica. Por outro lado, a época em que as forças lunares ainda não haviam produzido seus efeitos principais pode ser chamada de hiperbórea. Essa é ainda precedida por outra, que coincide com os primórdios da evolução física terrestre. Na tradição bíblica, a época anterior à intervenção luciférica é descrita como a época paradisíaca, e a descida dos homens à Terra e sua integração no mundo físico como ‘expulsão do Paraíso’.)

A evolução no âmbito da Atlântida foi a época da verdadeira divisão em seres humanos saturninos, solares, jupiterianos e marcianos. Anteriormente haviam sido, na verdade, desenvolvidos apenas os rudimentos para isso. Ora, a divisão entre vigília e sono teve, para o ser humano, conseqüências particulares que se manifestaram principalmente na humanidade atlântica. Durante a noite, o corpo astral e o eu do homem encontravam-se no domínio dos seres superiores a eles, até alcançar os Espíritos da Personalidade. Mediante a parte de seu corpo vital que não estava unida ao corpo físico, o homem podia ter a percepção dos Espíritos da Sabedoria (Anjos) e dos Espíritos do Fogo (Arcanjos), pois durante o sono podia ficar unido à parte do corpo vital não penetrada pelo corpo físico. No entanto, a percepção dos Espíritos da Personalidade permanecia indefinida, justamente por causa da influência luciférica. Com os Anjos e os Arcanjos, porém, tornaram-se igualmente visíveis ao homem, no referido estado, aqueles seres que não podiam entrar na existência terrestre por se haverem atrasado no Sol ou na Lua. Eles deviam, portanto, permanecer no mundo anímico-espiritual. Contudo o homem os atraiu, por intermédio do ser luciférico, para o âmbito de sua alma separada do corpo físico. Com isso, entrou em contato com seres que atuaram sobre ele maneira altamente tentadora. Eles aumentaram na alma a tendência ao erro, particularmente ao abuso das forças do crescimento e da reprodução, que em virtude da separação entre os corpos físico e vital estavam em seu poder.

A alguns seres humanos da época atlântica foi dada a possibilidade de integrar-se o menos possível no mundo sensível. Graças a eles, a influência luciférica se transformou de obstáculo à

evolução da humanidade em instrumento para um progresso superior, fazendo com que eles ficassem em condições de desenvolver, mais cedo do que fora previsto, o conhecimento para as coisas terrestres. Em tal situação, esses homens procuravam afastar o erro de sua vida das representações mentais e descobrir as intenções originais dos seres espirituais a partir dos fenômenos do mundo visível. Eles se preservavam das inclinações e apetites dirigidos simplesmente ao mundo sensível, próprios do corpo astral, ficando cada vez mais livres dos erros deste último. Isso produziu neles certos estados que só lhes permitiu ter percepções naquela parte do corpo vital separada do corpo físico, conforme descrito. Nesses estados a faculdade perceptiva do corpo físico ficava como que extinta, e este parecia morto. Então, por intermédio de seu corpo vital, eles ficavam estreitamente ligados ao reino dos Espíritos da Forma, podendo perceber como estes são conduzidos e governados pelo elevado ser que exercia a direção durante a separação entre o Sol e a Terra e por cujo intermédio mais tarde se abriu aos homens a compreensão do 'Cristo'. Esses homens eram os iniciados.

Contudo, como a individualidade humana havia, conforme descrito, penetrado no domínio dos seres lunares, via de regra nem mesmo esses iniciados podiam entrar em contato imediato com o Ser Solar: este só podia aparecer-lhes como um espelhamento intermediado pelos seres lunares. Então esses homens não viam diretamente o Ser Solar, e sim seu reflexo. Eles se tornaram os guias do restante da humanidade, à qual podiam comunicar os mistérios contemplados. Atraíam discípulos a quem ensinavam os caminhos para alcançar o estado que conduz à iniciação. Ao conhecimento do que anteriormente se revelava por intermédio do 'Cristo' só podiam chegar os homens pertencentes ao grupo dos homens solares, no sentido indicado. Eles cultivavam seu saber misterioso, bem como as práticas que conduziam a ele, num local especial que aqui será chamado de Oráculo do Cristo ou Oráculo do Sol. (Oráculo no sentido de lugar onde se captam as intenções dos seres espirituais.)

O que aqui se diz acerca do Cristo só não será interpretado erroneamente ao se considerar que o conhecimento supra-sensível deve ver no aparecimento do Cristo na Terra um fato aludido profeticamente pelos que, antes de sua realização, estavam familiarizados com o sentido da evolução terrestre. Seria um erro pressupor, entre esses 'iniciados' e o Cristo, uma relação que só se tornou possível graças a esse acontecimento. Porém *isto* eles podiam compreender profeticamente, tornando compreensível a seus discípulos o seguinte: "Quem é tocado pelo poder do Ser Solar vê o Cristo aproximar-se da Terra."

Outros oráculos foram fundados pela humanidade saturnina, marciana e jupiteriana. Seus iniciados só podiam elevar sua contemplação até as entidades que podiam revelar-se em seus corpos vitais como os respectivos 'Eus Superiores'. Assim surgiram adeptos das sabedorias saturnina, jupiteriana e marciana. Além desses métodos de iniciação havia outros, para homens que haviam absorvido demais da essência luciférica para deixar uma parcela tão grande de seu corpo vital ficar separada do corpo físico como os homens solares. Neles o corpo astral retinha mais do corpo vital no corpo físico do que no caso dos homens solares. Eles tampouco podiam, pelos estados mencionados, ser levados àrevelação profética do Cristo. Por causa de seu corpo astral mais influenciado pelo principio luciférico, deviam passar por uma disciplina mais severa, podendo então, num estado menos incorpóreo do que os demais, receber não a manifestação revelada do próprio Cristo, mas a de outros seres superiores.

Havia seres que, embora houvessem abandonado a Terra durante a separação do Sol, nem por isso se encontravam à altura de participar por muito tempo da evolução solar. Após a separação entre o Sol e a Terra, eles destacaram do Sol um domicílio para si — o planeta Vênus. Seu dirigente foi o ser que então se converteu no 'Eu Superior' para os mencionados iniciados e seus discípulos. Algo semelhante sucedeu com o espírito dirigente de Mercúrio, para outro tipo de homens. Assim nasceram os oráculos de Vênus e Mercúrio.

Certo tipo de homens que sofreram ao máximo a influência luciférica só podiam elevar-se até um ser que, com seus adeptos, fora o mais remotamente expulso da evolução solar. Esse não possuía qualquer planeta especial no espaço cósmico, vivendo ainda na periferia da própria Terra, à qual se

unira novamente após o regresso do Sol. Os homens aos quais esse ser se revelava como Eu Superior podem ser chamados de adeptos do Oráculo de Vulcão. Seu olhar era mais dirigido aos fenômenos terrestres do que o dos outros iniciados. Foram eles que lançaram os primeiros fundamentos daquilo que surgiu entre os homens como ciências e artes. Os iniciados de Mercúrio, em compensação, lançaram os fundamentos das coisas mais supra-sensíveis — o que foi feito em grau ainda mais elevado pelos iniciados de Vênus.

Os iniciados de Vulcão, Mercúrio e Vênus distinguiam-se dos iniciados de Saturno, Júpiter e Marte pelo fato de estes últimos receberem seus mistérios mais como uma revelação oriunda de cima, de uma forma já pronta, enquanto os primeiros recebiam seu saber já mais sob forma de pensamentos próprios, de idéias. No meio situavam-se os iniciados do Cristo. Eles recebiam, juntamente com a revelação direta, a faculdade de revestir seus mistérios com formas conceituais humanas. Os iniciados de Saturno, Júpiter e Marte deviam expressar-se mais em símbolos; os iniciados do Cristo, de Vênus, Mercúrio e Vulcão podiam expressar-se mais em representações mentais.

O que, dessa forma, chegou à humanidade atlântica adveio indiretamente, por meio dos iniciados. Mas também o restante da humanidade adquiriu, por intermédio do princípio luciférico, faculdades especiais na medida em que foi transformado em benefício, pelas entidades cósmicas superiores, o que de outro modo poderia ter sido fatal. Uma dessas faculdades é a linguagem. Ela foi outorgada ao homem por causa da condensação deste na materialidade física e pela separação de uma parte de seu corpo vital do corpo físico.

Nos tempos posteriores à separação da Lua, inicialmente o homem sentia-se ligado a seus antepassados pelo eu de grupo. Porém essa consciência comum, que unia os descendentes aos antepassados, perdeu-se gradualmente no decorrer das gerações. Então os descendentes posteriores tinham a recordação interior somente até um antepassado não muito longínquo; até os antepassados remotos, não mais. Apenas nos estados semelhantes ao sono, nos quais os homens entravam em contato com o mundo espiritual, surgia novamente uma recordação deste ou aquele antepassado. Então os homens se consideravam unos com esse antepassado que acreditavam ter reaparecido neles. Essa foi uma concepção errônea da reencarnação, surgida especialmente no último período atlântico. A verdadeira doutrina da reencarnação só podia ser experimentada nas escolas dos iniciados. Os iniciados viam como, em seu estado incorpóreo, a alma vai de encarnação em encarnação; e só eles podiam comunicar a seus discípulos a verdade a tal respeito.

Nos tempos remotos aqui referidos, a forma física do homem ainda era muito diferente da atual. Essa forma ainda era, em alto grau, a expressão das qualidades anímicas. O homem ainda consistia numa materialidade mais sutil, mais tênue do que a assumida posteriormente. Aquilo que hoje está solidificado era macio, flexível e maleável em seus membros. Um homem mais anímico, mais espiritualizado, possuía uma constituição delicada, móvel e expressiva; já o menos evoluído espiritualmente ostentava formas corporais grosseiras, pesadas e pouco flexíveis. O progresso anímico contraía os membros, e a estatura mantinha-se pequena; já o atraso anímico e o envolvimento na sensualidade manifestava-se numa estatura gigantesca. Durante o período de crescimento do homem, o corpo se modelava — de uma maneira que pareceria fabulosa ou até fantástica à mentalidade atual — conforme o que se formava na alma. A perversão nos instintos, apetites e paixões acarretava um crescimento gigantesco do elemento material do homem.

A forma humana física atual surgiu pela contração, condensação e enrijecimento do homem atlântico. Enquanto antes da época atlântica o homem era uma reprodução fiel de sua entidade anímica, justamente os processos da evolução atlântica trouxeram em si as causas que conduziram ao homem pós-atlântico, que em sua forma física é sólido e relativamente pouco dependente das qualidades anímicas. (O reino animal, quanto às suas formas, solidificou-se na Terra muito antes do homem.) As leis atualmente subjacentes à estruturação das formas nos remos da natureza não devem, de modo algum, ser estendidas a passados mais remotos.

Em meados da evolução atlântica, uma calamidade se abateu gradualmente sobre a humanidade.

Os segredos dos iniciados deveriam ter sido cuidadosamente resguardados dos homens que, mediante uma preparação, não tivessem depurado seu corpo astral do erro. Se estes tivessem acesso ao conhecimento oculto, às leis pelas quais os seres superiores dirigem as forças naturais, iriam colocá-las a serviço de suas necessidades e paixões desviadas. O perigo era tanto maior quanto mais os homens, conforme foi dito, houvessem chegado ao domínio de seres espirituais inferiores, que não podiam acompanhar a evolução terrestre regular e, portanto, faziam-lhe oposição. Esses influenciavam continuamente os homens, de modo a inspirar-lhes interesses verdadeiramente contrários ao bem da humanidade. Contudo, os homens possuíam ainda a faculdade de colocar a seu serviço as forças de crescimento e reprodução existentes na natureza animal e humana.

As tentações advindas de seres espirituais inferiores subjugavam não apenas homens comuns, mas também uma parte dos iniciados. Eles chegaram a usar as mencionadas forças supra-sensíveis para fins contrários à evolução humana. Com essa finalidade, procuraram adeptos que não fossem iniciados e que aplicassem os segredos dos efeitos naturais supra-sensíveis num sentido totalmente inferior. A conseqüência foi uma grande corrupção da humanidade. O mal se difundiu cada vez mais. E como as forças de crescimento e reprodução, uma vez extirpadas do seu solo natural e empregadas independentemente, encontram-se numa misteriosa relação com certas forças que atuam no ar e na água, por causa dos atos humanos desencadearam-se formidáveis forças naturais destrutivas. Isso conduziu à gradual destruição da região atlântica por catástrofes aéreas e aquáticas. A humanidade atlântica teve de emigrar na medida em que não era exterminada nos cataclismos.

Naquela época, a Terra recebeu uma nova feição por causa de tais cataclismos. De um lado, a Europa, a Ásia e a África foram progressivamente assumindo as formas que possuem hoje; de outro lado, também a América. Para esses continentes afluíram grandes correntes migratórias. Para a época atual, são especialmente importantes aquelas que da Atlântida se dirigiram para leste. A Europa, a Asia e a África foram cada vez mais ocupadas pelos descendentes dos atlantes. Diversos povos estabeleceram aí seu domicílio. Eles estavam em diversos níveis de evolução, mas também em diversos níveis de perversão. E em seu meio emigraram também os iniciados, guardiães dos mistérios dos orácujos. Estes fundaram, em diversas regiões, locais onde se cultivava o culto a Júpiter, Vênus, etc., tanto no bom como no mau sentido. Uma influência particularmente nociva foi exercida pela traição dos mistérios de Vulcão, pois o olhar de seus adeptos estava voltado principalmente para as condições terrestres. Por causa dessa traição a humanidade caiu sob a dependência de seres espirituais que, devido à sua evolução anterior, eram inimigos de tudo o que procedesse do mundo espiritual desenvolvido pela separação entre a Terra e o Sol. De acordo com sua predisposição assim surgida, eles atuavam justamente no elemento que se formara no homem pelo fato de este ter, no mundo sensível, percepções atrás das quais o espiritual se ocultava. A partir de então esses seres adquiriram uma grande influência sobre muitos habitantes humanos da Terra, influência que se fez valer inicialmente pela gradual extinção da sensibilidade do homem em relação ao espiritual.

Como nessa época o tamanho, a forma e a flexibilidade do corpo físico humano ainda estavam altamente dirigidos para as qualidades da alma, a conseqüência da referida traição manifestou-se também em transformações do gênero humano nessa direção. Quando a perversidade humana se impunha especialmente de forma que forças supra-sensíveis eram colocadas a serviço de apetites, instintos e paixões inferiores, formaram-se figuras humanas disformes, grotescas quanto ao tamanho e à conformação. Essas, aliás, não puderam manter-se além do período atlântico, vindo a extinguir-se. A humanidade pós-atlântica se desenvolveu fisicamente a partir dos antepassados atlânticos nos quais já havia uma forma corporal suficientemente consistente, de modo a não se renderem às forças anímicas contrárias à natureza.

Houve certo período na evolução atlântica em que, devido a leis que regiam a Terra e suas proximidades, impuseram-se à forma humana as condições que a obrigaram a adensar-se. Embora as formas raciais humanas que se haviam adensado antes dessa época pudessem continuar a reproduzir-se ainda por muito tempo, as almas que nelas se encarnavam sentiram-se pouco a pouco tão

confinadas que as raças tiveram de extinguir-se. Contudo, justamente algumas dessas formas raciais se mantiveram ainda durante as épocas pós-atlânticas; as que se conservaram suficientemente maleáveis duraram ainda mais tempo, sob uma forma modificada. As formas humanas que haviam permanecido flexíveis além da época caracterizada tornaram-se principalmente corpos [adequados] para as almas que experimentaram em alto grau a influência perniciosa da já citada traição. Elas estavam destinadas a uma breve extinção.

Assim, pois, desde meados da evolução atlântica se impuseram, no âmbito da evolução humana, seres que atuavam no sentido de levar o homem integrar-se no mundo físico-sensível de forma não-espiritual. Isso podia avançar a ponto de se apresentarem a ele, em vez do aspecto real do mundo, miragens, fantasmagorias e ilusões de toda espécie. O homem estava exposto não *apenas* à influência luciférica, mas também à de outros seres já referidos e cujo líder pode ser chamado, segundo a designação que mais tarde recebeu na cultura persa, de Arimã. (Trata-se do mesmo ser conhecido por Mefistófeles.) Por essa influência, após a morte o homem caía sob o domínio de potências que o levavam a manifestar-se apenas como um ser dedicado ao mundo sensorial terrestre. A livre contemplação dos processos do mundo espiritual lhe foi cada vez mais subtraída. Ele teve de sentir-se sob o poder de Arimã e, até certo ponto, ser excluído da comunhão com o mundo espiritual.

De especial importância era um oráculo que, em meio à decadência geral, conservara o antigo culto da forma mais pura possível. Ele fazia parte dos oráculos do Cristo, e por esse motivo podia conservar não apenas o mistério do próprio Cristo, mas também os mistérios dos outros oráculos, pois na manifestação do sublime Espírito Solar se revelavam também os dirigentes de Saturno, Júpiter, etc. No oráculo solar conhecia-se o segredo de produzir, neste ou naquele indivíduo, corpos vitais humanos tal como os haviam possuído os melhores iniciados de Júpiter, Mercúrio, etc. Com os meios apropriados para isso, sobre os quais não nos estenderemos aqui, fazia-se com que as impressões dos melhores corpos vitais dos antigos iniciados se conservassem e homens posteriores condizentes fossem impregnados com elas. Por intermédio dos iniciados de Vênus, Mercúrio e Vulcão, tais processos podiam ocorrer também com os corpos astrais.

Em certo momento, o líder dos iniciados do Cristo se viu isolado com alguns acólitos, aos quais só podia comunicar os mistérios do mundo em escala muito limitada. Ora, esses acólitos eram pessoas que, por disposição natural, haviam recebido um mínimo da separação entre os corpos físico e vital. Tais homens eram, nesse ínterim, sem dúvida os melhores para o progresso ulterior da humanidade. Neles se haviam imiscuído cada vez menos as vivências no âmbito do estado de sono. O mundo espiritual foi-se tornando cada vez mais inacessível para eles. Por outro lado, também lhes faltava a compreensão para tudo o que se havia revelado em antigas épocas, quando o homem não estava em seu corpo físico, mas apenas em seu corpo vital. Os homens do círculo imediato daquele guia do oráculo do Cristo estavam adiantados ao máximo quanto à união, com o corpo físico, da parcela do corpo vital anteriormente separada dele. Essa união se introduzira paulatinamente, na humanidade, como conseqüência da modificação ocorrida com a região atlântica e com a Terra em geral. Os corpos físico e vital do homem coincidiam cada vez mais. Devido a isso, as faculdades anteriormente ilimitadas da memória se perderam, tendo início a vida humana pensante. A parte do corpo vital unida ao corpo físico transformou o cérebro físico no verdadeiro instrumento do pensar, e só a partir daí o homem começou realmente a sentir seu eu no corpo físico. Foi só então que a autoconsciência despertou. Inicialmente isso ocorreu apenas numa pequena parcela da humanidade, especialmente nos acólitos do dirigente do oráculo do Cristo. As demais massas humanas esparsas pela Europa, Asia e África conservaram, nos mais diversos graus, os restos dos antigos estados de consciência; elas possuíam, portanto, uma experiência imediata do mundo supra-sensível.

Os acólitos do iniciado do Cristo eram homens com um intelecto altamente desenvolvido, mas dentre todos os homens da época eram os menos experientes no domínio do supra-sensível. Foi com eles que aquele iniciado emigrou do oeste para o leste, para uma região no interior da Asia. Ele queria protegê-los ao máximo do contato com os homens menos avançados na evolução da consciência.

Educou esses adeptos no sentido dos mistérios que lhe eram manifestos; dessa forma, atuou particular-mente sobre seus descendentes. Assim, formou ao seu redor um grupo de homens que haviam acolhido em seus corações os impulsos correspondentes aos mistérios da iniciação do Cristo. Desse séquito, escolheu os sete melhores para que pudessem ter corpos vitais e astrais adequados às reproduções dos corpos vitais dos sete melhores iniciados atlânticos. Educou assim um sucessor do iniciado do Cristo, de Saturno, de Júpiter, etc. Esses sete iniciados tornaram-se os mestres e guias dos homens que, na época pós-atlântica, povoaram o sul da Ásia, especialmente a antiga Indía.

Como esses grandes mestres eram efetivamente dotados com reproduções dos corpos etéricos de seus antepassados espirituais, o conteúdo de seu corpo astral, ou seja, seu saber e seu conhecimento autoconquistados, não alcançavam o que lhes ficava velado por seu corpo vital. Para que tais revelações lhes falassem em seu íntimo, eles deviam fazer silenciar seu próprio saber e seu próprio conhecimento. Então, a partir e por intermédio deles, falavam as elevadas entidades que também haviam falado a seus antepassados espirituais. Fora dos momentos em que essas entidades falavam por seu intermédio, eles eram pessoas simples, dotados com os dons do entendimento e do coração adquiridos espontaneamente.

A época pós-atlântica

Primeiro período: a antiga cultura hindu

Naquela época, vivia na Índia uma espécie humana que conservara primorosamente uma viva recordação do antigo estado anímico dos atlantes, o qual possibilitava as experiências do mundo espiritual. Num grande número desses homens havia também uma imensa aspiração do coração e da mente rumo às vivências desse mundo supra-sensível. Por uma sábia direção do destino, a parcela principal dessa espécie humana, constituída das melhores partes da população atlântica, chegara à Ásia Meridional. Além desse grupo principal, outros grupos haviam imigrado em outras épocas. Para esse contexto humano o chamado iniciado do Crísto designou como instrutores seus sete grandes discípulos. Eles deram a esse povo sua sabedoria e seus preceitos. Muitos desses antigos hindus precisavam de uma mínima preparação para estimular em si as faculdades mal-extintas que conduziam à observação do mundo supra-sensível — pois a nostalgia em relação a esse mundo era realmente a disposição dominante da alma hindu. Tinha-se a sensação de que nesse mundo se situava a pátria original dos homens. Desse mundo eles foram transferidos para aquele que pode propiciar a contemplação sensorial exterior e o intelecto a ela ligado. Sentia-se o mundo suprasensível como o *verdadeiro* e o mundo sensível como um engano da percepção humana, uma ilusão *(maya).* Por todos os meios havia empenho em abrir o olhar para o mundo verdadeiro. Não havia interesse em ir ao encontro do mundo sensorial ilusório, ou, quando muito, havia apenas na medida em que este se revelava como o véu para o supra-sensível.

O poder que podia partir dos sete grandes mestres para tais homens era formidável. O que podia ser revelado por seu intermédio penetrava profundamente nas almas hindus. E como a posse dos corpos vitais e astrais transmitidos conferia elevadas energias a esses mestres, eles podiam atuar também de forma mágica sobre seus discípulos. Na verdade, eles não ensinavam. Atuavam, como que por forças mágicas, de uma personalidade para outra. Surgiu assim uma cultura completamente impregnada de sabedoria supra-sensível. O conteúdo dos livros de sabedoria dos hindus (os *Vedas)* não fornece a forma original dos sublimes conhecimentos cultivados pelos grandes instrutores na mais remota antigüidade, mas apenas um pálido eco. Somente a visão supra-sensível retrospectiva pode descobrir uma sabedoria primordial inédita por detrás dessas escrituras. Um traço especialmente relevante dessa sabedoria original é a harmônica consonância das diversas sabedorias oraculares da época atlântica — pois cada um dos grandes mestres podia desvendar uma delas; e os diversos aspectos da sabedoria formavam uma harmonia perfeita, pois por detrás deles estava a sabedoria

fundamental da iniciação profética do Cristo. Na verdade, o mestre que era sucessor espiritual do iniciado do Cristo não expunha o que o próprio antecessor podia revelar. Este havia permanecido nos bastidores da evolução e, por ora, não podia transmitir seu elevado ministério a qualquer pós-atlante.

O iniciado do Cristo pertencente aos sete grandes mestres hindus se distinguia do antecessor pelo fato de este ter podido elaborar completamente, em representações mentais humanas, sua visão do mistério do Cristo, enquanto o iniciado hindu do Cristo só podia expressar um reflexo desse mistério em símbolos e sinais, pois sua representação mental humana não alcançava tal mistério. No entanto, da união dos sete mestres resultou, numa grandiosa imagem da sabedoria, um conhecimento do mundo supra-sensível do qual, no antigo oráculo atlântico, fora possível revelar apenas fragmentos. As grandes potências dirigentes do mundo cósmico foram desvendadas, tendo-se feito discreta alusão a um grande Espírito Solar, ao Ser oculto que reina sobre as entidades reveladas pelos sete mestres.

O que se subentende aqui por 'antigos hindus' não coincide com o emprego usual dessa expressão. Documentos exteriores da época aqui referida não existem. O povo comumente denominado 'hindu' corresponde a um grau evolutivo da História configurado só muito depois da referida época. É preciso distinguir um primeiro período terrestre pós-atlântico, no qual dominava a cultura 'índica', aqui caracterizada; depois se formou um segundo período pós-atlântico, no qual se tornou dominante, como cultura, aquela que é chamada a seguir, neste livro, de 'protopersa'; e mais tarde ainda se desenvolveu a cultura egipto-caldaica, também a ser descrita. Durante a formação do segundo e do terceiro períodos culturais pós-atlânticos, também a 'antiga' cultura índica vivenciou uma segunda e uma terceira épocas. E é para essa terceira época que valem as referências comumente feitas à India antiga. Portanto, não cabe relacionar a presente descrição com a 'Índia antiga' no sentido comum.

Um outro traço dessa antiga cultura índica é aquele que posteriormente conduziu à divisão dos seres humanos em castas. Os habitantes da Índia eram descendentes de atlantes pertencentes a diversos tipos de homens, isto é, homens saturninos, jupiterianos, etc. Pelos ensinamentos supra-sensíveis, compreendeu-se não ser por acaso que uma alma era introduzida nesta ou naquela casta não por acaso, e sim pelo fato de ela própria ter-se predestinado à mesma. Tal compreensão dos ensinamentos supra-sensíveis era especialmente facilitada pelo fato de em muitos homens ser possível estimular as já mencionadas recordações interiores dos antepassados, que no entanto também conduziam facilmente a uma idéia errônea da reencarnação. Assim como na época atlântica só era possível obter a verdadeira idéia da reencarnação por intermédio dos iniciados, na antiga Índia isso só podia ocorrer pelo contato direto com os grandes mestres.

A idéia errônea da reencarnação, mencionada acima, encontrou a maior expansão imaginável entre os povos que, em conseqüência do declínio da Atlântida, espalharam-se pela Europa, Asia e Africa. E como os iniciados que se haviam extraviado durante a evolução atlântíca também haviam comunicado esse mistério aos imaturos, os homens tenderam cada vez mais a confundir a idéia verdadeira com a falsa. Entre esses homens havia permanecido em alguns casos, como herança da época atlântica, uma espécie de clarividência nebulosa. Assim como os atlantes entravam no domínio do mundo espiritual durante o sono, seus descendentes vivenciavam esse mesmo mundo num estado anormal intermediário entre o sono e a vigília, quando lhes apareciam as imagens da antiga época à qual seus antepassados haviam pertencido. Eles se consideravam reencarnações de homens que viveram em tais épocas. Doutrinas sobre a reencarnação, em desacordo com as autênticas idéias dos iniciados, se espalharam por todo o ambiente terrestre.

Segundo período: a antiga cultura persa

Como resultado das contínuas migrações que se haviam dirigido do Ocidente para o Oriente desde o início da destruição da Atlântida, estabeleceu-se nas regiões da Ásia Ocidental um povo cuja

descendência é conhecida, na História, como povo persa e estirpes afins. No entanto, o conhecimento supra-sensível tem de remontar a períodos muito anteriores ao período histórico desses povos. Trata-se, a princípio, de antepassados muito remotos dos persas posteriores, em meio aos quais nasceu a segunda grande época cultural da evolução pós-atlântica, após a índica. Os povos dessa segunda época tinham uma missão diferente daquela do povo hindu. Com suas aspirações e tendências, eles não visavam simplesmente ao mundo supra-sensível: estavam predispostos ao mundo físico-sensorial, tendo-se afeiçoado à Terra. Valorizavam as conquistas que o homem pode fazer nela e o que pode obter por meio das forças terrestres. Suas façanhas como guerreiros e suas invenções para extrair os tesouros da Terra relacionam-se com essa particularidade de seu ser. Entre eles não havia o risco do inteiro afastamento da 'ilusão' do físico-sensível em virtude de uma nostalgia voltada ao mundo supra-sensível; havia, sim, o de perder inteiramente a relação anímica com este último devido ao interesse pelo mundo sensível.

Os próprios oráculos, transplantados do antigo território atlântico, participavam à sua maneira do caráter geral da população. Aí se cultivava, dentre as forças das quais outrora o homem pudera apropriar-se pelas vivências do mundo supra-sensível —forças que ele ainda podia dominar em certas modalidades inferiores —, aquela que dirigia os fenômenos naturais de modo a servirem aos interesses pessoais do ser humano. Esse antigo povo tinha ainda um grande poder no domínio de tais forças naturais, que mais tarde se retraíram frente à vontade humana. Os guardiães dos oráculos dominavam forças interiores relacionadas com o fogo e outros elementos. Pode-se chamá-los de magos. O que eles haviam conservado como herança cognitiva e forças supra-sensíveis de outros tempos era, na verdade, débil em relação à capacidade do homem num passado remoto. Porém assumia todas as formas possíveis, desde artes nobres, preocupadas apenas com a salvação da humanidade, até as práticas mais condenáveis. Sobre esses homens a entidade luciférica exercia um domínio peculiar: ela os havia colocado em contato com tudo o que desvia o homem das intenções dos seres superiores que, não fora a interferência luciférica, teriam sido os únicos a levar adiante a evolução da humanidade.

Mesmo os membros desse povo que ainda eram dotados com resquícios do antigo estado clarividente — do já descrito estado intermediário entre a vigília e o sono — sentiam-se muito atraídos pelos seres inferiores do mundo espiritual. Era preciso dar a esse povo um impulso espiritual capaz de compensar tais particularidades de caráter. Da mesma fonte que originou a antiga vida espiritual hindu foi-lhe dada, pelo guardião dos mistérios do Oráculo Solar, uma direção.

O guia da cultura espiritual protopersa, dado pelo guardião do Oráculo Solar ao povo aqui focalizado, pode ser chamado pelo mesmo nome que a História conhece como Zaratustra ou Zoroastro. No entanto, convém ressaltar que a personalidade aqui em questão pertence a uma época muito anterior àquela em que a História coloca o portador desse nome. É que aqui não se trata de pesquisa histórica exterior, e sim de Ciência Espiritual. E quem tiver de pensar numa época mais recente relacionada com o portador do nome Zaratustra poderá buscar uma sintonia com a Ciência Espiritual no fato de este representar um sucessor do primeiro grande Zaratustra, tendo adotado seu nome e atuado no sentido de sua doutrina.

O impulso que Zaratustra devia dar a seu povo consistia em mostrar-lhe como o mundo físico-sensorial não é simplesmente algo sem espírito, apresentando-se ao homem quando este se entrega à exclusiva influência da entidade luciférica. A essa entidade o homem deve sua autonomia pessoal e seu sentimento de liberdade; no entanto, essa entidade deve atuar nele em sintonia com o ser espiritual oposto. No caso do povo protopersa, o importante era manter-se alerta quanto a esse segundo ser espiritual. Devido à sua inclinação para o mundo físico-sensível, ele era compelido a confundir-se completamente com os seres lucifércos. Ora, Zaratustra havia recebido do guardião do Oráculo Solar uma iniciação que lhe possibilitava receber parcialmente as revelações dos elevados seres solares. Em estados especiais de sua consciência, em que lhe era infundido seu aprendizado, ele podia contemplar o dirigente dos seres solares, que tomara sob sua proteção o corpo vital humano da forma acima

descrita. Ele sabia que esse ser dirige a evolução da humanidade, mas que só no devido tempo poderia descer do espaço cósmico para a Terra. Para isso seria necessário que pudesse viver no corpo astral de um homem do mesmo modo como atuava no corpo vital a partir da interferência do ser luciférico. Para tal deveria aparecer um homem que houvesse reconduzido seu corpo astral ao nível que, sem Lúcifer, este teria alcançado em outra época (meados da evolução atlântica). Sem o advento de Lúcifer, o homem teria alcançado esse nível muito antes, porém sem autonomia pessoal e sem a possibilidade da liberdade. Mas a partir de então, apesar desses atributos, o homem deveria chegar novamente a tal nível.

Em seus estados de vidência profética, Zaratustra via ser possível, dentro da evolução da humanidade, a existência de uma personalidade com esse corpo astral adequado. Porém sabia igualmente que antes desse tempo as forças solares espirituais não poderiam ser encontradas na Terra, mas que poderiam ser percebidas pela contemplação supra-sensível no âmbito da parte espiritual do Sol. Ele podia contemplar essas forças ao dirigir seu olhar espiritual para o Sol, e anunciava a seu povo a essência dessas forças que por ora só podiam ser encontradas no mundo espiritual, vindo mais tarde a descer à Terra. Essa era a anunciação do Grande Espírito Solar ou Espírito de Luz (Aura Solar, *Ahura-Mazdao, Ormuzd).* Esse Espírito de Luz se revela a Zaratustra e seus adeptos como o espírito que volta sua face para o homem, a partir do mundo espiritual, e prepara o futuro dentro da humanidade. Trata-se do espírito prenunciador do Cristo antes da aparição deste na Terra, e que Zaratustra anuncia como Espírito de Luz. Por outro lado, ele apresenta em Arimã *(Angra Mainju)* uma potência que, por sua influência sobre a vida anímica humana, atua de modo nefasto quando esta se entrega a ele unilateralmente. Essa potência não é outra senão aquela, caracterizada acima, que desde a traição dos segredos de Vulcão adquirira um domínio especial sobre a Terra.

Além da mensagem do Deus de Luz, foram anunciados por Zaratustra ensinamentos daquelas entidades espirituais que, ao sentido purificado do vidente, revelam-se como companheiras do Espírito de Luz, às quais faziam oposição os tentadores que se manifestavam ao impuro resto de clarividência conservado da época atlântica. Era preciso tornar claro ao povo protopersa como na alma humana, enquanto voltada à ação e ao esforço no mundo físico-sensível, desenrola-se uma luta entre o poder do Deus de Luz e o de seu adversário, e como o homem deve comportar-sede modo que este último não o precipite no abismo, e sim que sua influência seja dirigida para o bem pela força do primeiro.

Terceiro período: a cultura egipto-caldaica

Um terceiro período cultural da época pós-atlântica nasceu nos povos que, por suas migrações, haviam finalmente confluído na Asia Ocidental e no norte da Africa. Foi entre os caldeus, babilônios e assírios, por um lado, e os egípcios, por outro, que essa cultura se desenvolveu. Nesses povos, o interesse pelo mundo físico-sensorial evoluíra diferentemente do que entre os protopersas. Eles haviam recebido, muito mais do que os demais povos, a disposição de espírito que serve de base para a faculdade do pensar, para o dom do intelecto surgido desde o final do período atlântico. Aliás, era a missão da humanidade pós-atlântíca desenvolver em si as faculdades anímicas que podiam ser adquiridas pelas forças intelectuais e afetivas despertas, não movidas diretamente pelo mundo espiritual, e sim surgidas pelo fato de o homem observar o mundo sensível, adaptar-se a ele e transformá-lo pelo trabalho. A conquista desse mundo físico-sensível por aquelas faculdades humanas deve ser considerada como a missão da humanidade pós-atlântica. De etapa em etapa, essa conquista progride.

Na antiga Índia, na verdade o homem, por sua constituição anímica, já está orientado para este mundo; porém considera-o uma ilusão, e seu espírito está voltado para o mundo suprasensível. No povo protopersa, ao contrário, manifesta-se o empenho em conquistar o mundo físico-sensorial; mas em grande parte isso ainda é procurado com as forças anímicas que restavam como herança de uma

época em que o homem podia alcançar imediatamente o mundo supra-sensível. Entre os povos do terceiro período cultural, a alma já havia perdido grande parte das faculdades supra-sensíveis. Cabe-lhe pesquisar no mundo ambiente sensorial as manifestações do espiritual, continuando a aprimorar-se pela descoberta e invenção dos meios culturais resultantes desse mundo. Foi pela pesquisa das leis do plano espiritual situado atrás do mundo físico-sensível que nasceram as ciências humanas; e foi pelo fato de as forças desse mundo terem sido conhecidas e trabalhadas que nasceram a técnica humana, o trabalho artístico e seus instrumentos e meios.

Para o homem dos povos babilônio-caldaicos, o mundo sensível já não era uma ilusão; em seus remos, em montanhas e mares, no ar e na água, ele via uma manifestação dos atos espirituais das potências aí ocultas, cujas leis ele procurava conhecer. Para o egípcio, a Terra era um campo para seu trabalho, entregue num estado que ele deveria, mediante suas próprias faculdades intelectuais, transformar de modo a tornar-se uma prova do poder humano.

Da Atlântida foram transplantados para o Egito oráculos que procediam particularmente do oráculo de Mercúrio; porém havia ainda outros, como por exemplo os oráculos de Vênus. No conteúdo cultivado entre o povo egípcio por meio desses oráculos, foi inserido um novo germe de cultura. Este partiu de um grande dirigente que havia recebido seus ensinamentos no âmbito dos mistérios zaratustrinos persas. (Ele era a personalidade reencarnada de um discípulo do grande Zaratustra.) Tomando por base um nome histórico, chamemo-lo ‘Hermes’. Pela assimilação dos mistérios de Zaratustra, ele pôde encontrar o caminho correto para conduzir o povo egípcio. Na vida terrestre, entre o nascimento e a morte, esse povo havia dirigido de tal modo sua atenção ao mundo físico-sensorial que só conseguia contemplar diretamente o mundo espiritual em medida muito limitada, mas reconhecia no primeiro as leis deste último. Assim, não seria possível falar-lhe a respeito do mundo espiritual como de um plano ao qual ele tivesse acesso durante a vida terrena. Em compensação, era possível mostrar-lhe como o homem, no estado incorpóreo após a morte, vive com o mundo dos espíritos que se manifestam durante a vida terrena por suas marcas no reino físico-sensível. Hermes ensinava o seguinte: na medida em que o homem emprega, na Terra, suas forças para atuar segundo as intenções das potências espirituais, torna-se apto a reunir-se a essas potências após a morte. Particularmente aqueles que atuaram com mais zelo nessa direção, entre o nascimento e a morte, irão reunir-se à elevada entidade solar — a Osíris.

Do lado babilônio-caldaico dessa corrente cultural, essa orientação do interesse humano para o físico-sensível fazia-se notar mais do que do lado egípcio. Estudaram-se as leis deste mundo e, a partir das reproduções sensoriais, contemplaram-se os arquétipos espirituais. Contudo, em vários aspectos o povo continuava apegado ao mundo sensorial. Em vez do espírito estelar valorizava-se a estrela, e em vez de outros seres espirituais colocavam-se em primeiro plano suas reproduções terrenas. Apenas os dirigentes adquiriram conhecimentos verdadeiramente profundos a respeito das leis do mundo supra-sensível e de sua sinergia com o sensorial. Mais fortemente do que em qualquer outro lugar, produziu-se aqui um contraste entre os conhecimentos dos iniciados e as crenças errôneas do povo.

Quarto período: a cultura greco-latina

Condições totalmente diversas existiam nas regiões da Europa Meridional e da Ásia Ocidental, onde floresceu a quarta época cultural pós-atlântica. Pode-se chamá-la de greco-latina. Para essas regiões haviam confluído os descendentes dos homens das mais diferentes regiões do mundo mais antigo. Existiam oráculos que eram uma continuação dos diversos oráculos atlânticos. Havia homens que possuíam, como disposição natural, restos da antiga clarividência, e outros que podiam adquiri-la de maneira relativamente fácil mediante disciplina adequada. Em lugares especiais, não apenas foram conservadas as tradições dos antigos iniciados, como ainda surgiram sucessores dignos deles, os quais, por sua vez, atraíam discípulos capazes de ascender a elevadas esferas da contemplação. Nessa circunstância, tais povos continham em si o impulso para criar no mundo sensorial um domínio que

expressasse, no físico, o espiritual de forma perfeita.

Ao lado de muitas outras, a arte grega é uma conseqüência desse impulso. Basta penetrar com o olhar espiritual no templo grego para se reconhecer como, nessa maravilhosa obra de arte, o elemento sensório-material foi trabalhado pelo homem de maneira tal que cada uma de suas partes parece uma expressão do espiritual. O templo grego é a 'casa do espírito'. Percebe-se em suas formas o que normalmente só é reconhecido pelo olhar espiritual de quem observa de modo supra-sensível. Um templo de Zeus (ou Júpiter) é construído de forma a representar, para o olhar sensorial, um digno envoltório daquilo que o guardião da iniciação de Zeus ou Júpiter contemplava com o olhar espiritual.

E assim sucede com toda a arte grega. Foi por vias misteriosas que os tesouros de sabedoria dos iniciados fluíram para os poetas, os artistas e os pensadores. Nas cosmovisões construídas pelos antigos filósofos gregos reencontram-se os mistérios dos iniciados sob forma de conceitos e idéias. E as influências da vida espiritual, os mistérios dos centros de iniciação asiáticos e africanos afluíram para esses povos e seus guias. Os grandes mestres hindus, os acólitos de Zaratustra, os adeptos de Hermes, haviam formado seus discípulos. Estes ou seus sucessores fundaram centros iniciáticos onde as antigas sabedorias renasciam sob nova forma. Eram os mistérios da Antigüidade, onde se preparavam neófitos para serem conduzidos aos estados de consciência que lhes possibilitasse alcançar a visão do mundo espiritual. (Mais detalhes sobre esses mistérios da Antigüidade encontram-se em meu livro *O cristianismo como fato místico.*[44] Outros aspectos serão expostos nos últimos capítulos deste livro.) Desses centros de iniciação, os tesouros de sabedoria afluíram para aqueles que cultivavam os mistérios espirituais na Ásia Menor, na Grécia e na Itália. (No mundo grego surgiram importantes centros de iniciação nos mistérios órficos e eleusínios. Na escola filosófica de Pitágoras continuaram a ter efeito os grandes ensinamentos e métodos de sabedoria dos tempos anteriores. Em extensas viagens, Pitágoras fora iniciado nos segredos dos mais variados mistérios.)

Correntes iniciáticas pós-atlânticas

Na época pós-atlântica, a vida do homem entre o nascimento e a morte continuou a exercer sua influência sobre o estado incorpóreo após a morte. Quanto mais o homem dirigia seus interesses ao mundo físico-sensível, maior era a possibilidade de Arimã se infiltrar na alma durante a vida terrestre e, depois, conservar seu poder para além da morte. Nos povos da antiga India esse perigo ainda era mínimo, pois durante a vida terrestre eles haviam sentido o mundo físico-sensorial como ilusão, subtraindo-se assim ao poder de Árimã após a morte. O perigo era bem maior para os povos protopersas. Na época entre o nascimento e a morte eles haviam focalizado com interesse o mundo físico-sensível, e teriam sucumbido profundamente às tentações de Árimã caso Zaratustra não lhes houvesse indicado enfaticamente, pela doutrina do Deus de Luz, que por detrás do mundo físico-sensível existe aquele dos espíritos de luz. Na mesma medida em que acolheram em sua alma tal universo de idéias, os homens dessa cultura se subtraíram às garras de Arimã na vida terrestre, e com isso também na vida após a morte, pela qual deviam preparar-se para uma nova vida terrestre. Na vida terrestre o poder de Arimã induz a considerar a existência físico-sensorial como sendo a única e, com isso, a obstruir qualquer perspectiva de um mundo espiritual. No mundo espiritual, esse mesmo poder leva o homem a um completo isolamento, à orientação de todos os interesses apenas para si mesmo. Pessoas que, ao morrer, estão em poder de Arimã, reencarnam-se como egoístas.

No âmbito da Ciência Espiritual, atualmente é possível descrever a vida entre a morte e um novo nascimento exatamente como transcorre quando a influência de Arimã foi superada até certo ponto. É assim que ela foi descrita por nós em outras obras e nos primeiros capítulos do presente livro; e é assim que deve ser descrita ao se pretender ilustrar claramente o que o homem pode experimentar nessa forma de existência, após ter conquistado a pura visão espiritual daquilo que

[44] Ed. bras. em trad. de Rudolf Lanz (2. ed. São Paulo: Antroposófica, 1996). (N.E.)

realmente existe. Até que ponto cada qual a experimenta, isso depende de sua vitória sobre a influência arimânica. O homem está-se aproximando cada vez mais daquilo que ele é capaz de ser no mundo espiritual. O modo como essa capacidade é desviada por outras influências deve ser, aqui, incisivamente focalizado pela observação do curso evolutivo da humanidade.

No povo egípcio, Hermes cuidou para que os homens se preparassem, durante a vida terrena, para a comunhão com o Espírito da Luz. No entanto, como durante essa época os interesses humanos entre o nascimento e a morte haviam assumido uma forma tal que os homens só podiam ver um mínimo através do véu do mundo físico-sensorial, o olhar espiritual da alma também permanecia nublado após a morte. A percepção do mundo de luz permanecia opaca.

O obscurecimento do mundo espiritual depois da morte atingiu seu ponto culminante para as almas que passavam ao estado incorpóreo procedendo de um corpo da cultura greco-latina. Na vida terrena elas haviam cultivado ao máximo a existência físico-sensorial, e com isso se condenaram a uma existência sombria após a morte. Por conseguinte, o grego considerava essa vida depois da morte como uma existência sombria; e não se trata de um simples palavreado, e sim de uma sensação da verdade quando o herói dessa época, voltado à vida dos sentidos, diz: "Mais vale ser um mendigo na Terra do que um rei no reino das sombras." Isso era ainda mais acentuado entre os povos asiáticos que, também em sua veneração e adoração, haviam dirigido seu olhar apenas às imagens sensoriais, em vez de visar os arquétipos espirituais.

Uma grande parte da humanidade estava, no período cultural greco-latino, nessa situação. Vê-se como a missão do homem no período pós-atlântico, a qual consistia na conquista do mundo físico-sensorial, devia necessariamente levá-lo a alienar-se do mundo espiritual. Assim, a grandeza num domínio se relaciona necessariamente com a decadência em outro.

Nos mistérios, cultivava-se a relação do homem com o mundo espiritual. Seus iniciados podiam, em estados anímicos especiais, receber as revelações desse mundo. Eles eram, em maior ou menor grau, os sucessores dos guardiães dos oráculos atlânticos. A eles era revelado o que estava oculto devido às intervenções de Lúcifer e Ármã. Lúcifer ocultava ao homem algo, do mundo espiritual, que até a metade da época atlântica afluíra ao corpo astral humano sem a participação deste. Se o corpo etéríco não estivesse parcialrnente separado do corpo físico, o homem poderia ter experimentado em si esse domínio do mundo espiritual como uma revelação anímica interior. Por causa do impacto luciférico, isso só lhe era possível em estados anímicos especiais, quando então lhe aparecia um mundo espiritual com a roupagem do astral. Os seres correspondentes manifestavam-se em figuras compostas apenas dos membros superiores da natureza humana, dotados dos atributos astralmente visíveis de suas forças espirituais peculiares. Figuras sobre-humanas vinham a manifestar-se dessa maneira.

Depois do impacto de Árímã, a esse tipo de iniciação veio juntar-se ainda um outro. Árimã ocultou ao homem qualquer aspecto do mundo espiritual que, sem sua intervenção, teria aparecido por detrás da percepção físico-sensorial. Isso foi revelado aos iniciados pelo fato de eles praticarem em sua alma todas as capacidades adquiridas desde então, pelo homem, em nível superior ao da obtenção das impressões sobre a existência físico-sensorial. Era assim que se revelavam a eles as potências espirituais situadas atrás das forças naturais, possibilitando-lhes falar das entidades espirituais ocultas na natureza. A eles se revelavam as potências criadoras das forças que atuam no âmbito natural inferior ao homem.

Aquilo que continuara atuando como elemento de Saturno, do Sol e da antiga Lua, tendo formado os corpos físico, vital e astral do homem, assim como os remos mineral, vegetal e animal, formava o conteúdo de uma espécie de segredos de mistérios — aqueles subordinados a Arimã. Aquilo que havia conduzido à alma da sensação, à alma do intelecto e à alma da consciência se havia revelado numa segunda categoria de mistérios. No entanto, o que podia apenas ser profetizado pelos mistérios era que no decorrer dos tempos apareceria um homem com um corpo astral em que, apesar de Lúcifer, o mundo de luz do Espírito Solar poderia tornar-se consciente através do corpo vital, sem

estados anímicos especiais. E o corpo físico desse ser humano deveria ser de tal forma que a ele se tornasse manifesto todos os aspectos do mundo espiritual possíveis de serem ocultados por Árimã até a morte física. Para esse ser humano a morte física nada pode alterar no âmbito da vida, ou seja, não pode ter qualquer poder sobre ela. Num ser humano dessa espécie, o eu se manifesta de modo que na vida física esteja igualmente contida a plenitude espiritual. Tal ser é portador do Espírito de Luz, ao qual o iniciado se eleva por dois caminhos ao ser conduzido, em estados anímicos excepcionais, ora ao espírito do sobre-humano, ora à essência dos poderes da natureza. Ao predizer que tal ser humano apareceria no decorrer dos tempos, os iniciados dos mistérios eram os profetas do Cristo.

Como o mais especial profeta nesse sentido, surgiu, no meio de um povo que por hereditariedade natural possuía as qualidades dos povos do Oriente Próximo e, por educação, as doutrinas dos egípcios — o povo israelita —, uma personalidade: Moisés. A sua alma haviam chegado tantas influências da iniciação que, em estados especiais, ela recebia a revelação do ser que outrora, na evolução terrestre normal, assumira o papel de modelar a consciência humana a partir da Lua. No raio e no trovão Moisés reconhecia não somente os fenômenos físicos, mas também as manifestações do referido espírito. Contudo, sobre sua alma havia atuado simultaneamente a outra categoria de segredos de mistérios, e assim ele percebia, nas visões astrais, o sobre-humano convertendo-se no humano por meio do eu. Desse modo o ser vindouro se revelou a Moisés, por dois caminhos, como a mais elevada forma do eu.

E com o ‘Cristo’ apareceu sob forma humana o que o grande Ser Solar preparara como o ideal da perfeição humana terrestre. Com essa revelação, toda a sabedoria dos mistérios teve de assumir, em certo sentido, uma nova forma. Antes ela existia exclusivamente para levar o homem a colocar-se num estado anímico que lhe possibilitasse contemplar o reino do Espírito Solar *fora* da evolução terrestre. A partir daí, a sabedoria dos mistérios recebeu a tarefa de capacitar o ser humano a reconhecer o Cristo feito homem e, a partir desse centro de toda sabedoria, compreender o mundo natural e o espiritual.

No momento da vida de Jesus Cristo em que seu corpo astral continha tudo o que pode ser ocultado pelo impacto luciférico, teve início sua aparição como mestre da humanidade. A partir desse momento, foi implantada na evolução humana terrestre a disposição para receber a sabedoria graças à qual a meta físico-terrestre pode ser progressivamente alcançada. No momento em que se consumou o evento do Gólgota, foi infundida na humanidade a outra disposição, pela qual a influência de Árimã pode ser transformada em bem. Desde então, ao cruzar o umbral da morte o homem pode levar consigo aquilo que o liberta da solidão no mundo espiritual. Não é só para a evolução da humanidade que o evento da Palestina constitui um ponto central; ele também o é para os outros mundos aos quais o homem pertence. E uma vez consumado o ‘Mistério do Gólgota’, uma vez sofrida a morte na cruz, o Cristo apareceu no mundo onde as almas permanecem após a morte e reduziu o poder de Arimã a seus limites. Desse momento em diante, a região que os gregos haviam denominado ‘reino das sombras’ foi abalada por um relâmpago, mostrando-se a seus seres que a luz deveria voltar para ela. O que fora obtido para o mundo físico pelo Mistério do Gólgota projetou sua luz sobre o mundo espiritual.

Assim, até esse acontecimento a evolução pós-atlântica da humanidade significava uma elevação, para o mundo físico-sensorial, mas ao mesmo tempo uma decadência para o mundo espiritual. Tudo o que afluía para o mundo sensível emanava do que já existia no mundo espiritual desde tempos primordiais. Desde o evento do Cristo, os homens que se elevam ao Mistério Crístico podem levar consigo as conquistas do mundo físico para o mundo espiritual. Deste elas afluem de novo ao mundo físico-terrestre à medida que os homens, ao reencarnar-se, trazem consigo o que para eles significou o impulso do Cristo no mundo espiritual, entre a morte e um novo nascimento.

O que afluiu para a evolução da humanidade graças ao evento crístico atuou nela como uma semente. A semente só pode amadurecer pouco a pouco. Apenas uma ínfima parte das profundidades dessa nova sabedoria se integrou, até o presente, à existência física, que se encontra apenas no início da evolução cristã. Nos sucessivos períodos transcorridos desde aquela aparição, o cristianismo só

pôde revelar sua essência íntima na medida em que os homens e os povos estiveram aptos a recebê-la e assimilá-la pela capacidade imaginativa. A primeira forma assumida por esse conhecimento pode ser expressa como um amplo ideal de vida, que como tal se opôs às formas existenciais desenvolvidas na humanidade pós-atlântica.

Mais acima foram descritas as condições que regeram a evolução da humanidade desde o repovoamento da Terra na época lemúrica. Nesse sentido, animícamente os homens devem sua origem a diversas entidades que, advindas de outros mundos, encarnaram-se nos descendentes corpóreos dos antigos habitantes da Lemúria. As diversas raças humanas são uma conseqüência desse fato. E nas almas reencarnadas surgiram, como resultado de seu carma individual, os mais diversos interesses existenciais.

Enquanto tudo isso continuava a produzir seus efeitos, não pôde existir o ideal da 'humanidade universal'. A humanidade partira de uma unidade, mas a evolução terrestre até então conduzira à desagregação. No conceito do Cristo existe, a princípio, um ideal que se opõe a qualquer desagregação, pois no homem que leva o nome do Cristo vivem também as forças do grande Ser Solar, nas quais todo ser humano encontra sua origem. O povo israelita ainda se sentia como um povo, e o homem como membro desse povo. Quando, de início, se concebeu como simples pensamento que em Jesus Cristo vive o homem ideal, não atingido pelas circunstâncias da desagregação, o cristianismo se tornou o ideal da fraternidade ampla. Acima de todos os interesses e vínculos particulares, surgiu o sentimento de que o mais íntimo eu do homem tem em cada um a mesma origem. (Ao lado de todos os antepassados terrestres aparece o Pai comum a todos os homens. "Eu e o Pai somos Um.")

Quinto período: a cultura atual

Nos séculos IV, V e VI d.C., preparou-se na Europa um período cultural que se iniciou no século XV e no qual ainda vive a atualidade. Gradualmente este devia substituir o quarto período, isto é, o período greco-latino. Trata-se do quinto período pós-atlântico. Os povos que, depois de várias migrações e dos mais diversos destinos, tornaram-se os protagonistas desse período, eram descendentes daqueles atlantes menos atingidos pelos acontecimentos dos quatro períodos culturais anteriores. Eles não haviam penetrado nas regiões onde lançaram raízes as culturas correspondentes; em compensação, desenvolveram à sua maneira as culturas atlânticas. Muitos dentre eles haviam conservado em alto grau a herança da antiga clarividência nebulosa, peculiar ao descrito estado intermediário entre a vigília e o sono. Tais homens conheciam o mundo espiritual por experiência própria e podiam comunicar a seus contemporâneos os acontecimentos desse mundo. Assim nasceu um universo de lendas sobre seres e processos espirituais; o acervo de contos e lendas dos povos surgiu originalmente de tais vivências espirituais, pois a clarividência nebulosa de muitos homens subsistiu até uma época não muito distante da atual. Havia outros homens que, embora já houvessem perdido a clarividência, desenvolviam as adquiridas faculdades relacionadas com o mundo físico-sensorial de acordo com sensações e sentimentos correspondentes a essa clarividência.

Também os oráculos atlânticos tinham aqui seus continuadores. Por toda parte havia mistérios, só que neles se cultivava principalmente um ocultismo iniciático que conduz à revelação daquele mundo espiritual mantido oculto por Arimã. As potências espirituais situadas atrás das forças da natureza eram aí reveladas. Nas mitologias dos povos europeus se encontram resquícios do que os iniciados desses mistérios podiam revelar aos homens; só que em verdade essas mitologias também encerram o outro ocultismo, embora de forma menos perfeita do que os mistérios meridionais e orientais. As entidades sobre-humanas também eram conhecidas na Europa, mas eram vistas numa permanente luta contra os companheiros de Lúcifer. E bem verdade que se anunciava o Deus de Luz, mas sob uma figura tal que não se podia afirmar que viesse a vencer Lúcifer. Em compensação, nesses mistérios também penetrava o resplendor da figura vindoura do Cristo. Dizia-se que seu reino revelaria o reino daquele outro Deus de Luz. (Todas as lendas sobre o crepúsculo dos deuses e outras

semelhantes têm origem nesse conhecimento dos mistérios europeus.)

Foi dessas influências que se originou, nas almas dos homens da quinta época cultural, uma dualidade que ainda persiste atualmente, evidenciando-se nas mais diversas manifestações da vida. A alma conservou, dos antigos tempos, a tendência ao espiritual de uma maneira insuficientemente intensa para poder manter a ligação entre o mundo espiritual e o mundo sensorial; conservou-a apenas como impulso do sentimento e da sensaçao , mas não como visão direta do mundo supra-sensível. Por outro lado, o olhar do homem se voltou cada vez mais para o mundo sensorial e seus domínios. E as forças do intelecto despertadas nos últimos tempos atlânticos, todas as energias humanas cujo instrumento é o cérebro físico, foram aperfeiçoadas para o mundo sensorial, visando ao seu conhecimento e ao seu domínio. Dois mundos, por assim dizer, desenvolveram-se na alma humana: um voltado para a existência físico-sensível e o outro receptivo à manifestação do espiritual, a fim de penetrá-lo com sentimento e emoção, embora sem o contemplar.

Os germes dessa dualidade anímica já existiam quando a doutrina do Cristo se difundiu pelas regiões da Europa. Os homens acolheram de coração essa mensagem do espírito, impregnando com ela o sentimento e a emoção, mas não puderam estabelecer a ligação com o que o intelecto dirigido ao mundo dos sentidos explorava na existência físico-sensorial. O que hoje se conhece como contraste entre ciência exterior e conhecimento espiritual é apenas uma conseqüência desse fato. A mística cristã (Eckhart, Tauler, etc.[45]) é um resultado da impregnação do sentimento e da emoção pelo cristianismo; a ciência meramente dirigida ao mundo sensorial e os efeitos que produz na vida são as conseqüências do outro lado das disposições anímicas.

As conquistas no domínio da cultura material exterior se devem inteiramente a essa separação das tendências. Enquanto as faculdades humanas cujo instrumento é o cérebro se consagraram unilateralmente à vida física, puderam chegar à intensificação que possibilitou a ciência, a técnica etc. da atualidade, sendo que só entre os povos da Europa pôde residir a origem dessa cultura material — pois eles são os descendentes de antepassados atlânticos que só transformaram em faculdades sua inclinação para o mundo físico-sensível quando essa inclinação alcançou certa maturidade. Antes disso, deixaram-na latente e viveram das heranças da clarividência atlântica e das comunicações dos iniciados. Enquanto exteriormente a cultura espiritual se dedicava apenas a essas influências, lentamente amadurecia o sentido para o domínio material do mundo.

Contudo, atualmente já se anuncia a aurora do sexto período cultural pós-atlântico — pois, no âmbito da evolução da humanidade, o que deve nascer em determinada época amadurece lentamente na época anterior. O que pode começar a desenvolver-se desde já em seus primórdios é a descoberta do laço que une os dois lados no coração do homem — a cultura material e a vida no mundo espiritual. Para isso é necessário que, de um lado, sejam compreendidos os resultados da visão espiritual e, de outro, sejam reconhecidos, nas observações e experiências do mundo sensível, as manifestações do espírito. A sexta época cultural promoverá o pleno desenvolvimento da harmonia entre esses dois impulsos.

Com isso as considerações deste livro avançaram até o ponto de poderem passar de uma perspectiva do passado a uma do futuro. Contudo, é melhor preceder esta última com algumas considerações sobre o conhecimento dos mundos superiores e a iniciação. A seguir, e dentro do limite possível no âmbito desta obra, a referida perspectiva será resumidamente exposta.

O conhecimento dos mundos superiores

[45] Mestre Eckart ou Eckehart (c. 1260—1327), nascido com o título de cavaleiro em Hochheim, na Alemanha, tornou-se frade dominicano e foi o mais profundo místico alemão, tendo sido perseguido pela Igreja por sua doutrina e seus escritos; Johannes Tauler (c. 1300-1361), místico dominicano nascido em Estrasburgo, na França, pregava a moral prática a partir de uma índole imbuída do ser divino. (N.T.)

(Da iniciação)

Em seu atual nível evolutivo, o homem, na vida cotidiana entre o nascimento e a morte, percorre três estados anímicos: a vigília, o sono e, entre ambos, o estado onírico. Este último ainda será abordado sucintamente mais adiante. Por ora consideraremos a vida em seus dois principais estados alternativos — a vigília e o sono.

O homem se eleva a conhecimentos nos mundos superiores quando, além da vigília e do sono, obtém um terceiro estado anímico. Durante a vigília, a alma está entregue às impressões dos sentidos e às representações mentais provocadas por elas; durante o sono as impressões dos sentidos silenciam, mas a alma também perde a consciência — as vivências diurnas submergem no mar do inconsciente.

Imagine-se que durante o sono a alma pudesse alcançar uma certa consciência, apesar de as impressões dos sentidos, como ocorre no sono profundo, ficarem excluídas. *Nem mesmo a lembrança* das experiências diurnas existiriam. Será que a alma se encontraria num vazio? Será que não poderia ter qualquer vivência? Uma resposta a essa indagação só é possível quando se viabiliza estabelecer um estado igual ou semelhante a esse; quando a alma pode vivenciar algo, mesmo inexistindo efeitos sensoriais ou qualquer lembrança deles. Então a alma se encontraria como que adormecida em relação ao mundo exterior comum; contudo não estaria dormindo, e sim como que em vigília diante de um mundo real.

Ora, tal estado de consciência pode estabelecer-se quando o homem realiza as experiências anímicas que lhe são possibilitadas pela Ciência Espiritual. Tudo o que esta comunica, sobre os mundos transcendentes ao sensorial, foi pesquisado mediante esse estado de consciência. Nas explicações precedentes, foram feitas certas comunicações sobre mundos superiores. A seguir também serão abordados — na medida cabível neste livro — os meios para criar o estado de consciência necessário a essa pesquisa.

É apenas num sentido que esse estado de consciência se assemelha ao sono: no fato de cessarem todos os efeitos sensoriais exteriores; também ficam extintos todos os pensamentos provocados por esses efeitos sensoriais. Mas enquanto no sono a alma não possui qualquer energia para vivenciar algo conscientemente, por meio desse estado de consciência ela deve conservar tal energia. Portanto, graças a esse estado é despertada na alma a faculdade para uma vivência que, na vida comum, só pode ser provocada pelos efeitos sensoriais. O despertar da alma para tal estado superior de consciência pode ser denominado *iniciação.*

Os meios da iniciação conduzem o homem do estado comum da consciência diurna para uma atividade anímica que o leva a servir-se de órgãos espirituais de observação. Esses órgãos preexistem na alma como germes, devendo ser desenvolvidos. Ora, pode acontecer o caso de, em certo momento da vida, sem qualquer preparo especial em sua alma, uma pessoa descobrir que esses órgãos superiores se desenvolveram nela. Nesse caso, ocorreu uma espécie de despertar espontâneo. Com isso tal pessoa se sentirá transformada em todo o seu ser, ocorrendo um ilimitado enriquecimento de suas vivências anímicas. E ela achará que nenhum conhecimento do mundo sensível lhe pode proporcionar a felicidade, a gratificante atmosfera anímica e o calor interior como aquilo que se revela num conhecimento inacessível à visão física. Força e segurança afluirão de um mundo espiritual para sua vontade.

Tais casos de iniciação espontânea existem. Contudo, não deveriam induzir a crer que a única coisa acertada seja esperar por tal iniciação espontânea, sem nada fazer para conduzir a iniciação por disciplina metódica. Não é necessário falar aqui dessa iniciação espontânea, pois ela pode surgir mesmo sem observação de qualquer regra. O que será apresentado, isso sim, é o modo como se podem desenvolver, pela disciplina, os órgãos perceptivos latentes na alma. Pessoas que não se sintam particularmente inclinadas a fazer, por si mesmas, algo em prol de seu desenvolvimento dirão facilmente: “A vida humana está sob a direção de potências espirituais, em cujo domínio não se deve intervir; deve-se esperar tranqüilamente o momento em que essas potências julguem oportuno descerrar um outro mundo para a alma.” Tais pessoas poderão muito bem considerar uma espécie de

ousadia, ou então curiosidade ilícita, interferir na sabedoria da direção espiritual. Personalidades que assim pensam só mudarão de opinião se uma certa idéia lhes produzir uma impressão suficientemente forte — se elas disserem a si próprias: "Aquela sábia direção me deu certas faculdades; ela não as confiou a mim para que eu as deixe ociosas, mas para servir-me delas. A sabedoria da direção consiste em ter depositado em mim os germes para um estado superior de consciência. Eu só a compreenderei se considerar como um compromisso o fato de vir a revelar-se ao homem tudo o que possa ser revelado por suas forças espirituais." Tendo esse pensamento deixado na alma uma impressão suficientemente intensa, desaparecerão as mencionadas objeções a uma disciplina relativa a um estado superior de consciência.

Certamente ainda pode haver outra objeção a uma disciplina desse tipo. Alguém pode dizer: "O desenvolvimento de faculdades anímicas interiores alcança o mais recôndito santuário do homem, implicando em certa transformação do ser humano inteiro. Os meios para essa transformação não podem, naturalmente, ser criados pela própria pessoa, pois o modo de se chegar a um mundo superior só pode ser sabido por quem conhece por experiência própria o caminho até lá. Recorrendo-se a tal pessoa, permite-se a ela uma influência sobre o mais recôndito santuário da alma." A quem pensa assim não causaria especial tranqüilidade o fato de lhe serem oferecidos, num livro, os meios para a conquista de um estado superior de consciência; pois não importa se alguém assimila algo comunicado verbalmente ou se uma personalidade que possui o conhecimento desses meios os apresenta num livro, e uma outra os aproveita. Ora, existem pessoas que possuem o conhecimento das regras para o desenvolvimento dos órgãos de percepção espiritual e opinam que não se deveria confiar tais regras a um livro. Em geral essas pessoas também consideram inadmissível a comunicação de certas verdades relativas ao mundo espiritual. Contudo, frente à atual época evolutiva da humanidade essa opinião deve ser vista como antiquada. É certo que na comunicação das referidas regras só se pode chegar até certo ponto, pois o conteúdo transmitido leva quem o aplicar em sua alma a conseguir, no desenvolvimento cognitivo, encontrar o caminho ulterior. Esse caminho prossegue então de uma maneira da qual só se pode fazer uma idéia exata tendo passado pelas etapas anteriores.

De todos esses fatos podem surgir objeções ao caminho cognitivo espiritual. Essas objeções silenciam quando se considera a essência do curso evolutivo traçado pela disciplina esotérica adequada à nossa época. E desse caminho que se falará aqui, fazendo-se apenas curtas alusões a outros caminhos.

A disciplina a ser descrita aqui oferece, a quem tem vontade necessária para seu desenvolvimento superior, os meios para empreender a transformação de sua alma. Uma grave ingerência na natureza do discípulo só ocorreria se o instrutor praticasse essa transformação por meios subtraídos à consciência daquele. Tais meios, porém, não são utilizados por qualquer orientação *correta* para o desenvolvimento espiritual em nossa época. Uma orientação dessas não converte o discípulo em instrumento cego; ela lhe fornece as regras de conduta, e o discípulo as coloca em prática. Nesse caso, sendo conveniente, não se oculta a razão pela qual é dada esta ou aquela regra de conduta. A assimilação das regras e sua aplicação por uma pessoa que busca o desenvolvimento espiritual não precisa ocorrer com base em confiança cega; esta deveria ficar inteiramente excluída em tal domínio.

Quem observar a natureza da alma humana na medida em que isso já ocorre na auto-observação comum, sem disciplina espiritual, poderá indagar, após a assimilação das regras recomendadas por essa disciplina: como podem tais regras atuar na vida anímica? E essa indagação pode, antes de qualquer disciplina, ser *satisfatoriamente* respondida pelo simples emprego imparcial do intelecto humano sadio. A pessoa pode formar uma idéia correta de seu modo de atuação antes de entregar-se a ela. *Vivenciar* esse modo de ação é algo que, sem dúvida, só se pode fazer durante a disciplina; só que também aí a vivência será sempre acompanhada de sua compreensão, caso a cada etapa a ser cumprida se aplique um critério sadio. E atualmente uma ciência espiritual verdadeira só dará à disciplina regras frente às quais se faça valer um critério sadio. Quem deseja dedicar-se apenas a uma

disciplina *desse tipo,* não se deixando compelir, por preconceito algum, a uma fé *cega,* terá todos os seus escrúpulos desvanecidos. Objeções a uma disciplina regrada para um estado superior de consciência não o perturbarão.

Mesmo para alguém cuja maturidade interior possa conduzi-lo, em menor ou maior prazo, ao despertar espontâneo dos órgãos perceptivos espirituais, a disciplina não é supérflua — ao contrário, para ele é especialmente apropriada; pois existem poucos casos em que uma pessoa assim não tenha de passar, antes da iniciação espontânea, pelos mais diversos atalhos tortuosos e estéreis. A disciplina lhes poupa esses atalhos, conduzindo na direção correta. Quando uma tal iniciação espontânea ocorre nessa alma, isso indica que a alma adquiriu a maturidade adequada em vidas anteriores. Ora, é fácil acontecer de justamente uma alma assim ter certa vaga sensação de sua maturidade e, com base nessa sensação, ser refratária à disciplina. Tal sensação pode realmente provocar certo orgulho, o que impede a confiança numa autêntica disciplina espiritual. Certo estágio do desenvolvimento anímico pode permanecer oculto até certa idade, revelando-se só então; mas a disciplina pode ser justamente o meio adequado para levá-lo a manifestar-se. Se uma pessoa se fechar à disciplina, pode ser que sua faculdade permaneça oculta na vida em questão e só volte a manifestar-se numa das vidas seguintes.

Com respeito à disciplina para o conhecimento supra-sensível, aqui referida, é importante evitar o aparecimento de certos mal-entendidos óbvios. Um deles pode surgir pelo fato de se achar que a disciplina queira transformar a pessoa, com relação ao seu modo global de vida, num outro ser. Só que não se trata de dar à pessoa prescrições gerais para sua conduta na vida, e sim de falar-lhe sobre práticas anímicas que, uma vez executadas, lhe darão a possibilidade de observar o supra-sensível. Sobre aquela parte de suas realizações alheias à observação do supra-sensível, essas práticas não exercem qualquer influência *direta;* a pessoa *acrescenta* a essas realizações o dom da observação supra-sensível. A atividade dessa observação é tão distinta das realizações comuns da vida quanto o estado de vigília o é do estado de sono. Um não pode perturbar o outro em mínimo grau. Quem, por exemplo, quisesse impregnar o curso ordinário da vida com impressões da visão supra-sensível, se assemelharia a uma pessoa enferma cujo sono sofresse contínuas interrupções nocivas. Ao livre-arbítrio da pessoa exercitada deve ser possível provocar o estado da observação da realidade supra-sensível. Na verdade, a disciplina se relaciona *indiretamente* com realizações da vida na medida em que sem uma certa conduta ética é impossível, ou prejudicial, a visão do supra-sensível. Por isso, muito daquilo que conduz à visão do supra-sensível é, ao mesmo tempo, um meio para o enobrecimento da conduta na vida. Por outro lado, pela visão no mundo supra-sensível se vêm a conhecer elevados impulsos morais, válidos também para o mundo físico-sensorial. Certas necessidades morais são conhecidas pela primeira vez a partir desse mundo supra-sensível.

Um segundo mal-entendido seria acreditar que alguma das práticas anímicas para o conhecimento supra-sensível tivesse algo a ver com alterações no organismo físico. Ao contrário, tais práticas não se relacionam em absoluto com qualquer coisa que diga respeito à fisiologia ou a outro ramo das Ciências Naturais. Trata-se de processos puramente anímico-espirituais, tão independentes de qualquer elemento físico quanto o próprio pensamento e a percepção sadios. Por meio de tal prática, na alma nada ocorre que seja *qualitativamente* diverso daquilo que ocorre quando ela pensa ou julga de maneira sadia. Na mesma medida em que o pensar sadio tem menor ou maior relação com o corpo, os processos da autêntica disciplina espiritual a têm com o conhecimento supra-sensível. Tudo o que se relacione de outra maneira com o homem não constitui verdadeira disciplina espiritual, e sim uma caricatura dela. É no sentido do aqui exposto que devem ser tomadas as explicações a seguir. Só pelo fato de o conhecimento supra-sensível ser algo emanado da alma humana inteira é que poderá parecer serem exigidas, para a disciplina, coisas que transformam o homem em algo diferente. Na verdade, trata-se de indicações sobre práticas que oferecem à alma a possibilidade de provocar, dentro de sua vida, momentos em que ela possa observar o supra-sensível.

A disciplina iniciática

A elevação a um estado de consciência supra-sensível só pode partir da habitual consciência diurna de vigília. É nessa consciência que vive a alma antes de sua elevação. Pela disciplina lhe são proporcionados meios que a retiram dessa consciência. A disciplina aqui considerada inicialmente oferece, dentre os primeiros meios, aqueles que podem ser designados como funções da consciência diurna comum. Justamente os meios mais significativos são aqueles que consistem em funções silenciosas da alma. Trata-se do fato de a alma entregar-se a representações mentais bem determinadas. Essas representações mentais são as que, por sua essência, exercem uma força despertadora sobre certas capacidades ocultas da alma humana. Elas diferem das representações mentais da vida diurna desperta, cuja tarefa é reproduzir um objeto exterior. Quanto mais verdadeiramente o fazem, mais verdadeiras são. E é inerente à sua essência o fato de serem verdadeiras nesse sentido.

Não têm essa tarefa as representações mentais às quais a alma deve entregar-se para a meta da disciplina espiritual. Elas são de feitio a não reproduzir algo exterior, pois têm a propriedade de atuar sobre a alma, despertando-a. As melhores representações mentais nesse sentido são as *simbólicas,* embora possam ser utilizadas também outras representações, pois o que importa não é seu conteúdo, mas simplesmente o fato de a alma dirigir todas as suas energias para nada mais ter em sua consciência senão as representações em questão. Enquanto na vida anímica comum suas forças se dividem em muitas direções e as representações mentais se alternam com rapidez, na disciplina espiritual o que importa é a concentração de toda a vida anímica numa representação única. Esta deve ser colocada, por livre-arbítrio, no centro da consciência. As representações simbólicas são, por isso, mais apropriadas do que as que reproduzem objetos ou fatos exteriores, pois estas últimas têm seu ponto de apoio no mundo exterior, e com isso a alma tem de estear-se menos em si mesma do que no caso das simbólicas, formadas pela própria energia anímica. O essencial não é *o que* se representa; importante é que, pelo modo de representação, o elemento representado liberta o anímico de qualquer dependência do físico.

Chega-se a uma compreensão desse aprofundamento numa representação mental evocando diante da alma o *conceito da recordação.* Se, por exemplo, fixarmos o olhar numa árvore e em seguida nos afastarmos dela, de modo que já não a possamos ver, poderemos despertar de novo na alma a representação da árvore pela recordação. Essa representação mental da árvore, obtida quando esta já não se encontra diante dos olhos, é uma *recordação* da mesma. Ora, imaginemos conservar essa recordação na alma, deixando-a repousar, de certo modo, sobre a representação mental recordativa; esforcemo-nos em eliminar, nesse caso, todas as outras representações mentais. Então a alma fica *ímersa* na representação mental recordativa da árvore. Lidamos assim com uma imersão da alma numa representação mental; contudo, essa representação mental é a reprodução de algo percebido pelos sentidos. Procedendo, porém, da mesma forma com uma representação mental colocada na consciência por livre vontade, poderemos gradativamente obter o efeito desejado.

Ilustraremos um exemplo de aprofundamento interior com uma representação mental simbólica. A princípio, deve-se primeiro construir na alma essa representação mental. Isso pode suceder da seguinte maneira:

Imaginemos uma planta — como ela se enraiza no solo, como produz folha por folha, como desabrocha em flor. E agora imaginemos um homem postado ao lado dessa planta. Tornemos vivo em nossa alma o pensamento a respeito de como o homem possui qualidades e faculdades que, frente às da planta, podem ser chamadas de mais perfeitas. Consideremos como ele, de acordo com seus sentimentos e sua vontade, pode dirigir-se de um lugar a outro, enquanto a planta está presa ao solo. Mas também ponderemos o seguinte: sim, certamente o homem é mais perfeito do que a planta; mas em compensação me deparo, nele, com características que não observo na planta e por cuja ausência esta me pode parecer, em certo sentido, mais perfeita do que o homem. O homem está preenchido por desejos e paixões, que ele segue em sua conduta. Em seu caso, posso falar de erros por causa de seus

impulsos e paixões. No caso da planta, vejo como ela segue as puras leis do crescimento folha por folha, e como abre impassivelmente suas flores aos castos raios do sol. Posso dizer a mim mesmo: o homem tem certa perfeição precedente à planta, mas pagou por essa perfeição ao permitir que às forças da planta em seu ser, as quais me parecem tão puras, se acrescentem instintos, apetites e paixões. Então imagino a seiva verde fluindo através da planta, sendo a expressão para as puras leis desapaixonadas do crescimento. Depois penso como o sangue vermelho circula pelas veias do homem, sendo expressão para os instintos, apetites e paixões. Deixo tudo isso surgir em minha alma como um pensamento vivo.

A seguir considero como o homem é capaz de evoluir; como pode depurar e purificar seus instintos e paixões mediante suas faculdades anímicas superiores. Imagino como, dessa maneira, um elemento inferior é destruído nesses instintos e paixões, que renascem num nível superior. Então é possível imaginar o sangue como a expressão dos instintos e paixões depurados e purificados. Agora, por exemplo, dirijo o olhar espiritual à rosa e digo a mim mesmo: na seiva vermelha da rosa vejo a cor da seiva vegetal verde transmutada em vermelho; e a rosa vermelha segue, tanto quanto a folha verde, as puras e desapaixonadas leis do crescimento. O vermelho da rosa poderá ser, para mim, o símbolo de um sangue expressivo de instintos e paixões depurados, que se despojaram do elemento inferior e, em sua pureza, igualam-se às forças atuantes na rosa vermelha. Procuro agora não apenas elaborar tais pensamentos em meu intelecto, mas também torná-los vivos em meu sentimento. Posso experimentar uma sensação de bem-aventurança ao representar mentalmente a pureza e a ausência de paixão na planta em crescimento; posso produzir em mim o sentimento de como certas perfeições superiores devem ser obtidas à custa de instintos e paixões. Isso pode transformar a bem-aventurança, sentida por mim anteriormente, num sentimento grave; então se agita em mim um sentimento de alegria libertadora quando me entrego ao pensamento do sangue vermelho, que pode tornar-se o portador de puras vivências interiores, tal como a seiva vermelha da rosa. O importante é não ficar impassível diante dos pensamentos que servem à construção de uma representação mental simbólica.

Depois de percorridos tais pensamentos e sentimentos, deve-se transformá-los na seguinte representação mental simbólica:

Imagine-se uma cruz negra; seja ela *símbolo* para o elemento inferior aniquilado dos instintos e paixões; e no ponto onde os braços da cruz se cortam, imaginem-se sete rosas vermelhas resplandecentes, ordenadas em círculo. Sejam essas rosas o *símbolo* para um sangue que é a expressão para paixões e instintos depurados e purificados.[46] Uma representação simbólica como essa será evocada na alma do mesmo modo como foi ilustrado acima no caso de uma representação mental recordativa. Tal representação mental tem uma força despertadora da alma quando nos entregamos a ela em profunda interiorização. Deve-se procurar excluir qualquer outra representação mental durante o aprofundamento. Simplesmente o símbolo caracterizado deve pairar espiritualmente diante da alma, de modo tão vivo quanto possível.

Não é sem razão que esse símbolo foi indicado aqui não simplesmente como uma representação mental despertadora, mas tendo sido primeiro construído por meio de representações relativas a plantas e ao homem. É que o efeito de tal símbolo depende de este ter sido configurado da maneira descrita, antes de o empregarmos na interiorização. Se o imaginarmos sem primeiro termos percorrido essa elaboração na própria alma, ele permanecerá frio e muito menos eficaz do que se houvesse recebido sua força iluminadora da alma mediante preparo. Contudo, durante a interiorização não se deve evocar na alma todos os pensamentos preparatórios, mas apenas ter, em espírito, o símbolo

[46] Não importa até que ponto esta ou aquela concepção das Ciências Naturais considere justificados ou não os pensamentos acima — pois se trata do desenvolvimento de idéias sobre plantas e o homem, as quais, sem qualquer teoria, podem ser obtidas por meio de uma da visão simples e imediata. Tais pensamentos também possuem sua importância ao lado das idéias teóricas — não menos importantes em outro sentido — sobre as coisas do mundo exterior. E aqui os pensamentos não visam a expor cientificamente um estado de coisas, e sim a construir um *símbolo* que se mostre animicamente ativo, sendo indiferente quais objeções ocorram a esta ou aquela pessoa quanto à construção desse símbolo. (NA.)

pairando vivamente e, nesse caso, deixar vibrar também *aquela sensação* que se instalou como resultado dos pensamentos preparatórios. Assim o símbolo se torna um signo ao lado da vivência da sensação, e é na demora da alma nessa vivência que reside o aspecto atuante. Quanto mais ela se possa demorar sem que outra representação mental perturbadora venha imiscuir-se, mais eficaz será todo o processo.

Contudo é útil, fora do tempo dedicado ao aprofundamento propriamente dito, repetir com freqüência a construção da imagem por meio de pensamentos e sentimentos do tipo descrito acima, para que a sensação não empalideça. Quanto mais se tem paciência com essa renovação, tanto mais significado possui a imagem para a alma. (Nas explicações de meu livro *O conhecimento dos mundos superiores* são fornecidos ainda outros exemplos de meios para a interiorização. Especialmente eficazes são as meditações ali descritas sobre o crescimento e o perecimento de uma planta, sobre as forças criadoras latentes numa semente, sobre as formas de cristais, etc. No presente livro, quisemos ilustrar com um exemplo a natureza da meditação.)

Um símbolo como o que aqui é descrito não retrata qualquer objeto ou ser exterior criado pela natureza; mas justamente por isso possui sua força despertadora de faculdades puramente anímicas. Certamente alguém poderia objetar: "É verdade que o 'todo', como símbolo, não existe por intermédio da natureza; porém todos os detalhes foram tomados dela: a cor negra, as rosas, etc. Tudo isso é percebido pelos sentidos." Quem for perturbado por tal objeção deveria considerar que não são as reproduções das percepções sensoriais que despertam as faculdades anímicas superiores; esse efeito é provocado simplesmente — pela *maneira de combinar* esses detalhes, e essa combinação não reproduz algo que exista no mundo sensorial.

Foi com um símbolo — a título de exemplo — que quisemos ilustrar o processo da interiorização ativa da alma. Na disciplina espiritual, pode-se empregar as mais variadas imagens dessa espécie, construindo-as dos mais diversos modos. Pode-se também indicar certas frases, fórmulas, palavras isoladas, nas quais a pessoa deve aprofundar-se. Em todo o caso, esses meios para a interiorização terão como meta liberar a alma da percepção sensorial e estimulá-la a uma atividade em que a impressão sobre os sentidos físicos seja insignificante e o desabrochar das faculdades latentes dentro da alma seja o essencial. Pode tratar-se também de interiorizações efetuadas meramente em sentimentos, sensações, etc., o que se mostra particularmente eficaz.

Tomemos, por exemplo, o sentimento de alegria. No curso normal da vida, a alma pode experimentar alegria quando existe uma causa exterior para isso. Quando uma alma dotada de sensibilidade normal percebe como alguém realiza um ato por bondade de coração, ela sente satisfação e alegria por tal ato. Porém essa alma pode refletir sobre uma ação dessa espécie e dizer a si própria: "Um ato executado por bondade de coração éum ato cujo autor não age em seu próprio interesse, e sim no interesse de seu semelhante. Tal ação pode ser denominada moralmente boa." Ora, mas a alma que observa pode libertar-se inteiramente da representação mental do caso particular no mundo exterior, que lhe deu alegria ou prazer, e formar para si uma idéia abrangente da bondade de coração. Pode pensar, de certo modo, como a bondade de coração nasce pelo fato de uma alma absorver, por assim dizer, o interesse da outra, convertendo-o em seu próprio interesse. Então a alma pode comprazer-se nessa idéia moral da bondade de coração. Essa alegria não está ligada a este ou aquele acontecimento do mundo sensível, mas a uma *idéia* como tal. Procurando-se deixar essa alegria viva na alma durante longo tempo, isso constitui interiorização num sentimento, numa sensação. Não é, pois, a idéia o fator eficaz para o despertar das faculdades anímicas interiores, e sim a prolongada presença, na alma, de um sentimento não provocado por uma simples impressão externa isolada.

Como o conhecimento supra-sensível é capaz de penetrar mais profundamente na essência das coisas do que o pensar comum, de suas experiências podem resultar sensações que atuam em grau ainda mais elevado para o desenvolvimento das faculdades anímicas quando empregadas na interiorização. Por mais que isso seja necessário aos graus superiores da disciplina esotérica, não se

deve esquecer que a enérgica interiorização em sentimentos e sensações como, por exemplo, aquele caracterizado no caso da bondade de coração, já pode conduzir muito longe.

Como as entidades dos homens diferem entre si, também são diferentes os meios de disciplina eficazes para cada um. Quanto à duração do aprofundamento, deve-se ter em conta que o efeito é tanto mais intenso quanto mais tranqüilo e deliberado possa ser esse aprofundamento. Contudo, qualquer exagero nessa direção deve ser evitado. Certo tato interior, fruto dos próprios exercícios, pode ensinar ao discípulo em quê ele deverá deter-se, nesse sentido.

Via de regra, a pessoa terá de realizar tais exercícios em íntimo aprofundamento durante muito tempo antes de poder perceber seu resultado por si própria. Duas coisas são inerentes à disciplina espiritual: a paciência e a perseverança. Quem não despertar ambas as qualidades em si mesmo, não fazendo contínuamente seus exercícios com toda a tranqüilidade, de modo que a paciência e a perseverança constituam sempre a disposição fundamental de sua alma, não poderá alcançar muita coisa. Pelas explicações acima, fica evidente que o aprofundamento interior (meditação) é um meio para se alcançar o conhecimento dos mundos superiores, mas também que nem todo conteúdo mental aleatório conduz a eles, e sim apenas o que for configurado da maneira descrita.

O caminho aqui indicado conduz inicialmente ao que se pode chamar de conhecimento *imaginativo.* Trata-se do primeiro grau do conhecimento superior. O conhecimento baseado nas percepções sensoriais e em sua elaboração pelo intelecto, ligado aos sentidos, pode — no sentido da Ciência Espiritual — ser chamado de ‘conhecimento objetivo’. É acima deste que se situam os graus cognitivos superiores, dos quais o primeiro é justamente o conhecimento imaginativo. A expressão ‘imaginativa’ poderia dar o que pensar a quem considerasse ‘imaginação’ apenas uma representação ‘imaginária’, sem correspondência com qualquer coisa real. Na Ciência Espiritual, contudo, o conhecimento ‘imaginativo’ deve ser concebido como fruto de um estado de consciência supra-sensível da alma. O que é percebido nesse estado de consciência são fatos e seres espirituais aos quais os sentidos não têm qualquer acesso. Como esse estado é despertado na alma mediante o aprofundamento em símbolos ou ‘imaginações’, também o mundo desse estado superior de consciência pode ser chamado de ‘imaginativo’, bem como seu respectivo conhecimento. ‘Imaginativo’ significa, portanto, algo que é ‘real’ num sentido diferente do que o são os fatos e entidades da percepção sensorial física. O *conteúdo* das representações mentais que preenchem a vivência imaginativa não importa; por outro lado, importa tudo na faculdade anímica desenvolvida durante essa vivência.

Uma objeção bem provável ao emprego das caracterizadas representações simbólicas é que sua formação derivaria de um devaneio e de uma elucubração arbitrária, só podendo, portanto, ter resultados duvidosos. Diante dos símbolos subjacentes à disciplina espiritual metódica, tal raciocínio é injustificável — pois os símbolos são escolhidos de maneira a se abstrair completamente de sua relação com uma realidade sensorial exterior, podendo seu valor ser buscado unicamente na força com a qual eles agem sobre a alma quando esta afasta toda a sua atenção do mundo exterior, quando suprime todas as impressões dos sentidos e também elimina todos os pensamentos que possa nutrir por motivo exterior. A melhor ilustração do processo da meditação ocorre por sua comparação com o estado de sono. Por um lado ela se assemelha a este e, por outro, é diametralmente oposta; ela é um sonho que, frente à consciência diurna, representa um estado superior de vigília. O importante é que, pela concentração na representação mental correspondente, a alma é obrigada a extrair de suas próprias profundezas energias muito mais potentes do que emprega na vida ou no conhecimento comuns. Com isso sua mobilidade interior é aumentada. Ela se liberta da corporalidade, tal qual durante o sono; contudo não passa, como neste último, a uma inconsciência, e sim vivencia um mundo que nunca experimentou antes. Seu estado, embora pelo lado da liberação do corpo seja comparável ao sono,em relação à consciência diurna comum se faz designar como um *estado elevado de vigília.* Desse modo a alma experimenta a si mesma em sua verdadeira natureza íntima e autônoma, enquanto na vigília diurna habitual — devido ao desenvolvimento mais débil de suas forças nessa situação — só se torna autoconsciente por meio do corpo, ou seja, não experimenta a si

mesma, percebendo-se apenas na imagem que — como uma espécie de reflexo — o corpo (na verdade, seus processos) esboça diante dela.

Os símbolos estruturados da forma acima descrita ainda não correspondem, naturalmente, a algo real no mundo espiritual. Eles servem para emancipar a alma humana da percepção sensorial e do instrumento cerebral ao qual o intelecto está inicialmente ligado. Essa emancipação não pode acontecer até que a pessoa sinta: "Agora represento mentalmente algo por meio de forças para as quais nem meus sentidos nem meu cérebro servem de instrumento." A primeira experiência do homem nesse caminho é essa emancipação em relação aos órgãos físicos. Então ele pode dizer a si mesmo: "Minha consciência não se extingue quando deixo de lado as percepções sensoriais e o pensar intelectual comum; posso elevar-me acima deles e sentir-me como um ser *ao lado* do que eu era antes." Eis a primeira experiência puramente espiritual: a observação de uma natureza anímico-espiritual do eu. Esta se desprendeu, como uma nova identidade, daquela que está ligada somente aos sentidos e ao intelecto físicos. Caso se houvesse desprendido do mundo sensível e intelectual sem o aprofundamento, a pessoa ficaria submersa no 'nada' da inconsciência. Obviamente ela já possuía essa natureza anímico-espiritual *antes* do aprofundamento, mas ainda não dispunha de qualquer instrumento para a observação do mundo espiritual. Era, por assim dizer, como um corpo físico desprovido de olhos para ver ou de ouvidos para ouvir. Foi só a energia empregada no aprofundamento que produziu os órgãos anímico-espirituais da entidade anímico-espiritual, antes não-organizada.

O que a pessoa criou para si dessa forma é também percebido em primeiro lugar. A primeira vivência é portanto, em certo sentido, a autopercepção. É inerente à disciplina espiritual o fato de que, pela prática da auto-educação, nesse ponto de seu desenvolvimento a alma tem plena consciência de estar percebendo *a si mesma* nos mundos das imagens (imaginações) surgidas em decorrência dos exercícios descritos. É bem verdade que essas imagens surgem como que vivendo num novo mundo; porém a alma deve reconhecer que a princípio elas não passam de um reflexo de seu próprio ser, fortalecido pelos exercícios. E não basta reconhecer isso com um juízo correto; é preciso também ter chegado a um tal desenvolvimento da vontade que a qualquer momento possa afastar, extinguir novamente essas imagens da consciência. A alma deve poder mover-se com toda a liberdade e com plena consciência dentro dessas imagens. Neste ponto, isso faz parte da verdadeira disciplina espiritual. Se não fosse capaz disso a alma se encontraria, no domínio das vivências espirituais, na mesma situação em que estaria no mundo físico uma alma que, ao focalizar um objeto, ficasse fascinada por ele a ponto de não poder mais afastar o olhar de sua direção.

Uma exceção a essa possibilidade de extinção é constituída por um grupo de vivências imagéticas interiores que, nesse grau da disciplina espiritual, *não* deve desaparecer. Esse grupo corresponde ao núcleo anímico próprio, e o discípulo reconhece nessas imagens aquele elemento de si mesmo que atravessa suas repetidas vidas terrenas como seu ser fundamental. Nesse ponto, a percepção de repetidas vidas terrenas se torna uma vivência real. Com relação a todo o resto, deve reinar a mencionada liberdade das vivências; e somente após haver adquirido a faculdade de extinção é que o praticante se acerca do verdadeiro mundo espiritual exterior. No lugar do elemento extinto entra algo diferente, no qual se reconhece a realidade espiritual. A pessoa sente-se crescer, anímica mente, de algo indeterminado para algo determinado. É dessa autopercepção que se deve então passar para a observação de um mundo exterior anímico-espiritual. Isso acontece quando se ordena a própria experiência interior no sentido que indicaremos a seguir.

De início, a alma do discípulo espiritual é débil em relação a tudo o que há para ser percebido no mundo anímico-espiritual. Ele já terá de empregar uma grande energia para reter, durante o aprofundamento interior, os símbolos ou outras representações mentais que construiu para si a partir de estímulos do mundo sensorial. Se, além disso, quiser alcançar uma verdadeira observação num mundo superior, deverá não apenas ser capaz de deter-se nessas representações: uma vez feito isso, deverá poder permanecer num estado em que não atue sobre a alma qualquer estímulo do mundo

exterior sensível, mas também as próprias representações imaginadas, acima descritas, sejam apagadas da consciência. Só então poderá surgir nela o que se formou pelo aprofundamento. Trata-se agora de existir energia anímica suficiente para que o conteúdo assim formado seja realmente percebido de modo espiritual, não escapando à atenção — fato que acontece invariavelmente quando a energia interior desenvolvida ainda é fraca.

O que se forma inicialmente como organismo anímico-espiritual, devendo ser captado na autopercepção, é delicado e fugaz. Além disso, as perturbações do mundo exterior sensível e suas repercussões na memória, por mais que a pessoa se esforce em afastá-las, são grandes. Aliás, trata-se não só das perturbações que se percebem, e sim, muito mais, daquelas que não se percebem na vida cotidiana.

Todavia, é justamente pela própria natureza humana que se torna possível um estado de transição nesse sentido. O que a alma não pode realizar no estado de vigília, devido às perturbações do mundo físico, ela consegue durante o sono. Quem se entregar ao aprofundamento interior notará, se prestar a devida atenção, algo particular em seu sono. Sentirá que durante o sono ele 'não dorme totalmente', tendo sua alma momentos em que, apesar de estar dormindo, desenvolve certa atividade. Em tais estados, os processos naturais mantêm afastadas as influências do mundo exterior que, durante a vigília, a alma ainda não pode afastar por força própria. Uma vez, no entanto, que os exercícios de concentração tenham atuado, a alma se liberta da inconsciência durante o sono e sente o mundo anímico-espiritual. Isso pode ocorrer de duas maneiras. Pode ser que para uma pessoa fique bem claro, durante o sono: "Agora estou num outro mundo"; ou talvez ela tenha, ao despertar, a recordação: "Estive num outro mundo". Evidentemente, ao primeiro caso corresponde uma energia maior do que ao segundo. Por isso este último caso será o mais freqüente com relação ao principiante na disciplina espiritual. Pouco a pouco, isso pode progredir a ponto de o discípulo comprovar ao despertar: "Durante todo o tempo de sono estive em outro mundo, do qual emergi ao despertar." Sua lembrança das entidades e fatos desse outro mundo se tornará cada vez mais definida. Em ambos os casos, produziu-se no discípulo o que se pode chamar de continuidade da consciência (a continuidade da consciência durante o sono). Com isso não se quer absolutamente dizer que o homem sempre conserva sua consciência durante o sono. Já é uma grande conquista para a continuidade de consciência quando a pessoa, habituada a dormir como qualquer outra, durante o sono dispõe de certos intervalos nos quais pode contemplar como que conscientemente um mundo anímico-espiritual; ou, no estado de vigília, pode como que reconstituir esses estados transitórios de consciência.

Contudo, não se deve deixar de atentar ao fato de que o processo aqui descrito deve ser concebido apenas como um estado de transição. É bom passar por esse estado transitório com vistas à disciplina, mas não se deve absolutamente acreditar que desse estado se possa extrair uma visão conclusiva a respeito do mundo anímico-espiritual. Nesse estado a alma está insegura, não podendo ainda confiar no que percebe. No entanto, graças a essas vivências ela adquire cada vez mais força para, também durante a vigília, manter afastadas de si as influências perturbadoras do mundo físico exterior e interior, alcançando a observação anímico-espiritual quando nenhuma impressão advém dos sentidos, quando o intelecto ligado ao cérebro físico silencia e também estão afastadas da consciência as representações mentais do aprofundamento, mediante as quais houve apenas uma preparação para a visão espiritual. O que é divulgado pela Ciência Espiritual de uma ou de outra forma nunca deveria provir de uma observação anímico-espiritual que não houvesse sido realizada em pleno estado de vigília.

Duas vivências anímicas são importantes no progresso da disciplina espiritual. A primeira é aquela que leva o homem a dizer a si próprio: "Mesmo abstraindo de todas as impressões que o mundo físico exterior me pode oferecer, eu não olho para o meu interior como para um ser do qual seja extinta qualquer atividade; eu contemplo um ser autoconsciente num mundo do qual nada sei enquanto me deixo estimular somente pelas impressões sensoriais e comuns do intelecto." Nesse momento a alma tem a sensação de ter dado à luz dentro de si própria, conforme descrito acima, um

novo ser como núcleo de sua essência anímica. E esse ser possui qualidades totalmente diversas daquelas até então existentes na alma.

A outra vivência consiste no fato de agora em diante pessoa poder considerar seu ser anterior como um segundo ser a seu lado. Aquilo onde até então ela se sentia encerrada se torna, em certo sentido, algo com que ela se defronta. Ela se sente temporariamente fora do que normalmente considerava sua própria entidade, *seu* 'eu'. É como se, em plena consciência, vivesse dentro de dois 'eus'. O primeiro é aquele que conheceu até então; o outro se encontra acima deste como uma entidade recém-nascida. E a pessoa sente como o primeiro alcança uma certa independência frente ao segundo — algo semelhante ao modo como o corpo humano alcança certa independência frente ao primeiro eu.

Essa experiência é de grande importância, pois faculta ao homem saber o que significa viver no mundo que ele almeja alcançar pela disciplina.

O segundo eu — o recém-nascido — pode agora ser conduzido à percepção no mundo espiritual. Nele pode desenvolver-se aquilo que tem, para o mundo espiritual, a mesma significação que têm os órgãos sensórios para o mundo físico-sensível. Uma vez tendo essa evolução alcançado o nível necessário, o homem não apenas se sentirá como um eu recém-nascido, mas agora perceberá ao seu redor fatos e seres espirituais do mesmo modo como percebe o mundo físico por meio dos sentidos físicos. Essa é uma *terceira* experiência significativa. Para corresponder plenamente a essa fase da disciplina espiritual, o homem precisa contar com o fato de que, com o fortalecimento das forças anímicas, o amor-próprio e o sentido de si mesmo se apresentam com uma intensidade desconhecida na vida anímica normal. Seria um mal-entendido acreditar que, nesse ponto, caberia falar somente do amor-próprio comum. Nessa fase da evolução, ele se fortalece de modo assumir semelhança com uma força natural dentro da própria alma, e é preciso uma vigorosa disciplina da vontade para vencer esse forte egotismo.[47] Esse egotismo não é como que produzido pela disciplina espiritual; ele está sempre presente, mas só alcança a consciência pela vivência no espírito.

A disciplina da vontade deveria evoluir paralelamente à disciplina espiritual. Existe no ser humano um forte impulso para sentir-se feliz num mundo que ele criou apenas para si. E de certa forma é preciso poder extinguir, da maneira mencionada, o que antes foi objeto de tantos esforços. No mundo imaginativo alcançado, a pessoa deve extinguir a *si mesma*. Por outro lado, contra isso lutam os mais poderosos impulsos do egotismo.

Pode surgir facilmente a crença de que os exercícios da disciplina espiritual sejam algo exterior, independente do *desenvolvimento moral* da alma. Diante disso se deve dizer que a força moral necessária para a mencionada vitória sobre o egotismo não pode ser alcançada sem que se tenha conduzido a condição moral da alma a um nível correspondente. O progresso na disciplina espiritual é inimaginável sem o surgimento simultâneo e necessário de um progresso moral. Sem força moral, o mencionado triunfo sobre o egotismo é impossível. Toda alegação de que a verdadeira disciplina espiritual não seja ao mesmo tempo uma disciplina moral é simplesmente imprópria. Só em quem desconheça tal experiência pode surgir a seguinte objeção: "Como é possível saber se, no caso de se *acreditar* ter percepções espirituais, trata-se de realidades e não de meras fantasias (visões, alucinações, etc.)?" Acontece que quem alcançou o caracterizado nível graças a uma disciplina metódica é capaz de distinguir entre sua *própria* representação mental e uma realidade espiritual, do mesmo modo como um homem com intelecto sadio é capaz de distinguir entre a representação de um pedaço de ferro ardente e a existência real desse objeto que ele toca com a mão. A diferença é fornecida justamente pela experiência sadia, e por nada mais.

Também no mundo espiritual, a própria vida fornece a pedra de toque. Assim como se sabe que no mundo sensível um pedaço imaginado de ferro — por mais ardente que se pense ser — não queima os dedos, o discípulo exercitado sabe se está vivenciando um fato espiritual apenas em sua fantasia ou

[47] Forte sentimento de si mesmo; egolatria. (N.T.)

se, em seus órgãos de percepção espiritual despertos, fatos ou entidades *reais* causam uma impressão. As medidas que devem ser observadas durante a disciplina espiritual para não se cair vítima de ilusões serão abordadas na exposição a seguir.

É da maior importância que o discípulo espiritual tenha adquirido uma disposição anímica bem determinada quando a consciência de um eu recém-nascido desperta nele. Ora, por meio de seu eu o homem é o condutor de suas sensações, seus sentimentos, representações mentais, seus instintos, desejos e paixões. Percepções e representações mentais não podem ser abandonadas a si mesmas na alma; devem ser ordenadas pela reflexão pensante. É o eu que manipula essas leis do pensar e que, por meio delas, introduz ordem na vida das representações mentais e dos pensamentos. Algo semelhante acontece com os desejos, os instintos, as inclinações e as paixões. As normas éticas fundamentais tornam-se os guias dessas forças anímicas; e, graças ao juízo moral, o eu se torna o guia da alma nesse domínio. Ora, quando o homem extrai de seu eu habitual um Eu Superior, o primeiro se torna, de certa maneira, autônomo. Dele é subtraída tanta força vital quanto a empregada no Eu Superior.

Suponha-se que uma pessoa ainda não tenha desenvolvido em si uma certa habilidade e firmeza nas leis do pensamento e no juízo, e queira, nesse nível, dar à luz seu Eu Superior. Ao seu eu habitual caberá a faculdade de pensar na mesma medida em que ele a tenha desenvolvido previamente. Se a quantidade de pensamento disciplinado for demasiadamente pequena, surgirá no eu habitual emancipado um pensar e um julgar desordenados, confusos e fantasiosos. E como numa pessoa assim o eu recém-nascido só pode ser débil, na percepção supra-sensível o eu inferior perturbado alcançará a supremacia, e a pessoa não mostrará equilíbrio em seu juízo para a observação do supra-sensível. Se houvesse desenvolvido suficientemente a faculdade do pensamento lógico, ela poderia entregar tranqüilamente seu eu habitual à sua autonomia.

No domínio da ética ocorre a mesma coisa. Se o homem não houver obtido firmeza no juízo moral, se não se houver tornado suficientemente senhor das inclinações, instintos e paixões, concederá autonomia ao seu eu habitual num estado em que atuam as citadas forças anímicas. Pode haver caso em que, na constatação dos conhecimentos supra-sensíveis vivenciados, o homem não se deixe tomar por um sentido tão elevado da verdade como naquilo que ele leva à consciência por intermédio do mundo físico exterior. Com um sentido assim frouxo da verdade, ele poderia tomar por realidade espiritual todo tipo possível de manifestação que não passasse de fantasia sua. Nesse sentido da verdade devem intervir a solidez do juízo ético, a firmeza de caráter e a profundidade de consciência, desenvolvidas no eu deixado para trás antes de o Eu Superior entrar em atividade com o objetivo do conhecimento supra-sensível. Isto não deve, absolutamente, constituir um motivo de intimidação diante da disciplina espiritual; contudo, deve ser levado muito a sério.

Quem possui a firme vontade para fazer tudo o que conduz o primeiro eu à segurança interior no exercício de suas funções não precisa, em absoluto, recuar diante do desprendimento de um segundo eu provocado pela disciplina espiritual para o conhecimento supra-sensível. Deve apenas estar ciente de que a auto-sugestão tem um grande poder sobre o homem quando se trata de este se considerar um pouco ‘amadurecido’. Na disciplina espiritual aqui descrita, o homem alcança um tal desenvolvimento de sua vida pensamental que não pode incorrer no perigo de errar, como freqüentemente se supõe. Esse cultivo do pensamento faz com que todas as necessárias vivências interiores se apresentem, porém sucedendo da maneira como devem ser percorridas pela alma, sem se fazer acompanhar por delírios prejudiciais. Sem o cultivo adequado do pensamento, as vivências provocar uma forte insegurança na alma. O método aqui indicado faz com que as vivências se apresentem de modo que a pessoa as conheça perfeitamente, tal qual se conhecem as percepções do mundo físico numa condição anímica sadia. Pelo cultivo da vida pensante, o homem se torna mais um *observador* daquilo que presencia em si mesmo, ao passo que sem essa vida pensante fica desatinado dentro da experiência.

Consideram-se inerentes a uma disciplina metódica certas qualidades a serem adquiridas, mediante exercícios, por quem queira encontrar o caminho para os mundos superiores. Trata-se

principalmente do domínio da alma sobre a direção de seus pensamentos, de sua vontade e de seus sentimentos. O modo como esse domínio é obtido por meio de exercícios tem uma dupla finalidade. De um lado, a alma deve ser tão impregnada por firmeza, segurança e equilíbrio que possa ser capaz de conservar essas qualidades mesmo após o nascimento do segundo eu; de outro lado, esse segundo eu deve receber força e consistência interior quando estiver a caminho.

O mais necessário ao pensamento do homem, para a disciplina espiritual, é a objetividade. No mundo físico-sensorial, a vida é o grande mestre do eu humano nesse sentido. Se a alma quisesse deixar seus pensamentos vagar ao acaso, deveria logo deixar-se corrigir pela vida caso não quisesse entrar em conflito com eles. A alma deve pensar de acordo com o curso dos fatos da vida. Ora, quando o homem desvia sua atenção do mundo físico-sensorial, falta-lhe o obrigatório corretivo deste último. Caso seu pensar seja incapaz de autocorreção, acabará errante como um fogo-fátuo. Por isso o pensar do discípulo espiritual deve exercitar-se de modo a poder dar a si mesmo direção e meta. Firmeza interior e a faculdade de manter-se estritamente concentrado num objeto, eis o que o pensamento deve cultivar para si. Por isso os correspondentes 'exercícios de pensamento' não devem aplicar-se a objetos estranhos e complicados, e sim àqueles simples e familiares. Quem conseguir durante meses consecutivos, ao menos por apenas cinco minutos diários, concentrar seu pensamento num objeto comum (por exemplo, num alfinete, num lápis, etc.), eliminando durante esse tempo qualquer pensamento não-relacionado com esse objeto, já terá feito muito nessa direção. (Pode-se focalizar diariamente um novo objeto ou manter um único objeto durante vários dias.) Mesmo quem se sinta um 'pensador', devido à sua educação científica, não deveria desprezar essa forma de tornar-se 'maduro' para a disciplina espiritual — pois quando, durante algum tempo, dedica o pensamento a algo bem familiar, pode ter certeza de estar pensando objetivamente. Quem pergunta a si mesmo: quais são as partes que compõem um lápis?, como se preparam os materiais para o lápis?, como serão agregados depois?, quando foram inventados os lápis?, etc., seguramente adapta mais suas ponderações à realidade do que quem reflete sobre a origem do homem ou sobre o que é a vida. Por meio de *exercícios mentais simples* aprende-se mais, para uma representação mental objetiva a respeito do mundo das evoluções saturnína, solar e lunar, do que por meio de idéias complicadas e eruditas. Ora, o que importa de início não é pensar sobre isto ou aquilo, e sim pensar *objetivamente por meio de energia interior*. Uma vez tendo-se assimilado a objetividade por um processo físico-sensorial de fácil domínio, o pensar se acostuma a querer ser também objetivo, mesmo quando não se sente dominado pelo mundo físico-sensível e suas leis. E a pessoa se liberta do hábito de deixar os pensamentos vagar a esmo.

Assim como é soberana no mundo dos pensamentos, a alma deve vir a sê-lo também no âmbito da vontade. No mundo físico-sensível, também é a vida que surge como soberana. Ela cria estas ou aquelas necessidades para o homem, e a vontade se sente estimulada a satisfazer essas necessidades. Na disciplina superior, o homem deve acostumar-se a obedecer estritamente suas próprias ordens. Quem adquire esse hábito se sente cada vez menos inclinado a desejar o insignificante. O lado insatisfatório e inseguro na vida volitiva consiste em desejar coisas de cuja realização não se faz uma idéia clara. Tal insatisfação pode levar toda a vida afetiva à desordem quando um Eu Superior quer desabrochar da alma. Um bom exercício é dar a si próprio, durante meses seguidos, uma ordem para determinado momento do dia: "Hoje, 'exatamente a tal hora', você fará 'tal coisa'." Então a pessoa consegue gradualmente obrigar-se ao momento e ao modo de execução da tarefa, para que sua realização seja exatamente viável. Assim ela se eleva acima do hábito nocivo de dizer "eu gostaria disto" ou "eu quero aquilo" sem pensar na viabilidade da execução. Uma grande personalidade — Göethe — atribui as seguintes palavras a uma vidente, na segunda parte do *Fausto:* "Amo aquele que deseja o impossível." E o mesmo Göethe diz: "Viver na idéia significa tratar o impossível como se fosse possível." *(Sprüche in Prosa.)* Tais sentenças não podem ser usadas como objeções ao que aqui dissemos, pois só pode realizar o que Göethe e a vidente (Manto) estabelecem quem primeiro se haja exercitado em desejar o possível, para depois, por seu intenso querer, poder lidar com o 'impossível'

de maneira que este se transforme no possível.

Quanto ao mundo do sentimento, para a disciplina espiritual a alma deve ser conduzida a uma certa serenidade. Para isso é preciso que a alma se torne soberana sobre a expressão de prazer e sofrimento, de alegria e dor. É justamente face à aquisição dessa qualidade que pode surgir algum preconceito. Poder-se-ia supor que a pessoa se tornasse apática e indiferente em relação ao mundo circundante caso "não se alegrasse com o prazeroso nem se penalizasse com o doloroso". Contudo, não se trata disso. Algo prazeroso *deve* alegrar a alma, e algo doloroso *deve* penalizá-la. Só que ela deve conseguir dominar a *expressão* da alegria e da dor, do prazer e do desprazer. Esforçando-se nesse sentido, logo notará que não se torna apática, e sim, ao contrário, mais do que antes receptiva a tudo o que seja agradável e doloroso à sua volta. Sem dúvida isso exige uma auto-observação exata por tempo mais longo, quando se quer adquirir a qualidade aqui referida. Cumpre atentar ao fato de que alguém pode participar plenamente do prazer ou da dor, sem perder-se a ponto de dar expressão involuntária ao que sente. Não se deve reprimir a dor justificada, e sim o pranto involuntário; não a repugnância diante de uma ação má, e sim o cego arrebatamento da cólera; não a atenção a um perigo, e sim o infrutífero 'amedrontar-se', etc.

É só por meio de tal exercício que o discípulo espiritual consegue ter em sua índole a calma necessária para evitar que, ao nascer e principalmente se ativar o Eu Superior, a alma leve uma vida paralela, malsã ao lado deste, como uma espécie de 'sósia'. Justamente diante dessas coisas, a pessoa não deveria entregar-se a qualquer auto-sugestão. Pode parecer a algumas pessoas que na vida comum elas já possuam certa serenidade, não necessitando, portanto, desse exercício. É justamente uma pessoa assim que o necessita em dobro. Ela pode manter muito bem a calma frente às coisas da vida comum mas, durante a elevação a um mundo superior, o desequilíbrio apenas reprimido pode fazer-se valer muito mais. É preciso ter rígorosamente em vista que, para a disciplina espiritual, importa menos o que se *aparenta* possuir antes, e, muito mais, que se *exercite* metodicamente o necessário. Por mais que possa parecer contraditória, essa frase está correta. E seja lá o que a vida tenha proporcionado, à disciplina espiritual servem as qualidades *que a própria pessoa conquistou.* Se a vida ensinou irritabilidade a alguém, esse alguém deveria desaprendê-la; se, no entanto, a vida lhe ensinou indiferença, pela auto-educação ele deveria animar-se de modo que a expressão da alma correspondesse à impressão recebida. Quem não consegue rir de coisa alguma domina tão pouco sua vida quanto aquele que, sem autodomínio, é continuamente incitado a rir.

Outro meio para a formação do pensar e do sentir é a aquisição da qualidade que se pode chamar de positividade. Uma bela lenda nos conta que certa vez Jesus Cristo, acompanhado de outras pessoas, passa por um cão morto. Os demais desviam os olhos da desagradável visão. Jesus Cristo comenta, admirado, sobre a bela dentadura do animal.[48] Toda pessoa pode exercitar-se para manter diante do mundo uma atitude anímica como a dessa lenda. O errado, o mau, o feio jamais devem impedir a alma de encontrar o verdadeiro, o bom e o belo onde quer que existam. Não se deve confundir essa positividade com falta de senso crítico, com o indiferente fechar de olhos diante do mau, falso e medíocre. Quem admira a 'bela dentadura' de um animal morto também *vê* o cadáver em decomposição; porém esse cadáver não o impede de ver a bela dentadura. Não se pode achar que o mau seja bom nem que o errado seja verdadeiro; mas pode-se conseguir que o mau não impeça de ver o bom, nem o errado de ver o verdadeiro.

O pensar, em conexão com a vontade, experimenta uma certa maturação quando se procura impedir que vivências e experiências passadas roubem a receptividade imparcial para vivências novas. Para o discípulo espiritual, deve perder inteiramente seu significado o pensamento "Eu nunca ouvi sobre isso, eu não acredito nisso". Durante algum tempo, ele deve justamente partir da atitude de deixar que, em qualquer oportunidade, cada ser e cada coisa lhe digam algo novo. De cada sopro de ar, de cada folha de árvore, de cada balbucio de uma criança se pode aprender algo, quando a pessoa

[48] Referência a um texto do escritor persa Nisami ou Nezamii (1141—1209) incluído por Göethe em sua obra conhecida como *West-Östlicher Díwan.* (CL N.E. orig.)

está preparada para aplicar um ponto de vista não aplicado até então. Certamente será bem possível ir muito longe com relação a essa faculdade. Aliás, não se deve, em certa idade, ignorar as experiências feitas a respeito das coisas. O que se experimenta no presente deve ser julgado de acordo com as experiências do passado. Isto de um lado da balança; de outro lado, deve surgir para o discípulo a disposição de experimentar sempre algo novo — e principalmente a crença na possibilidade de as novas vivências contradizerem as antigas.

Com isso foram denominadas cinco qualidades anímicas que o discípulo espiritual tem de adquirir numa disciplina metódica: o domínio sobre o curso dos pensamentos, o domínio sobre os impulsos da vontade, a serenidade diante do prazer e da dor, a positívídade no julgamento do mundo, a imparcialidade na concepção da vida. Quem se haja dedicado a exercitar-se na aquisição dessas qualidades, durante períodos consecutivos, terá ainda necessidade de levá-las a uma sintonia harmônica na alma; terá de praticá-las, por exemplo, duas a duas, três e uma, etc. simultaneamente, para produzir harmonia.

Os caracterizados exercícios são indicados pelos métodos da disciplina espiritual porque, quando praticados *minuciosamente,* não apenas provocam no discípulo o efeito imediato mencionado acima, mas têm indiretamente ainda muitas outras conseqüências, necessárias no caminho para os mundos espirituais. Quem praticar suficientemente esses exercícios se deparará, durante seu transcurso, com muitas falhas e defeitos de sua vida anímica; e encontrará os meios justamente necessários para o fortalecimento e a segurança de sua vida intelectual e afetiva, bem como de seu caráter. Certamente ainda terá necessidade de muitos outros exercícios, conforme suas capacidades, seu temperamento e seu caráter; contudo, elas se apresentarão quando os primeiros tiverem sido praticados suficientemente. Aliás, a pessoa notará que, *indiretamente,* os exercícios descritos também proporcionam cada vez mais resultados não atribuídos a eles de início. Se, por exemplo, alguém é muito pouco autoconfiante, após o tempo adequado notará que, graças aos exercícios, a necessária autoconfiança se instalará. E o mesmo acontece com outras qualidades anímicas. (Exercícios específicos e mais detalhados encontram-se em meu livro *O conhecimento dos mundos superiores.*)

É importante que o discípulo espiritual consiga intensificar as mencionadas faculdades em grau cada vez mais elevado. O domínio dos pensamentos e sensações deve ser levado ao ponto de a alma adquirir o poder de estabelecer períodos de perfeita calma interior, nos quais a pessoa mantenha afastado de seu espírito e de seu coração tudo o que a vida cotidiana, exterior, traz consigo de alegria e sofrimento, satisfações e pesares, e até mesmo de deveres e exigências. Em tais momentos, só deve ser admitido na alma aquilo que ela mesma quer admitir no estado de aprofundamento. Diante disso pode impor-se facilmente um preconceito. Poderia surgir a opinião de que a pessoa se alhearia da vida e de seus deveres caso se subtraísse a estes com o coração e o espírito, durante certos períodos por dia. Na realidade, porém, isso não ocorre. Quem se entregasse, da maneira descrita, a períodos de tranqüilidade e paz interiores receberia deles tanta e tão intensa força, também para as tarefas da vida exterior, que seu desempenho não só não pioraria, mas seria certamente melhor.

É de grande valia, em tais períodos, a pessoa se desprender por completo de pensamentos relativos a seus assuntos particulares, elevando-se ao que concerne não somente *a ela,* mas principalmente ao ser humano em geral. Se ela for capaz de preencher sua alma com as comunicações do mundo espiritual superior, e estas prenderem seu interesse no mesmo grau em que uma preocupação ou assunto pessoal, sua alma colherá disso frutos especiáis.

Quem se esforçar, desse modo, para ordenar sua vida anímica chegará também à possibilidade de uma auto-observação que considere os assuntos pessoais com a mesma serenidade dedicada a assuntos alheios. Poder considerar as próprias vivências, as próprias alegrias e tristezas pessoais como se fossem de outrem, é uma boa preparação para a disciplina espiritual. Nesse sentido chega-se progressívamente ao grau necessário quando diariamente, após a jornada de trabalho, faz-se desfilar diante do espírito as imagens das vivências do dia. A pessoa deve contemplar a si mesma, em imagem, dentro de suas vivências — portanto, observar-se em sua vida cotidiana como que do

exterior.

Adquire-se certa prática nessa auto-observação quando se inicia com a representação mental de algumas pequenas partes da vida cotidiana. A pessoa fica cada vez mais hábil e destra nesse exame retrospectivo, de modo que após uma exercitação mais longa consegue realizá-la completamente em curta fração de tempo. Essa contemplação retrospectiva das vivências tem, para a disciplina espiritual, seu valor especial por levar a alma a desfazer-se do hábito arraigado de seguir com seu pensar *apenas* o curso do suceder sensorial. No pensar retrospectivo se elaboram representações mentais, porém não mantídas pelo suceder sensorial. É isso o que se necessita para a familiarização com o mundo supra-sensível; assim a faculdade representativa se fortalece de maneira sadia. Por isso, também é bom fazer uma retrospectiva mental de outros fatos além da vida cotidiana, como por exemplo o desenrolar de um drama, de uma narrativa, de uma seqüência tonal, etc.

O *ideal* para o discípulo espiritual será, cada vez mais, portar-se diante dos acontecimentos da vida de modo a deixá-los aproximar-se com serenidade e tranqüilidade anímica interior, julgando-os não segundo *sua* disposição anímica, mas segundo o significado e o valor inerentes a eles. É justamente observando esse ideal que ele criará a base anímica para poder entregar-se aos aprofundamentos descritos acima, a partir de pensamentos e sensações simbólicos e outros.

As condições aqui descritas devem ser preenchidas, pois a vivência supra-sensível se edifica sobre o solo em que estamos na vida anímica comum antes ingressarmos no mundo supra-sensível. Toda vivência supra-sensível é duplamente dependente do ponto de partida anímico em que a pessoa se encontre antes do ingresso. Quem não estiver disposto, de antemão, a formar um juízo sadio como fundamento de sua disciplina espiritual, desenvolverá em si faculdades supra-sensíveis que perceberão o mundo espiritual de modo inexato e incorreto. De certa maneira, seus órgãos perceptivos espirituais se desenvolverão incorretamente. E assim como por meio de olhos defeituosos ou enfermos não se pode ver corretamente no mundo sensível, tampouco se pode perceber corretamente por meio de órgãos espirituais que não tenham sido desenvolvidos com base num juízo sadio.

Quem parte de uma disposição anímica imoral eleva-se aos mundos espirituais de um modo que sua visão espiritual fica como que aturdida, obnubilada. Diante do mundo supra-sensível, essa pessoa se posta como alguém que observa o mundo sensível num estado de atordoamento (só que não chegará a qualquer declaração convincente, enquanto o observador espiritual, mesmo atordoado, está bem mais desperto do que um homem na consciência habitual). Suas declarações vêm a ser, portanto, enganos a respeito do mundo espiritual.

O conhecimento imaginativo

A autenticidade inerente ao grau cognitivo da imaginação é obtida quando os aprofundamentos anímicos (meditações), descritos acima, são suportados pelo que se pode definir como ‘acostumar-se a um pensar não-sensorial’. Quando se elabora um pensamento com base na observação do mundo físico-sensível, esse pensamento não está livre do sensorial. Contudo, o homem não é restringido a elaborar *apenas* esse tipo de pensamento. O pensar humano não precisa tornar-se vazio e sem conteúdo quando não se deixa preencher por observações sensoriais. O caminho mais seguro e mais indicado para o discípulo chegar a esse pensamento não-sensorial consiste em tornar propriedade de seu pensamento os fatos do mundo superior que lhe são comunicados pela Ciência Espiritual. Tais fatos não podem ser observados pelos sentidos físicos; porém ele notará que, para poder *compreendê-los,* basta-lhe ter paciência e perseverança suficientes. Sem disciplina não se pode pesquisar no mundo superior, e nem mesmo fazer observações nesse âmbito; mas mesmo sem a disciplina superior é possível compreender tudo o que os investigadores relatam a esse respeito. E quando alguém argumenta “Como posso aceitar com boa fé e confiança o que os pesquisadores espirituais dizem, se eu mesmo não posso vê-lo?”, isso é totalmente infundado, pois é inteiramente possível, a partir da *mera* reflexão, adquirir segura convicção de que o comunicado é verídico. E se alguém não puder

chegar a convencer-se disso pela reflexão, não será por não ser possível 'crer' em algo que não se vê, mas simplesmente pelo fato de ainda não se ter empregado a reflexão de forma suficientemente imparcial, abrangente e profunda.

Para ter clareza nesse ponto, deve-se ponderar que, empreendendo um enérgico esforço interior, o pensamento humano é capaz de compreender mais do que geralmente presume. Em verdade, no próprio pensamento já reside uma entidade interior que está em conexão com o mundo supra-sensível. Normalmente a alma não está consciente dessa conexão, pois está *acostumada* a aplicar sua faculdade pensante apenas ao mundo sensorial. Por isso considera incompreensível o que lhe é comunicado pelo mundo supra-sensorial. Isso, porém, é compreensível *não apenas* a um pensamento educado pela disciplina espiritual, mas a *todo* pensar que esteja consciente de sua plena força e queira servir-se delas.

Pelo fato de apropriar-se ininterruptamente do que a pesquisa espiritual tem a dizer, a pessoa se acostuma a um pensar que não toma seu conteúdo das observações sensoriais. Ela aprende como, no interior da alma, os pensamentos se entretecem e se buscam mutuamente, mesmo que as associações entre eles não sejam provocadas pelo poder da observação sensorial. O essencial, nesse caso, é adquirir ciência de como o mundo do pensamento possui vida interior própria, e de como, ao realmente pensar, a pessoa já se encontra no domínio de um mundo vivo supra-sensível. Ela diz a si mesma: "Dentro de mim existe algo que cultiva um organismo composto de pensamentos; no entanto, eu sou uno com esse 'algo'." Assim, na entrega ao pensamento não-sensório percebe-se a existência de algo essencial que aflui para nossa vida interior, do mesmo modo como as qualidades das coisas sensoriais nos afluem através de nossos órgãos físicos na observação sensorial. "Lá fora no espaço", diz o observador do mundo sensível, "há uma rosa; ela não me é estranha, pois se me revela por sua cor e sua fragrância". Ora, basta alguém ser suficientemente imparcial para dizer a si próprio, quando o pensamento não-sensorial trabalha nele: "Estou tendo a revelação de algo essencial que, dentro de mim, associa um pensamento a outro, formando um organismo de pensamentos." Existe, porém, uma diferença entre as sensações frente ao que o observador do mundo exterior sensível tem à vista e aquilo que se revela essencial-mente no pensamento não-sensorial. O primeiro observador sente-se situado exteriormente à rosa, e aquele que está entregue ao pensamento não-sensorial experimenta o elemento essencial que se revela nele como algo *dentro de si* — ele se sente uno com esse elemento. Quem, mais ou menos conscientemente, só quer admitir como essencial aquilo que se lhe defronta como objeto exterior, não poderá, na verdade, experimentar o seguinte sentimento: "Aquilo que é essencial em si também pode revelar-se a mim pelo fato de eu estar ligado a ele como numa unidade." Para enxergar corretamente nesse sentido, deve-se poder ter a seguinte vivência interior: deve-se aprender a distinguir entre as associações de idéias criadas por arbítrio próprio e aquelas que se vivenciam interiormente ao se fazer silenciar esse arbítrio pessoal. Neste último caso, pode-se dizer o seguinte: "Permaneço completamente tranqüilo; não estabeleço qualquer associação de idéias; abandono-me àquilo que 'pensa dentro de mim'." Então se justifica plenamente tanto dizer "Em mim atua algo essencial por si" quanto "A rosa atua em mim quando vejo determinada rosa, quando percebo determinada fragrância".

Não existe qualquer contradição em alguém retirar o conteúdo para seus pensamentos das comunicações do pesquisador espiritual. É bem verdade que os pensamentos já existem quando ela passa a dedicar-se a eles; porém ela não pode pensá-los sem, em cada caso, criá-los novamente na alma. Acontece justamente que o pesquisador do espírito desperta, em seus ouvintes e leitores, pensamentos que estes devem buscar primeiro *em si próprios,* enquanto quem descreve a realidade sensível indica algo que ouvintes e leitores podem observar no mundo sensorial.

(O caminho que conduz ao pensamento não-sensorial pelas comunicações da Ciência Espiritual é inteiramente seguro. Existe, porém, um outro mais seguro e principalmente mais exato, embora seja, por isso, mais difícil para muitas pessoas. Ele está descrito em meus livros *Linhas básicas para uma teoria do conhecimento na cosmovisão de Göethe* e *A filosofia da liberdade.*Essas obras transmitem o

que o pensamento humano pode elaborar para si quando o pensar não se entrega às impressões do mundo exterior físico-sensível, e sim *apenas a si mesmo.* Então entra em atividade o pensamento puro — e não apenas aquele que surge no homem com base nas recordações do plano sensível — como uma entidade com vida própria. Nesse sentido, nas obras citadas nada foi extraído das comunicações próprias da Ciência Espiritual. Contudo, mostra-se que o pensar puro, trabalhando apenas em si próprio, é capaz de chegar a conclusões sobre o mundo, a vida e o homem. Essas obras se encontram numa etapa intermediária muito importante entre o conhecimento do mundo sensível e o do mundo espiritual. Elas oferecem aquilo que o pensamento pode alcançar quando se eleva acima da observação sensorial mas ainda evita o acesso à pesquisa espiritual. Quem submete toda a sua alma ao efeito desses textos já se encontra no mundo espiritual; só que este se lhe apresenta como mundo dos pensamentos. Quem se sente em condições de passar por essa etapa intermediária está trilhando um caminho seguro; e com isso pode adquirir, frente ao mundo superior, um sentimento que lhe trará os mais belos frutos para todo o tempo seguinte.)

Os órgãos do corpo astral

A meta do aprofundamento (meditação) nas representações mentais e sensações simbólicas acima caracterizadas é, dito com exatidão, a formação dos órgãos perceptivos superiores dentro do corpo astral do homem. A princípio eles são criados a partir da substância desse corpo astral. Esses novos órgãos de observação comunicam um mundo novo, onde o homem vem a conhecer a si próprio como um novo eu. Esses órgãos novos já se distinguem dos órgãos de observação do mundo físico-sensível pelo fato de serem órgãos *ativos.* Enquanto os olhos e os ouvidos se comportam de modo passivo, deixando que a luz e o som atuem sobre eles, pode-se dizer que os órgãos perceptivos anímico-espirituais estão em contínua atividade enquanto percebem, *captando* seus objetos e fatos, de certa forma, em plena consciência. Com isso surge o sentimento de que o processo cognitivo anímico-espiritual é uma união com os respectivos fatos, é um 'viver neles'.

Pode-se denominar cada um dos órgãos anímico-espirituais assim formados como 'flores de loto'[49], a título de analogia com a forma que apresentam para a consciência supra-sensível (imaginativa). (Obviamente deve-se ter bem claro que essa designação não se relaciona com o assunto mais do que a expressão 'asas' ao se falar das asas do nariz.[50]) Mediante tipos bem determinados de aprofundamento interior, atua-se sobre o corpo astral de forma tal que se desenvolve um ou outro órgão anímico-espiritual, uma ou outra 'flor de loto'. Depois de tudo o que foi exposto neste livro, deveria ser supérfluo ressaltar que não se deve imaginar esses 'órgãos de observação' como algo cuja representação numa imagem sensorial seja uma reprodução de sua realidade. Esses 'órgãos' são justamente supra-sensíveis, consistindo numa atividade anímica determinadamente formada, e existem somente na medida e no tempo em que essa atividade anímica é exercida. No caso de tais órgãos, trata-se de algo tão pouco visível no homem quanto alguma 'bruma' a envolvê-lo quando ele pensa. Quem quiser a todo custo representar o supra-sensível como algo sensível, fatalmente incorrerá em mal-entendidos. Apesar de supérflua, esta observação cabe aqui porque repetidamente se encontram adeptos do supra-sensível que só querem ter algo sensorial em suas representações; e também porque sempre existem oponentes ao conhecimento supra-sensível acreditando que o pesquisador do espírito fala de 'flores de loto' como sendo formações sensoríais mais sutis.

Toda meditação regrada, visando ao conhecimento imaginativo, tem seu efeito sobre um ou outro órgão. (Em meu livro *O conhecimento dos mundos superiores* são dados alguns métodos para meditação e exercício que atuam sobre um ou outro órgão.) Uma disciplina metódica direciona e organiza de tal forma os diversos exercícios do discípulo espiritual que os órgãos em questão podem

[49] Os 'chacras' da terminologia esotérica indiana. (N.T.)
[50] No original, *Lungenflügel* — 'asas do pulmão'. (N.T.)

desenvolver-se, simultânea e sucessivamente, de maneira adequada. Esse desenvolvimento implica em muita paciência e perseverança por parte do discípulo. Quem possui apenas a medida de paciência que, via de regra, é oferecida ao homem pelas circunstâncias habituais da vida, não alcança grande coisa; pois demora muito, às vezes muitíssimo tempo para os órgãos estarem desenvolvidos a ponto de o discípulo poder utilizá-los para as percepções no mundo superior. Nesse momento acontece para ele o que se denomina *iluminação,* em contraste com *a preparação* ou purificação, que consiste nos exercícios para o desenvolvimento dos órgãos. (Fala-se em 'purificação' porque, para certo domínio da vida interior, mediante os exercícios adequados o discípulo se purifica de tudo o que provém apenas do mundo da observação sensorial.)

Pode perfeitamente acontecer que, mesmo antes da iluminação propriamente dita, a pessoa tenha repetidos 'vislumbres' de um mundo superior. Ela deve recebê-los com gratidão, pois *estes* já podem torná-la testemunha do mundo espiritual. Contudo, não deverá vacilar caso isso não ocorra durante seu período preparatório, que talvez lhe pareça muito longo. Quem incorre na impaciência "porque ainda não vê nada" não chegou à relação adequada com o mundo superior. Só terá compreendido esta última quem considerar os exercícios praticados na disciplina como uma meta em si. Na verdade, esses exercícios constituem o trabalho junto a um elemento anímico-espiritual, ou seja, junto ao próprio corpo astral. E é possível 'sentir', mesmo que nada se 'veja': ''Estou trabalhando de modo anímico e espiritual.'' Só não tendo previamente determinada opinião sobre o que se quer 'ver' é que não se experimenta esse sentimento. Então se toma por nada algo que, na verdade, é incomensuravelmente significativo.

No entanto, seria bom observar sutilmente tudo o que se vivencia durante os exercícios, o qual é fundamentalmente diverso de todas as vivências no mundo sensorial. Então a pessoa já notará não estar trabalhando em seu corpo astral como se numa substância indiferente — neste vive um mundo totalmente distinto, do qual nada se sabe ao longo da vida sensorial. Entidades superiores atuam sobre o corpo astral tal como o mundo exterior físico-sensorial atua sobre o corpo físico; e a pessoa 'se choca' com a vida superior em seu próprio corpo astral caso não se esquive dela. Se alguém diz repetidamente "Nada percebo", isso quase sempre significa que imaginou a percepção como devendo parecer assim ou assado; e como nada vê do que imaginou, diz então "Nada vejo".

Quem, no entanto, adota a correta atitude interior em relação aos exercícios da disciplina espiritual, terá cada vez mais, nesses exercícios, algo que amará por vontade própria; mas então saberá que pelo próprio fato de exercitar-se já se encontra num mundo anímico-espiritual, esperando com paciência e *resignação* o que sucederá posteriormente. É nas seguintes palavras que essa atitude interior pode vir da melhor forma à consciência do discípulo: *"Quero* fazer tudo o que me couber em matéria de exercícios, e sei que na época apropriada virá ao meu encontro o tanto que me for importante. Não anseio impacientemente por isso, mas estou-me preparando para recebê-lo." Por outro lado, tampouco caberia objetar: "O discípulo deve, portanto, tatear no escuro por um tempo quiçá incomensuravelmente longo, pois só poderá saber se está no caminho certo ao obter algum resultado." Acontece que não é apenas o resultado do conhecimento que demonstra o acerto do exercício. Quando o discípulo procede corretamente em relação aos exercícios, a satisfação que ele próprio tem ao exercitar-se lhe proporciona a clareza de estar fazendo algo correto, e *não apenas o resultado.* A prática correta no domínio da disciplina espiritual está ligada a uma satisfação que não é apenas satisfação, mas também conhecimento — na verdade, o conhecimento seguinte: "Estou fazendo algo que, segundo vejo, me faz avançar na trilha correta." Todo discípulo pode ter esse conhecimento a cada instante, bastando que preste sutilmente atenção às suas vivências. Se não prestar essa atenção, ele passará ao largo de suas vivências, qual um caminhante ensimesmado que não vê as árvores de ambos os lados do caminho, embora pudesse vê-las se voltasse atentamente o olhar em sua direção.

Não é absolutamente desejável acelerar a obtenção de um resultado diverso daquele que normalmente surge dos exercícios, pois facilmente este poderia representar apenas uma ínfima parte

do que deveria ocorrer realmente. Tratando-se de desenvolvimento espiritual, um êxito parcial é freqüentemente a causa de um grande atraso no êxito total. A movimentação entre essas formas da vida espiritual correspondentes ao resultado parcial provoca insensibilidade em relação às influências das forças que conduzem a pontos mais elevados da evolução. E o proveito obtido pelo fato de se 'ter dado uma espiada' no mundo espiritual é apenas aparente, pois *essa* visão não pode conduzir à verdade, e sim apenas a imagens enganosas.

As percepções no mundo imaginativo

Os órgãos anímico-espirituais — as flores de loto — formam-se de maneira que, à consciência supra-sensível que observa o discípulo espiritual, parecem situados próximo a determinados órgãos físicos. Da série desses órgãos anímicos citaremos aqui os seguintes: aquele percebido como que localizado entre as sobrancelhas (a assim chamada 'flor de loto de duas pétalas'); aquele na região da laringe (a 'flor de loto de dezesseis pétalas'); o terceiro, na região do coração (a 'flor de loto de doze pétalas'); e o quarto, na região do estômago. Outros órgãos como esses aparecem na proximidade de outras partes do corpo físico. (As denominações 'de duas' ou 'de dezesseis' pétalas são possíveis porque os órgãos em questão se assemelham a flores com o correspondente número de pétalas.)

As flores de loto vêm à consciência no corpo astral. Uma vez tendo desenvolvido uma ou outra, a pessoa também tem consciência de possuí-la. Sente que pode utilizar-se dela e, com isso, realmente penetrar num mundo superior. As impressões recebidas desse mundo ainda se assemelham, em muitos aspectos, às do mundo físico-sensível. Quem possui o conhecimento imaginativo poderá referir-se ao novo mundo superior designando as sensações como sendo de calor ou frio, como percepções sonoras ou verbais, efeitos luminosos ou coloridos, pois é assim que as vivencia. No entanto, está consciente de que essas percepções no mundo imaginativo expressam algo diferente do que no mundo real sensível. Reconhece que por detrás delas não estão causas físico-materiais, e sim anímico-espirituais. Quando experimenta algo como uma impressão calórica, não a atribui, por exemplo, a um pedaço de ferro quente; considera-a como emanação de um processo anímico, tal como até agora só conhecera na intimidade de sua vida anímica. Sabe que por detrás das percepções imaginativas estão coisas e processos anímicos e espirituais, do mesmo modo como por detrás das percepções físicas estão seres e fatos físico-materiais.

A essa semelhança entre o mundo imaginativo e o mundo físico se acrescenta, contudo, uma significativa diferença. No mundo físico existe algo que no mundo imaginativo se apresenta de forma completamente diversa. Naquele pode ser observado um contínuo surgimento e desaparecimento das coisas, uma alternância entre nascimento e morte. No mundo imaginativo, em lugar desse fenômeno entra uma contínua *transformação* de uma em outra. No mundo físico se vê, por exemplo, uma planta fenecer. No mundo imaginativo, na mesma medida em que a planta murcha evidencia-se o surgimento de outra formação, fisicamente imperceptível, na qual progressivamente se transforma a planta que fenece. Uma vez desaparecida a planta, ocupa seu lugar essa formação plenamente desenvolvida.

Nascimento e morte são idéias que perdem seu sentido no mundo imaginativo. Em seu lugar entra o conceito da *transformação de um no outro.* É por esse motivo que são acessíveis ao conhecimento imaginativo as verdades sobre a natureza do homem expostas, neste livro, no capítulo 'A essência da humanidade'. A percepção físico-sensorial são acessíveis apenas os processos do corpo físico, os quais se desenrolam no 'domínio do nascimento e da morte'. Os outros membros da natureza humana — o corpo vital, o corpo das sensações e o eu — estão submetidos à lei da transformação, e sua percepção é facultada ao conhecimento imaginativo. Quem progrediu até este último percebe como do corpo físico se desprende aquilo que continua a viver sob outra forma de existência após a morte.

O conhecimento inspirativo

A evolução, contudo, não estaciona no mundo imaginativo. Quem pretendesse parar nele perceberia, sem dúvida, as entidades submetidas a transformações, mas não seria capaz de interpretar os processos de transformação nem de orientar-se nesse mundo recém-conquistado. O mundo imaginativo é uma região inquieta; nela existe por toda parte apenas mobilidade e transformação, não havendo quaisquer pontos de repouso. O homem só atinge tais pontos de repouso ao ultrapassar o grau imaginativo do conhecimento, desenvolvendo-se até o que se pode chamar de 'conhecimento por inspiração'.

Não é necessário, a quem busca o conhecimento do mundo supra-sensível, desenvolver-se de modo a primeiro se apoderar integralmente do conhecimento imaginativo, para só então avançar para a 'inspiração'. Seus exercícios podem articular-se de maneira a fazer transcorrer paralelamente aquilo que conduz à imaginação e o que conduz à inspiração. Ao fim do tempo adequado, ele penetrará num mundo superior onde não só terá percepções, mas também poderá orientar-se e, além disso, interpretar esse mundo. Na verdade, via de regra o progresso ocorre de modo que em primeiro lugar se apresentam ao discípulo alguns fenômenos do mundo imaginativo, e depois de algum tempo ele tem a seguinte sensação: "Agora eu também começo a me orientar."

O mundo da inspiração, todavia, é algo completamente novo frente ao mundo da simples imaginação. Por meio desta percebe-se a transformação de um processo em outro, e por meio daquela conhecem-se qualidades intrínsecas de *seres* que se transformam. Pela imaginação chega-se a conhecer a exteriorização anímica dos seres; pela inspiração penetra-se em seu cerne espiritual. Vem-se principalmente a conhecer uma multiplicidade de entidades espirituais e suas inter-relações. Aliás, também no mundo físico se lida com uma multiplicidade dos mais diversos seres; no mundo da inspiração, contudo, essa multiplicidade possui outro caráter. Ali cada ser está em relação bem determinada com outros, não por uma intervenção externa, como no plano físico, mas por sua constituição intrínseca. Ao se observar um ser no mundo da inspiração, não aparece uma influência externa deste sobre um outro, comparável à atuação dos seres físicos entre si; existe uma inter-relação devido à constituição intrínseca de ambos os seres. Essa relação poderá ser comparada a uma relação no mundo físico se, para isso, tomarmos a inter-relação entre os fonemas isolados ou letras de uma palavra. A existência da palavra 'homem'[51] se deve à consonância dos fonemas: *h-o-m-e-m.* Não ocorre um choque ou então uma interferência exterior, por exemplo, do *m* ao *e;* ambos os fonemas atuam em conjunto, em verdade dentro de um todo, por sua qualidade intrínseca. Por isso, a observação no mundo da inspiração só se compara a uma *leitura;* e os seres desse mundo atuam sobre o observador como caracteres que ele deve conhecer e cujas relações se lhe devem revelar como uma escrita supra-sensível. A Ciência Espiritual também pode, portanto, também denominar analogamente o conhecimento pela inspiração como 'leitura da escrita oculta'.

O modo como essa 'escrita oculta' é lida, e como se pode comunicar o resultado da leitura, fica esclarecido recorrendo-se aos próprios capítulos anteriores deste livro. Primeiramente foi descrita a entidade do homem, composta por diversos elementos integrantes. Depois foi mostrado como a entidade cósmica em que o homem se desenvolve atravessa os diversos estados — o saturnino, o solar, o lunar e o terrestre. As percepções que permitem conhecer, de um lado, os elementos constitutivos do homem e, de outro, os consecutivos estados da Terra e suas transformações prévias, revelam-se ao conhecimento imaginativo. No entanto, também é necessário conhecer as relações existentes entre o estado saturnino e o corpo físico humano, entre o estado solar e o corpo etérico, etc. Deve-se mostrar que o germe para o corpo físico humano nasceu já durante o estado saturnino, tendo continuado a desenvolver-se até sua forma atual durante os estados solar, lunar e terrestre. Foi necessário aludir, por exemplo, às transformações que ocorreram com o ser humano pelo fato de o Sol se haver separado da Terra, tendo algo similar acontecido em relação à da Lua. Mais adiante foi preciso expor o que contribuiu para se realizarem na humanidade as transformações expressas na

[51] No original, *Mensch*. (N.T.)

época atlântica e nos sucessivos períodos: hindu, protopersa, egípcio,etc.

A descrição dessas correlações não resulta da percepção imaginativa, e sim do conhecimento inspirativo da leitura da escrita oculta. Para essa 'leitura', as percepções imaginativas são como letras ou fonemas. Porém essa 'leitura' não e necessária apenas para esclarecimentos, como a recém-descrita. Já não se poderia compreender o próprio curso da vida humana inteira observando-a apenas por meio do conhecimento imaginativo. É verdade que se poderia perceber como, com a morte, os membros anímico-espirituais se desprendem daquele que permanece no mundo físico; mas a pessoa não compreenderia as relações entre aquilo que ocorre com o homem após a morte e os estados precedentes e subseqüentes caso não pudesse orientar-se dentro do que é percebido imaginativamente. Sem o conhecimento por inspiração, o mundo imaginativo permaneceria como uma escrita que se olha com atenção sem poder decifrar.

Quando o discípulo espiritual progride da imaginação para a inspiração, logo lhe fica evidente o quão incorreto seria renunciar à compreensão dos grandes fenômenos cósmicos e limitar-se aos fatos que, de certa forma, tocam ao interesse humano mais imediato. Quem não é iniciado nesse assunto poderia muito bem dizer o seguinte: "Parece-me importante apenas inteirar-me do destino da alma humana após a morte; se alguém me instruir a esse respeito, isso me será suficiente: por que a Ciência Espiritual me apresenta coisas tão remotas como estado saturníno, estado solar, separação do Sol, da Lua etc.?" Quem, no entanto estiver adequadamente introduzido nesses assuntos compreenderá que uma noção real do que deseja saber é inatingível sem um conhecimento daquilo que lhe parece tão inútil. Uma descrição dos estados do homem após a morte permanece totalmente incompreensível e sem valor quando o homem não pode ligar-se a conceitos retirados daquelas coisas tão remotas. Já a mais simples observação do conhecedor supra-sensível torna necessária a familiaridade com tais coisas. Quando, por exemplo, uma planta passa do estado floral para o estado de fruto, o observador supra-sensível vê uma transformação numa entidade astral que, durante a florescência, havia coberto e envolvido a planta a partir de cima, como uma nuvem. Se a fecundação não tivesse ocorrido, essa entidade astral teria passado a uma forma totalmente diversa daquela assumida em conseqüência da fecundação.

Ora, chega-se a compreender todo o processo percebido na observação supra-sensível quando se aprende a compreender o próprio ser por meio daquele grande processo cósmico ocorrido com a Terra e todos os seus habitantes, na época da separação do Sol. Antes da fecundação, a planta está na mesma situação em que a Terra antes da separação do Sol. Depois da fecundação, a flor da planta se apresenta tal qual a Terra após a separação do Sol, possuindo ainda em si as forças lunares. Tendo-se assimilado as representações mentais obtidas da separação do Sol, percebe-se objetivamente o significado do processo de fecundação da planta, concluindo que antes da fecundação a planta se encontra num estado solar e, depois disso, num estado lunar. Ocorre que mesmo o processo mais insignificante no mundo só pode ser compreendido quando se reconhece nele uma imagem de grandes processos cósmicos; do contrário ele permanece tão incompreensível, no tocante à sua essência, quanto a Madona de Rafael para quem só consegue ver um pequeno fragmento azul, enquanto o restante fica encoberto.

Tudo o que sucede em relação ao homem é uma reprodução de todos os grandes processos cósmicos relacionados com sua existência. Para se compreenderem as observações da consciência supra-sensível sobre os fenômenos entre o nascimento e a morte, e novamente entre a morte e um novo nascimento, é preciso ter adquirido a faculdade de decifrar as observações imaginativas por meio das representações mentais resultantes da contemplação dos grandes processos cósmicos. É essa contemplação que fornece justamente a *chave* para a compreensão da vida humana. Por isso, no sentido da Ciência Espiritual a observação dos períodos saturnino, solar, lunar, etc. é, ao mesmo tempo, observação do homem.

O conhecimento intuitivo

Pela inspiração chega-se a conhecer as relações entre as entidades do mundo superior. Mediante um grau ainda mais elevado do conhecimento, torna-se possível conhecer essas entidades em seu próprio íntimo. Esse grau do conhecimento pode ser denominado conhecimento intuitivo. (Intuição é uma palavra mal empregada, na vida cotidiana, para uma compreensão confusa e imprecisa de alguma coisa — para uma espécie de ocorrência que às vezes coincide com a verdade, mas cuja justificativa não é comprovável de início. Naturalmente, o que aqui se subentende nada tem a ver com essa espécie de 'intuição'. Intuição designa aqui um conhecimento da mais suprema e luminosa clareza, cuja justificativa, quando o ser humano a possui, é consciente no mais pleno sentido.)

Conhecer um ente sensorial significa estar fora dele e julgá-lo segundo a impressão exterior. Conhecer um ser espiritual pela intuição significa ter-se tornado plenamente uno com ele, ter-se unido com sua natureza interior. Gradualmente, o discípulo ascende a esse conhecimento. A imaginação leva-o a não mais experimentar as percepções como particularidades exteriores de seres, e sim reconhecer nelas emanações de algo anímico-espiritual; a inspiração leva-o a aprofundar-se mais no interior dos seres: por seu intermédio ele aprende a compreender o que essas entidades representam umas para as outras; pela intuição ele penetra nos próprios seres.

As próprias explicações deste livro podem evidenciar uma vez mais que tipo de significado tem a intuição. Nos capítulos precedentes, não apenas se abordou o modo como transcorrem as evoluções saturnina, solar, lunar, etc., mas também foi comunicado que certos seres participam desses processos das mais diversas maneiras. Foram citados os Tronos ou Espíritos da Vontade, os Espíritos da Sabedoria, do Movimento, etc. No caso da evolução terrestre, falou-se dos espíritos de Lúcifer e Arimã. A construção do Cosmo foi atribuída a entidades que participaram dela. O que se pode perceber a respeito dessas entidades é resultado do conhecimento intuitivo. Este também já é necessário quando se quer conhecer a vida do homem.

Aquilo que se desprende da corporalidade física do homem, após a morte, passa por diversos estados no período subseqüente. Os estados imediatamente posteriores à morte ainda poderiam, até certo ponto, ser descritos pelo conhecimento imaginativo; mas o que ocorre mais tarde, no percurso do homem entre a morte e um novo nascimento, deveria permanecer totalmente incompreensível à imaginação se a esta não se acrescentasse a inspiração. Somente a inspiração pode investigar o que há para dizer sobre a vida do homem na 'pátria dos espíritos' após a purificação. Mas depois vem algo para o qual a inspiração não é mais suficiente — algo onde ela, de certa forma, perde o fio da compreensão. Existe uma época da evolução humana, entre a morte e um novo nascimento, em que o ser humano só é acessível à intuição. Contudo, essa parte da entidade humana está sempre presente no homem; e caso se pretenda compreendê-la em sua verdadeira interioridade, deve-se procurá-la também na época entre o nascimento e a morte, por meio da intuição.

Quem quisesse conhecer o homem apenas com os meios da imaginação e da inspiração não teria acesso justamente aos processos de sua natureza mais íntima, os quais se desenvolvem de encarnação e encarnação. Por conseguinte, só o conhecimento intuitivo possibilita uma investigação objetiva das vidas terrenas repetidas e do carma. Tudo o que possa ser comunicado como verdade sobre esses processos deve provir da pesquisa efetuada pelo conhecimento intuitivo. E se o homem quiser conhecer a si mesmo em sua natureza íntima, só poderá fazê-lo pela intuição; esta lhe possibilita perceber o que, nele, avança de uma vida terrestre para outra.

Exercícios para a inspiração e a intuição

O ser humano só pode alcançar o conhecimento por inspiração e intuição mediante exercícios anímico-espirituais. Estes se assemelham àqueles descritos como 'aprofundamento interior' (meditação) para se alcançar a imaginação. Enquanto, porém, nos exercícios que conduzem à imaginação ocorre uma conexão com as impressões do mundo físico-sensível, nesses com vistas à

inspiração essa conexão deve desaparecer cada vez mais. Para ter bem claro o que deve ocorrer aí, pensemos mais uma vez no símbolo da rosa-cruz. Concentrando-nos nele, temos diante de nós uma imagem cujos componentes são tomados de impressões do mundo sensorial: a cor negra da cruz, as rosas, etc. A combinação dessas partes na rosa-cruz não foi, porém, tomada do mundo físico-sensorial. Ora, quando o discípulo procura fazer desaparecer inteiramente de sua consciência a cruz negra e também as rosas vermelhas como imagens de objetos reais sensíveis, conservando na alma apenas a atividade espiritual que combinou essas partes, ele possui um meio para uma meditação que paulatinamente o conduz à inspiração. Pergunte-se cada qual a si mesmo, dentro da alma, mais ou menos o seguinte: "O que eu fiz interiormente para combinar a cruz e a rosa num símbolo? O que eu fiz (meu próprio processo anímico), isso eu quero reter, porém apagando de minha consciência a imagem como tal. Depois quero *sentir* em mim tudo o que minha alma fez para produzir a imagem, mas não quero representar mentalmente a imagem em si. Quero agora viver bem interiormente em minha própria atividade que criou a imagem. Não quero, portanto, concentrar-me em imagem alguma, mas em minha própria atividade anímica produtora de imagens." Essa concentração deve ser aplicada a muitos símbolos. É isso o que então conduz ao conhecimento por inspiraçao.

Outro exemplo seria o seguinte:

Concentremo-nos na representação mental de uma planta que nasce e morre. Deixemos que se forme na alma a imagem de uma planta em desenvolvimento, brotando da semente, desabrochando de folha em folha, até chegar à flor e ao fruto. Depois, como ela começa a murchar até à decomposição total. Pelo aprofundamento em tal imagem chega-se, gradualmente, a um sentimento do nascer e morrer para o qual a planta já não passa de uma imagem. Se o exercício for continuado com perseverança, desse sentimento poderá desenvolver-se a imaginação da transformação subjacente ao nascer e morrer físicos. Caso, porém, se queira chegar à inspiração correspondente, deve-se fazer o exercício de outra maneira. Deve-se mentalizar a própria atividade anímica que extraiu da imagem da planta a representação mental do nascer e perecer. Faça-se agora desaparecer totalmente a imagem da planta da consciência, meditando apenas sobre o que se realizou interiormente. Só por meio de tais exercícios é possível ascender à inspiração.

De início, não será fácil ao discípulo compreender plenamente como proceder para tal exercício. Isso decorre do fato de o homem, habituado a deixar sua vida interior ser determinada pelas impressões exteriores, incorrer imediatamente na insegurança e total vacilação quando ainda se trata de desenvolver uma vida anímica que tenha rejeitado qualquer conexão com impressões exteriores. Numa medida ainda maior do que relativamente à aquisição de imaginações, o discípulo deve ter bem claro, diante desses exercícios para a inspiração, que só deveria praticá-los se, paralelamente, tomasse todas as medidas para assegurar e consolidar a capacidade do juízo, a vida afetiva e o caráter. Tomando essas precauções, terá um duplo resultado: em primeiro lugar não poderá, devido aos exercícios, perder o equilíbrio de sua personalidade durante a visão supra-sensível; em segundo lugar, adquirirá ao mesmo tempo a faculdade de realmente executar o que se exige nesses exercícios. Frente a eles, só dirá que são difíceis enquanto não houver assumido certa disposição de ânimo, certos sentimentos e sensações bem definidos.

Adquirirá rapidamente compreensão e capacidade para os exercícios quem cultivar na alma, com paciência e perseverança, as qualidades interiores favoráveis à germinação de conhecimentos supra-sensíveis. Quem estiver habituado a fazer freqüentes exames de consciência, menos para especular sobre si mesmo do que, muito mais, para ordenar e elaborar calmamente dentro de si as experiências feitas na vida, ganhará muito com isso. Perceberá que não experimenta algo novo apenas pelo fato de ter novas impressões e novas vivências, mas também por elaborar as antigas dentro de si. E quem permitir que suas vivências e até mesmo suas opiniões já formadas se confrontem como se ele mesmo não estivesse presente com suas simpatias e antipatias, com seus interesses e sentimentos, preparará um terreno especialmente propício para as forças cognitivas supra-sensíveis. Na verdade, cultivará o que se pode denominar *rica vida interior*. Mas o que importa é principalmente a simetria e

o equilíbrio das faculdades anímicas. Quando o homem se entrega a certa atividade anímica, fica facilmente inclinado a incorrer em unilateralidade. Assim, ao perceber o proveito da meditação interior e da permanência em seu próprio mundo das representações mentais, ele pode adquirir uma inclinação para fechar-se cada vez mais às impressões do mundo exterior. Isso, porém, conduz ao ressecamento e à aridez da vida interior. O maior progresso éalcançado por quem, paralelamente à faculdade de retrair-se em seu interior, também conserva uma ampla receptividade para todas as impressões do mundo exterior. E, nesse caso, não basta simplesmente pensarmos nas ditas impressões significativas da vida; *qualquer* pessoa em *qualquer* situação — mesmo entre quatro miseráveis paredes — poderá ter vivências suficientes se mantiver receptivo o senso para tal. Não é preciso ir primeiro buscar as vivências; elas estão em toda parte.

Também é de grande importância *o modo* como são elaboradas as vivências na alma humana. Alguém pode descobrir, por exemplo, que uma personalidade respeitada por ele ou por outras pessoas possui esta ou aquela particularidade que ele é forçado a definir como falha de caráter. Por tal experiência, ele pode ser levado a refletir em duas direções. Pode simplesmente dizer a si mesmo: "Agora, depois de ter descoberto isso, já não posso respeitar essa pessoa da mesma maneira como antes." Ou então pode questionar: "Como é possível a respeitada personalidade ter essa falha? Como posso mentalizar que a falha não seja *apenas* falha, mas algo causado por sua vida, talvez justamente por suas grandes qualidades?" Alguém que se proponha essas perguntas talvez chegue à conclusão de que seu respeito não deve diminuir um milímetro sequer pela constatação da falha. De uma conclusão como essa ele aprenderá a cada vez um aspecto novo, acrescentando algo à sua compreensão da vida. Ora, certamente seria ruim, para quem se deixasse levar pelo lado bom dessa concepção de vida, desculpar todas as possíveis falhas em pessoas ou coisas de sua simpatia, ou até mesmo acostumar-se a deixar passar tudo o que fosse censurável, apenas por essa atitude favorecer seu desenvolvimento interior. Certamente esse *não* é o caso quando alguém sente, por si mesmo, o impulso de não apenas censurar as falhas, mas compreendê-las — porém só quando tal atitude é exigida pelo próprio caso em questão, sendo indiferente o que o observador possa ganhar ou perder com ela. É inteiramente correto dizer que *não* se pode *aprender* censurando uma falha, mas *apenas* compreendendo-a. Quem, no entanto, quisesse excluir inteiramente a reprovação pelo fato de compreendê-la, tampouco faria progressos. Aqui, igualmente, não se trata de unilateralidade numa ou noutra direção, e sim da simetria e do equilíbrio das forças anímicas.

Isso ocorre muito especialmente com uma qualidade anímica de capital importância para a evolução do homem: aquilo que se denomina sentimento de *veneração.* Quem cultiva em si tal sentimento, ou então o possui de antemão como um feliz dom natural, conta com uma excelente base para as forças cognitivas supra-sensíveis. Quem, em sua época de infância ou de juventude, pôde erguer com dedicada veneração os olhos para pessoas representativas de um ideal elevado, possui, no fundo de sua alma, uma condição favorável ao desenvolvimento do conhecimento supra-sensível. E quem, com juízo maduro numa fase posterior da vida, contempla o céu estrelado e com dedicação incansável presencia, admirado, a manifestação de elevadas potências torna-se, justamente por isso, maduro para o conhecimento dos mundos supra-sensíveis. O mesmo ocorre com quem é capaz de venerar as forças que governam a vida humana. E não é menos significativo quando alguém maduro ainda é capaz de ter a mais suprema veneração por outras pessoas cujo valor ele presume ou acredita reconhecer. Só quando existe essa veneração é que se pode abrir a visão para os mundos superiores. Quem é incapaz de venerar jamais avançará muito em seu conhecimento. Para quem nada quer reconhecer no mundo, a essência das coisas permanece oculta.

Quem, no entanto, em virtude do sentimento de veneração e entrega se deixa induzir a matar totalmente em si a sadia autoconsciência e autoconfiança, está pecando contra a lei da simetria e do equilíbrio. O discípulo espiritual trabalhará continuamente em si próprio, a fim de tornar-se cada vez mais maduro; só então poderá ter confiança em sua própria personalidade e acreditar que as forças desta crescerão progressivamente. Quem chegar a sensações corretas nesse sentido dirá a si próprio:

“Existem em mim forças ocultas, e eu sou capaz de extraí-las de meu interior. Portanto, ao ver algo que devo venerar por estar acima de mim, não preciso limitar-me a venerá-lo: posso considerar-me capaz de desenvolver em mim tudo o que me iguale a este ou aquele elemento venerado.”

Quanto maior for, numa pessoa, a faculdade de dirigir a atenção a certos processos da vida não confiados previamente ao julgamento pessoal, tanto maior será sua possibilidade de criar para si as bases para o desenvolvimento rumo aos mundos espirituais. Um exemplo pode ilustrar isso:

Uma pessoa chega a um ponto da vida em que pode executar ou omitir determinada ação. Sua razão lhe diz: “Faça isso.” Contudo, em suas sensações existe algo inexplicável que a detém diante do fato. Ora, pode acontecer de essa pessoa não dar qualquer atenção a esse algo inexplicável, simplesmente realizando a ação segundo seu critério. Mas também pode ser que ela ceda à pressão desse algo inexplicável e se abstenha de agir. Se continuar a acompanhar o assunto, talvez constate que teria ocorrido uma desgraça se tivesse seguido sua razão, e que sua abstenção terá resultado em benefício.

Uma experiência dessas pode levar o pensamento da pessoa numa direção bem precisa. Ela poderá dizer a si mesma: “Em mim vive algo que me orienta com mais acerto do que o grau de discernimento que possuo na atualidade. Devo manter aberto meu senso para esse ‘algo em mim’, para o qual ainda não amadureci em meu discernimento.” É altamente proveitoso para a alma quando ela dirige sua atenção a tais casos na vida. Então lhe parece, como num pressentimento saudável, que no homem existe mais do que ele pode abranger com sua razão em certo momento. Essa atenção trabalha no sentido de uma ampliação da vida anímica. Mas também aqui podem surgir novamente unilateralidades perigosas. Quem quisesse acostumar-se a excluir sempre seu juízo, pelo fato de ‘pressentimentos’ o impelirem a isto ou aquilo, poderia tornar-se um joguete de toda espécie de instintos imprecisos. De tal hábito para a irracionalidade e a superstição não existe muita distância.

Qualquer forma de superstição é nociva para o discípulo. Ele só adquire a possibilidade de adentrar adequadamente o domínio da vida espiritual abstendo-se cuidadosamente de qualquer superstição, fantasia e devaneio. Não penetra corretamente no mundo espiritual quem se alegra em conseguir, de alguma forma, vivenciar um processo “que não pode ser compreendido pela mente humana”. A inclinação para o ‘inexplicável’ certamente não faz de ninguém um discípulo. Este deve abandonar a pressuposição de que um místico seja “aquele que pressupõe algo inexplicável, inexplorável no mundo” toda vez que lhe pareça oportuno. O sentimento correto para o discípulo é reconhecer em toda parte forças e entidades ocultas — mas também pressupor que é possível explorar o inexplorado quando existem as energias para isso.

Existe uma certa disposição de ânimo importante para o discípulo em cada nível de sua evolução. Ela consiste em não orientar seu impulso cognitivo de maneira unilateral, partindo sempre de “Como se pode responder a esta ou aquela pergunta?”, e sim de “Como desenvolver em mim esta ou aquela faculdade?”. Uma vez desenvolvida esta ou aquela faculdade graças a um paciente trabalho interior, ocorre à pessoa a resposta a certas perguntas. Os discípulos espirituais sempre desenvolverão em si essa disposição de ânimo. Com isso serão levados a trabalhar em si mesmos, tornando-se cada vez mais maduros e abstendo-se de querer forjar respostas para certas perguntas. Eles aguardarão até que essas respostas lhes ocorram. Quem, no entanto, também nisso estiver habituado à unilateralidade, não progredirá corretamente. O discípulo espiritual pode também ter, em determinado momento, a sensação de estar respondendo às questões mais elevadas com a medida de suas próprias forças. Portanto, também aqui a simetria e o equilíbrio na disposição de ânimo desempenham um importante papel.

Ainda se poderiam abordar muitas outras qualidades anímicas cujo cultivo e desenvolvimento é proveitoso quando o discípulo espiritual quer alcançar a inspiração por meio de exercícios. Em tudo cabe ressaltar que a simetria e o equilíbrio são as qualidades anímicas importantes. Elas preparam a compreensao e a capacidade para os exercícios descritos, necessários para se alcançar a inspiração.

Os exercícios para a intuição exigem que o discípulo elimine de sua consciência não apenas as

imagens às quais ele se entregou para alcançar a imaginação, mas também a vida na própria atividade anímica onde ele se aprofundou para adquirir a inspiração. Portanto, ele não deve possuir literalmente *coisa alguma* em sua alma em termos de vivência exterior ou interior previamente conhecida. Ora, mas se após esse despojamento das vivências exteriores e interiores *nada* restasse em sua consciência, ou seja, se a consciência lhe desaparecesse e ele submergisse na inconsciência, nisso ele poderia reconhecer não ter amadurecido para empreender exercícios para a intuição; e então deveria continuar os exercícios para a imaginação e a inspiração. Chega enfim o momento em que, tendo a alma eliminado as vivências interiores e exteriores, a consciência não fica vazia: após essa eliminação, nela permanece, como efeito, algo ao qual o discípulo pode entregar-se tal qual se entregou, antes, àquilo que deve sua existência a impressões exteriores ou interiores. Contudo, esse 'algo' é de uma natureza bem especial; diante de todas as experiências anteriores, é algo realmente novo. Ao vivenciá-lo, a pessoa fica sabendo: "Isso eu nunca conheci antes. E uma percepção tal qual um som real é uma percepção do ouvido; porém esse algo só pode penetrar em minha consciência por meio da intuição, do mesmo modo como o som só pode penetrar na consciência através do ouvido." É pela intuição que se elimina o último remanescente do físico-sensível das impressões recebidas pelo homem; o mundo espiritual começa a abrir-se ao conhecimento de uma forma que já nada mais possui em comum com as qualidades do mundo físico-sensível.

A transformação dos corpos etérico e físico

O conhecimento imaginativo é alcançado mediante a estruturação das flores de loto a partir do corpo astral. Por meio dos exercícios praticados com vistas à inspiração e à intuição surgem, no corpo etérico ou vital humano, certos movimentos, formações e correntes não existentes antes. São justamente os órgãos graças aos quais o homem inclui, no domínio de suas faculdades, a 'leitura da escrita oculta' e o que está acima dela. Ao conhecimento supra-sensível, as transformações do corpo etérico de um homem que alcançou a inspiração e a intuição apresentam-se da seguinte maneira:

Aproximadamente na região do coração físico, um novo centro torna-se consciente no corpo etérico, estruturando-se num órgão etérico. Deste fluem, das mais diversas formas, movimentos e correntes em direção aos vários membros do corpo humano. As mais importantes dessas correntes dirigem-se às flores de loto, atravessando-as e a cada uma de suas pétalas, para então sair derramando-se no espaço exterior, como raios. Quanto mais evoluído for o homem, tanto maior será o espaço circundante onde essas correntes são perceptíveis.

Contudo, o centro na região do coração não se forma logo de início numa disciplina metódica, sendo antes preparado. Em primeiro lugar surge como que um centro provisório na cabeça; depois este se desloca para a região da laringe, estabelecendo-se finalmente nas proximidades do coração físico. Caso o desenvolvimento fosse irregular, o órgão em questão poderia ser formado imediatamente na região cardíaca; mas nesse caso haveria o perigo de o homem, em vez de chegar a uma visão supra-sensível tranqüila e objetiva, tornar-se um fanático e visionário.

Em seu desenvolvimento posterior, o discípulo adquire a faculdade de tornar independentes do corpo físico as correntes e estruturas formadas em seu corpo etérico, utilizando-as autonomamente. Nesse caso as flores de loto lhe servem de instrumento para movimentar o corpo etérico. Porém antes de isso acontecer devem ter-se formado, em todo o âmbito do corpo etérico, certas correntes e radiações que o envolvem como que com uma fina malha, tornando-o uma entidade encerrada em si mesma. Tendo isso ocorrido, os movimentos e correntes do corpo etérico podem entrar abertamente em contato com o mundo anímico-espiritual exterior e ligar-se a ele, de modo que o suceder anímico-espiritual exterior e o outro, interior (aquele no corpo etérico humano), confluam entre si. Com isso é chegado o momento em que o homem percebe conscientemente o mundo da inspiração. Esse conhecimento surge diferentemente do conhecimento relativo ao mundo físico-sensível. Neste o homem tem percepções através dos sentidos, formando idéias e conceitos sobre elas. No saber por inspiração, isso

não acontece. O que se conhece está imediatamente presente, num só ato; não existe uma reflexão *após* a percepção. O que, para o conhecimento físico-sensível, só é obtido em conceitos mais tarde, na inspiração é dado simultaneamente à percepção. Por isso a pessoa se confundiria com o mundo ambiente anímico-espiritual, não podendo distinguir-se dele, caso não houvesse desenvolvido no corpo etérico a malha citada acima.

Ao serem executados, os exercícios para a intuição atuam não apenas sobre o corpo etéríco, mas até para dentro das forças supra-sensíveis do corpo físico. Contudo, não se deve supor que dessa forma ocorram no corpo físico efeitos acessíveis à observação sensorial comum. Trata-se de efeitos que só a cognição supra-sensível é capaz de avaliar, nada tendo a ver com o conhecimento *exterior*. Eles se apresentam como uma conseqüência da maturidade da consciência, quando esta é capaz de ter vivências intuitivas apesar de haver eliminado de si todas as experiências exteriores e interiores conhecidas antes.

Ora, as experiências intuitivas são sutis, íntimas e delicadas; e relativamente a elas o corpo físico humano, em seu atual estado evolutivo, é grosseiro, e por isso oferece um forte obstáculo ao bom êxito dos exercícios para a intuição. Se estes forem continuados com energia e perseverança, e também com a devida tranqüilidade interior, finalmente vencerão os poderosos obstáculos do corpo físico. O discípulo espiritual comprova isso pelo fato de adquirir domínio sobre certas manifestações de seu corpo físico, anteriormente subtraídas à sua consciência. Nota também que durante curto tempo sente a necessidade de regular, por exemplo, a respiração (ou algo semelhante), de modo que esta chegue a uma espécie de sintonia ou harmonia com o que a alma realiza nos exercícios ou no aprofundamento interior. O ideal do desenvolvimento é que não se faça qualquer exercício por meio do próprio corpo físico — nem mesmo esses de respiração —, e que tudo o que tiver de ocorrer com ele se produza *apenas* como uma conseqüência dos puros exercícios para a intuição.

A transformação das forças anímicas

Ao ascender pelo caminho que conduz aos mundos cognitivos superiores, em certo nível o discípulo nota que a coesão das forças de sua personalidade assume uma forma diferente daquela que possui no mundo físico-sensorial. Neste o eu provoca uma colaboração homogênea das forças anímicas, principalmente do pensar, do sentir e do querer. Nas situações normais da vida humana, essas três forças anímicas estão sempre em certa relação. Vê-se, por exemplo, um certo objeto no mundo exterior. Ele agrada ou desagrada à alma; isso significa que a uma certa necessidade de representação do objeto se segue um sentimento de prazer ou desprazer. Tanto se deseja o objeto como se tem o impulso de modificá-lo num ou noutro sentido. Isso se traduz da seguinte maneira:

A capacidade de desejo e a vontade se associam numa representação mental e num sentimento. A ocorrência dessa associação é provocada pelo fato de o eu conjugar uniformemente a representação mental (pensamento), o sentimento e a vontade, introduzindo assim a ordem nas forças da personalidade. Essa ordem *sadia* seria interrompida se o eu se mostrasse impotente nesse sentido — se, por exemplo, o desejo quisesse tomar outro caminho que não o do sentimento ou da representação mental. Não estaria num estado de ânimo sadio quem, embora pensando ser isto ou aquilo correto, quisesse algo que não lhe parecesse correto. O mesmo ocorreria se alguém não quisesse o que lhe agrada, e sim o que lhe desagrada.

Ora, o homem nota que no caminho para o conhecimento superior o pensar, o sentir e o querer separam-se de fato, assumindo cada qual uma certa autonomia, e que, por exemplo, um certo processo pensante já não impele como que por si mesmo a um sentir e a um querer determinados. Ocorre que ele pode perceber corretamente algo em seu pensar, mas para chegar a um sentimento ou a uma decisão da vontade necessita de um impulso independente a partir de seu interior. O pensar, o sentir e o querer não continuam, durante a observação supra-sensível, a ser três *forças* emanando do centro comum da personalidade — do eu —, mas convertem-se como que em entidades autônomas, semelhantes a três personalidades; e agora é preciso fortalecer ao máximo o próprio eu, pois este não

deve simplesmente levar ordem a três forças, e sim dirigir e conduzir três entidades. Porém essa divisão só deve existir durante a observação supra-sensível. E aqui fica evidente a importância de acompanhar os exercícios para a disciplina superior com aqueles que dão segurança e firmeza à capacidade de julgamento, à vida do sentimento e à vida volitiva — pois caso não se levem estes últimos ao mundo superior, logo ficará visível como o eu se mostra débil e incapaz de ser o condutor do pensar, do sentir e do querer. Se existisse essa debilidade, a alma seria como que puxada por três personalidades em três direções, e sua coesão interna teria de cessar. Mas quando o desenvolvimento do discípulo transcorre da maneira correta, a descrita transformação de forças significa um verdadeiro progresso; o eu permanece o soberano acima das entidades autônomas que agora formam sua alma.

No decorrer posterior do desenvolvimento, o citado progresso continua. O pensar, tornado independente, provoca o surgimento de uma quarta entidade anímico-espiritual que se pode denominar como uma afluência direta, ao homem, de correntes semelhantes aos pensamentos. O mundo todo parece um edifício de pensamentos, postado diante do observador como o mundo vegetal ou animal no âmbito físico-sensorial. Da mesma forma, o sentir e o querer tornados independentes provocam na alma duas forças que nela atuam como seres autônomos. E ainda se acrescenta uma sétima força e entidade semelhante ao próprio eu.

Toda essa vivência liga-se ainda a uma outra. Antes da entrada no mundo supra-sensível, o homem conhecia o pensar, o sentir e o querer apenas como vivências anímicas interiores. Logo ao penetrar no mundo supra-sensível, ele percebe coisas que não expressam algo físico-sensível, e sim algo anímico-espiritual. Atrás das peculiaridades do novo mundo, por ele observadas, estão agora entidades anímico-espirituais. E estas se lhe apresentam agora como um mundo exterior, assim como no âmbito físico-sensível se apresentaram aos sentidos as pedras, as plantas e os animais. Ora, o discípulo pode agora perceber uma significativa diferença entre o mundo anímico-espiritual que se lhe apresenta e aquele que ele estava habituado a perceber com seus sentidos físicos. Uma planta do mundo sensorial permanece como é, não importando o que a alma humana sinta ou pense sobre ela**.** No caso das imagens do mundo anímico-espiritual, isso a princípio não ocorre. Elas se modificam de acordo com o que o homem sinta ou pense. Com isso ele lhes dá um cunho que depende de seu próprio ser.

Suponha-se que uma certa imagem se apresente ao homem no mundo imaginativo. Se de início ele se comportar de modo indiferente frente a ela, a imagem se mostrará com certo aspecto. No momento, porém, em que ele sentir prazer ou desprazer diante da imagem, esta modificará sua forma. Assim, as imagens não só expressam algo que existe independentemente, fora do homem, mas também refletem o que o próprio homem é. Elas estão inteiramente impregnadas pela própria entidade do homem, a qual se estende como um véu sobre as [demais] entidades. Então, embora uma entidade real se encontre à sua frente, homem vê não essa imagem, e sim sua própria produção. Assim, na verdade ele pode ter diante de si algo absolutamente verdadeiro e, não obstante, ver algo falso. Aliás, isso não acontece apenas com relação ao que o homem percebe em si como sua própria entidade; tudo o que existe nele interfere nesse mundo. Por exemplo, o homem pode ter tendências ocultas que, devido à educação e ao caráter, não se evidenciam na vida; é no mundo anímico-espiritual que elas atuam, sendo que este adquire particular colorido graças ao ser integral do homem, independentemente do quanto este saiba ou não desse mesmo ser.

O pequeno guardião do limiar

Para continuar a progredir depois dessa etapa do desenvolvimento, é necessário que o homem aprenda a distinguir entre si próprio e o mundo espiritual exterior. Cumpre eliminar todos os efeitos da própria individualidade sobre o referido mundo anímico-espiritual circundante. Não se consegue isso a não ser adquirindo um conhecimento daquilo que se leva para esse mundo novo. Trata-se, portanto, de ter primeiramente um verdadeiro e profundo autoconhecimento para poder perceber de forma pura o mundo anímico-espiritual círcundante. Ora, é inerente a certos fatos da evolução

humana a circunstância de que esse autoconhecimento durante a entrada no mundo superior *deve* ocorrer como um processo natural. No mundo físico-sensível habitual, o homem desenvolve seu eu, sua autoconsciência. Pois bem, esse eu atua como um centro de atração sobre tudo o que é pertinente ao homem: todas as suas inclinações, simpatias, antipatias, paixões, opiniões, etc. se agrupam, por assim dizer, em redor desse eu. E esse eu é também o centro de atração para o que se denomina carma do homem. Se alguém visse esse eu despojado de véus, também notaria que determinados tipos de destino devem atingi-lo ainda nesta encarnação e nas seguintes, conforme o modo como ele tenha vivido nas encarnações anteriores e de acordo com o que tenha assimilado.

É com tudo o que, desse modo, lhe é pertinente, que o eu *deve* apresentar-se como primeira imagem à alma humana quando esta ascende ao mundo anímico-espiritual. Segundo uma lei do mundo espiritual, esse 'sósia' do homem deve ser sua primeira impressão ao penetrar naquele mundo. Pode-se tornar facilmente compreensível a lei subjacente a isso ponderando-se o seguinte:

Na vida físico-sensorial, o homem só percebe a si próprio na medida em que se vivencia interiormente em seu pensar, sentir e querer. Essa percepção, porém, é interior; ela não se coloca perante o homem do mesmo modo como o fazem as pedras, as plantas e os animais. Além disso, pela percepção interior o homem só chega a conhecer-se parcialmente; na verdade, ele contém em si algo que o impede de aprofundar o autoconhecimento. Trata-se de um impulso para retrabalhar imediatamente qualquer particularidade que, pelo autoconhecimento, ele deva admitir, *não querendo entregar-se a qualquer ilusão a respeito de si mesmo.* Caso ele não obedeça a esse impulso, simplesmente desviando a atenção da própria individualidade e continuando a ser como é, obviamente também se privará da possibilidade do autoconhecimento no ponto em questão. Mas caso se aprofunde em si mesmo e enfrente sem ilusões esta ou aquela de suas particularidades, tanto ficará em situação de melhorá-la em si como, ao contrário, não poderá fazê-lo na atual circunstância de vida. Neste último caso, sua alma será assaltada por um sentimento que se poderia designar como vergonha. É assim que atua, de fato, a natureza sadia do homem: pelo autoconhecimento, ela sente muitos tipos de vergonha. Ora, já na vida cotidiana esse sentimento tem um efeito bem definido. A pessoa de pensamento sadio cuidará para que aquilo que a preenche com esse sentimento não se manifeste em efeitos no exterior, não repercuta em atos exteriores. A vergonha é, portanto, uma força que impele o homem a encerrar algo em seu interior e não deixá-lo tornar-se exteriormente perceptível.

Refletindo atentamente, acharemos compreensível que a pesquisa espiritual atribua a uma vivência interior da alma, intimamente ligada ao sentimento de vergonha, ainda muito mais efeitos contínuos. Ela descobre que nas recônditas profundidades da alma existe uma espécie de vergonha *oculta,* da qual o homem não fica consciente na vida físico-sensorial. Esse sentimento oculto, porém, atua semelhantemente ao mencionado sentimento de vergonha da vida cotidiana: impede que a natureza mais íntima do homem lhe apareça numa imagem perceptível. Se não existisse esse sentimento, o homem perceberia diante de si o que ele próprio é na realidade; não experimentaria apenas interiormente suas representações mentais, seus sentimentos e e sua vontade, mas os perceberia tal qual percebe pedras, plantas e animais. Assim sendo, esse sentimento é o encobridor do homem perante si próprio, e com isso é o encobridor de todo o mundo anímico-espiritual — pois à medida que o homem encobre diante de si sua própria natureza interior, tampouco pode perceber onde deveria desenvolver os instrumentos para conhecer o mundo anímico-espiritual; ele não consegue transformar sua natureza para receber os órgãos de percepção espiritual.

Quando, no entanto, mediante disciplina metódica o homem trabalha para adquirir esses órgãos de percepção, surge diante dele, como primeira impressão, o que ele próprio é. Ele percebe seu 'sósia'. Essa autopercepção não deve ser separada da percepção do mundo anímico-espiritual restante. Na vida cotidiana, do mundo físico-sensível, o sentimento caracterizado atua de modo a fechar continuamente diante do homem a porta para o mundo anímico-espiritual. Se o homem quisesse dar um único passo para penetrar nesse mundo, esse sentimento de vergonha imediatamente ativado, mas não manifesto à consciência, ocultaria a porção do mundo anímico-espiritual que deseja aparecer. Os

exercícios caracterizados, porém, desencobrem esse mundo. O que ocorre é que esse sentimento oculto atua como um grande benfeitor do homem, pois tudo o que, sem disciplina científico-espiritual, se adquire em termos de juízo, vida afetiva e caráter, não habilitam o homem a suportar sem mais nem menos a percepção da própria natureza em sua verdadeira forma. Mediante essa percepção, ele perderia todo o sentimento de si mesmo, toda a autoconfiança e toda a autoconsciência. Para isso não ocorrer, deverão novamente contribuir as providências que, ao lado dos exercícios para o conhecimento superior, o discípulo tomará para o cultivo de seu juízo sadio, de seus sentimentos e de seu caráter.

Por sua disciplina metódica, o homem aprende, como que sem querer, tanta coisa da Ciência Espiritual, e além disso lhe ficam claros tantos meios de autoconhecimento e autodomínio, que tudo isso lhe é suficiente para encontrar vigorosamente seu 'sósia'. Acontece que ele só vê, como imagem do mundo imaginativo e sob outra forma, aquilo com que já se familiarizou no mundo físico. Quem já houver primeiramente compreendido no mundo físico, por seu intelecto, a lei do carma da maneira correta, não sofrerá especial estremecimento ao ver gravados na imagem de seu 'sósia' os germes de seu destino. Quem se houver familiarizado, por seu discernimento, com a evolução do Cosmo e da humanidade — sabendo como, num determinado momento dessa evolução, as forças de Lúcifer se impregnaram na alma humana —, não se atemorizará ao perceber que na imagem de sua própria natureza estão contídas essas entidades luciféricas, com todos os seus efeitos.

Pelo exposto acima, vê-se como é necessário o homem não pretender o acesso ao mundo espiritual antes de ter compreendido certas verdades sobre ele por seu discernimento normal, desenvolvido no mundo físico-sensível. O que é comunicado, neste livro, antes das explicações sobre o 'conhecimento dos mundos superiores', o discípulo deverá ter assimilado no decorrer de um desenvolvimento metódico, antes de pretender adentrar por si mesmo os mundos supra-sensíveis.

Numa disciplina em que não se considerasse a segurança e a firmeza do juízo, da vida do sentimento e do caráter, poderia acontecer de o discípulo penetrar no mundo superior antes de possuir as necessárias capacidades interiores para isso. Então o encontro com seu 'sósia' o oprimiria e o induziria a enganos. Se, no entanto — o que, aliás, também seria possível —, o encontro fosse totalmente evitado e mesmo assim o homem fosse introduzido no mundo supra-sensível, ele tampouco estaria em condições de conhecer esse mundo em sua verdadeira forma; pois lhe seria totalmente impossível distinguir entre o que ele projeta nas coisas e o que estas realmente são. Essa distinção só é possível quando se percebe a própria entidade como uma imagem em si e, com isso, destaca-se do ambiente tudo o que flui do próprio interior.

No mundo físico-sensível, o 'sósia' atua na vida do homem de uma forma tal que, por causa do aludido sentimento de vergonha, torna-se invisível logo que o homem se aproxima do mundo anímico-espiritual, mas com isso também esconde todo esse mundo. E como um 'guardião' que esse 'sósia' se posta diante do mundo espiritual, a fim de vedar a entrada a quem ainda não esteja preparado. Por isso ele pode ser denominado 'guardião do limiar do mundo anímico-espiritual'.

Além de experimentar um encontro com o 'guardião do limiar' na circunstância descrita, o homem também se vê em sua presença durante a passagem pela morte física; e ele se desvenda gradualmente no decorrer da vida ligada ao desenvolvimento anímico-espiritual no período entre a morte e um novo nascimento. Porém aí o encontro não pode impressionar o homem, porque nesse plano ele fica sabendo de mundos diferentes do que conhece na vida entre o nascimento e a morte.

Se o homem penetrasse no mundo anímico-espiritual sem ter passado pelo encontro com o 'guardião do limiar', poderia incorrer em sucessivas ilusões; pois nunca poderia distinguir entre o que ele próprio leva para esse mundo e o que realmente pertence ao mesmo. Uma disciplina metódica, porém, só pode conduzir o discípulo ao âmbito da verdade, e não ao da ilusão. Uma disciplina como essa será, por si mesma, de ordem tal que necessariamente o encontro deverá acontecer um dia — sendo que este constitui, para a observação de mundos supra-sensíveis, uma das imprescindíveis medidas preventivas contra a possibilidade de ilusão e fantasia.

Outra das providências indispensáveis a todo discípulo é trabalhar cuidadosamente em si mesmo para não tornar-se um fantasista, um homem suscetível de incorrer numa possível sugestão ou auto-sugestão. Se as indicações para a disciplina espiritual forem devidamente observadas, serão simultaneamente destruídas as fontes que podem conduzir à ilusão. É óbvio que aqui não se pode falar detalhadamente de todos os inúmeros pormenores a serem considerados nessas providências. Só se pode indicar o que é importante. As ilusões consideradas aqui provêm de duas fontes. Em parte, devem-se ao fato de colorirmos a realidade por intermédio de nossa própria entidade anímica. Na vida comum do mundo físico-sensível essa fonte de ilusões apresenta perigo relativamente pequeno, pois aqui o mundo exterior se imporá cada vez mais incisivamente em sua própria forma de observação, por mais que o observador queira colori-lo conforme seus desejos e interesses. Mas tão logo se penetra no mundo imaginativo, suas imagens são modificadas pelos referidos desejos e interesses, tendo-se à frente, como uma *realidade,* o que de início se formou pessoalmente ou ao menos se contribuiu para formar.

Ora, pelo fato de o discípulo, graças ao encontro com o 'guardião do limiar', vir a conhecer tudo o que reside dentro de si — e que ele pode, portanto, levar consigo para o mundo anímico-espiritual —, essa fonte da ilusão é eliminada. E a preparação a que o discípulo se submete antes do ingresso no mundo anímico-espiritual faz com que ele se habitue, já durante a observação do mundo físico-sensorial, a excluir sua pessoa e deixar as coisas e fenômenos falar puramente por si mesmos, por sua própria natureza. Quem tiver cumprido suficientemente essa preparação poderá esperar calmamente pelo encontro com o 'guardião do limiar'. Por esse encontro, finalmente descobrirá se está realmente em condições de eliminar também sua própria natureza ao defrontar o mundo anímico-espiritual.

Além dessa fonte de ilusões, existe ainda uma outra. Ela aparece quando uma impressão recebida é interpretada erroneamente. Na vida físico-sensível, um exemplo simples desse tipo de ilusão é aquela que surge quando alguém sentado num vagão de trem *acredita* que as árvores se estejam movendo na direção contrária à do veículo, enquanto na verdade é a própria pessoa que se move com o trem. Embora existam inúmeros casos em que tais ilusões no mundo físico-sensorial são mais difíceis de corrigir do que nesse exemplo, é fácil compreender que dentro desse mundo o homem também encontra os meios para eliminar esse tipo de ilusões se, com juízo sadio, levar em consideração tudo o que possa servir de esclarecimento adequado.

Evidentemente, a situação fica bem diversa logo que se penetra nas regiões supra-sensíveis. No mundo sensorial os fatos não são modificados pela ilusão humana, e por isso é possível retificar o erro segundo os fatos, mediante uma observação imparcial. No mundo supra-sensível, contudo, isso não é tão facilitado. Quando queremos observar um fenômeno supra-sensível empregando um critério errôneo, incorporamo-lhe esse critério errôneo; e este fica tão entretecido ao fato que não é possível distingui-lo imediatamente dele. Então o erro não está no homem, nem no fato real fora dele; o próprio erro se tornou parte integrante do fato exterior, não podendo, por isso, ser corrigido simplesmente graças a uma observação imparcial dos fatos. Com isso é indicado o que pode ser uma abundante fonte de ilusões e fantasias para quem se aproxima do mundo supra-sensível sem o devido preparo.

Ora, assim como o discípulo adquire a faculdade de excluir essas ilusões, surgidas da coloração dos fenômenos do mundo espiritual por sua própria personalidade, ele deve adquirir também a outra faculdade: a de tornar inativa a segunda fonte de ilusões, já caracterizada. Ele pode eliminar o que provém de si mesmo, uma vez tendo reconhecido a imagem de seu próprio 'sósia'; e poderá eliminar o que constitui uma segunda fonte de enganos na mencionada direção se adquirir a faculdade de reconhecer, pelas *características* de um fato do mundo supra-senslvel, se acaso se trata de uma realidade ou de uma ilusão. Se as ilusões tivessem exatamente o mesmo aspecto que as realidades, uma distinção seria impossível. Porém não se trata disso. As ilusões dos mundos supra-sensíveis possuem, *em si mesmas,* qualidades pelas quais se distinguem das realidades; e o que importa é o discípulo saber por quais qualidades pode identificar as realidades.

Nada parece mais natural do que um leigo em disciplina espiritual dizer: “Onde está, afinal, a possibilidade de proteger-se da ilusão, já que suas fontes são tão numerosas?” — e, continuando: “Será que existe, afinal, algum discípulo seguro de que todos os seus presumíveis conhecimentos superiores não consistem em ilusão e auto-sugestão?”. Quem fala assim não se dá conta de que em toda verdadeira disciplina espiritual, por todo o modo como esta decorre, as fontes de ilusão são obstruídas. Em primeiro lugar o verdadeiro discípulo adquirirá, mediante seu preparo, conhecimentos suficientes sobre tudo o que a ilusão e a auto-sugestão podem produzir, e com isso colocar-se em condições de proteger-se delas. Neste aspecto ele tem, mais do que qualquer outra pessoa, oportunidade de tornar-se sensato e criterioso no decorrer da vida. Todas as suas experiências o induzem a não prender-se a sugestões e pressentimentos indefinidos. A disciplina o torna precavido na medida do possível. A isso se acresce que toda verdadeira disciplina conduz inicialmente a conceitos sobre os grandes eventos cósmicos, ou seja, a temas que requerem um esforço de discernimento, levando porém esse discernimento a refinar-se e aguçar-se.

Somente quem se recusasse a dedicar-se a domínios tão distantes, restringindo-se a ‘revelações’ mais próximas, poderia perder a perspicácia do juízo sadio que lhe proporciona segurança para distinguir entre o ilusório e o real. No entanto, isso ainda não é o mais importante. O mais importante reside nos próprios exercícios empregados numa disciplina espiritual correta. Estes devem ser organizados de maneira que, durante a meditação, a consciência do discípulo abranja exatamente tudo o que sucede na alma.

Primeiramente será elaborado um símbolo para se produzir a imaginação. Neste ainda existem representações de percepções exteriores, de cujo conteúdo o homem não participa sozinho; ele não o produz por si. Portanto, ele pode entregar-se a uma ilusão quanto ao surgimento desse conteúdo, interpretando erradamente sua origem. Porém o discípulo afasta esse conteúdo de sua consciência ao ascender aos exercícios para a inspiração. Então se concentra apenas em sua própria atividade anímica, criadora do símbolo. Ainda aqui é possível o erro. Pela educação, pelo estudo, etc., o homem se apossou da natureza de sua atividade anímica, sem poder conhecer integralmente sua origem. Agora, porém, o discípulo espiritual afasta de sua consciência também essa atividade anímica própria. Se fica restando algo, *nada* do que se refira a isso deixa de ser observável. Nisso, nada pode imiscuir-se que não possa ser julgado quanto ao seu conteúdo total. Em sua intuição, portanto, o discípulo espiritual tem algo que lhe mostra como uma realidade inteiramente nítida do mundo anímico-espiritual é constituída. Ora, ao aplicar as características da realidade anímico-espiritual assim reconhecidas a tudo o que se apresente à sua observação, ele poderá distinguir a ilusão da realidade; e poderá estar certo de que, ao aplicar essas lei diante da ilusão no mundo espiritual, ficará tão preservado quanto está, no mundo físico-sensível, de confundir uma barra de ferro quente *imaginada* com uma barra de ferro realmente abrasadora.

É óbvio que a pessoa se comportará desse modo somente em relação aos conhecimentos considerados como suas próprias vivências nos mundos supra-sensíveis, e não às comunicações recebidas de outras pessoas e compreendidas com seu intelecto físico e seu sadio sentimento da verdade. O discípulo espiritual se esforçará para traçar um limite exato entre o que adquiriu de um ou de outro modo. Por um lado, acolherá de boa vontade as comunicações sobre os mundos superiores e procurará compreendêlas mediante seu discernimento. Se, no entanto, descrever algo como experiência pessoal, como uma observação feita por ele próprio, terá previamente examinado se esta se lhe apresentou exatamente com as características que ele aprendeu a perceber na intuição iniludível.

O grande guardião do limiar

Tendo o discípulo espiritual ultrapassado o encontro com o já descrito ‘guardião do limiar’, novas experiências o aguardam durante a elevação aos mundos supra-sensíveis. De início ele notará

que existe uma íntima afinidade entre esse ‘guardião do limiar’ e aquela força anímica revelada acima como a sétima e que se configurou como uma entidade autônoma. Ora, em certo sentido essa sétima entidade nada mais é senão o próprio ‘sósia’, o ‘guardião do limiar’, impondo ao discípulo uma tarefa especial. Este deverá orientar e guiar, por intermédio de sua identidade recém-nascida, aquilo que ele é em sua identidade habitual e aquilo que se lhe manifesta em imagem. Ocorrerá uma espécie de luta com o ‘sósia’, que pretenderá continuamente a supremacia. Colocar-se numa relação correta com ele, não o deixando executar qualquer ação independente da influência do eu recém-nascido, também fortalece e consolida as energias do homem.

Ora, no mundo superior o autoconhecimento não é, em certo sentido, o mesmo que no mundo físico-sensível. Enquanto neste último o autoconhecimento se apresenta apenas como vivência interior, a identidade recém-nascida manifesta-se logo como fenômeno anímico exterior. A pessoa vê essa identidade como um outro ser diante de si, mas não pode percebê-lo inteiramente — pois seja qual for o nível alcançado no caminho para os mundos supra-sensíveis, existem sempre níveis mais elevados. Neles a pessoa perceberá sempre algo mais de sua ‘identidade supenor’. Portanto, em qualquer nível esta só pode revelar-se parcialmente ao discípulo. Contudo, ao perceber pela primeira vez algo de sua ‘personalidade superior’, o homem sente imensa tentação para considerá-la do ponto de vista adquirido no mundo físico-sensível. Essa tentação é até benéfica e *deve* surgir, para que o desenvolvimento transcorra corretamente. A pessoa deve observar o que se apresenta como o ‘sosia’, como o ‘guardião do limiar’, e colocá-lo diante da ‘identidade superior’ para poder notar a distância entre o que ela própria é e aquilo que deve vir a ser.

Durante essa observação, porém, o ‘guardião do limiar’ começa a assumir uma forma totalmente diferente; ele se apresenta como uma imagem de todos os *obstáculos* que se opõem ao desenvolvimento da ‘identidade superior’. A pessoa perceberá que fardo significa carregar a identidade habitual. E se, graças a seu preparo, não estiver fortalecida o suficiente para propor-se a não parar por ali, e sim desenvolver-se incessantemente em direção a ‘identidade superior’, ela se paralisará e recuará diante do que está à frente. Nesse caso estará imersa no mundo anímico-espiritual, mas desistirá de continuar a trabalhar em si mesma, convertendo-se em prisioneira da figura que agora se manifesta à alma por intermédio do ‘guardião do limiar’. O significativo é que, nessa vivência, a pessoa não tem a sensação de ser prisioneira; ela acreditará, muito mais, estar sentindo algo totalmente diferente. A figura que o ‘guardião do limiar’ evoca pode ser de natureza a provocar, na alma do observador, a impressão de que nas imagens surgidas nesse nível da evolução ele já abrange todos os mundos possíveis à sua frente, tendo atingido o ápice do conhecimento e já não necessitando continuar a esforçar-se. Em lugar de sentir-se prisioneiro, ele poderá considerar-se o possuidor incomensuravelmente rico de todos os segredos do Universo. O fato de se poder ter uma experiência que representa o contrário do verdadeiro estado de coisas não surpreenderá quem considerar que, ao ter essa experiência, a pessoa já se encontra no mundo anímico-espiritual, sendo uma das particularidades desse mundo o fato de aí os eventos se apresentarem invertidos. Neste livro já se aludiu a isso quando da observação da vida após a morte.

A figura que se percebe nessa etapa evolutiva mostra ao discípulo algo ainda um rouco diferente daquela em que lhe apareceu inicialmente o ‘guardião do limiar’. Nesse ‘sosia’ eram perceptíveis todas as qualidades que a personalidade habitual do homem possui como resultado da influência das forças de Lúcifer. Ora, no decorrer da evolução humana um outro poder se introduziu na alma humana, por influência de Lúcifer. Trata-se daquele que em capítulos anteriores deste livro foi designado como força de Arimã. Trata-se da força que, na existência físico-sensível, impede o homem de perceber as entidades anímico-espirituais do mundo exterior situadas atrás da superfície do sensível. O que foi feito da alma humana sob influência dessa força é mostrado, em imagem, pela figura que surge nessa vivência caracterizada.

Quem enfrentar essa experiência com o devido preparo lhe dará sua devida interpretação; e então se manifestará logo uma outra figura que se pode denominar ‘grande guardião do limiar’, em

oposição ao já mencionado ‘pequeno guardião’. Este comunica ao discípulo que ele não deve permanecer nesse nível, mas prosseguir trabalhando energicamente. Ele desperta no observador a consciência de que o mundo conquistado só se tornará uma verdade e não se converterá em ilusão se o trabalho for prosseguido de maneira adequada.

Quem, no entanto, viesse a aproximar-se dessa experiência sem preparação devido a uma disciplina inadequada, ao aproximar-se do ‘grande guardião do limiar’ verteria para a alma algo comparável apenas a um ‘sentimento de terror imensurável’, um ‘medo sem limites’.

Assim como o encontro com o ‘pequeno guardião do limiar’ permite ao discípulo verificar se está protegido de ilusões possíveis de surgir pela introdução de sua entidade no mundo supra-sensível, as vivências que finalmente o levam ao encontro com o ‘grande guardião do limiar’ lhe permitem comprovar se ele é capaz de enfrentar as ilusões procedentes da segunda fonte anteriormente descrita. Se ele conseguir opor resistência à formidável ilusão que lhe exibe o alcançado mundo das imagens como uma rica propriedade — enquanto, na verdade, ele próprio é apenas um prisioneiro —, então estará, no curso ulterior de seu desenvolvimento, preservado de tomar a aparência por realidade.

O ‘guardião do limiar’ assumirá, até certo ponto, uma forma individual para cada ser humano em particular. Aliás, o encontro com ele corresponde justamente à vivência pela qual ésuperado o caráter pessoal das observações supra-sensíveis, sendo dada a possibilidade de se penetrar numa região vivencíal isenta de colorido pessoal e válida para qualquer natureza humana.

Microcosmo e macrocosmo

Após as descritas vivências, o discípulo espiritual está apto a distinguir, no ambiente anímico-espiritual, entre o que ele mesmo é e aquilo que está fora dele. Então reconhecerá como o entendimento do processo cósmico descrito neste livro é necessário para a compreensão do próprio homem e sua vida. Aliás, só se compreende o corpo físico ao reconhecer como ele foi construído ao longo das evoluções saturnina, solar, lunar e terrestre. Compreende-se o corpo etérico ao acompanhar sua formação através das evoluções solar, lunar e terrestre, e assim por diante. Mas também se compreende o que hoje está relacionado com a evolução terrestre ao reconhecer como tudo se foi desenvolvendo gradualmente. Pela disciplina espiritual, a pessoa se coloca em condições de descobrir a relação entre tudo o que existe no homem e os fatos e entidades correlatos, existentes no mundo situado fora do homem. Com efeito, cada membro da entidade humana está relacionado com todo o mundo restante. Neste livro, porém, só foi possível dar indicações, esboçadas em linhas gerais.

Contudo, é preciso considerar que durante evolução saturnina, por exemplo, o corpo físico do homem existia apenas em seus primeiros rudimentos. Seus órgãos — o coração, os pulmões, o cérebro — desenvolveram-se mais tarde, durante os períodos solar, lunar e terrestre, a partir desses rudimentos. Assim, o coração, os pulmões, etc. são relacionados com as evoluções do Sol, da Lua e da Terra. O mesmo ocorre com os membros do corpo eténico, do corpo das sensações, da alma da sensação, etc. O homem foi plasmado a partir da totalidade do mundo circundante, e cada detalhe de sua constituição corresponde a um processo, a um ser do mundo exterior. No nível oportuno de seu desenvolvimento, o discípulo vem a reconhecer essa relação de seu próprio ser com o macrocosmo. Pode-se denominar esse nível cognitivo como percepção da correspondência entre o ‘pequeno cosmo’ (microcosmo) — ou seja, o próprio homem — e o ‘grande cosmo’ (macrocosmo). Se o discípulo se esforçou para alcançar esse conhecimento, pode acontecer-lhe uma nova vivência. Ele começa a sentir-se parte integrante de toda a construção cósmica, embora tenha a sensação de sua plena autonomia. Essa sensação é um elevar-se à totalidade do Cosmo, é um identificar-se com ele, porém *sem* perder a própria identidade. Pode-se chamar esse grau evolutivo de ‘identificação com o macrocosmo’. É importante essa identificação não ser considerada como se interrompesse a consciência individual e a entidade humana se dispersasse no Universo. Tal pensamento seria apenas a expressão de uma opinião oriunda de um juízo indisciplinado.

Os níveis do conhecimento superior (síntese)

Os níveis do conhecimento superior, no sentido do processo iniciático aqui descrito, podem ser enumerados da seguinte forma:

1. O estudo da Ciência Espiritual, no qual se emprega o discernimento adquirido no mundo físico-sensível.
2. A aquisição do conhecimento imaginativo.
3. A leitura da escrita oculta (correspondente à inspiração).
4. A integração no mundo espiritual circundante (correspondente à intuição).
5. O conhecimento das relações entre o microcosmo e o macrocosmo.
6. A identificação com o macrocosmo.
7. A vivência global das experiências anteriores como disposição anímica básica.

Não se deve, porém, imaginar que essas etapas devam ser percorridas sucessivamente. A disciplina pode transcorrer muito mais de um modo que, conforme a individualidade do discípulo, um grau precedente seja percorrido apenas até certo ponto, sendo então iniciados exercícios correspondentes ao nível seguinte. Por exemplo, pode muito bem acontecer que somente alguns conhecimentos imaginativos tenham sido adquiridos de forma segura, e não obstante se pratiquem exercícios destinados a colocar a inspiração, a intuição ou o conhecimento da relação entre o microcosmo e o macrocosmo dentro do âmbito da própria vivência.

A iniciação no quinto período pós-atlântico

Tendo passado pela vivência da intuição, o discípulo não só conhece as imagens do mundo anímico-espiritual, não só pode ler suas relações na ‘escrita oculta’, como também chega ao próprio conhecimento dos seres por cuja cooperação surgiu o mundo ao qual pertence o ser humano. Com isso vem a conhecer a si mesmo em sua forma como ser espiritual no mundo anímico-espiritual. Ele se esforçou por uma percepção de seu Eu Superior, tendo notado como deve continuar trabalhando para dominar seu ‘sosia’, o ‘guardião do limiar’. Mas também teve o encontro com o ‘grande guardião do limiar’, postado à sua frente como perene incentivador da continuidade do esforço. Esse ‘grande guardião do limiar’ torna-se agora o exemplo ao qual ele quer aspirar. Quando essa sensação surge no discípulo, ele alcançou a possibilidade de saber *quem* efetivamente se encontra à sua frente como o ‘grande guardião do limiar’. De então em diante esse ‘guardião’ se transforma, para a percepção do discípulo, na figura do Cristo, cuja natureza e intervenção na evolução terrestre se destacam de capítulos anteriores deste livro. Com isso o próprio discípulo é iniciado no augusto mistério ligado ao nome do Cristo. O Cristo se revela a ele como o ‘grande exemplo humano terrestre.

Tendo o Cristo sido reconhecido dessa forma no mundo espiritual, por meio da intuição, também se torna compreensível o que se desenrolou historicamente na quarta época pós-atlântica da Terra (na época greco-latina). O modo como, nessa época, o elevado Ser Solar, o Ser Crístico interveio na evolução terrestre e continua atuando nessa evolução, torna-se, para o discípulo espiritual, um conhecimento autovivenciado. Portanto, é uma revelação sobre o sentido e o significado da evolução terrestre que o discípulo recebe por intermédio da intuição.

O caminho aqui descrito para o conhecimento dos mundos supra-sensíveis é de natureza tal que qualquer pessoa pode trilhálo, seja qual for sua situação nas atuais condições da vida. Ao se tratar desse caminho, deve-se ter em conta que a meta do conhecimento e da verdade científica é a mesma em todas as épocas da evolução terrestre, mas que os pontos de partida do ser humano foram diferentes em diferentes épocas. Atualmente, ao querer seguir o caminho para as regiões supra-

sensíveis, o homem não pode partir do mesmo ponto que, por exemplo, o antigo egípcio aspirante à iniciação. Por isso os exercícios impostos ao discípulo da antiga iniciação egípcia não são diretamente praticáveis pelo ser humano atual. Desde aquela época as almas humanas passaram por diversas encarnações, e esse progresso de encarnaçao em encarnação não é sem sentido e importância. As faculdades e qualidades das almas modificam-se de uma encarnação para outra. Basta uma observação superficial da vida humana e histórica para notar que desde os séculos XII e XIII d.C. todas as condições de vida se modificaram em relação às anteriores, e que as opiniões, os sentimentos e também as aptidões do homem se tornaram diferentes de antes. O caminho para o conhecimento superior aqui descrito é adequado às almas que se estão encarnando na atualidade imediata. Ele toma, como ponto de partida para o desenvolvimento espiritual, aquele em que o homem se encontra no presente, em quaisquer situações de vida decorrentes deste.

Com relação aos caminhos para o conhecimento superior, de época em época a evolução progressiva conduz a humanidade a formas sempre novas, assim como também a vida exterior modifica suas configurações. E a cada época também deve reinar uma perfeita sintonia entre a vida exterior e a iniciação.

Presente e futuro da evolução cósmica e humana

No sentido da Ciência Espiritual, não e possível conhecer algo a respeito do presente e do futuro da evolução do homem e do Universo sem compreender o passado dessa evolução, pois o que se oferece à percepção do pesquisador espiritual ao observar os fatos ocultos do passado contém, *ao mesmo tempo,* tudo o que ele pode saber do presente e do futuro.

Neste livro se falou das evoluções saturnina, solar, lunar e terrestre. Do ponto de vista científico-espiritual, não se pode compreender a evolução terrestre sem observar os fatos das épocas evolutivas precedentes — pois o que atualmente se apresenta ao homem dentro do mundo terrestre contém, em certo sentido, os fatos das evoluções lunar, solar e saturnina. Os seres e as coisas que haviam participado da evolução lunar continuaram a desenvolver-se, dando origem a tudo o que atualmente pertence à Terra. Porém nem tudo o que evoluiu da Lua para a Terra é perceptível à consciência físico-sensível. Uma parte do que evoluiu a partir dessa Lua manifesta-se apenas em certo nível da consciência supra-sensível. Uma vez adquirido esse conhecimento, para ele nosso mundo terrestre está ligado a um mundo supra-sensível. Este contém a parte da existência lunar não condensada para a percepção físico-sensível, e a princípio a contém tal qual é *atualmente,* e *não* como era na época da antiga evolução lunar. Contudo, a consciência supra-sensível pode obter uma imagem daquele antigo estado. Quando essa consciência se aprofunda na percepção que atualmente lhe é possível, paulatinamente se evidencia que esta se desdobra por si mesma em *duas* imagens. Uma delas se apresenta como a configuração que a Terra teve durante sua evolução lunar; a outra imagem, porém, leva a reconhecer nela uma configuração ainda germinal, que somente no futuro será real no sentido em que a Terra é real agora.

Numa observação mais profunda, revela-se que para essa forma futura aflui constantemente o que, em certo sentido, resulta como efeito dos acoptecimentos terrestres. Nessa forma futura, portanto, estamos diante daquilo em que se transformará a nossa Terra. Os efeitos da existência terrestre se unirão ao que sucede no mundo caracterizado, e disso surgirá o novo ser cósmico em que a Terra se transformará, tal qual a Lua se transformou em Terra. Pode-se chamar essa forma futura de estado jupiteriano. Quem observar esse estado jupiteriano numa contemplação supra-sensível descobrirá que no futuro ocorrerão *necessariamente* certos processos, porque na parte supra-sensível do mundo terrestre procedente da Lua existem seres e coisas que assumirão determinadas formas em função deste ou daquele acontecimentos no âmbito da Terra físico-sensível.

Portanto, no estado jupiteriano haverá algo já predeterminado pela evolução lunar, e haverá algo novo que só se está incorporando à evolução global por meio dos processos terrestres. É por esse

motivo que a consciência supra-sensível pode inteirar-se um pouco do que ocorrerá durante o estado jupiteriano. As entidades e fatos que se observam nesse campo da consciência não possuem o caráter do imagético-sensível; nem mesmo se apresentam como sutis formações aéreas das quais pudessem emanar efeitos lembrando impressões sensoriais. Deles se recebem impressões sonoras, luminosas e caloricas puramente espirituais. Eles *não* as expressam mediante quaisquer incorporações materiais; somente a consciência supra-sensível pode captá-las. Contudo, pode-se dizer que essas entidades possuem um 'corpo', embora perceptível apenas dentro de seu elemento anímico — que éa manifestação de seu ser atual — como uma soma de *recordações condensadas* contidas nele. Nestas se pode distinguir entre o que vivenciam *agora* e o que já vivencíaram, e do que se lembram. Este último conteúdo é como algo corporal, e elas o vivenciam tal qual o homem terrestre vivencia seu corpo.

Para um grau de percepção superior ao que acabamos de caracterizar como necessário ao conhecimento da Lua e de Júpiter, tornam-se perceptíveis seres e coisas supra-sensíveis apresentando formas mais desenvolvidas do que já existia durante o estado solar, mas que atualmente possui graus existenciais elevados, a ponto de passar desapercebidos a uma consciência avançada apenas até à percepção das formas lunares. Também a imagem desse mundo se divide novamente em duas, no caso de um aprofundamento interior. Uma delas conduz ao conhecimento do estado solar passado, e a outra representa uma forma futura da Terra, ou seja, aquela em que a Terra se terá transformado quando tiverem afluído para as formações daquele mundo os efeitos dos processos terrestres ejupiterianos. O que assim se observa a respeito desse mundo futuro pode, no sentido da Ciência Espiritual, ser designado como estado venusiano. De maneira similar, a uma consciência supra-sensível ainda mais desenvolvida se apresenta um futuro estado evolutivo que se pode chamar de estado vulcânico, relacionado com o estado saturnino do mesmo modo como o estado venusiano com o solar e o jupiteriano com o lunar. Assim, ao se considerar o passado, o presente e o futuro da evolução terrestre pode-se falar das evoluções de Saturno, Sol, Lua, Terra, Júpiter, Vênus e Vulcão.

Assim como essas abrangentes circunstâncias da evolução terrestre, também se apresentam à consciência observações relativas a um futuro mais próximo. A *cada* imagem do passado corresponde uma do futuro. No entanto, ao se falar dessas coisas deve-se insistir em algo que é necessário considerar *tanto quanto possível.* Ao querer conhecê-las, deve-se abandonar por completo a opinião de que a simples reflexão filosófica aplicada à realidade manifesta possa investigar algo. Jamais essas coisas podem ou devem ser investigadas mediante tal reflexão. Quem, tendo recebido da Ciência Espiritual comunicações sobre estado lunar, acreditasse que com esse tipo de reflexão poderia prever o aspecto de Júpiter combinando as condições da Terra com as condições da Lua, estaria entregando-se a enormes ilusões. Essas condições só devem ser *pesquisadas* na medida em que a consciência supra-sensível se eleva à observação. Apenas ao ser comunicado é que o aspecto pesquisado pode ser compreendido, mesmo sem a consciência supra-sensível.

Frente às comunicações sobre o futuro, o pesquisador espiritual está em situação diferente daquela relativa ao passado. *A princípio* o homem *não pode* absolutamente defrontar os acontecimentos futuros tão imparcialmente quanto lhe é possível em relação ao passado. O que ocorre no futuro mobiliza o sentir e o querer humanos; o passado é suportado de modo muito diferente. Quem observa a vida sabe que isso já vale para a vida cotidiana; mas até que grau considerável isso se intensifica, que formas isso assume diante dos fatos ocultos da vida, são aspectos dos quais só tem conhecimento quem sabe certas coisas dos mundos supra-sensíveis. E com isso é dada a razão pela qual os conhecimentos sobre essas coisas estão sujeitos a limites bem determinados.

Assim como a grande evolução cósmica pode ser apresentada na seqüência de seus estados desde a época de Saturno até a de Vulcão, isso também é possível para períodos menores de tempo, como por exemplo os da evolução terrestre. Desde o formidável cataclismo que marcou o fim da antiga civilização atlântica, sucederam-se na evolução da humanidade os estados que neste livro denominamos como civilizações hindu antiga, protopersa, egipto-caldaica e greco-latina. O *quinto*

período é este em que se encontra a humanidade — é o *presente*. Este período se iniciou gradualmente durante os séculos XII, XIII e XIV d.C., depois de ter sido preparado pelos séculos IV e V. Sua plena evidência se manifestou do século XV em diante. O precedente período greco-latino teve seu início aproximadamente no século VIII a.C. No fim de seu primeiro terço teve lugar o evento crístico.

A disposição anímica do homem, todas as faculdades humanas, transformaram-se ao passar do período egipto-caldaico para o período greco-latino. No primeiro ainda não existia o que hoje se conhece como reflexão lógica, como concepção racional do mundo. O que o homem assimila agora como conhecimento, por meio do intelecto, ele recebia de uma forma apropriada para aquela época: diretamente, por uma intuição interna e, em certo sentido, supra-sensível. O homem percebia as coisas e, ao percebê-las, despontava na alma o conceito, a imagem de que a alma necessitava. Quando a força cognitiva é dessa natureza, não apenas despontam imagens do mundo físico-sensível: das profundezas da alma ascende também um certo conhecimento de fatos e entidades não-sensoriais. Esse era o resíduo da antiga e nebulosa consciência supra-sensível que outrora fora patrimônio comum de toda a humanidade. No período grego-latino nasceram cada vez mais pessoas desprovidas dessas faculdades. Em seu lugar surgiu a reflexão intelectual sobre as coisas. Os homens foram cada vez afastados de uma imediata percepção onírica do mundo anímico-espiritual e, gradualmente, induzidos a formar uma imagem desse mundo por meio de seu intelecto e seu sentimento.

Esse estado perdurou, em certo sentido, por todo o quarto período pós-atlântico. Somente os homens que haviam conservado como herança a antiga disposição anímica podiam continuar a receber diretamente o mundo espiritual em sua consciência. Esses homens, porém, eram remanescentes de uma época anterior; a natureza de sua cogníção já não era adequada à nova época, pois as leis evolutivas tinham por conseqüência que uma faculdade anímica antiga perde seu pleno significado quando novas faculdades aparecem. A vida humana adapta-se então a essas novas faculdades, nada mais podendo fazer com as faculdades antigas.

Contudo, havia também seres humanos que começaram muito conscientemente a desenvolver, ao lado das faculdades intelectuais e afetivas adquiridas, outras faculdades superiores, que lhes tornaram novamente possível penetrar no mundo anímico-espiritual. Para isso, deviam começar por proceder diferentemente dos discípulos dos antigos iniciados. Estes não precisavam levar em conta as faculdades anímicas desenvolvidas somente a partir do quarto período. Foi nesse quarto período que despontaram os princípios do tipo de disciplina espiritual que neste livro foi descrita como sendo própria da atualidade. Naquele tempo, porém, ela estava apenas nos primórdios, só podendo experimentar seu desenvolvimento propriamente dito no quinto período (a partir dos séculos XII e XIII, mas sobretudo a partir do século XV). Pessoas que procuravam, desse modo, a elevação aos mundos supra-sensíveis podiam, por imaginação, inspiração e intuição próprias, experimentar algo dos domínios superiores da existência. Os homens que permaneciam nas faculdades intelectuais e sentimentais só podiam inteirar-se do que a antiga clarividência sabia por intermédio da tradição, que se transmitia de geração em geração tanto sob forma verbal quanto escrita.

Também da verdadeira essência do evento crístico a posteridade só pôde saber algo por meio dessa tradição, quando não se elevava aos mundos supra-sensíveis. Sem dúvida havia também iniciados que ainda possuíam as faculdades naturais de percepção do mundo supra-sensível e que, por sua evolução, elevavam-se a um mundo superior, embora desconsiderassem as novas faculdades intelectuais e afetivas. Por seu intermédio criou-se uma transição da antiga para a nova forma de iniciação. Tais personalidades existiram também nos períodos seguintes. O essencial do quarto período é justatmente o fato de, pela exclusão da alma de um contato direto com o mundo anímico-espiritual, o homem ter sido fortalecido e revigorado em suas faculdades intelectuais e emotivas. As almas que, nessa época, se encarnaram de modo a desenvolver em alto grau essas novas faculdades, levaram depois o fruto dessa evolução para suas encarnações no quinto período. Como compensação para essa exclusão do mundo espiritual, existiam as grandiosas tradições da sabedoria primordial — e especialmente do evento crístico —, que pela força de seu conteúdo proporcionavam às almas um

conhecimento fidedigno dos mundos superiores.

No entanto, também sempre existiram homens que, além das faculdades intelectuais e afetivas, desenvolviam as forças cognitivas superiores. Cabia-lhes inteirar-se dos fatos do mundo superior e particularmente do mistério do evento crístico, por meio de um conhecimento supra-sensível imediato. Foi deles que fluiu para as almas dos outros homens tudo o que fosse compreensível e bom para elas.

A primeira difusão do cristianismo devia incidir, segundo o sentido da evolução terrestre, justamente numa época em que as forças cognitivas não estavam desenvolvidas em grande parte da humanidade. Por isso a força da tradição era tão potente naquela época. Era necessária a mais vigorosa energia para conduzir a uma confiança no mundo supra-sensível os homens que não conseguiam perscrutar esse mundo por si mesmos. Quase sempre houve (com exceção de um curto período no século XIII) também homens capazes de elevar-se aos mundos superiores pela imaginação, inspiração e intuição. Esses homens são os sucessores pós-cristãos dos antigos iniciados, dos guias e adeptos da sabedoria dos mistérios. Sua missão era reconhecer, por suas próprias faculdades, aquilo de que se havia podido ter conhecimento por meio da antiga sabedoria dos mistérios; e a isso ainda deviam acrescentar o conhecimento da essência do evento crístico.

Assim nasceu entre esses novos iniciados um conhecimento abrangendo tudo o que fora objeto da antiga iniciação; mas no centro desse conhecimento resplandecia o saber superior dos mistérios do evento crístíco. Somente em mínima escala esse conhecimento podia afluir para vida geral, enquanto nesse quarto período as almas humanas deviam consolidar as faculdades do intelecto e do sentimento. Havia, portanto, nessa época, uma ‘sabedoria sumamente oculta’. Depois despontou o novo período, a ser designado como o quinto. Sua essência consiste na continuidade do desenvolvimento das faculdades intelectuais, vindo estas a florescer portentosamente e prosseguir do presente para o futuro. Isso se preparou lentamente a partir dos séculos XII e XIII, para acelerar-se cada vez mais a partir do século XVI até o presente. Sob essas influências, a época evolutiva do quinto período transcorreu de modo a ocupar-se cada vez mais do cultivo das forças intelectuais, enquanto o saber fidedigno de outrora, o conhecimento tradicional, ia perdendo cada vez mais força sobre a alma humana.

Por outro lado, também se desenvolveu nessa época o que se pode considerar uma afluência cada vez maior dos conhecimentos da consciência supra-sensível moderna para as almas humanas. Embora inicialmente de modo quase imperceptível, o ‘saber oculto’ flui para a maneira de pensar dos homens desse período. É natural que até o presente as forças do intelecto tenham uma atitude de rejeição frente a esses conhecimentos; só que o que tiver de acontecer acontecerá de qualquer modo, apesar de todas as rejeições temporárias. Segundo uma denominação simbólica, pode-se chamar o ‘saber oculto’ que a humanidade assimila por esse lado — e que será assimilado cada vez mais —de conhecimento do ‘Graal’. Quem aprender a compreender esse símbolo em seu profundo significado, tal como é apresentado de forma narrativa e lendária, descobrirá que significativamente ele contém a essência do que acima denominamos conhecimento da nova iniciação, tendo no centro o Mistério do Cristo.

Os iniciados modernos podem, portanto, ser chamados de iniciados do Graal’. É à ‘ciência do Graal’ que conduz o caminho para os mundos supra-sensíveis cujas primeiras etapas são descritas neste livro. Esse conhecimento tem a particularidade de seus fatos só poderem ser *pesquisados* ao terem sido adquiridos os meios para isso, tal como descritos neste livro. Uma vez pesquisados, porém, eles podem ser compreendidos justamente pelas faculdades anímicas desenvolvidas no quinto período. Aliás, ficará sempre mais claro que essas forças serão satisfeitas em grau cada vez maior por esses conhecimentos. Atualmente nós vivemos numa época em que esses conhecimentos devem ser mais intensamente acolhidos na consciência geral do que antes. E este livro deseja fazer suas comunicações partindo desse ponto de vista. Na medida em que a evolução da humanidade se nutrir dos conhecimentos do Graal, o impulso dado pelo evento crístico se tornará cada vez mais significativo. Ao lado exterior da evolução cristã será cada vez mais acrescentado o *interior*. O que

pode ser conhecido pela imaginação, intuição e inspiração sobre os mundos superiores, em ligação com o mistério crístico, impregnará cada vez mais a vida pensamental, emocional e volítiva do homem. O 'saber oculto do Graal' se tornará manifesto, impregnando cada vez mais, como uma força interna, as manifestações existenciais dos homens.

No decorrer do quinto período, os conhecimentos dos mundos supra-sensíveis afluirão para consciência humana; e quando se iniciar o sexto período a humanidade poderá ter recuperado, num nível superior, o que possuiu numa época anterior mediante um tipo ainda nebuloso de vidência não-sensorial. Contudo, essa nova propriedade terá uma forma muito diferente da antiga. O que outrora a alma sabia dos mundos superiores não era, nela, impregnado por sua própria capacidade intelectual e sentimental; ela o sabia como dádiva inspirada. No futuro, ela não apenas terá as inspirações: *estas* sim, ela compreenderá, sentindo-as como a essência de seu próprio ser. Ao apropriar-se de um conhecimento sobre este ou aquele ser ou objeto, por sua própria natureza o intelecto achará esse conhecimento justificado; quando outro conhecimento sobre um preceito moral ou uma conduta humana se fizer valer, a alma dirá a si própria: "Meu sentimento só se justificará perante si mesmo se eu também realizar o que estiver de acordo com esse conhecimento." Essa disposição anímica deverá desenvolver-se num número suficientemente grande de pessoas do sexto período.

No quinto período repete-se, de certo modo, a contribuiçao do terceiro período, o egipto-caldaico, para a evolução da humanidade. Naquela época a alma ainda percebia certos fatos do mundo supra-sensível, mas essas faculdades de percepção estavam justamente desaparecendo. É que as faculdades intelectuais se preparavam para sua evolução, e a princípio deveriam excluir o homem do mundo superior. No quinto período manifestam-se novamente os fatos supra-sensíveis que no terceiro período eram contemplados num estado nebuloso de consciência, só que agora impregnadas pelas forças intelectuais e pessoalmente emotivas dos homens. Elas também são impregnadas por aquilo que pode ser outorgado à alma humana pelo conhecimento do mistério crístico. Com isso assumirão uma forma totalmente diversa da anterior. Enquanto nos tempos antigos as impressões dos mundos supra-sensíveis eram sentidas como forças que impulsionavam o homem a partir de um mundo espiritual exterior, no qual ele não estava incluído, pela evolução da nova época essas impressões passam a ser sentidas como um mundo para dentro do qual o homem vai avançando, firmando-se aí cada vez mais.

Ninguém deve acreditar que a repetição da cultura egipto-caldaica possa suceder de modo que a alma simplesmente assimile o conteúdo existente naquela época, o qual foi transmitido desde então. O impulso crístico bem compreendido atua de modo que a alma humana, após recebê-lo, sinta-se membro de um mundo espiritual, passando a conhecer e a agir como tal, ao passo que anteriormente estava fora dele.

Enquanto no quinto período o terceiro ressurge, desse modo, para mesclar-se na alma humana com o elemento totalmente novo trazido pelo quarto período, algo semelhante ocorre no sexto relativamente ao segundo e no sétimo relativamente ao primeiro, o hindu antigo. Toda a maravilhosa sabedoria do hinduísmo antigo, proclamada pelos grandes instrutores da época, poderá existir novamente como verdade de vida das almas humanas no sétimo período.

Ora, as transformações nas coisas terrestres exteriores ao homem produzem-se de maneira a guardar certa relação com a própria evolução da humanidade. Transcorrido o sétimo período, a Terra será atingida por um cataclismo comparável àquele ocorrido entre as épocas atlântica e pós-atlântica; e as posteriores condições terrestres transformadas se desenvolverão, por sua vez, em outros sete períodos. As almas humanas que então se encarnarem vivenciarão num nível mais elevado aquela comunhão com um mundo superior experimentada em nível inferior pelos atlantes. Contudo, só se mostrarão aptos para as condições terrestres reformuladas as pessoas que possuírem encarnadas em si almas adequadamente desenvolvidas pelas influências do período greco-latino e dos seguintes — o quinto, o sexto e o sétimo da evolução' pós-atlântica. O interior dessas almas corresponderá ao resultado evolutivo da Terra até então. As demais almas *deverão* ficar para trás, enquanto

anteriormente lhes teria sido facultado criar, para si mesmas, as condições para prosseguir junto. Estarão maduras para as circunstâncias seguintes ao próximo grande cataclismo aquelas que tiverem criado, justamente na transição do quinto para o sexto período pós-atlântico, a possibilidade de impregnar os conhecimentos supra-sensíveis com as forças do intelecto e do sentimento. O quinto e o sexto períodos serão, de certo modo, os decisivos. No sétimo, as almas que houverem alcançado a meta no sexto período continuarão a desenvolver-se adequadamente; as demais, porém, encontrarão muito poucas oportunidades de recuperar o perdido sob as novas condições do meio ambiente. Só num futuro ulterior ressurgirão condições que permitam isso.

Assim progríde evolução de período em período. O conhecimento *supra-sensível* observa não apenas as mudanças futuras das quais participará apenas a Terra, mas também aquelas que se desenrolam em cooperação com os corpos celestes ao seu redor. Chegará uma época em que a evolução da Terra e da humanidade terá progredido a ponto de poderem unir-se novamente à Terra as forças e entidades separadas desta durante a época lemúrica, a fim de possibilitar o progresso dos seres terrestres. Então a Lua se ligará de novo à Terra. Isso acontecerá porque um número suficiente de almas humanas possuirá a força interior necessária para tornar essas forças lunares frutíferas para a evolução subseqüente. Será numa época em que, ao lado da evolução superior alcançada por um número adequado de almas humanas, ocorrerá uma outra que terá tomado a direção do mal. As almas retardatárias terão acumulado em seu carma tanto erro, fealdade e maldade que logo formarão uma aliança específica dos maus e extraviados, renhidamente hostil à comunidade dos seres humanos benignos.

Graças à sua evolução, a humanidade benigna dominará a utilização das forças lunares, podendo também transformar a porção maligna de maneira a possibilitar-lhe acompanhar, como um reino terrestre especial, a evolução posterior. Graças a esse trabalho da humanidade benigna, após certo período evolutivo a Terra unida à Lua ficará apta a tornar-se novamente una com o Sol (e também com os demais planetas). E depois de um intervalo, que se apresentará como um estágio num mundo superior, a Terra passará ao estado de Júpiter. Nesse estado não existirá o que hoje se denomina reino mineral; as forças desse reino mineral se terão transformado em forças vegetais. O reino vegetal, cuja forma será completamente nova em relação à atual, aparece no estado jupiteriano como o mais inferior dos remos. Acima dele acrescenta-se o reino animal, também transformado; depois vem um reino humano apresentando-se como descendente da comunidade maligna surgida na Terra, e a seguir os descendentes da comunidade humana terrestre benigna, como um reino humano num estágio superior. Uma grande parte do trabalho deste último reino humano consiste em enobrecer de tal forma as almas caídas na humanidade perversa que estas ainda possam encontrar o acesso ao reino humano propriamente dito.

O estado de Vênus será de natureza tal que também o reino vegetal terá desaparecido; o reino mais inferior será o reino animal, outra vez transformado; acima deste se encontrarão três remos humanos com diversos graus de perfeição. Durante esse estado de Vênus, a Terra continuará unida ao Sol; em contrapartida, durante o estado jupiteriano a evolução chegará a um momento em que o Sol tornará a separar-se de Júpiter e este receberá a influência solar a partir de fora. Mais tarde ocorrerá novamente uma ligação entre o Sol e Júpiter, e a transformação evoluirá paulatinamente para o estado de Vênus. No decorrer deste se desprenderá de Vênus um corpo celeste especial contendo todos os seres hostis à evolução, qual uma ‘Lua incorrigível’ caminhando ao encontro de uma evolução com um caráter impossível de expressar, por ser extremamente diverso de tudo o que o homem pode vivenciar na Terra. A humanidade evoluída, porém, continuará a progredir numa existência completamente espiritualizada até a evolução de Vulcão, cuja descrição exorbita dos limites deste livro.

Vê-se, pois, que do ‘conhecimento do Graal’ resulta o mais alto ideal imaginável para a evolução humana: a espiritualização que o homem alcança por seu próprio trabalho. Ora, essa espiritualização aparece, em última instância, como resultado da harmonia que, no quinto e no sexto

períodos da evolução atual, o homem estabelece entre as adquiridas forças do intelecto e do sentimento e os conhecimentos dos mundos supra-sensíveis. O que ele elabora no interior da alma deverá tornar-se, por si, mundo exterior. O espírito do homem se eleva às grandiosas impressões de seu mundo exterior, primeiramente pressentindo e depois conhecendo entidades espirituais por detrás dessas impressões; o coração do homem sente a infinita sublimidade desse plano espiritual. Mas o homem também pode reconhecer que as vivências do intelecto, do sentimento e do caráter em seu interior são germes de um mundo espiritual vindouro.

Quem supõe que a liberdade humana é incompatível com o prévio conhecimento e determinação da futura configuração das coisas, deveria ponderar o seguinte: a livre atuação do homem no futuro depende tão pouco do modo como as referidas coisas serão predeterminadas quanto essa liberdade depende de sua decisão de morar, dentro de um ano, numa casa cuja planta ele elabora agora. Ele será livre — na medida em que possa sê-lo de acordo com sua natureza interior — justamente na casa que construiu para si; e será livre em Júpiter e Vênus na medida de sua liberdade interior, justamente *dentro* das condições que lá surgirão. A liberdade não dependerá do que foi predeterminado por circunstâncias anteriores, e sim do que a alma tiver feito de si mesma.

No estado terrestre está contido o que se desenvolveu dos anteriores estados saturnino, solar e lunar. O homem terrestre encontra 'sabedoria' nos processos que se desenvolvem ao seu redor. Essa sabedoria está aí inerente como resultado do que aconteceu antes. A Terra é a descendente da 'antiga Lua', a qual, com tudo o que lhe pertencia, formou um 'cosmo da sabedoria'. A Terra é agora o início de uma evolução pela qual se adiciona uma nova força a essa sabedoria. Ela leva o homem a sentir-se membro independente de um mundo espiritual. Isto decorre do fato de seu eu ter sido modelado pelos Espíritos da Forma, no âmbito da época terrestre, do mesmo modo como seu corpo físico o foi pelos Espíritos da Vontade, em Saturno, seu corpo etérico pelos Espíritos da Sabedoria, no Sol, e seu corpo astral pelos Espíritos do Movimento, na Lua.

É da colaboração entre os Espíritos da Vontade, da Sabedoria e do Movimento que surge o elemento manifesto como sabedoria. Na sabedoria os seres e os processos terrestres podem sintonizar com os demais seres de seu múndo graças ao trabalho dessas três classes de espíritos. Por intermédio dos Espíritos da Forma, o homem recebe seu eu autônomo. No futuro este se harmonizará com os seres da Terra, de Júpiter, de Vênus e de Vulcão, graças à força que se incorpora à sabedoria mediante a evolução terrestre. Trata-se da força do *amor*. É no homem da Terra que essa força do amor deve iniciar-se; e o 'cosmo da sabedoria' está evoluindo para um *cosmo do amor*.

De tudo o que o eu é capaz de desenvolver em si mesmo, deve nascer amor. O grande 'exemplo do amor' e manifestado pelo elevado Ser Solar caracterizado ao abordarmos a evolução do Cristo. No mais profundo cerne da natureza humana foi, com essa evolução, semeado o germe do amor; e é daí que o amor deve fluir para dentro de toda a evolução. Assim como a sabedoria previamente formada se manifesta nas forças do mundo exterior terrestre, nas 'forças naturais' do presente, no futuro o próprio amor se revelará em todos os fenômenos como uma nova força natural. Eis o mistério de toda a evolução futura: o conhecimento, e também tudo o que o homem realiza a partir da verdadeira compreensão da evolução, é uma *semeadura* que deve amadurecer como *amor*. E quanto mais força de amor surgir, tanto mais impulso criador será providenciado para o futuro. Naquilo que nascerá do amor residirão as intensas energias que conduzem ao resultado final da espiritualização, descrito acima. E quanto mais conhecimentos espirituais afluírem para a evolução humana e terrestre, tanto mais existirão germes vitais para o futuro. O conhecimento espiritual, *por sua própria natureza,* se transforma em amor.

Todo o processo descrito, do período greco-latino até a época atual, mostra-nos como deve ocorrer essa transformação e por que o *início* da evolução se deu em direção ao futuro. O que se preparou como sabedoria através das evoluções saturnina, solar e lunar atua nos corpos físico, etérico e astral do homem, manifestando-se como 'sabedoria do mundo'; no eu, porém, ela se interioriza. A partir do estado terrestre, a 'sabedoria do mundo exterior' converte—se em sabedoria interior no

homem e, uma vez aí interiorizado, converte-se em germe do *amor*. A sabedoria é a precondição do amor; o amor é o resultado da sabedoria renascida no eu.

Quem fosse induzido, pelas explicações precedentes, à opinião de que a evolução descrita traz um cunho fatalista, tê-la-ia compreendido mal. Quem, por exemplo, acreditasse que nessa evolução um determinado número de pessoas estaria condenado a pertencer ao reino da 'humanidade má' não veria como, nessa evolução, se desenvolve a inter-relação entre o mundo sensível e o mundo anímico-espiritual. Ambos, o mundo sensível e o anímico-espiritual, formam, dentro de certos limites, correntes evolutivas separadas. É pelas forças próprias da corrente sensorial que surgem as formas da 'humanidade maligna'. Uma necessidade, para a alma humana, de encarnar-se em tal forma só existirá quando ela própria tiver criado as condições para isso. Também poderia ocorrer que as formas surgidas das forças do plano sensorial não encontrassem almas humanas procedentes da época anterior, por serem elas boas demais para corpos dessa espécie. Então essas formas deveriam ser animadas, a partir do Cosmo, por algo diferente de almas humanas anteriores. As formas citadas só serão animadas por almas humanas que se tenham preparado para tal encarnação. Nesse domínio, o conhecimento supra-sensível tem de dizer justamente o que vê — ou seja, que no mencionado futuro existirão dois remos humanos — um benigno e um maligno **—;** mas não deve *deduzir* intelectualmente, do estado das almas humanas atuais, um estado futuro a ser produzido como que por necessidade natural. O conhecimento suprasensível deve buscar a evolução das formas humanas e a evolução do destino das almas por dois caminhos bem distintos; e uma confusão entre ambos, na cosmo visão, seria um remanescente da concepção materialista, cuja existência se cravaria de maneira preocupante na ciência do supra-sensível.

Particularidades do âmbito da Ciência Espiritual

O corpo etérico do homem

Quando membros superiores do homem são observados por meio da percepção supra-sensível, essa percepção nunca é perfeitamente igual a uma percepção por meio dos sentidos exteriores. Se o homem toca um objeto e tem uma sensação de calor, cumpre distinguir entre o que provém do objeto, como que emanando dele, e o que se experimenta na alma. A experiência anímica interior da sensação calórica é algo diferente do calor irradiado pelo objeto. Imagine-se essa vivência anímica sozinha, sem o objeto exterior. Imagine-se a vivência **—** mas justamente anímica — de uma sensação calórica na alma, sem que um objeto físico exterior fosse motivo para isso. Se tal vivência ocorresse simplesmente *sem* um motivo, tratar-se-ia de uma alucinação. O discípulo espiritual experimenta tais percepções interiores sem motivo físico, principalmente sem um motivo procedente de seu próprio corpo. Mas em certo nível da evolução elas se apresentam de modo que ele possa saber (conforme já foi mostrado, pode saber pela própria experiência) que a percepção interior não é uma alucinação, sendo motivada por uma entidade anímico-espiritual de um mundo exterior supra-sensível do mesmo modo como a sensação calórica comum é motivada por um objeto exterior físico-sensível.

Assim ocorre também ao se falar de percepções cromáticas. Nesse caso, deve-se distinguir entre a cor que está no objeto exterior e a sensação interior da cor na alma. Tenhamos presente a sensação interior que a alma experimenta ao perceber um objeto vermelho do mundo exterior físico-sensível. Imaginemos conservar uma lembrança vívida dessa impressão, mas afastando a vista do objeto. Tenhamos presente, como vivência interior, o que ainda temos de representação mental recordativa da cor. Então distinguiremos entre a vivência interior da cor e a cor exterior. Essas vivências interiores diferem, em seu conteúdo, radicalmente das impressões sensorlais exteriores. Elas trazem muito mais o cunho daquilo que é sentido como dor e alegria do que a sensação sensorial comum.

Imaginemos agora uma vivência interior como essa, ascendendo na alma sem ser motivada por

um objeto físico-sensível ou sua lembrança. A pessoa que possui o conhecimento supra-sensível pode ter uma experiência assim, podendo, nesse caso, saber que não se trata de uma alucinação, e sim da expressão de uma entidade anímico-espiritual. Ora, se essa entidade anímico-espiritual provoca a mesma impressão que um objeto vermelho do mundo físico-sensorial, pode ser chamada de vermelha. No caso de um objeto físico-sensível, em primeiro lugar ocorrerá a impressão exterior, e só depois a vivência cromática interior; na verdadeira contemplação supra-sensível do homem de nossa época, isso *deve* ser invertido: primeiro a vivência interior, nebulosa como uma simples recordação cromática, e em seguida uma imagem tornando-se cada vez mais viva.

Quanto menos se atentar ao fato de que o processo deve ocorrer assim, tanto menos se poderá distinguir entre uma percepção espiritual verdadeira e uma fantasia imaginária (ilusão, alucinação, etc.). O grau de intensidade alcançado pela imagem, numa percepção anímico-espiritual como essa — seja permanecendo inteiramente sombria como uma representação mental nebulosa, seja produzindo um efeito intenso como um objeto exterior —, depende inteiramente de como o praticante do conhecimento supra-sensível se desenvolveu.

A impressão geral que o vidente tem do corpo etérico humano pode ser descrita da seguinte maneira: tendo um pesquísador do supra-sensível desenvolvido uma força de vontade tal que, frente a um ser humano físico, consiga abstrair do que o olho físico vê, ele será capaz, por meio da consciência supra-sensível, de adentrar com o olhar o espaço ocupado pelo homem físico. Evidentemente isso implica numa grande intensificação da vontade, não só para abstrair do que se pensa como também de um objeto postado à frente, de modo que a impressão física seja totalmente dissolvida. Porém essa intensificação é possível, vindo a ocorrer por meio dos exercícios para o conhecimento suprasensível. Quem pratica o conhecimento desse modo pode ter, logo de início, a impressão geral do corpo etérico. Em sua alma desponta a mesma sensação interior que ele tem ao ver uma cor como a da flor do pessegueiro; e essa sensação se torna vívida a ponto de ele poder afirmar: o corpo etérico tem a cor da flor do pessegueíro. Então ele percebe também cada um dos órgãos e correntes do corpo etérico.

Mas também se pode prosseguir na descrição do corpo etérico, fornecendo as vivências da alma correspondentes a sensações calóricas, impressões sonoras, etc., pois ele não é *simplesmente* algo como um fenômeno cromático. No mesmo sentido, também podem ser descritos o corpo astral e os demais membros da entidade humana. Quem levar isso em consideração compreenderá como devem ser recebidas as descrições feitas no sentido da Ciência Espiritual.

O mundo astral

Enquanto se observa apenas o mundo físico, a Terra, enquanto hábitat do homem, apresenta-se como um corpo cósmico separado. Quando, porém, a cognição supra-sensível se eleva a outros mundos, essa separação deixa de existir. Por isso foi dito que a imaginação, ao mesmo tempo em que percebe a Terra, percebe o estado lunar desenvolvido até o presente. O mundo onde se penetra dessa maneira é de natureza tal que a ele não pertence apenas o elemento supra-sensível da Terra; aí também estão incluídos outros corpos cósmicos, que fisicamente estão separados do nosso planeta. O conhecedor dos mundos supra-sensíveis observa então não apenas o supra-sensível da Terra, mas a *princípio* também o supra-sensível de outros corpos cósmicos. (O fato de se tratar inicialmente de uma observação do aspecto *supra-sensível* de outros corpos cósmicos deveria ser atentado por quem se sentisse compelido a perguntar por que, então, os clarividentes não comunicam como é o aspecto de Marte, etc. Quem formula essa questão tem em vista, nesse caso, as circunstâncias físico--sensíveis.) Por isso também se falou, na presente exposição, sobre certas relações entre a evolução terrestre e evoluções simultâneas de Saturno, Júpiter, Marte, etc.

Quando o corpo astral do homem é retirado pelo o sono, fica pertencendo não apenas às condições terrenas, mas a mundos dos quais participam outros domínios cósmicos (mundos siderais).

Aliás, também no estado de vigília esses mundos atuam no corpo astral do homem. Por isso o nome ‘corpo astral’ pode parecer justificado.

Da vida do homem após a morte

Nas explicações deste livro, falou-se do tempo durante o qual, após a morte do homem, o corpo astral ainda permanece unido ao corpo etérico. Durante esse tempo ainda existe uma lembrança — que pouco a pouco se empalidece — de toda a recente vida passada. Esse espaço de tempo difere de pessoa para pessoa e depende da intensidade da força com que o corpo astral retém consigo o corpo etérico — do poder que o primeiro exerce sobre o segundo. O conhecimento supra-sensível pode ter uma impressão desse poder ao observar uma pessoa que, segundo sua disposição anímico-corporal, deveria estar adormecida mas se mantém desperta graças à energia interior. Então fica evidente que as pessoas se mantêm despertas, sem sucumbir ao sono, durante períodos diferentes de uma para outra. Aproximadamente o mesmo tempo em que uma pessoa é capaz de manter-se desperta em caso de extrema necessidade é o que dura, após a morte, a recordação da vida passada recente, ou seja, a união com o corpo etérico.

*

Quando o corpo etérico se separa do homem depois da morte (vide ‘Sono e morte’), ainda resta dele, para toda a evolução futura do homem, algo que podemos designar como um extrato ou essência do mesmo. Esse extrato contém os frutos da vida passada, sendo o portador de tudo o que, durante a evolução espiritual do homem entre a morte e um novo nascimento, desabrocha como um germe para a vida seguinte.

*

A duração do tempo entre a morte e um novo nascimento é determinada pelo fato de, via de regra, o eu so retornar ao mundo físico-sensível quando, no entretempo, este se transformou para que algo novo possa ser vivenciado por esse eu. Enquanto este se encontra nos domínios espirituais, o hábitat terrestre se altera. Por um lado, essa alteração se relaciona com as grandes mudanças no Universo — com mudanças na posição da Terra em relação ao Sol, etc. Trata-se, porém, de mudanças nas quais ocorrem certas repetições em conexão com novas circunstâncias. Elas encontram sua expressão exterior, por exemplo, no fato de o ponto da abóbada celeste onde nasce o Sol no equinócio da primavera descrever um círculo completo em aproximadamente 26 mil anos. Essa posição primaveril move-se, portanto, no decorrer desse tempo, de uma para outra região celeste. No decurso da duodécima parte desse período, isto é, em cerca de 2.100 anos, as condições terrestres transformaram-se o suficiente para que a alma humana, depois de uma encarnação anterior, possa vivenciar algo novo na Terra. Como, no entanto, as vivências do ser humano são diferentes conforme se trate de uma encarnação masculina ou feminina, *via de regra* acontecem duas encarnações dentro do período caracterizado: uma como homem, outra como mulher. Contudo, essas coisas também dependem das forças que a pessoa leva consigo da existência terrena ao atravessar a morte.

Portanto, todas essas indicações dadas aqui só devem ser consideradas válidas quanto ao essencial, modificando-se dos mais diversos modos nos pormenores. Só num aspecto a extensão de tempo que o eu permanece no mundo espiritual, no período entre a morte e um novo nascimento, depende das mencionadas condições no Universo. Sob outro aspecto, esse tempo depende dos estados evolutivos percorridos pelo homem nesse intervalo. Depois de certo período, esses estados conduzem o eu a uma condição espiritual que já não encontra satisfação em sua vivência espiritual interior, desenvolvendo o anseio por uma transformação de consciência que se satisfaça no auto-espelhamento por meio da vivência física. Da conjugação dessa sede [sêde] interior por encarnação e a

possibilidade, oferecida no Cosmo, de encontrar a corporalidade adequada, é que sucede a entrada do homem na existência terrena. Pelo fato deverem co-atuar dois elementos, uma vez ela acontece — mesmo que a 'sede' ainda não tenha atingido toda a sua intensidade — pela possibilidade de se alcançar uma encarnação aproximadamente adequada; e outra vez —mesmo tendo a 'sede' ultrapassado sua intensidade normal —porque na época propíuia não havia ainda a possibilidade da encarnação. A condição geral de vida em que uma pessoa se encontra pelas características de sua natureza corporal está relacionada com essas circunstâncias.

O curso da vida humana

A vida do homem, tal como se manifesta na sucessão dos estados entre o nascimento e a morte, só pode ser totalmente compreendida quando se considera não apenas o corpo físico-sensível, mas também as transformações que se realizam nos membros supra-sensíveis da natureza humana. Essas transformações podem ser consideradas da seguinte maneira:

O nascimento físico representa uma separação entre o ser humano e o envoltório físico materno. As forças que o embrião humano tinha em comum com o corpo materno antes do nascimento ainda estão presentes nele, após o nascimento, apenas como forças autônomas. Ora, na vida posterior se produzem, para a percepção supra-sensível, acontecimentos supra-sensíveis semelhantes por ocasião do nascimento físico. Na verdade, aproximadamente até a segunda dentição (aos seis ou sete anos) o corpo etérico do homem está recoberto por um envoltório etéríco, que é despojado nesse momento da vida. Ocorre então um 'nascimento' do corpo etérico. Porém o homem continua recoberto por um envoltório astral, que é despojado na época dos doze aos dezesseis anos (na época da puberdade). Então ocorre o 'nascimento' do corpo astral. Mais tarde ainda nasce o eu propriamente dito. (Os pontos de vista frutíferos para a educação, resultantes desses fatos supra-sensíveis, estão expostos em meu pequeno texto *A educação da criança segundo* a *Ciência Espiritual*.[52] Nele se encontram mais explicações sobre o que aqui só cabe ser referido.)

Depois do nascimento do eu, o homem vive de modo a integrar-se nas circunstâncias do mundo e da vida, atuando nelas de acordo com os membros ativados pelo eu: a alma da sensação, a alma do intelecto e a alma da consciência. Chega então uma época em que o corpo etérico involui novamente, perfazendo o processo formativo contrário àquele de seu desabrochar a partir dos sete anos. Enquanto anteriormente o corpo astral se desenvolveu fazendo primeiramente desabrochar algo que existia nele como germe por ocasião do nascimento, e depois do nascimento do eu se enriqueceu pelas experiências do mundo exterior, a partir de certo momento ele começa a alimentar-se espiritualmente do próprio corpo etérico — passa a consumir seu corpo etérico. E, no decorrer posterior da vida, o corpo etérico também começa a nutrir-se do corpo físico. É com esse fato que se relaciona a decadência do corpo físico na velhice.

Assim, o curso da vida humana divide-se em três partes: uma época em que desabrocham o corpo físico e o corpo etérico, uma outra em que vêm a desenvolver-se o corpo astral e o eu e, por fim, aquela em que o corpo etérico e o corpo físico regridem novamente. Ora, o corpo astral participa de todos os processos entre o nascimento e a morte; mas pelo fato de na verdade vir a nascer espiritualmente apenas dos doze aos dezesseis anos, e na última época da vida dever nutrir-se das forças dos corpos etérico e físico, aquilo de que ele é capaz por suas próprias forças é desenvolvido mais lentamente do que se ele não estivesse num corpo físico e etérico. Depois da morte, uma vez desintegrados os corpos físico e etérico, o desenvolvimento entra no período de purificação (vide 'Sono e morte'), que deve durar um terço da vida entre o nascimento e a morte.

[52] Ed. bras. em trad. de Rudolf Lanz (3. ed. São Paulo: Antroposófica, 1996). (N.E.)

As regiões superiores do mundo espiritual

Por meio da imaginação, da inspiração e da intuição, o conhecimento supra-sensível eleva-se progressívamente às regiões do mundo espiritual onde lhe são acessíveis os seres que participam da evolução do mundo e da humanidade. Com isso lhe é possibilitado acompanhar a evolução do homem entre a morte e um novo nascimento de maneira compreensível. Ora, existem ainda regiões mais elevadas da existência, às quais aqui só se pode aludir sumariamente.

Tendo-se elevado até à intuição, o conhecimento supra-sensível vive num mundo de seres espirituais. Também estes passam por evoluções. O que é concernente à humanidade atual estende-se, de certo modo, até o mundo da intuição. Certamente o homem também recebe influências de mundos ainda mais elevados, no decorrer de sua evolução entre a morte e um novo nascimento; porém não recebe essa influência diretamente: os seres do mundo espiritual as conduzem até ele. Se esses seres forem considerados, é assim que surge tudo o que ocorre ao homem. No entanto, as características próprias desses seres, aquilo de que eles necessitam para si próprios a fim de conduzir a evolução humana, tudo isso só pode ser observado por meio de um conhecimento que ultrapassa a intuição. Daí a referência a mundos a serem imaginados de maneira tal que as questões espirituais mais elevadas aqui na Terra pertencem, lá, às mais inferiores. Decisões da razão, por exemplo, pertencem ao nível mais elevado no domínio terrestre, e as forças do reino mineral ao nível mais baixo. Nas regiões superiores, as decisões da razão ocupam mais ou menos o mesmo nível que os efeitos minerais na Terra. Acima do domínio da intuição situa-se a região em que o plano cósmico é elaborado a partir de causas espirituais.

Os membros da entidade humana

Ao ser dito que o eu trabalha nos membros da entidade humana — nos corpos físico, etérico e astral — transformando-os, em ordem inversa, em ‘personalidade espiritual’, ‘espírito vital’ e ‘homem-espírito’, isso se refere ao trabalho do eu na entidade humana por meio das faculdades mais elevadas, cujo desenvolvimento só se iniciou no decurso dos estados terrestres. Contudo essa transformação foi precedida por outra, num nível inferior, a qual deu origem às almas da sensação, do intelecto e da consciência; pois enquanto no decorrer da evolução do homem se forma a alma da sensação, ocorrendo transformações no corpo astral, a formação da alma do intelecto se expressa em modificações do corpo etérico e a da alma da consciência em modificações do corpo físico. Ao discorrermos sobre a evolução terrestre, neste livro, demos os detalhes a respeito. Portanto, em certo sentido pode-se dizer que já a alma da sensação se baseia num corpo astral transformado; a alma do intelecto, num corpo etérico transformado; a alma da consciência, num corpo físico transformado. Mas também se pode dizer que esses três membros anímicos são partes do corpo astral, pois a alma da consciência, por exemplo, só é possível por ser uma entidade astral num corpo físico adequado. Ela vive uma vida astral num corpo físico adaptado para servir-lhe de moradia.

O estado onírico

O estado onírico foi, em certo sentido, caracterizado no capítulo ‘Sono e morte’. Ele deve ser concebido, por um lado, como um remanescente da antiga consciência imagética, própria do homem durante a evolução lunar e ainda durante grande parte da evolução terrestre. De fato, a evolução caminha de um modo que estados anteriores interferem nos posteriores. Assim, nos sonhos do homem atual vem à tona, como um resíduo, o que antes era um estado normal. Ao mesmo tempo, por outro lado esse estado difere da antiga consciência imagética, pois desde o desenvolvimento do eu este também interfere nos processos do corpo astral que se desenvolvem no sono durante o sonho. Assim, no sonho se manifesta uma consciência imagética modificada pela presença do eu. No entanto, como

o eu não exerce conscientemente sua atividade sobre o corpo astral, durante os sonhos nada do que pertence ao âmbito da vida onírica pode ser incluído no que, em verdade, pode conduzir a um conhecimento dos mundos supra-sensíveis no sentido da Ciência Espiritual. O mesmo vale para o que se designa muitas vezes como visão, pressentimento ou 'segunda visão' (deuteroscopia). Esses fenômenos são produzidos pelo fato de o eu se excluir, surgindo assim resíduos de antigos estados de consciência. Na Ciência Espiritual eles não têm qualquer utilidade imediata, e o que é observado desse modo não pode ser considerado, no verdadeiro sentido, resultado dela.

Da aquisição de conhecimentos supra-sensíveis

O caminho para a aquisição de conhecimentos dos mundos supra-sensíveis, detalhadamente descrito neste livro, pode denominar-se também 'caminho cognitivo direto'. A seu lado existe outro, que se pode designar como 'caminho do sentimento'. Contudo, seria totalmente incorreto acreditar que o primeiro nada tivesse a ver com o cultivo do sentimento; ele conduz, muito mais, ao máximo aprofundamento da vida afetiva. Contudo, o 'caminho do sentimento' dirige-se *diretamente* ao sentimento simples, procurando ascender aos conhecimentos a partir dele; consiste no fato de um sentimento, quando a alma se entrega a ele durante certo tempo, transformar-se num conhecimento, numa visão imaginativa. Quando, por exemplo, durante semanas, meses ou períodos ainda maiores a alma se preenche totalmente com o sentimento da humildade, o conteúdo do sentimento se transforma numa visão. Ora, percorrendo gradualmente tais sentimentos, pode-se encontrar um caminho para as regiões supra-sensíveis. Contudo, para o homem atual, dentro das condições normais de vida, esse caminho não' é fácil; isolamento, retração da vida contemporânea é, nesse caso, quase indispensável — pois o que a vida cotidiana oferece em termos de impressões perturba, principalmente no início, o desenvolvimento do que a alma alcança ao aprofundar-se em determinados sentimentos. Por outro lado, o caminho cognitivo descrito neste livro pode ser seguido em qualquer situação atual de vida.

Observação de certos fatos e seres do mundo espiritual

Pode-se questionar se o aprofundamento interior e os outros meios descritos para a aquisição de conhecimentos supra-sensíveis permitem *apenas de um modo geral* a observação do homem entre a morte e um novo nascimento ou de outros processos espirituais, ou se também possibilitam observar processos e seres individuais bem determinados — por exemplo, alguém que já tenha morrido. A isso se pode responder o seguinte:

Quem adquire, pelos meios descritos, a faculdade de observar o mundo espiritual, pode também chegar a observar detalhes que aí ocorrem; torna-se, portanto, apto a entrar em contato com pessoas que estejam vivendo no mundo espiritual entre a morte e um novo nascimento. Cumpre, porém, considerar que no sentido da Ciência Espiritual isso só deve ocorrer depois de se ter percorrido uma disciplina metódica visando ao conhecimento espiritual — pois só então se pode distinguir entre ilusão e realidade no que concerne a acontecimentos e entidades particulares. Quem quiser observar detalhes particulares, mas sem disciplina adequada, será vítima de muitas ilusões. Mesmo o mais elementar — a compreensão do modo como as impressões de fatos *específicos* do mundo supra-sensível devem ser interpretados — não é possível sem uma disciplina espiritual avançada.

A disciplina que, nos mundos superiores, conduz à observação do que é descrito neste livro leva também a acompanhar a vida de uma pessoa após a morte, e não menos a observar e compreender todos os seres anímico-espirituais específicos que atuam sobre o mundo manifesto a partir de mundos ocultos. No entanto, a segura observação justamente dos detalhes só é possível com base nos conhecimentos dos grandes e genéricos fatos do mundo espiritual relacionados com o mundo e a humanidade, fatos que dizem respeito a todo ser humano. Quem desejar o primeiro sem querer ter

conhecido o outro incorrerá em erro. Pertence às experiências ligadas à observação do mundo espiritual o fato de a entrada nos *cobiçados* domínios da existência supra-sensível só ser concedida, logo de início, a quem se esforça — por sérios e difíceis caminhos orientados unicamente para questões cognitívas gerais — para alcançar a explicação do sentido da vida. Só ao percorrer esses caminhos com um impulso cognitivo puro e desinteressado é que a pessoa está madura para observar detalhes cuja contemplação teria sido, anteriormente, a satisfação de um desejo egoísta, mesmo estando o pretendente convencido de estar aspirando à visão do mundo espiritual por amor, por exemplo, a uma pessoa morta. A visão do detalhe específico só é possível a quem, mediante sério interesse pelas generalidades científico-espirituais, também haja tido a possibilidade de receber, sem qualquer desejo egoísta, a manifestação do detalhe específico como uma verdade científica objetiva.

Observações complementares

Pág.

30 ss. Explicações como as que são dadas, neste livro, sobre a capacidade recordativa podem muito facilmente ser mal-interpretadas. Ora, a quem observar apenas os processos exteriores, não ocorrerá de imediato a diferença entre o que sucede no animal, e mesmo na planta, ao surgir algo semelhante à recordação, e o que aqui *é* descrito como recordação verdadeira no caso do ser humano. É bem verdade que, quando um animal executa ação pela terceira, quarta vez, isso pode fazer o processo exterior se apresentar como se existisse a recordação e o aprendizado ligado a esta. Aliás, seguindo o exemplo de certos naturalistas e seus adeptos, pode-se estender o conceito da recordação ou da memória ao ponto de afirmar que, ao quebrar o ovo, o pintinho sai ciscando em busca de grãos e sabe coordenar os movimentos da cabeça e do corpo para chegar ao seu objetivo. Ele não pode ter aprendido isso dentro do ovo, mas sabe-o graças aos milhares e milhares de seres dos quais descende (isso *é* afirmado, por exemplo, por Hering). Esse fenômeno pode ser caracterizado como algo semelhante *à* memória. Porém nunca se chegará a uma verdadeira compreensão da entidade humana caso não se leve em conta o que, no homem, surge posteriormente como o processo da verdadeira percepção de vivências anteriores, e não simplesmente como uma intervenção de estados anteriores no posterior. Neste livro, essa *percepção* do passado é denominada recordação, e não simplesmente ressurgimento — mesmo modificado — do anterior no posterior. Caso se quisesse empregar a palavra ‘recordação’ já para os correspondentes processos nos remos vegetal e animal, seria preciso ter outra designação ao se tratar dos homens. Na exposição feita neste livro, o que importa não é absolutamente a palavra, e sim o *reconhecimento da diferença* quanto à compreensão da entidade humana. Tampouco as demonstrações de inteligência dos animais, aparentemente tão elevadas, podem ser confundidas com o que aqui é denominado *recordação.*

36 ss. Entre as mudanças que se produzem no corpo astral pela atividade do eu e as que se operam no corpo etérico, não existe um limite preciso. Um se sobrepõe ao outro. Quando o homem aprende algo, adquirindo assim uma certa faculdade de discernimento, ocorre uma mudança em seu corpo astral; mas quando esse discernimento modifica de tal forma sua disposição anímica que ele se acostuma a ter, após o aprendizado, uma *sensação* diferente da anterior em relação a certo assunto, ocorre um a mudança no corpo etérico. Tudo o que assim se torna propriedade humana, de modo que o homem possa sempre recordá-lo novamente, baseia-se numa modificação do corpo etérico. O que vem a ser progressivamente um tesouro permanente da memória baseia-se no fato de o trabalho no corpo astral ter sido transmitido ao corpo etérico.

44 ss. A relação entre o sono e o *cansaço* nunca é considerada em conformidade com os fatos. Presume-se que o sono advenha em conseqüência do cansaço. Que essa idéia é demasiadamente simplista, pode evidenciá-lo o adormecimento de ouvintes durante um discurso que não lhes interesse ou outra situação semelhante. Quem desejar afirmar que em tais ocasiões a pessoa simplesmente se cansa estará dando uma explicação segundo um método carente da correta seriedade cognitiva. Ora, a observação imparcial só pode chegar à conclusão de que acordar e dormir representam diferentes relações entre a alma e o corpo, as quais, no curso normal da vida, devem manifestar-se numa sucessão rítmica, como a oscilação pendular para a direita e a esquerda. Numa tal observação imparcial, fica claro que o preenchimento da alma com as impressões do mundo exterior desperta nela o desejo de ingressar, após esse estado, num outro diferente, no qual se entregue ao desfrute de sua própria corporalidade. Alternam-se dois estados anímicos: estar entregue às impressões exteriores e estar entregue à própria corporalidade. No primeiro estado é inconscientemente produzido o desejo do segundo, que por sua vez transcorre na inconsciência. A expressão do desejo de desfrutar da própria corporalidade é o cansaço. Portanto, deve-se efetivamente dizer que a pessoa está cansada por querer dormir, e não que quer dormir por estar cansada. Ora, já que por hábito a alma humana pode provocar espontaneamente em si mesma os estados que na vida normal se apresentam por necessidade, é possível que ao perder o interesse por uma determinada impressão exterior ela provoque em si mesma o desejo de desfrutar de sua própria corporalidade — ou seja, adormeça mesmo que por sua disposição interior não haja motivo algum para isso.

67-68 A afirmação de que os dons pessoais do homem, caso dependessem das leis da mera ‘hereditariedade’, não deveriam aparecer no final de uma linhagem sanguínea, e sim em seu princípio, poderia ser facilmente mal compreendida. Alguém poderia dizer: “Bem, eles poderiam não ficar evidentes, pois primeiro têm de desenvolver-se.” Mas isso não constitui qualquer objeção, pois, ao se querer demonstrar que algo foi herdado de um antecedente, deve-se mostrar como se encontra novamente no descendente aquilo que já existia antes. Caso se evidenciasse que no início de uma linhagem sangüínea tivesse estado presente algo que se reencontrasse no curso posterior, seria possível falar de hereditariedade. Porém não se pode fazê-lo quando no final surge algo que no início estava ausente. A inversão da proposição acima quis apenas mostrar que a idéia da hereditariedade é impossível.

81 s. Em alguns capítulos deste livro foi explicado como o mundo do homem e ele próprio atravessam estados designados com os nomes de Saturno, Sol, Lua, Terra, Júpiter, Vênus e Vulcao. Também foram indicadas as relações da evolução humana com os corpos celestes existentes próximo à Terra chamados de Saturno, Júpiter, Marte, etc. Naturalmente estes últimos corpos celestes também atravessam sua evolução. Na época atual eles alcançaram um nível tal que suas partes fisicas se mostram à percepção como sendo o que a astronomia física denomina Saturno, Júpiter, Marte, etc. Ora, ao ser observado no sentido científico-espiritual, o Saturno atual é, de certa forma, uma reencarnação do que foi o antigo Saturno. Ele surgiu porque antes de o Sol separar-se da Terra existiam certas entidades que *não* puderam participar da separação por haverem incorporado tantas características próprias da existência saturnina que sua morada não poderia ser o lugar onde são principalmente desenvolvidas as características solares. O Júpiter atual, porém, surgiu devido à presença de seres dotados de qualidades que só poderão desenvolver-se no futuro Júpiter da evolução geral. Para eles surgiu uma morada onde já possam antecipar essa evolução ulterior. Do mesmo modo, Marte é um corpo celeste onde residem entidades cuja participação na evolução lunar transcorreu de modo que um progresso ulterior na Terra nada lhes poderia

oferecer. Marte é uma reencarnação da antiga Lua, num nível superior. O Mercúrio atual é morada de seres situados à frente da evolução terrestre, porém justamente por terem desenvolvido certas qualidades terrestres de modo superior ao que é possível na Terra. De modo similar, o planeta Vênus atual é uma antecipação profética do futuro estado venusiano. Por tudo isso, justifica-se escolher as denominações dos estados anteriores ou posteriores da Terra de acordo com seus representantes no Universo. E totalmente óbvio que terá muito a objetar, ao que é apresentado aqui, quem queira submeter ao juízo de um intelecto especializado na observação exterior da natureza o paralelismo entre os estados saturnino, solar, etc., visualizados de modo supra-sensível, e os corpos celestes físicos igualmente denominados. Mas assim como existe uma possibilidade de representar diante da alma, por meio da representação matemática, o sistema solar como imagem do suceder crono-espacial, é possível ao conhecimento supra-sensorial impregnar a imagem matemática com conteúdo anímico. Então esta se forma de modo a admitir o mencionado paralelismo. Essa impregnação com conteúdo anímico, porém, também repousa inteiramente no posterior procedimento rigoroso da observação científico-natural. Na verdade este modo de observação ainda se limita, atualmente, a procurar uma inter-relação entre o sistema solar e a Terra segundo conceitos puramente mecânico-matemáticos. Procedendo dessa forma, a Ciência Natural do futuro será compelida, por si mesma, a idéias que ampliarão o mecânico para o anímico. Para mostrar — *coisa absolutamente possível* — que tal ampliação já deveria realizar-se com base nas idéias científico-naturais da atualidade, seria necessário escrever um livro apropriado. Aqui só é possível fazer alusões a esse respeito, embora isso implique no risco de expô-las a muitos mal-entendidos. *Apenas aparentemente,* existe uma freqüente discordância entre a Ciência Espiritual e a Ciência Natural porque na atualidade esta última ainda não quer, em absoluto, formar idéias que, na verdade, são exigidas não só pelo conhecimento supra-sensível, mas também por aquele que se limita ao sensorial. Um observador imparcial pode ver por toda parte, nos resultados da observação científico-natural da atualidade, referências a outros campos de observação puramente físico-sensíveis que, no futuro, serão objeto de investigação puramente científico-natural e mostrarão que as revelações da visão supra-sensível são plenamente confirmadas pela observação da natureza, porquanto o conhecimento supra-sensível se refere a um suceder cósmico supra-sensível ao qual corresponde uma manifestação sensível.

Quadro sinóptico das hierarquias espirituais

Denominação antroposófica	Denominação cristã tradicional		
	em grego	**em alemão**	**em português**
Espíritos do Amor		Seraphim	Serafins
Espíritos das Harmonias		Cherubim	Querubins
Espíritos da Vontade		Throne	Tronos
Espíritos da Sabedoria	Kyriotetes	Herrschaften	Dominações
Espíritos do Movimento	Dynamis	Mächte	Virtudes
Espíritos da Forma	Exusiai	Gewalten	Potestades
Espíritos da Personalidade	Archai	Urkräfte	Arqueus
Espíritos do Fogo	Archangeloi	Erzengel	Arcanjos
Espíritos do Crepúsculo ou da Vida	Angeloi	Engel	Anjos